

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO
bibRIA

N.º 69

Janeiro, Fevereiro e Março

AVEIRO

1952

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO


bibRIA

UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

VOLUME XVIII

AVEIRO

1952

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL

CONSERVADOR DO ARQUIVO E MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

bibRIA

TESTAMENTO DE DIOGO
SOARES, SECRETÁRIO
DE ESTADO EM ESPANHA
NO ANO DE 1640 E FUNDADOR
DO MOSTEIRO DE SERÉM

O PORTUGUÊS Diogo Soares era, desde 1635, do conselho do rei Filipe quarto de Espanha e terceiro de Portugal, e também secretário de Estado na corte de Madrid. Por alvará régio dado nesta cidade aos 12 dias de Fevereiro de 1633 teve autorização para comprar a Dom António da Silva Saldanha por 5.500 cruzados o senhorio das vilas portuguesas de Serém e do Préstimo que eram da coroa, e que de facto comprou.

Tratou em seguida de edificar em Serém um convento da ordem de São Francisco da província de Santo António. Na verdade, em 23 de Junho de 1634 foi feita em Lisboa uma escritura em que Diogo Soares se obrigava a construir um convento da invocação de Santo António, na sua vila de Serém, junto a Vouga, para nele habitarem doze religiosos e a dar a estes uma ordinária para ajuda da sua sustentação, com a condição de ficar Diogo Soares padroeiro do convento, e lhe ficar reservado o domínio da igreja e capela-mor para nelas ter ele e seus descendentes suas sepulturas e jazigos. Nesta escritura ficou consignada a aceitação do convento e cláusulas por parte dos religiosos. Por estes outorgaram o padre José Manuel de Santa Catarina, ministro provincial da Província de Santo António, e outros padres, e por Diogo Soares outorgou António de Matos da Fonseca, em virtude da procuração feita em Madrid em 15 de Fevereiro de 1634.

Em 16 de Setembro de 1634 concedeu o dito rei autorização para se fazer o convento, desde que nele não houvesse

mais de doze religiosos. Em 18 de Abril de 1635 foi lavrada em Serém a escritura da oferta do local para o convento por Diogo Soares, e neste mesmo ano começou a construção do convento que demorou largos anos.

Bem se enganava Diogo Soares quando supunha que no seu convento de Serém viria a dormir o sono eterno. De facto, graves acontecimentos políticos não permitiram que ali fosse sepultado.

Julgava Diogo Soares que a unidade ibérica efectuada em 1580 não viria a ser destruída, mas a errada política de Espanha para com os portugueses levou estes à revolução de Lisboa no dia primeiro de Dezembro de 1640, a qual restituiu a independência a Portugal.

O fim do vexatório domínio espanhol foi simbolizado no assassinato de Miguel de Vasconcelos de Brito, vulgarmente conhecido por Miguel de Vasconcelos, então secretário de Estado em Lisboa, a quem os conjurados acusavam de não ter defendido convenientemente os interesses e direitos dos portugueses.

O movimento revolucionário obrigou o deão de Braga, Luís de Melo, e o bispo de Leiria, Pedro Barbosa, irmãos de Miguel de Vasconcelos e cunhados de Diogo Soares, a refugiarem-se em Espanha. A História acusa severamente Diogo Soares e Miguel de Vasconcelos de grande falta de patriotismo por seu servilismo perante o governo espanhol.

O triunfo da revolução de 1640 levou ao trono português o duque de Bragança, mas a consolidação da independência de Portugal demorou ainda muitos anos e custou imensos sacrifícios. Vários nobres de alta linhagem foram ainda condenados à morte por continuarem a ser partidários do rei de Espanha, e conspirarem contra D. João IV, o novo monarca português. Certo é que a revolução estabeleceu uma confusão tremenda na política portuguesa: basta reparar no que diz D. Pedro Mascarenhas, adepto do monarca espanhol, numa carta dirigida a seu pai, o marquês de Montalvão, escrita de Niebla para o Brasil, a 12 de Fevereiro de 1641:

«Tambem disse a V. Ex.^a o dezastrado fim de Miguel de Vasconsellos; que certo me Lastima, ainda que no lo não merecia. Hoje está isso provado Largamente com a sua Letra e firmas, que tudo tenho em meu poder.»

E mais:

«Portugal se Levantou sem dinheyro, sem armas, sem munições, sem Artilheria, sem Gente e sem Capitães para dispõrem; e elegeu para Rey a hũ Homem

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

parvo, mau e traydor por natureza. Veja V. Ex.^a agora, como poderá ter isto bom fim.» (1)

Porque é que D. Pedro Mascarenhas mostrava tão grave ressentimento contra Miguel de Vasconcelos que era afinal considerado traidor pelos revoltosos?

Sòmente motivos políticos e interesses feridos levariam aquele fidalgo a desmerecer Miguel de Vasconcelos, como adiante veremos. Pelo menos, este fingiu sempre ignorar a organização do levantamento, pois que, avisado da conspiração de quarenta fidalgos, disse que em Portugal não havia gente para isso; e nenhuma providências tomou para prender os conspiradores.

A atitude de Miguel de Vasconcelos perante a rebelião de Lisboa foi ambígua, sem dúvida nenhuma.

A alta nobreza, por juramento e interesse, era partidária de D. Filipe; o povo e alguma nobreza mediana eram partidários de D. João iv. D. Francisca de Vilhena, mãe do dito D. Pedro Mascarenhas, escrevia numa carta de Lisboa, de 6 de Fevereiro de 1641 dirigida a seu marido, que os *quarenta da fama*, isto é, os quarenta conjurados, eram a escória desta terra.

«Já vos avizámos como ficávamos com o Duque de Bragança por Rey, e por nos dizerem q̄. haviaõ de ver as cartas nos não atrevemos a alargar mais q̄. a mostrar grande contentamento pelo perigo q̄. havia em se dizer outra couza.

Este negocio foi por tais cabeças q̄. se lhe naõ pode esperar bom fim, nem traiçoens o podem ter nunca, os que entraraõ nisto foraõ quarenta fidalgos, q̄. hoje se nomeaõ pellos quarenta da fama, sendo assim q̄. saõ a escoria da terra, os q̄. naõ entraraõ nesta conjuraçaõ andaõ aqui mui arriscados (porq̄. este Rey naõ tem juizo p.^a conhecer o q̄. he bom, nem máo), e D. Pedro, e D. Jeronimo muito mais, porq̄. todos lhe conheceraõ sempre grande sentimento neste negócio.» (2)

Interessa-nos conhecer alguns pormenores de um officio secreto de 12 de Dezembro de 1640 que monsenhor Cesare Fachinette, nuncio apostólico em Madrid, mandou para o Vaticano, sendo então papa Urbano VIII, relatando os acontecimentos de Lisboa no dia primeiro de Dezembro de 1640 que transformaram Portugal em nação livre. Nele faz refe-

(1) A. G. DA ROCHA MADAHIL, *Cartas da Restauração*, publicadas em *O Instituto*, vol. 96.º, págs. 319 e 324, e em separata. Coimbra, 1940.

(2) A. G. DA ROCHA MADAHIL, *ob. cit.*, págs. 336 e 337.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

rências a D. João IV e sua mulher D. Luísa Francisca de Gusmão, e às causas da revolução. Diz que o duque de Bragança, D. João, agora rei de Portugal, de trinta e cinco anos de idade (1), é de branda natureza, amigo da música, e de pouco entendimento; e que se tinha entregado nas mãos de um secretário seu a quem considerava um oráculo.

Referia-se, por certo, a João Pinto Ribeiro.

Sua mulher era uma irmã do duque de Medina Sidónia, sobrinha da princesa de Melito, da Casa Gusmão. Possuía espírito e engenho elevado. O conde duque de Olivares tinha-a casado com o duque de Bragança.

A respeito dos motivos do levantamento em Lisboa no dia primeiro de Dezembro e consequente alastramento a todo o reino, dizia o núncio que se discorria em escuro porque de Lisboa não vinham cartas; mas que em Madrid se murmurava que eram causas determinantes da sublevação a opinião de se reduzir o reino de Portugal a província, sujeitando-o e unindo-o a Castela e Leão; e que para tal fim se fosse aniquilando o Conselho de Portugal que tinha degenerado em uma pequena junta totalmente governada e dominada por Diogo Soares; e ainda mais, que os portugueses fossem obrigados a tomar parte na guerra contra a Catalunha.

O núncio mostrava alguma satisfação pelo triunfo do movimento revolucionário português, em virtude de certa questão havida entre a corte de Madrid e o Vaticano, pois começava assim o seu officio:

«Ai sollevamenti di Catalogna et ai stabilimenti o confederationi di quel principato con i francesi, succede la rivolta di tutto 'l regno di Portugallo, con incredibile sentimento di tutta questa corte; in un'hora si è perduto, può dirsi, un regno, e prima se n'è saputa la perdita che conoscitane la possibilità et il pericolo di perderlo. Dio benedetto a tutte l'hore non rivede i conti e non ad ogni settimana pareggia le partite; *per haec quae peccavimus, per haec et punimur!* (2)

Os espanhóis e grande número de portugueses não consideravam D. João IV rei legítimo de Portugal, mas um simples rebelde, pelo que tinham como certa a recuperação de Portugal por Espanha, mais cedo ou mais tarde. Diogo Soares era um deles, e nesta crença viveu até à morte.

(1) D. João IV nasceu em 18 de Março de 1604; tinha, portanto, 36 anos de idade. Casou em 12 de Janeiro de 1633. Faleceu em 6 de Novembro de 1656.

(2) DEOCLÉCIO REDIG DE CAMPOS, *Quatro documentos originaes e inéditos*, publicados em *O Instituto*, vol. 96.º, págs. 18 e segs. Coimbra, 1940.

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

Os anos após 1640 iam-se passando, mas a pressão espanhola para subjugar novamente Portugal não dava resultado. Entretanto aproximou-se o fim da vida de Diogo Soares, e então, aos 23 dias do mês de Agosto de 1649, este fez testamento cerrado.

Diogo Soares poucos mais dias viveu, pois no dia 29 do mesmo mês e ano faleceu em Madrid, nas casas em que residia, situadas na rua de Ortaleza. No mesmo dia foi aberto e lido o testamento, a requerimento de sua mulher e testamenteira, Dona Antónia de Melo. É um documento interessante sob vários pontos de vista. Nele deixou Diogo Soares algumas palavras de defesa dos seus actos políticos. Tal testamento está inédito há 302 anos, e agora o publicaremos como subsídio histórico genealógico.

O testamento de Diogo Soares foi escrito em língua castelhana, e dele possuímos uma pública-forma feita em Madrid aos 12 de Maio de 1756, a requerimento de Manuel Alberto da Rocha Tavares Pereira, padroeiro da igreja paroquial de Santa Maria de Pígeiros, administrador dos morgados de Nossa Senhora da Graça da igreja de Castelões de Cambra, e de São Martinho de Argoncilhe e residente em Arrifana de Santa Maria, bispado do Porto (1).

Alegava o requerente que necessitava de uma cópia autêntica do dito testamento para se esclarecer acerca de certas prevenções que nele fez Diogo Soares como testamenteiro que foi do Doutor Miguel Soares Pereira, do Conselho e câmara do rei de Portugal (2). De facto, no artigo 37.º do testamento, existem tais prevenções.

O requerente pedia também cópia autêntica dos documentos relativos às diligências que precederam a abertura do testamento, e esta cópia lhe foi fornecida e encontra-se anexa à pública-forma do testamento.

(1) «De Brites Soares e Teodósio de Matos nasceu, entre outros filhos, Salvador de Matos Soares que casou em Ovar com D. Mariana da Fonseca de quem teve, entre outros, a D. Maria de Matos Soares e Fonseca que casou com Manuel da Rocha Tavares, morgado e padroeiro *in solidum* da igreja de Pígeiros e senhor da honra da torre e quinta de Pereira no mesmo Pígeiros, e houve, entre outros, a Salvador da Rocha Tavares, padroeiro e morgado como seu pai, e casou com D. Ana Maria de Sousa Vareiro e Ávila, da qual teve, entre outros, a Manuel Alberto da Rocha Tavares Pereira, padroeiro e morgado como seu pai e avô; casou em Esgueira, por troca, com D. Brites Margarida Pacheco Soares de quem teve quatro filhos e três filhas, todos sem estado em 1785.»

(De um manuscrito genealógico).

(2) Miguel Soares Pereira, lente de cânones e colegial de S. Pedro de Coimbra, e depois agente em Roma para a canonização da Rainha Santa Isabel em 1625. Filho de Bento Pereira, o velho, que casou no Porto com Suzana Carneiro; este foi filho de Jerónimo Tavares e de sua mulher Maria Pinto; este era filho de Francisco Tavares e de sua mulher Maria Pereira, filha do conde da Feira, D. Manuel Pereira.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

O primeiro destes documentos é a petição da viúva Dona Antónia de Melo, para que seja aberto e publicado o testamento cerrado de seu defunto marido e lhe sejam dados os treslados e testemunhos necessários. Intitula-se ela «*viuda muger que fui del señor Diego Suarez, secretario de Estado del consexo de Portugal, y de el de la real hacienda y contaduria maior dela*».

A dita petição foi feita em 29 de Agosto de 1649, dia em que faleceu Diogo Soares.

Pela declaração de abertura se verifica que de facto o dito testamento foi aberto e lido no dia atrás mencionado. Depois foi registado a folhas 893 do segundo livro de registos de escrituras efectuadas em Madrid, por Diogo de Ledesma, no ano de 1649.

Diogo Soares era genro de Miguel de Vasconcelos por parte de sua terceira mulher, D. Antónia de Melo e Vasconcelos, e também cunhado dele por parte de sua segunda mulher, D. Mariana de Eça, como a seguir se mostra e importa saber:

Dr. Pedro Barbosa de Luna, morto em 16 de Junho de 1606, segundo uns, ou em 23 de Outubro de 1621 segundo outros, casou com D. Antónia de Vasconcelos e tiveram:

Miguel de Vasconcelos, que foi secretário de Estado em Lisboa;

Pedro Barbosa, bispo de Leiria, sagrado na igreja de São Francisco de Xabregas em 7 de Setembro de 1636;

Luís de Melo, deão da sé de Braga;

D. Mariana de Eça que casou com Diogo Soares, secretário de Estado em Madrid, e foi sua segunda mulher ⁽¹⁾;

D. Maria Antónia que casou com Pedro de Macedo Leite.

O dito Miguel de Vasconcelos casou com D. Catarina de Macedo Leite e tiveram:

Pedro de Vasconcelos e Brito;

Diogo de Vasconcelos;

D. Antónia de Melo e Vasconcelos que foi terceira mulher de Diogo Soares, secretário de Estado em Madrid.

O testamento de Diogo Soares compreende quarenta e nove artigos, que se referem principalmente ao seu enterro,

(1) Na *Hist. Geneal. da Casa Real Portuguesa*, tomo XI, pág. 659, menciona-se por lapso, D. Maria de Eça em vez de D. Mariana de Eça.

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

à divisão dos bens que possuía, pelos seus filhos, e à justificação de factos da sua vida política.

Nele mandava Diogo Soares que, quando falecesse, fosse o seu corpo enterrado por depósito no Colégio Imperial da Companhia de Jesus de Madrid, onde parecesse mais conveniente aos seus testamenteiros, e lá estivesse até ser trasladado para o convento de Santo António de Serém, que ele havia edificado para nele ser sepultado, mas que ainda não estava concluído à data do testamento. Onde fosse depositado o seu corpo, seriam também depositados os corpos de D. Mariana de Eça, sua segunda mulher, o de Pedro Barbosa, seu cunhado e bispo de Leiria, e o de sua filha, os quais estavam depositados na igreja da vila de Aldea del Fresno.

Ordenava também que o convento que havia fundado na sua vila de Serém se acabasse de edificar quando o reino de Portugal fosse recuperado pela Espanha, dado o caso de não estar ainda concluído. As obras do convento haviam parado em virtude da confiscação dos bens de Diogo Soares em 1641, entre os quais as localidades de Serém, Préstimo e Macieira, cujos rendimentos garantiam a ordinária de 76.000 reis, doada por Diogo Soares para as obras do convento e sustento dos frades.

Declarava que fora casado a primeira vez com D. Francisca de Melo, de cujo matrimónio nasceram dois filhos, Valentim e João, já falecido, e três filhas, Paula, religiosa professa no mosteiro de Santa Clara de Lisboa, Maria Soares casada com João Álvares Soares, seu primo, e Inês de Melo, casada com Martim Cotta Falcão; e que fora casado segunda vez com D. Mariana de Eça, da qual teve três filhos, Lucas, Leonor e Maria Antónia Soares.

Quando Diogo Soares casou com D. Mariana de Eça, fizeram entre si escritura de dote e arras, na qual ela vinculou em morgado (*mayorazgo*) todo o seu dote que constava de bens situados em Portugal; e Diogo Soares na mesma escritura vinculou a sua terça em morgado, sendo estes dois morgados para o filho varão deste matrimónio e seus descendentes. Deles veio a beneficiar seu filho Lucas Soares.

No seu testamento fundava Diogo Soares outro morgado ao qual seriam anexados os dois primeiros e ainda o padroado (*patronazgo*) do convento de Santo António de Serém e todos os outros padroados e capelanias que possuía em Portugal e Castela. De todos estes bens seria administrador seu filho Lucas e seus sucessores conforme era determinado no testamento. Os restantes bens foram distribuídos pelos outros filhos nos termos das disposições testamentárias.

Declarava que casou pela terceira vez com D. Antónia de Melo, de quem teve cinco filhos: António Soares, Miguel

Luis Soares, Miguel Soares de Vasconcelos, João Álvares Soares, e Pedro Soares.

A distribuição dos bens de Diogo Soares por seus filhos era até certo ponto fictícia, porquanto todos os bens que possuía em Portugal estavam confiscados desde 1641. Acreditava, porém, o antigo secretário de Estado em Madrid que a Espanha viria a recuperar Portugal pela força das armas quando estivesse liberta de outras questões e pudesse dispor de fortes recursos militares. E nestas circunstâncias, ele ou os seus herdeiros entrariam na posse dos bens confiscados. Não é de estranhar, portanto, que Diogo Soares em vários passos do seu testamento manifestasse ardente desejo de que Portugal fosse recuperado ou restaurado, isto é, que voltasse ao domínio de Espanha. E assim, encontram-se nele frases como estas:

«Quando se recupere el dicho Reyno...», (art.º 3.º); «confiando en Dios que en mis dias vea la restauracion de el Reyno de Portugal...», (art.º 10.º); «si mis pecados no permitieren que à la hora de mi muerte estubiere Portugal recuperado...», (art.º 26.º).

Admitia, no entanto, que demorasse o regresso do reino de Portugal à sua anterior situação, e por isso, no artigo 30.º do testamento após a divisão dos bens, faz um apelo à clemência do rei Filipe IV de Espanha, no sentido de amparar e favorecer seus filhos e mulher, alegando que sem a protecção real, pereceriam totalmente por lhes faltar toda a fazenda e rendas que tinham em Portugal, e estavam confiscadas pelo Rebelde.

São muito interessantes as declarações de carácter histórico que Diogo Soares faz para justificar o pedido que fazia ao rei para proteger a esposa e oito filhos que ele tinha a seu cargo.

Declara ele que serviu Sua Majestade durante trinta e sete anos, com notório zelo, e que apesar disso tinha sofrido grandes incómodos e vexames provocados por pessoas que se tornaram suas inimigas por virtude do serviço de Sua Majestade, com o fim de escurecerem a sua reputação e crédito.

Diz o testador que das averiguações que em Espanha se fizeram a seu respeito nada se apurou que o compromettesse, e, no entanto, ele achava-se sem o exercício do seu officio de secretário de Estado de Portugal que tinha de propriedade, e estava passando necessidades e sua família.

De sua mulher D. Antónia de Melo diz que é filha do secretário Miguel de Vasconcelos que, pelo zelo que teve do serviço de Sua Majestade, foi morto violentamente em Lisboa pelos rebeldes, por ocasião do levantamento do reino de Portugal e por estes lhe foram confiscados os bens, em virtude do que ela ficou pobre.

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

Também é interessante a condição que Diogo Soares impôs a seu filho Lucas e sucessores no morgado que instituiu no seu testamento para que em nenhum caso se encarregassem nem aceitassem o officio de secretário de Estado, em virtude dos riscos e perigos a que estavam expostos sem culpa sua, como succedeu a ele.

De que teria sido acusado Diogo Soares em Espanha? E quem o teria acusado? Vamos vê-lo.

Importa recordar que D. Pedro Mascarenhas, vedor do rei D. Filipe, se mostrou muito ressentido contra Miguel de Vasconcelos por ocasião do assassinato deste, como já dissemos.

No testamento queixa-se Diogo Soares de incómodos e acusações que, após o levantamento de 1640, provieram de pessoas mal affectas a ele. Trata-se de uma vingança de D. Pedro Mascarenhas contra Diogo Soares, por motivos adiante indicados, e de que só teve conhecimento após a morte do secretário Miguel de Vasconcelos.

A seguir ao movimento libertador de 1640, D. Pedro Mascarenhas, ainda em Lisboa, tornou-se imediatamente cabeça de uma conspiração contra D. João IV, e intentou mesmo matá-lo, segundo confessa numa carta que enviou a seu pai e à qual nos referiremos adiante.

Teve por isso de fugir para Espanha no mês de Fevereiro de 1641 com seu irmão D. Jerónimo Mascarenhas, porque as suas vidas já corriam perigo.

Uma vez aqui, procurou derribar Diogo Soares do seu cargo de secretário de Estado no conselho de Portugal em Madrid, com o apoio do duque de Medina Sidónia e do presidente do Conselho de Portugal em Madrid, o conde de Ficalho e duque de Villa Hermosa.

Para tal se serviu de cerca de sessenta cartas de Miguel de Vasconcelos ou de Diogo Soares para ele, que havia conseguido em Lisboa de entre as que foram encontradas na casa de Miguel de Vasconcelos e de lá foram tiradas e espalhadas no dia da revolução.

Isto é o que se deduz do teor da carta que D. Pedro Mascarenhas escreveu a seu pai, o marquês de Montalvão, governador do Brasil, datada de Niebla, a 12 de Fevereiro de 1641. Nesta dizia ainda que as referidas cartas comprometiam Diogo Soares porque revelavam as grandes tramóias e maldades deste e de Miguel de Vasconcelos e das quais ninguém suspeitava, as várias conjurações que estes haviam feito e os actos por eles praticados contra o marquês de Montalvão e seus filhos.

Ficamos agora sabendo o motivo das queixas de Diogo Soares por ter sido acusado e destituído do seu cargo de secretário de Estado, embora nada se tivesse averiguado contra ele, conforme diz.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Em tudo isto há um ponto muito importante a esclarecer.

Que conjurações seriam as que fizeram Diogo Soares e seu sogro Miguel de Vasconcelos? Em que contrariavam estes os interesses de D. Pedro Mascarenhas e seus parentes? Teriam procedido bem e de acordo com os interesses de Portugal opondo-se a pretensões injustas e inconvenientes destes Mascarenhas? D. Pedro Mascarenhas era homem de grandes ambições. Quem sabe se este era um dos partidários da aniquilação do Conselho de Portugal, à qual se referia o nuncio em Madrid?

Talvez possamos afirmar isto em face da atitude de D. Pedro Mascarenhas após a rebelião de Lisboa. Com efeito, este no caso de ser bem sucedido na contra-revolução que tramava, propunha-se ocupar o lugar do duque de Bragança e ser ainda mais importante do que ele. Queria mesmo ser o maior homem da Monarquia.

Isto pressupõe a incorporação de Portugal na monarquia espanhola como simples província.

Para se fazer a história exacta da restauração de Portugal é necessário esclarecer a luta secreta dos dois secretários de Estado contra D. Pedro Mascarenhas e seus parentes.

Vejamos agora o trecho da carta deste D. Pedro Mascarenhas a seu pai, o marquês de Montalvão, e que se refere ao que atrás dissemos.

«De Lisboa escrevi a V. Ex.^a como se haviam achado todas as cartas de Miguel de Vasconcelos, ou de Diogo Soares para elle; e muitas respondidas á margem; estas se espalharam; e eu fiz deligência, e pude colher coiza de sessenta, que he couza que muito estimo; porque nelas se descobrem as mayores tramoyas, e maldades, que jámais se imagináram: e todas as Conjuraçoens que estes Homẽns fizeram, particularmente tudo o que nos tóca a nós; assim do tempo que estavaõ conosco em brassos; como depois. Prometo a V. Ex.^a, que he hum thezouro éstas cartas, e que por tal as estimo. Todas Levo cõmigo; porque se as couzas se pozerem em estado, que me pareça que pôsso derribar o Soares, o hey de fazer; porem, ha de ser sem me arriscar. Isto communiquey ao Duque; e assentamos que se fizesse assim. E tambem o communiquei com Villa hermosa; porque nestas Cartas há muitas contra elle, que lhe não importará pouco. Emfim, Snõr, o negocio se tracta com presteza; e depois de haver pescado, Levo muitos papeis de importancia para este cazo; e particularmente hum, que basta a me fazer El Rey mayor do que era o Duque de Bragança. Encaminhe nos Deos; que eu fio delle que hey de ter muito felice Successo nesta minha rezoluçaõ.

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

Levo particularissimas noticias de tudo o que há; e em particular dos que tem a opiniaõ de El Rey; que todos por sy, ou por terceiras pessoas, se declaráraõ comigo; e muitos foram convertidos por mim. Eu deixo dispostos as communicaçõens, e intelligencias; e isto com tal modo, que o Duque está pasmado; e lhe parece, que naõ tem El Rey com que me pagar o muito que tenho feito; e tudo he dizerme, que me quizera em Lisboa, e ao lado do Conde Duque, e comsigo; E por remate me diz = Enfim, Vuestra Señoria nó há dexado piessa por tocar = E he tanto assim, que intentey matar ao Duque; e püz em prática ganhar Saõ Giaõ. Isto digo por mayor; que por menor naõ he possiuel.

Enfim, Sñor, remato este ponto com dizer a V.^a Ex.^a, que eu me tenho rezoluto a ser o mayor homem da Monarquia; ou a meter me Frade da Capucha; porque meyo naõ o há.» (1)

Afinal não viu realizados os seus planos. O esforço e patriotismo dos heróis do 1.º de Dezembro de 1640 tinham dado nova alma e novo destino a Portugal.

Mas das communicações e intelligências que D. Pedro Mascarenhas disse ter organizado habilmente em Portugal e que fizeram pasmar o duque de Medina Sidónia, resultaram apenas vítimas. Logo no mesmo anno de 1641 foram executados como conspiradores o marquez de Vila Real, D. Luís de Noronha e Meneses e seu filho D. Miguel, duque de Caminha; o conde de Armamar, e outros.

Para terminarmos as breves considerações e referências que fizemos ao testamento de Diogo Soares, diremos que os ossos deste não chegaram a ser trasladados de Madrid para o convento de Serém.

A seguir veremos o teor deste testamento, segundo a pública-forma de 1756 que nos foi cedida por um descendente do mencionado Manuel Alberto da Rocha Tavares Pereira.

Jesus Maria y Joseph = En nombre de la santissima trinidad Padre, hixo, y espiritu santo, tres personas y un solo Dios en cuja fê creo firmemente, y protextto morir = Yo Diego suarez estando enfermo con la enfermedad presente, en mi perfecto Juicio, no sabiendo la ora en que nuestro señor sea seruido llamarme; para bien de mi anima, y descargo de mi conciencia, y disposicion de mis vienes ordeno mi testamento, y ultima voluntad en la manera siguiente.

(1) A. G. DA ROCHA MADAHL, *Cartas da Restauração*, publicadas em *O Instituto*, vol. 96.º, págs. 273 e segs.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

12. Primeramente creo y confieso la santissima trinidad, y la encarnacion del Hixo de Dios, en las purisimas entreñas de la virgèn nuestra señora, y todos los demas misterios que creè, y manda creer la Santa Madre Iglesia de Roma, y pido à este mismo señor y Dios mio haia misericordia de mi Alma, que crio y redimio con su preciosa sangre, y por los meritos de su santissima Pasion, la quiera librar del poder del Demonio, y darla su santa gloria, y pido y ruego à la virgen sacratissima s.^{ra} nuestra no me desampare en la ora de mi muerte, y vea lo que he costado à su preciosissimo hixo, y lo mismo pido à san Juan Bauptista, à los doze Apostoles à s.^o Ant.^o san francisco, y à santa Isavel Reyna, y à todos los santos y santas del cielo p.^a que todos interzedan por la salbation de mi Alma Amen.
13. Siendo Dios servido llebarme para si, mi cuerpo sea enterado por Deposito en el Colegio Imperial dela compañia de Jesus de esta villa de Madrid, à donde pareciere mas conveniente à mis testamentarios: y mientras mi cuerpo no se llevare à mi entierro de s.^o Antonio de seren, que yo edifique para este fin, se me dira Misa quotidiana sobre mi sepultura nombrando el R. P. Antonio de la serna, de la compañia de Jesus, la persona que las ha de dezir y se le dara quatro rr.^s de v.^{on} por cada una misa, y para la conduction y mas gastos aplico ciento y quarenta r.^s mas de dha Lemosna que en todo son mill y seiscientos rr.^s para lo qual se tome dicha cantidad de un Juro que tengo en mi cabeza de trescientos y treinta y seis mil mrs. de renta en cada un año, situados en el primero uno por ciento dela ciudad de segovia, el qual es libre de media añata y doy poder al dicho P. Antonio de la serna para que sin dependencia de mis herederos, cobre dicha cantidad solamente en virtud de esta clausula; y adonde se depositase mi cuerpo quiero que tambien se depositen con el, el cuerpo de D.^a Mariana Deza mi segunda muger, y del obispo de Leyria, D.^a Pedro Barbosa, mi hermano, y el de mi hixa, que todos trës estan depositados en la Iglesia de la villa de Aldea del fresno trayendolos sin ninguna obstentacion.
14. El dia que Dios fuere servido llebarme se diran luego quinientas misas en altares priuilegiados que con las quotidianas de mi fundacion y de mi Padre, se diran con toda puntualidad.
15. Los officios del Novenario, y el modo de el entierro se haran como los dispusieren mis testamentarios sin ninguna ostentaz.^{on} y se llamaran para me enterrar los religiosos que pareciere à el dicho P. Antonio de la serna.
16. Mando que se casen dos mugeres huerfanas, y quando no las haia, las que tubieren Padre, ò Madre en la villa de Aldea del fresno, y que se di à cada una quatrocientos reales.
17. Mando que se me digan quatrocientas misas à las animas, por cierta promessa que he hecho.
18. El convento de los Descalzos de S.^o Fran.^{co} de la ofn de s.^o Ant.^o que he fundado en la mi villa de seren del Reyno de Portugal quando se recupere el dho Reyno se acabara de edificar, en caso que no se haia acabado y al dicho combento se le darà y pagarà con toda puntualidad lo que me obligue à darle por la escritura que hize à su favor = La qual cumplira el subzesor de mi mayorazgo, à quien encargo mucho el cuidado de no faltar nunca à estos Religiosos, para que Dios tenga cuidado de el, y de su casa, y familia, y acreciente lo poco que le dexo y para satisfazer à esta obligacion particularmente aplico las rentas de las villas de Seren, Prestimo, Maciera, Casaynos, y el subzesor del Mayorazgo tendra cuidado de acudir à la dicha obligacion con lo mejor parado de las dichas rentas; y en caso qui haia descuido de parte del subcesor podra el dicho convento cobrar la dicha obligacion, por las dichas rentas en virtud de este mi

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

testamento sin que el subzesor del Mayorazgo pueda cobrar cosa ninguna mientras que el dicho convento sea pagado de lo que ha de haver, conforme à la dha ss.^{ra}

9. Mi Padre que Dios aya, ordenò su entierro en la capilla que fundo en la Iglesia de S.ⁿ Julian, en el Lugar de s.ⁿ Antonio del Tojal termino de la ciudad de Lisboa, y dexò dos misas en cada semana à que aplico diez mil reis moneda de Portugal cada año del rendimiento de la marina, y grande en la forma de su testamento: y D.^a Fran.^{ca} de Melo mi primera muger, que Dios aya, en su testamento ordenò una misa cada semana en la dicha capilla donde tambien esta enterrada, para la qual aplico lo que fuere nezesario de la renta de su tercio, que vinculo en mayorazgo en el mismo testamento, cuiò subzesor sera obligado à pagar lo que fuere nezesario para la dicha misa cada semana = y mi Madre tiene dispuesto que en la misma capilla, se digan dos misas cada semana à que aplico ciertos vienes y renta por una escritura que tiene otorgado = con la qual quedan aplicadas à la dicha capilla cinco misas cada semana; sobre las cuales quiero y ordeno que se digan en la dicha capilla otras dos misas cada semana, que con las dhas cinco misas vienem à hazer misa quotidiana en la dicha capilla conforme al breve que abemos obtenido de su santidad que todo esta en poder del obispo de Farya, D.ⁿ Fran.^{co} de sotto mayor; y en quanto à la renta que de mis vienes se ha de aplicar para las dichas dos misas cada semana, sea del rendimiento del casal de la torre Bosuera, que esta en el mismo limite del Tojal, la qual capilla, y la renta de las propiedades aplicadas à ella, seran del subzesor del Mayorazgo fundado por la dicha D.^a Fran.^{ca} de Melo, mi primeira muger, para que haia lo que remanecièr del rendimiento de las dichas propiedades, pagada la dicha misa quotidiana que ha muchos años se dize por capellan que esta nombrado.

10. Declaro que fui casado la primera vez com D.^a Fran.^{ca} de Melo de cuiò matrimonio quedaron dos hixos à saber Valentin, y Juan, y tres hixas, à saber Paula, Maria, y Ines, de los quales Juan fallezio, quedando yo por su heredero, y Valentin que es el hixo mayor quedò por heredero della dicha su Madre, en su tercio que dexo vinculado con carga y obligacion, de que à el annexase su lexitima, y que yo gozase el tercio en mi vida, en cuiò cumplimiento se hizieron las particiones, por las quales toco al dicho tercio (en mi vida) digo y lex.^{ma} la quinta que esta dentro en el mismo lugar del Tojal conforme à las particiones à que me refiero = Paula mã hixa esta religiosa profesa en el convento de santa Clara de Lisboa, à la qual he dado lo Dote, y hize los gastos de su entrada, y profesion, y me obligue à darle qarenta mill reis de renta cada año en su vida. Los quales mando se le paguen puntualm.^{te} de la Decima del pescado de la villa de la Ericera que me perteneze, y en falta de lo mejor parado de mi hacienda, tòdo lo qual se imputara en lo que la dicha mi hija Paula hubo de haber por la lexitima de su madre y por lo que le tocase aver de la mia = D.^a Maria suarez mã hixa, casè con mi primo Juan Alvarez suarez, à quien prometì en dote doze mill cruzados en plata que le entregue de que tengo carta de pago, en que se comprehendieron dos mill y quinientos rr.^s de renta cada año de por vida que me obliguè à pagarle; la qual renta suspendì por haverle alcanzado de su Mag.^d el oficio de Provehedor delas Alfandegas de Portugal, y por quanto por la rebelion de aquel Reyno, fue despojado de aquel oficio, se le haran buenos los dichos dos mill y quinientos rr.^s cada año, mientras no fuese restituído al dicho oficio como espero recuperandose aquel Reyno, con cuià restauracion espero hazer con el las demostraciones que deseo si fuere belio (?); el qual Dote se imputara en lo que la dicha mi hixa D.^a Maria, ha de haver de la lexitima de su Madre, y dela mia = Mi hija D.^a Ines casè con Martin Cotta falcon,

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- y le prometi en dote una encomienda de doscientos mill reis de renta cada año, y la Alcalderia mayor de las villas de Marialva, y Moreyra y el gasto del oficio de escrivano de Matricula y la promesa de una encomienda que estaba hecha à su Padre. Del paso del oficio, e dela promesa dela encomienda hecha à su padre, le embie los Despachos à Lisboa, antes dela rebelion y para la encomienda de doscientos mill reis, y la Alcalderia mayor de Marialva, y Moreira, le he nombrado, y le embie el poder para reciuir los reditos mientras no le embiaba los despachos: y en cumplim.^{to} de ello declaro que le nombro en la encomienda de s.^o Pedro de Londoza que vale los dichos doscientos mill reis cada año (que es la misma para que le embie el poder) para que la tenga y haya en las vidas de que su Mag.^d me hizo m^{re} de ella y en la conformidad de la escritura de Dote que le hize, y en la misma forma, e con la misma calidad le nombro en la dha Alcalderia mayor de Marialva, y Moreira, confiando en Dios que en mis dias vea la restauracion de el Reyno de Portugal con que pueda aijudar los como à mis hixos à quien deseo todo bien = El qual Dote se imputara en la legitima que ha de haver de su Madre D.^a fran.^{ca} y mia, como en la escritura esta paccionado: y siendo caso q. mi hixa muera sin hijos en tal caso conforme à la ss.^{ta} de Dote. se me ha de restituir la dha Dote. ordeno que al dho Martin Cota no se le pida la justa valia del paso del oficio ni de la promesa de la encomienda que tenia su padre, que yo hize pasar à el, y solamente, siendo mi hixa muerta, y sin herederos dispondre en este testam.^{to} dela encomienda, y alcaideria mayor, que tenia dotada à esta mi hija en la forma suso dicha = Juan mi hijo del dho primer matrimonio que murio hubo de haber la lex.^{ma} de su Madre, de q. yo fui heredero, la qual me perteneze en mi vida, y por mi muerte se partira entre los hixos de aquel matrimonio en la forma que las leys lo disponen, à que me refiero, sin ser mi voluntad exceder de lo que ellas precisamente dispusieren.
11. Fui casado segunda vez con D.^a Mariana Deza que Dios aya, dela qual me quedaron tres hijos Lucas, Leonor, y Maria Antonia, y al tiempo que case con la dicha D.^a Mariana, se hizo entre nos otros escritura de Dote y arras, y ella vinculo en mayorazgo toda su dote, la qual escritura y vinculo se guardara como en ella se contiene y por que tengo facultad de su Magestad, para q.^e los vienes vinculados de este Mayorazgo que estan en Portugal, el subcesor, en el los pueda vender, ò trocar, quiero que el tal subzesor pueda usar de dicha facultad, ò no, à su eleccion.
12. Y por quanto de los vienes Dotales dela dha D.^a Mariana mi muger, he vendido en su vida unas casas en la calle de s.^o Joseph à fr. Damian Baz, en precio de tres mill cruzados de plata; y de la misma manera he vendido al cabildo de la ciudad de Lisboa, el agua de la quinta de Chelas, ò enxobregas, que era de la dicha Dote en precio de trescientos mill reis de Juro, que despues vendi por doze mill cruzados de plata. Declaro que el dho precio de las dichas casas, y agua perteneze al dicho Mayorazgo, y que se ha de pagar de lo mexor parado que se hallare de mis vienes al tiempo de mi muerte, como deuda mia que es descontandose las propiedades que compré en enxobregas para este mayorazgo, declaradas en el inv.^{rio} dela dha D.^a Mariana, mi muger que segun mi monoria importaran quatro mill Ducados.
13. Y por que en la misma escriptura dotal fue pacto, y condicion que yo huviese de vincular en maiorazgo mi tercio para el hixo baron de aquel matrimonio declaro vinculè mi tercio conforme à la dha escriptura para mi hijo Lucas de aquel matrimonio, y sus descendientes; y faltando el siguira el dicho tercio la orden de subcesion que abajo hare en la fundacion de mi Mayorazgo, à que este tercio ha de quedar anejo.

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

14. A mi hixa Leonor tengo concertada de casar com Pedro de Vasconcelos y Brito, mi cuñado con las capitulaciones conthenidas en la ess.^{ra} que otorgamos, quando case, com D.^a Antonia de Melo, mi tercera muger, en la qual le prometi diez y seis mill cruzados de plata de Dote, en el caso, y con las condiciones alli declaradas, y p.^a satisfacerle los diez y seis mill cruzados de plata de Dote, en el caso, y con las condiciones alli declaradas, y p.^a satisfacerle los dichos diez y seis mill cruzados digo que su Magestad me tiene hecho mrd de la encomienda de santa Maria de Caraco de la orden de xpto que vacò por muerte de Manuel Suarez Barbosa, para quien casase com mi hixa en quatro vidas efectibas despues de la mia la qual nombro en la dicha D.^a Leonor, y la persona que con ella casase, con la calidad de las dichas vidas; y de la misma manera nombro en la dicha mi hixa, y quien con ella casase y los descendientes de ella, la capilla que se llama de Refojos de Lima, que me renuncio mi sobrina D.^a Paula y en la conformidad que su Mag.^d de ella me hizo merzed, que es de Juro dos vezes fuera de la Ley mental con la dha encomienda, y capilla la haya de haver la dicha D.^a Leonor mi hixa, y su futuro marido en pago y satisfacion de los dichos diez y seis mill cruzados prometidos en dotte imputando el valor de lo que à de haver de la legitima de su Madre y la mia. Y siendo caso que la dha mi hixa y su futuro marido Pedro de Basconcelos, no quieran azeptar la dicha encomienda, y capilla en satisfacion de los dichos diez y seis mill cruzados en la forma arriva dha: en tal caso mando (siendo restaurado Portugal) que los dichos diez y seis mill cruzados prometidos en la dicha Dotte los pague mi hijo Lucas, el qual en este caso nombro en la dha encomienda y capilla en las mismas vidas q. yo la tengo por mrd de su Mag.^d y en falta de el y sus descendientes le hayan de subzeder en la dha encomienda y cap.^a los mismos que le han de suzeder en el Mayorazgo que abaxo he de nombrar, y que le han de subceder en los demas vienes que tengo dela corona y ordenes, con facultad de nombramiento de que abajo he de disponer en la conformidad de la subcesion del Mayorazgo = Y p.^a efeto de pagar los dichos diez y seis mill cruzados en el caso sobre dicho, sino los tubiese el dicho mi hixo Lucas en dinero, de mis vienes que abaxo dexo vinculados podra vender lo que fuere nezesario para la dicha cantidad de manera que del dinero, y vienes que le quedasen por mi fin y muerte ha de pagar los dichos diez y seis mill cruzados, restaurandose Portugal y sobre ellos ha de caer esta carga y obligacion que le pongo para que no pueda tener duda la paga della y tenga efecto el gravamen con que le nombro en la dicha encomienda y capilla = Y por que la dicha mi hixa D.^a Leonor no pueda pretender que el nombram.^{to} de la dicha encomienda y capilla, no puede ser gravado com la condicion de haver de tomarlo de los diez y seis mill cruzados, declaro que mi yntencion es nombrar absolutam.^{te} à mi hixo Lucas, y à mi subzesores del dicho mayorazgo en la dha encomienda y capilla, con el dicho gravamen de pagar los dichos diez y seis mill cruzados que puedo ponerle por los vienes que le dexo: y con gravamen otrosi de que ellos consentiam que queriendo la dha mi hixa y su futuro marido Pedro de Vasconcelos, ser nombrados en la dicha encomienda y capilla en el lugar delos dihos diez y seis mill cruzados le quede nombramiento de la dha encomienda y capilla por que en este caso nombro la dha encomienda y capilla, en la dha D.^a Leonor mi hixa, y su futuro marido en las dhas vidas arriba referidas, y en esta forma declaro el dho nombram.^{to} Lo qual se entiende en el caso que conforme la dha ess.^{ra} que hizè sfe el casam.^{to} dela dha mi hixa con el dho Pedro de Vasconcelos, han de aver la dha Dote de diez y seis mill cruzados q. es nõ sucediendo la dha mi hija en el Mayorazgo de su Madre: y siendo caso que no tenga efecto este casam.^{to}, se entendra lo que dispongo

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- en este capitulo con qualquier otra persona que casase con la dha mi hixa.
15. A mi hixa Maria Antonia le toca y ha de haver la lex.^{ma} que le cabe en la herencia de su Madre conforme à la carta de particion que por su muerte se hizo en la ciudad de Lisboa.
16. De terzero matrimonio soy casado con D.^a Antonia de Melo, de quien tengo cinco hijos Antonio Suarez, Miguel Luis Suarez, Miguel Suarez de Vasconcelos; Juan Alvarez Suarez: y Pedro Suarez; y à la dta mi muger se ha de restituir los vienes que con ella me fueron dotados que todos son raizes expresadas en la ess.^{ra} de Dotte que se hizo quando nos casamos, y las arras, y parte de adquiridos en los casos y por la manera, en la misma escritura declarados à que me refiero, restaurandose Portugal à donde estan los dhos vienes.
17. De todos los vienes que tengo en el dicho Reyno de Portugal, puedo disponer del tercio libremente conforme à las Leys de aquel Reyno; y de los que tengo en Castilla puedo disponer del Quinto librem.^{te} y en el tercio mejorar uno de mis hijos y usando de este derecho en la mexor via y forma que puedo, tomo y separo el tercio de mis vienes que tengo en el Reyno de Portugal, y remanente del Quinto de los que tengo en Castilla, y tercio de los que tengo de la misma manera en Castilla, y del dicho tercio y remanente del quinto en la mas amplia forma que me pueda tocar el disponer de ello, hago y fundo maiorazgo perpetuo en mi hixo Lucas Suarez, para que le tenga y posea con vinculo de May.^o perpetuo para siempre, y por su muerte subzedan en el sus descendientes lex.^{mos} por la via y orden de la subcesion regular de los maiorazgos de Castilla y faltando la descendencia legitima del dho mi hixo Lucas Suarez, sucedera en el dho Maiorazgo mi hijo Ant.^o Suarez, y sus deszendientes lex.^{mos} por la dha oñ y forma: y faltando la descendencia de mi hixo Ant.^o Suarez, subceda mi nieto baron el mayor, y sus descendientes, hixo de mi hija D.^a M.^a Suarez, y Juan Alvarez Suarez mi Primo: y faltando dho mi nieto y sus descendientes, subceda su herm.^o varon si lo tubiese y sus descend.^{tes} y faltando estos mis hixos, Juan Suarez Alvarez, y sus desz.^{tes} y en falta de estos mis hixos Mig.^l Luis, y Mig.^l de Vasconcelos, y sus descendientes todos en la forma dha, y faltando estes subceda mi hijo Pedro Suarez, en la forma dha, y faltando estes buelba à la descendencia de hijos ò hixas de la dha D.^a M.^a Suarez, y Juan Alvarez Suarez en la forma suso diha. Y à falta de todos subceda D.^a Leonor mi hixa en la dha forma, y sus descend.^{tes} lex.^{mos} como dho es: y en defecto de estos mi hija D.^a Maria Ant.^a Suarez y sus descend.^{tes} lex.^{mos} como dicho es: y à falta de estos Valentin Suarez y sus deszendientes legitimos: Y faltando ellos mi hixa D.^a Ines Suarez, y sus descendientes lex.^{mos} como dicho es: Declarando (como declaro) que siendo caso que dexé otro hixo, ò hixos varones (por su orden de genitura, y los descendientes de cada uno) Digo de este matrimonio demas de los que al presente tengo, los tales hijos varones por su oñ de genitura, y los descendientes de cada uno subcederan en este Mayorazgo siguientemente, y primero que mi hixa D.^a Leonor: y despues de los tales hixos varones de este matrimonio se continuaran las otras substitutiones por la oñ referida arriba: y siendo caso que de este dicho matrimonio tenga hixas hembras por la ordem de genitura, y los descendientes de cada una subcedan en este mayorazgo despues de acabada la linea de mi hixa Maria Antonia: y haviendo succedida la tal hija, ò hijas de este matrimonio en el dho / dicho lugar acabadas sus lineas, se continuaran las otras substitutiones por la misma orden arriba referida: y acabada totalmente mi descendencia legitima subcederan en este mayorazgo mis Parientes lex.^{mos} de la familia de mi padre por la misma ordem de la subcesion regular de los mayorazgos de Castilla = y faltando del todo esta mi familia Paterna legitima; subcederan

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

los parientes de mi familia materna que es de mi madre D.^a Paula de Silba por la misma orden.

18. Con tal condicion que los subcesores de este Mayorazgo haian de ser obligados à tomar el apellido de Suarez, sobre el nombre proprio, y traer mis armas de los Suarez en el primer lugar del escudo; y no lo haciendo así pase luego al siguiente subcesor como si fuera muerto: y otrosi con condicion que el ttal subcesor, ò subcesora, aya de casar con persona noble, y limpia de sangre, sin raza ni mezcla de moro, ni Judio, y si estubiere casada (lo que Dios no permita) totalmente quede luego excluida de la subcesion de este mayoraz.^o y que el ttal posehedor, ni sus subcesores por ningun caso se encargue ni acepte oficio de secretario por los riesgos y peligros à que esta expuesto sin culpa sua, como yo experim.^{te} y se emple en otros ministerios del servicio de S. M. para que Dios sea servido de hazerle capaz que aunque muchos sean de mayor trabajo personal son mas tolerables en mi dictamen: todas las quales dhas condiciones seran obligados à cumplir los dhos subcesores precisam.^{te} por que para esto tengo facultad de S. M. por decreto de tres de sep.^{re} y veinte y tres de Nov.^{re} de mill y seiscientos y quarenta y dos años: y por estos mismos decretos tengo facultad de S. M. para poder vender y trocar los vienes que tengo en Portugal, y pasarlos à Castilla = y faltando al cumplimiento de qualesquiera de estas cosas, aunque minima sea, por este mismo caso pase al siguiente como si fuera muerto.
19. Tengo por mrd de S. M. (que Dios G.^{de}) algunas tierras y otros vienes, y alaras de la corona y ordenes del Reyno de Portugal con diversas calidades de subcesion, por que algunos son de Juro perpetuo, fuera dela Ley mental para la persona que yo nombrare: otros son de Juro conforme à la dicha Ley mental tambien para la persona que yo nombrare = y otros con la mesma calidad dela Ley mental, y dos vezes fuera de ella = y otros en ciertas vidas efectivas de libre nombram.^{to} = y disponiendo de todos los dhos vienes en la mejor forma que puedo, y conforme à la facultad que por la mrd dellos tengo = Digo que en todos los vienes que tengo por mrd de S. M. de la corona y ordenes del Reyno de Portugal (excepto de los que en este testamento dispusiere especialmente) nombro por primeiro subzesor, à mi hixo Lucas Suarez, y en su falta al que le subcediere en mi mayorazgo arriba fundado; y despues de el en todos los subcesores del dicho mayorazgo por la dicha oñ. De manera que siempre anden anexos à el, y en los otros vienes y oficios dela dicha corona, y ordenes que tengo por mrd de S. M. conforme à La Ley mental, nombro por primero subcesor al dicho Lucas Suarez, mi hixo, debaxo del mismo vinculo de mayorazgo y con las mismas condiciones: y en su falta al que me subcediere en mi Maiorazgo arriba fundado, y despues se continue en su persona y descendientes conforme à la orden dela dha Ley mental: y los que tubieren calidad de estar dos vezes, ò lo que fuere, fuera dela Ley mental, seguiran el mismo nombram.^{to} y con las mismas calidades: y acabandose la subcesion por la Ley mental, se continuaran las vidas fuera de ella, en las personas que fueren immediatas, al ultimo posehedor de ellas conforme este mi nombram.^{to} y en quanto à los vienes delas dhas corona, y ordenes, encomiendas, oficios, y otras cosas de que tengo mrd. en ciertas vidas, nombro en primera vida, despues de la mia, al dicho Lucas Suarez, mi hijo y en su falta al que subcediere en el dicho maiorazgo arriba fundado: y despues de el se continuaran sucesivamente las tales vidas en los subcesores immediatam.^{te} siguientes por la orden arriba dha: y siendo nezesario cada uno nombrara el siguiente, y por el mismo acto de no haver aceptado la subcesion sea vistto nombrarle por que así le graduo en la mexor forma que puedo.

20. Y por quanto tengo por mfd de S. M. la futura subcesion del Reguengo dela Puebla del Rey, Bosa, Coba, Villafranca que esta junto à la villa de Trancoso en el Reyno de Portugal que posehè D.^a Joana de Acosta, para que yo le haia en mi vida, y no entrando yo en el goze, para otra vida mas, conforme à la cedula que de ello tengo à que me refiero en todo = Digo que nombro en mi falta à mi hijo Lucas Suarez, para que en el tenga efecto la dicha merzed, y en su falta à el que me subcediere en el dicho mi mayorazgo, para que despues del, se continue en su descendencia, y subcesion, conforme à la calidad, dela Zedula de esta mfd, à que me refiero.
21. El Patronazgo del convento de S.^o Antonio dela villa de Seren, que es mia, por fundaz.^{on} dexo al subzesor del dicho maiorazgo p.^o que ande à el perpetuam.^{te} annexo.
22. En todos los vienes emphyteuticos, que en Portugal llamam Prazos en que tengo derecho de nombrar, ò alguna vida, ò el derecho de renovacion, nombro para despues de mis dias à mi hixo Lucas Suarez, y en su falta, à el que subcediese en el dicho mi mayorazgo.
23. A mi hixo Antonio Suarez, mando la mi villa de Puñete, con su jurisdiccion Alcalderia mayor, y Patronazgo que he hauido por titulo de comprar de su mag.^d la villa jurisdiccion y Patronazgo = y del Marques de Puerto, siguro (?) la Alcayderia maior, para que todo lo haia y tenga para si, y sus descendientes conforme à las donaciones; y faltando el subcedan los hermanos y descendientes de ellos; y faltando estos vuelba à los posehedores de mi maiorazgo = Con tal condicion que D.^a Antonia mi muger, su madre le haia de dar y nombrar por su muerte los Prazos que tiene, à saber, Martinchel, junto à la dicha villa, y el Borrado que esta en termino de Santarem, para que juntos con la dicha villa pueda conservarse con lucimiento, y no le dando los dicho Prazos, non le nombro la dha villa, antes vuelba à mi hixo Lucas, con dicha jurisdic^{ion} Alcalderia maior y Patronazgo para que siga la oñ de subcesion del maiorazgo arriba fundado conforme al nombram.^{to} que le tengo hecho de los otros vienes de la corona, por que no teniendo mi hixo Ant.^o Suarez, bienes con que poder sustentar el señorío dela dha villa, mejor es que se ocupe en el servicio de S. M. y que su hermano tenga mas con que ayudarle; si vien tengo por cierto que su madre le nombrara en los Prazos, pues el de Martinchel, tiene obligacion de nombrar en los hixos de este matrimonio conforme al titulo de empozamiento.
24. Al dicho mi hixo Ant.^o Suarez, nombro en la encomienda que tengo de Penela de la orden de Avis, de que tengo facultad de Su Mag.^d de nombrarla en quatro vidas efectivas despues dela mia, y de mi libre nombram.^{to} en cuja conformidad gozaran las dichas vidas el dicho Antonio Suarez mi hixo, y sus descendientes lexitimos subcesivam.^{te} y faltando ellos nombro en su lugar para los que faltarem à mi hixo Miguel Luis Suarez, y sus descendientes; y en falta de ellos à los que fueren subcesores de mi mayorazgo.
25. A mi hijo Miguel Suarez de Vasconzelos, nombro en la encomienda que tengo de S.^o Miguel de Campia dela oñ de xp^{to}. con la misma calidad, para las vidas en que la tengo, con que faltando su descendencia las vidas que faltasse se cumplan en mi hixo Juan Alvarez Suarez, y seus subzesores, y en falta de ellos en los subcesores del dicho mi mayorazgo.
26. A mi hixa D.^a Maria Antonia nombro en el albalà, ò cedula que tengo de S. M. para casamiento de una hixa, que siendo recuperado Portugal, como lo espero, sera bastante para tomar estado conveniente con declaracion que à de casar à la voluntad de sus deudos, com persona sin raza de Moro, ni Judio: y si no lo hiziere asi (como espero) dexo la accion de este Albalà, à Juan Alvarez Suarez mi hixo, para que pida à S. M. la recompensa de esta mfd. Y dilatando-se la recuperacion de Portugal confio de la dha mi hixa que

TESTAMENTO DE DÍOGO SOARES

sabra recogerse en un convento, que siempre, y en toda fortuna es lo mejor.

27. Aunque conforme à el thenor de las m^{ds}. que tengo de Su Mag.^d y al poder que tengo por derecho por los vienes que dejo à mis hixos, y subcesores, tengo por cierto que puedo hazer los nombramientos en la forma que tengo hecho, y gravarlos con las condiciones y cargos que tengo puestto, para maior satisfacion impetre de S. M. declaracion de ello, y me hizo merced de que yo pudiese gravar, y poner las condiciones que me pareciese en los dichos vienes, y pasarlos à Castilla por los decretos ya Declarados.
28. A mi sobrina D.^a Paula, monja en el conventto de S.^{ta} Clara de Santarem soy obligado à dar cada año por los dias de su vida treinta mill reis de plata moneda de Portugal. Mando que se le paguen con puntualidad, y aplico à la paga el diezmo del pescado de la Ericeyra y lo mejor parado de mis vienes.
29. La encomienda de S.ⁿ Pedro de Londrosa y las Alcayderias maiores de Marialva, y Moreira que di en dote à mi hixa D. Ines de Melo, en caso que mi hija muera sin subcesores, han de volver à mis subcesores, y asi en este caso nombro en ello à Juan Alvarez Suarez, mi hijo con las mismas calidades y condiciones, con que tengo hecho los demas nombramientos declarados en este testamento.
30. Declaro que Yo he servido à Su Mag.^d (que Dios G.^{de}) treyntta y siete años con el zelo y atencion que à Su Mag.^d ha sido notorio, y sin embargos de estto he padezido grandes molestias, y vejaciones procedidas de capitulos y cargos que me impusieron personas mal afectas que cobre por enemigos por el servicio de S. M. à fin de escurezer mi reputacion y credito. Y havindose hecho las averiguaciones que son notorias no resultó cargo alguno contra mi, y todavia me hallo sin el exercicio de mi oficio de secretario de estado de Portugal, que tengo de propiedad padeciendo nezesidades, y esta casa com mucho aprieto cargado com ocho hijos, y casado com D.^a Antonia de Melo hija del secretario Miguel de Basconcelos que por el zelo que tubo del servicio de S. M. fue muerto biolentam.^{te} en Lisboa por los Rebeldes al tiempo del levantamiento de aquel Reyno como es notorio y perdiendo en Portugal tan grande cantidad de hacienda patrimonial como se sabe: supp.^{co} à S. M. con la humildad y sumision devida se sirva para su grandeza y real clemencia y christiandad de acordar se de estes servicios y trabajos, padecidos por su real servicio, y en respecto de ellos poner sus r.^s ojos en mis hijos y muger, y ampararlos y favorezerlos, porque sin la asistencia y amparo de S. M. quedan en estado de perecer totalmente, por faltar les toda su hacienda, y rentas que tenian en Portugal, y le estan confiscadas por el Rebelde.
31. Declaro que por quanto en el Cap. diez atras escrito digo por este testam.^{to} que tengo pagado la Dote de mi hixa D.^a Paula al Comv.^{to} de S.^{ta} Clara de Lisboa adonde esta monja si se hallare, que no esta satisfecha la dta Dote, se satisfaga de mi hacienda por que como no tengo los papeles de esto, no se lo que pasó en esta materia, y para mas seguridad hago esta Declaracion.
32. Si mis pecados no permitieren que à la hora de mi muerte estubiere Portugal recuperado, aconsejo à mis dos hijas Leonor y Maria Antonia, y las ruego mucho q.^e escojan desde luego una Religion, adonde se entren monjas que es lo mas seguro y cierto: Y si para esto no bastare lo q.^e las cupiere de sus lex.^{mas} respecto de la hacienda con que à la ora de mi muerte fuere hallado en Castilla: y aun que les baste, mando à Leonor quinientos duc.^{os} y à Maria Antonia, otros quinientos Ducados cada año: y por que tengo facultad de S. M. mientras no se restaure Portugal de nombrar en la Adm.^{on} de un juro de mill Ducados de renta en cada un año en al mojarifazgo maior de Sevilha en cabeza de Diego de Castro de Rio,

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- en mi hixo, ó hija ó qualquiera de ellos à mi eleccion: Declaro que los quinientos Ducados que aqui mando se den cada año à cada una de dhas mis hixas, sean y se entienda los mill ducados de renta del dho juro, y nombro en la dha Administracion à dhas mis hijas D.^a Leonor, y D.^a Maria Antt.^a Suarez.
33. Nombro tamvien en mi hijo Lucas Suarez todos los Patronazgos, y capellanias que yo poseya en Portugal, antes del Rebelion los que tubiere en Castilla, para que sigan la subcesion del dicho maiorazgo q.^o instituyo en el.
34. A Margarita Robala, que esta en mi casa y ha criado a mis hijos mando trescientos Ducados de plata.
35. A Chaterina de Silveira, mando doscientos Ducados de plata rogando le mucho que no se apartte de D.^a Antonia, ni de mis hijos
36. Mando mas à Thomasa moca, huertana que tengo en mi casa, cien ducados de plata para que dentro de um año se case en la villa de Aldea del fresno, adonde pareciere mas conveniente.
37. Fui testamentario de Miguel Suarez Pereyra, Agente que fuè de Roma, y del consejo de Portugal, y el S.^r D.ⁿ Luis de Melo, Dean de Braga, mi cuñado, y por mis muchas ocupaciones cometi esta testamentaria al dicho S.^r D.ⁿ Luis de Melo, y por que estoy en duda, si di à los herederos del dho Miguel Suarez, ó mande dar en Portugal alguna cantidad, respecto de dos escritorios, y algunos trastos que allí se vendieron, mando que restaurandose Portugal, si no se hallare claridad de esto se satisfaga à los dichos herederos, hasta cantidad de quinientos Ducados, que poco mas ó menos me parece ymportaria esto.
38. El Maestro de la Camara, Lope Pereyra (que Dios perdone) me dexo por su testamentario, y al Liz.^{do} Juan Suarez de Azevedo yo por mis ocupaciones suplique al dho Liz.^{do} Juan Suarez, tratase de esta materia, el lo hizo tamvien que dio cuenta de la maestria de la Camara del tpo de Lope Pereyra, y tomo por su cuenta eso poco si lo hay del dho Lope Pereyra, y a su verdad se deve de estar.
39. Declaro que si yo no estubiere en estado lo que puede subzeder que no haia hecho ó no pueda hazer algunas memorias que seran menester hazerse de cosas que se ofrezcan escritas de mi letra, y firmadas por mi, siendo hechas de la letra de Joachin Martinez que escrevio este testam.^{to} y firmadas de mi nombre, quiero que se les dè tan entero credito como si cada una de ellas estubiera expresada en este mismo testamento, como tambien à las que se hallaren hechas de mi letra y firma.
40. Mando à las mandas forzosas, ordenes Mendicantes, y Redempcion de Cap.^{os} à todas ellas cien rr.^s de vellon, con que las aparto del derecho que podian tener à mis vienes.
41. Y Cumpliendo este mi testamento en el remanente de mis vienes nombro e instituo por mis herederos à los dhos mis hijos, cada uno en su lexitima traiedo cada uno à collacion todo lo que de mi huviere recibido, y por qualquiera via deva conferirse conforme à derecho.
42. De pocos tiempos à esta parte me han sobrebenido muchos achaques, y por la asistencia que en ellos me haze mi hija D.^a Maria Antonia: La mando dos mill Duc.^{os} de plata ademas de su lex.^{ma} y que estos dos mill Ducados se saquen del tercio y quinto de mis vienes.
43. Item es Declaracion que siendo caso (lo que dios nño Señor no permita) que alguno delos subcesores, ó posehedores del maiorazgo que en este testam.^{to} fundo, cometa crimen de Lesa, Mag.^d divina, ó humana, ó otro alguno por el qual conforme à dño comun, y leies destos Reynos se incurra em pena de confiscacion de bienes: Es mi voluntad que el dicho subceisor ó posehedor, un dia antes de cometer el ttal delito quede incapaz de la dha subcesion y posesion, y

TESTAMENTO DE DIOGO SOARES

se buelva y transfiera ese mismo dia al siguiente subcesor leg.^{mo} conforme à la orden de los llamamientos que en la dha fundacion, y annexacion hago asi y dela manera como si el dho delinquente fuera muerto naturalm.^{te} y pasado de esta presente vida, por que mi intencion y voluntad es, que este mayorazgo y los vienes vinculados à el, no puedan pasar al fisco ni à otro ninguno subcesor estraño, sino solo à los que dejo llamados en su fundacion y anexacion.

44. Y Declaro mas por ultima mi voluntad que ni el subcesor ni poseedor de mi maiorazgo, ni los demas que en el le subcedieren puedan enagenar trocar ni vender ninguna propiedad que cupiere y tocara al dicho mayorazgo, asi las de juro y heredad como los vienes delas ordenes y corona de mds de S. M. y asi las propiedades que cupieren en este Maiorazgo, en Portugal como en Castilla pongo por obligacion precisa è indispensable que no se puedan vender, trocar, ni cambiar ni por qualquier otro modo enagenar, ni impetrar facultad de su Mag.^a para ello, aun que sea con titulo de mejora, por que en el caso que se llegase à impetrar, quiero y es mi voluntad que pase el maiorazgo al subcesor, en quanto à los vienes de Portugal sea a su eleccion como dicho es; y por que puede subceder que algunas de las propiedades, asi en Castilla como en Portugal, tengan censo perpetuo con lo que no se pueden vincular = Desde aora dejo vinculado al dto maiorazgo el spacio de ellas, para que siempre que se vendan, se deposite el dinero como esta dicho, y se emplie sin entrar en manos del poseedor del May.^o
45. Declaro quieto como en la parte que cupiere en mi tercio y quinto la posesion de las casas en que vivo en la calle de ortaleza, con jardines, acesorias, y todo lo demas que se hallare que posehò à la ora de mi muerte en la dicha casa, y acesorias para que quede vinculado al maiorazgo en la forma que le ynstitulo.
46. Declaro mas que quando case con D.^a Antonia de Melo, mi tercera muger, se declaro en la esc.^{ta} que hizimos de las Dotes, que yo haria Inventario de los vienes con que entraba en este matrimonio, y que seria creido por mi verdad, sin ser nezesario otra Justificacion: Hize de mi letra y firma el dho Inv.^{to} con la fha de veinte y quatro de Julho de mil y seiscientos y treinta y quatro, à que se dara todo credito.
47. Nombro por curador de mi hixo Lucas Suarez, y de mis hixas D.^a Leonor Suarez, y D.^a Maria Antonia Suarez, à D.^a Luis de Melo Dean de Braga mi cuñado; Y por tutores y curadores de mis hijos Antonio Suarez, Miguel Luis Suarez, Miguel Suarez de Vasconcelos, Juan Alvarez Suarez, y Pedro Suarez, à D.^a Antonia de Melo, mi muger no tomando otro estado, y al dho D.^o Luiz de Melo mi cuñado, el qual encargo mucho la higualdad con que deve tratar esta materia, sin respeto humano, por que àdemas de ser de conciencia, juzgo que le merezco todo quanto hiziere en ella, y que sea en tal forma y modo que camine sin los tropiezos que ordinariam.^{te} ay entre gente de poca hedad = Y por muerte de ambos ò qualquiera dellos, sup.^{co} à el S.^{or} Marques de Casttel Rodrigo, Gentil hombre de la Camara de S. M. y su Mayordomo mayor quiera azeptar la tutela y curaduria de dhos mis hijos, que no le nombro en primer lugar por los grandes negocios que cargan sobre S. E. à quien acudo solo en tiempo de la nezesidad: Y para facilitar esta mfd que supp.^{co} al S.^{or} Marques podra S. E. encomendar esto à su secretario, Thomè Lopez de Andrade de cuja prudencia fio que dispondra lo que S. E. le ordenare con grande rectitud y ynteligencia.
48. Y para cumplir este mi testam.^{to} nombro por mis testamentarios, y Albazeas al P. Ant.^o de la Serna de la Compañia de Jesus al qual pido y supp.^{co} me haga mfd. de azeptar este trabajo por consolarme, y nombro mas à mi muger, D.^a Antonia de Melo, y al S.^{or} D.^a Luis de Melo Dean de Braga mi cuñado, y al P. fr. Miguel Pacheco, Adm.^{or}

del osp.^l de S.ⁿ Antonio; y por que Manuel Ribero, cav.^{ro} del Habito de xp̄to. ha treinta y ocho años que conoze mi casa, y yo del mucha fidelidad y amor = Declaro que tamv.ⁿ asistta con mis testam.^{rios} para dar luz de los negocios; y que no se le pida quenta de m̄s ningunos que aia recibido mios, ò que me tocasen, por que me ha dado muy entera satisfacion, y quantas de todo; y por este testam.^{to} le doy carta de pago de qualesquier quanttas que tuvimos, aunque no se expresen en el, por que ni al dicho Manuel Ribero, ni à sus hijos ni subcesores, les pueda nadie pedir quanttas en tiempo alguno y à los dtos mis testam.^{rios} y Albaceas doy todo mi poder cumplido, para que executen y cumplan todo lo contenido en este testamento, con declaracion que si alguno, ò algunos faltaren por causa de muerte ausencia ò otro impedim.^{to} semejantte los demas han de poder cumplir, y executar este mi testam.^{to} ò lo que de el faltare por cumplir: y subcediendo que sobre algun punto, ò puntos tocantes à la execucion del dho testamento, ò parte del fueren los dhos testamentarios de diferentes votos, y pareceres, se guardara y executara aquillo en que concordase el P. Ant.^o de la Serna à q.ⁿ se dara quenta del caso.

49. En el Cap. tres de este testamento mando que se diga una misa quotidiana adonde estubiere Depositado mi Cuerpo mientras no se llebare à mi entierro de S.ⁿ Antonio de Serem, y que dha misa quotidiana la ha de mandar dezir el P. Ant.^o de la Serna: Declaro que dha misa quotidiana ha de resar restaurandose Portugal, y esto se entiende haviendo llebado mi cuerpo allà juntam.^{te} con el de D.^a Mariana Deca mi muger y el del obispo de Leyria, y el de mi hixa que como dho es estan depositados en la villa de Aldea de fresno, y se han de traer adonde el mio estubiere depositado y por muerte ò ausencia del dho P. Ant.^o de la Serna han, de hazer dezir mis testam.^{rios} dha misa quotidiana.

Y por esta manera doy por acabado este mi testam.^{to} y ultima voluntad que quiero que valega, como mejor pueda valer de dño: Y por el reboco qualquier otro testam.^{to} cobdicio y ultima voluntad que haia hecho, Madrid y Ag.^{to} à veinte y tres dias, del año de mill seis cientos y quarenta y nueve = Liz.^{do} D.ⁿ Bernardino de Cordova = Diego Suarez.

Aveiro, Março de 1952.

FRANCISCO FERREIRA NEVES

O CENTENÁRIO DO «CAMPEÃO DO VOUGA»

NOTAS DE RECORDAÇÃO DO PRIMEIRO JORNAL AVEIRENSE

NA história da imprensa periódica aveirense, sem dúvida das mais ricas e significativas das pequenas cidades nacionais — e bem digna de um estudo de conjunto ainda por efectuar — ocupa um lugar destacado o *Campeão das Províncias*, inicialmente chamado *Campeão do Vouga*, de cuja fundação passou agora o primeiro centenário. O papel preponderante que esse jornal desempenhou durante largas décadas da vida pública de Aveiro, quer no ponto de vista da doutrinação e acção política, quer na propaganda e defesa dos problemas regionais ou na divulgação dos seus motivos de prestígio e das suas glórias, na revelação dos seus valores intelectuais e espirituais ou nas iniciativas que tomou e preconizou, constituem motivo sobejo para que a data, embora por pena discreta, seja recordada e assinalada nesta oportunidade.

Por três quartos de século, através da vivacidade das pugnas partidárias e das aziumadas divergências entre os influentes locais e seus adeptos, perpassaram nas colunas do importante jornal os acontecimentos, as aspirações, os regosijos e os desaires, as simples anotações ou registos de factos ocasionais e rotineiros e, em todos os casos, uma constante afirmação de férvido aveirismo, um propósito e um sentimento permanentes de valorização do património moral e material da cidade e do seu alfoz.

Numa época em que a imprensa periódica constituía muito menos do que hoje um objectivo elemento de informação e bastante mais do que presentemente se apresentava como um intenso foco de controvérsias ideológicas ou pessoais, estimuladora e agitadora dos espíritos e das opiniões,

o *Campeão* foi, sem dúvida um repositório e um testemunho dos acontecimentos locais, mas teve ainda mais acentuada relevância como actor, figurante de primeira plana, directo e activo, na cena pública da cidade e do distrito.

Nasceu de gente nova, com os intemeratos entusiasmos e as ilusões generosas próprias da idade, eivada de novas ideias, vogando nas águas do romantismo e do liberalismo. O consulado cabralista findara e abriam-se novos horizontes aos moços irrequietos e inconformistas. De Avanca, onde dissentindo já das paternas predilecções absolutistas, exercera atinadamente as funções de regedor, Manuel Firmino de Almeida Maia, regressara à sua terra natal, cheio de confiança nas suas pujantes qualidades e decidido a patenteá-las e fazê-las vingar. Tivera já ocasião de medir, no escalão em que se marcava a envergadura dos dirigentes políticos, o vigor da sua vontade, a sua arte de manejar os homens indecisos e de contactar com os mais poderosos, os seus dotes de aliciação pessoal, a clareza do seu sagaz discernimento na apreciação dos negócios da administração. Sabia-se capaz; tomou consigo a deliberação e o íntimo compromisso de demonstrá-lo.

A imprensa, soltas as peias do malquistado cabralismo, era o campo propício para um jovem, compenetrado dos seus méritos, audaz e voluntarioso, provar e exercitar as faculdades iniludíveis que aguardavam o ensejo e o quadro de acção para se manifestarem e convencerem. O jornal seria o veículo das suas doutrinas, dos seus critérios de julgamento e conduta, do poder de irradiação da sua inteligência e da sua vontade, o instrumento de que se serviria para persuadir das suas verdades e refutar as contrárias, para levar o seu nome a um círculo cada vez mais largo de leitores, quiçá, de admiradores e correligionários, para lançar mais um avantajado passo na conquista da evidência, da popularidade e das posições de onde se comanda e onde se constrói.

Havia que lançar um jornal em Aveiro, apesar das enormes dificuldades que se antepunham à empresa. O país não contava, então, mais de uma vintena de folhas periódicas, editadas, apenas, em Lisboa, Porto e Coimbra, e em Aveiro, que é como quem diz, em todo o distrito, só até essa altura se publicara o *Boletim de Noticias*. Este, porém, surgiu, com um carácter muito especial, pela força das circunstâncias de ocasião, e desapareceu com elas, num curto trecho de tempo (1). Era, com efeito, aquilo que, com rigorosa pro-

(1) Publicou apenas uns quinze números, o primeiro dos quais em 11 de Outubro de 1846, e tinha como redactor o dr. José Pereira de Carvalho e Silva, ao tempo secretário geral do Governo Civil, interino.

priedade, se pode chamar um boletim, cingido a sucintas resenhas dos sucessos políticos e militares e aos comunicados e proclamações oficiais do primeiro magistrado do distrito, Custódio Rebelo de Carvalho, a cuja iniciativa se ficou devendo a publicação. Imprimia-se no prelo existente no Governo Civil, diàriamente, apenas numa página, para trazer o público ao corrente da marcha das forças «patuleias», e manter sem desalento o moral da população, exortando-a a conservar-se confiante no êxito das providências tomadas pelas autoridades, que representavam aquela corrente e procuravam sustê-la na governação do país contra o recente golpe de estado dos mesmos cabralistas que meses antes haviam apeado do poder. Não era pois um jornal no sentido que corrente e mais ajustadamente costumamos dar à palavra.

Manuel Firmino estava na plenitude dos seus vinte e sete anos, robustos e desembaraçados. Apoiado, se não instigado, pelo conselho acalentador da dedicada esposa — cultivada senhora que frequentava as musas com inspirada elevação — lança a ideia do jornal por meados de 1851. A primeira adesão à iniciativa, porventura a mais decisiva e valiosa, encontrou-a num adolescente que encetava os passos de uma carreira política de contínuos triunfos — o aluno de direito José Luciano de Castro Pereira Corte Real. Em casa do pai, o Morgado de Oliveirinha, tomara contacto com a prometedora precocidade do jovem estudante, colaborador já nesse tempo do *Observador*, de Coimbra, onde os seus dezassete anos não desluziam em confronto com os colaboradores consagrados, transmite-lhe o seu entusiasmo, conquista-o para o empreendimento, torna-o inseparável companheiro dos trabalhos preliminares para essa sedutora ousadia.

Em fins de Agosto distribui-se o prospecto anunciando a saída do *Campeão do Vouga* — Jornal literário e político — e indicando como redactores José Luciano, António Nogueira Valente e Bernardo Xavier de Magalhães — outro aveirense ilustre que deixou apreciadas produções poéticas. Contava este, na ocasião, vinte anos, e frequentava também o curso de direito que, por espírito aventureiro abandonou, tempos mais tarde, para ir tentar fortuna na Austrália.

O prospecto-circular é concebido nos seguintes termos, de empolada retórica (1):

«Um novo jornal vai aparecer neste canto de Portugal, um novo soldado vem tomar a cruz, e marchar

(1) *O Liberal do Mondego*, n.º 40, de 20-9-1851.

para a santa cruzada da emancipação do pensamento! Um novo operário vem cimentar com o seu sangue as colunas do grande edifício da civilização e da literatura.

Vai pois surgir em Aveiro, nessa pequena cidade levantada sobre as ruínas da antiga Talábriga, um jornal literário e político, uma atalaia do pensamento e do bem público. Não lhe pergunteis pelas cicatrizes que recebeu no campo de batalha, quando encarou o inimigo, não lhe peçaes que desenrole a vossos olhos o límpido manto das glórias passadas, não, porque nada disso tem *O Campeão do Vouga*; é um gladiador que vem ao anfiteatro recrear o povo, é um atleta, que, mirando-se na doce corrente do Vouga, e nascido ao brando sussurro das suas cristalinas águas, vem enristar a lança, e defender passo a passo as suas encantadoras margens.

O Campeão do Vouga será um jornal literário em cujas colunas terão um honroso lugar a *história, biografia, descrições, a poesia, a tradução de alguns trechos mais importantes*, etc. Como jornal político apresentará em folhetins, para isso destinados, a crítica dos defeitos e ilegalidades praticadas em qualquer das terras do distrito, e que cheguem ao nosso conhecimento, publicará correspondências, etc. Com relação à política geral buscaremos e preconizaremos o melhor onde o encontrarmos, estigmatizando os erros seja qual for a parcialidade de onde partam, indicando convenientemente o caminho a seguir.

A nossa divisa, o nosso timbre será — O Amor da Pátria, a que morreremos abraçados.

Conhecemos a arduidade da matéria, mas não trepidamos, não recuamos ante ela. Oxalá que uma estrela propícia nos sirva de farol, na alpestre vereda por onde caminhamos.

Para realizar esta empresa imploramos o auxílio de toda a imprensa, especialmente literária, e de todos os nossos conterrâneos.

— Publica-se uma vez por semana. Assina-se em Aveiro, no Escritório da Redacção. Preço da assinatura: Por ano, 2.000 reis; por semestre, 1.100 reis; por trimestre, 550 reis.»

A iniciativa tinha sido trazida ao conhecimento público e agora seria desprimoroso, se não impossível para o brio dos pundonorosos promotores da empresa, anunciá-la e não a efectivar. Todavia, por cada dificuldade vencida, surgia novo obstáculo a galgar. Adquirida uma larga parcela do material pertencente à modesta tipografia de Joaquim Maria Plácido — única que existia além da do Governo Civil —

recorrera-se à habilidade do ensamblador José Pereira para executar um imprescindível prelo de madeira. Escasseavam, porém, os profissionais gráficos para trabalho de tamanha monta e responsabilidade; faltavam os recursos financeiros para lançar a publicação e sustentá-la com normalidade; possivelmente o público olhava a iniciativa — talvez não constituísse maior aventura lançar hoje em Aveiro um diário — com incredulidade; e os próprios colaboradores eventuais hesitavam, porventura, em tomar compromissos de alimentar a glotonaria da folha, sempre ávida de frescos linguagos de prosa, com produção regular ou, ao menos, assídua.



Manuel Firmino de Almeida Maia

Mas não estava na índole perseverante de Manuel Firmino desistir a meia encosta, nem José Luciano o deixara desacompanhado a enfrentar os contratemplos e embaraços, as atitudes negativas dos cépticos, as emulações daqueles que tomam como uma usurpação o realizar de uma ideia que o seu arguto engenho poderia ter concebido mais perfeita e mais pronta... mas lhes não ocorreu em tempo oportuno. Conseguiram tipógrafos, embora em condições precárias, ganharam a confiança dos irresolutos e dos menos crédulos e, graças à generosidade afectuosa da mãe do segundo, desvanecida com os sucessivos êxitos do filho, em que se revia orgulhosa e com a possibilidade de abrir-lhe nova senda aos caminhos, da glória que lhe ambicionava, também foi solu-

ccionada a questão económica. A bondosa senhora cedeu, para as despesas iniciais do jornal, um valioso cordão de ouro, pelo qual um capitalista adiantou as precisas e suficientes quinze moedas.

O *Campeão do Vouga* veio, assim, a publicar o primeiro número em 14 de Fevereiro de 1852 — completou-se agora um século —, subintitulando-se de «Jornal político, literário e comercial». A política e a literatura, ao concretizar-se a iniciativa, trocaram a ordem, dando primazia à primeira, a qual, aliás, seria pelo tempo adiante a razão dominante do periódico, e alargou-se ao âmbito das actividades mercantes. Não correspondem também os nomes que figuram na cabeça com os do prospecto anunciador. Procurara-se, entretanto, para o cargo de redactor principal um nome mais decisivamente conceituado, com maior prestígio literário e político, mais seguro garante do nível e dos propósitos que animavam a folha. Encontrava-se em Aveiro, afastado das suas funções de delegado do Procurador Régio, o dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, filho do principal maquinador e orientador do movimento liberal de 16 de Maio de 1828, o íntegro e denodado conselheiro Joaquim José de Queirós e Almeida, que deixara veneranda memória entre os seus conterrâneos. Era ainda novo, se bem que passante já dos trinta anos, dera iniludíveis provas na política da sua fidelidade aos princípios que animariam o jornal, e grangeara uma lisonjeira reputação entre os românticos cultores das letras dos seus tempos de Coimbra. O seu poema *Castelo do Lago*, considerado «de extenso fôlego scoteano», na apreciação de CAMILO, obtivera uma auspiciosa acolhida e constituiu o digno coroamento «dos versos irisados e subjectivamente petrarquistas», publicados enquanto académico coimbrão na *Crónica Literária da Nova Academia Dramática*, — onde igualmente fizera sair alguns artigos com os seus conceitos sobre o teatro e a novela histórica *O Mosteiro de Santa Maria de Tamarães* — e no *Ramalhete*. Personalidade já acreditada, o dr. TEIXEIRA DE QUEIRÓS — progenitor do grande EÇA DE QUEIRÓS que, por essa ocasião, vivia pelos lados de Aveiro com a família paterna e, naturalmente, com o próprio pai — foi o escolhido para a direcção política do jornal.

Como editor figurava o bacharel João Gonçalves Meireles Monteiro, muito conhecido no meio aveirense e, finalmente, o lugar de administrador pertencia a Manuel Firmino. Ficava ao leme da barca que gisara e lançara nas águas tumultuosas e incertas da publicidade, enfrentando as borrascas e os baldões e conduzindo-a com pulso vigoroso e seguro para os destinos que antevia dilatados.

José Luciano e Bernardo de Magalhães não apareciam como redactores effectivos ou responsáveis da publicação, mas

conservavam-se fiéis à sua sorte. Seriam colaboradores permanentes, ou quase, assinariam as suas produções, mas, talvez em consideração da idade e da inexperiência, deixavam os lugares de comando aos companheiros mais idosos.

O jornal foi impresso na Tipografia de Manuel Firmino de Almeida Maia, na rua Larga (hoje rua de José Estêvão), n.º 16, e tinha a redacção na rua dos Ferradores (actual rua de Domingos Carrancho), n.º 3 (1).

Os preços da assinatura são mais elevados do que os mencionados no prospecto atrás transcrito: por ano, 3\$000 reis; por semestre, 1\$500 reis; e por trimestre, \$750 reis (2). Não houve, porém, propriamente um encarecimento. Ao contrário, cada número tornou-se mais barato, pois em lugar de publicar-se uma vez por semana, como era a intenção inicial, saiu como bi-semanário, com uma edição aos domingos e outra às quintas-feiras.

Estranhar-se-á, acaso, que em meados do século passado se sustentasse um bi-semanário em Aveiro, quando os jornais de hoje fazem uma só tiragem semanal. Considere-se, porém que os diários chegam poucas horas depois de publicados no Porto e em Lisboa e satisfazem, assim, rapidamente, a curiosidade dos leitores com o relato dos acontecimentos nacionais e estrangeiros.

Mas vejamos, resumidamente, do que constava o primeiro número de *O Campeão do Vouga*. O artigo político de apresentação, que seguia a uma nota justificativa da demora involuntária do aparecimento do jornal e oferecia as suas colunas «a todas as capacidades do distrito que queiram concorrer conosco para o fim útil, e exclusivíssimo do jornal — o bem público —, na acepção mais lata da palavra», era com as maiores probabilidades, da lavra do redactor principal, a quem competia traçar a orientação ideológica.

Substituindo alguns termos e mudando de pontos de vista doutrinaários, sem relutância de maior o superioríamos actual: «Estamos entrados no ano de 1852, em que vão talvez decidir-se os destinos da Europa, e escrever-se o Evangelho político, pelo qual há-de definitivamente ser governada. Está eminente uma luta de morte entre a reacção e a revolução liberal». (Ponhamos o oriente e a civilização ocidental, e parece da agora). «A força está armada contra as ideias,

(1) Em 1853 transferiu-se para a rua do Alfena (actualmente chamada rua do Tenente Resende), n.º 18, e no ano seguinte estabeleceu-se no largo da Vera-Cruz (agora denominado largo de Maia Magalhães), no prosseguimento da que ainda hoje se chama rua do «Campeão das Províncias». Na última fase teve a tipografia e a redacção na rua de Agostinho Pinheiro.

(2) O número avulso custava 40 reis e os anúncios tinham a seguinte tabela: por linha, 40 reis; sendo repetidos, 20 reis; e para os srs. assinantes, metade.

o braço contra a inteligência, a escravidão contra a nacionalidade». E, logo acrescenta: «É por isso que neste ano todas as forças da inteligência devem convergir ao ponto onde as chama o estandarte da regeneração europeia». Não falaria outra linguagem, neste ensejo em que se pretende congregiar as nações ocidentais numa frente comum, qualquer «leader» das assembleias internacionais.

A posição que tomava, porém, era no campo das ideias liberais que «caminhavam ao passo que a ilustração ia chegando a todas as classes, e que a razão e a inteligência do povo se desenvolve e engrandece». Vincava resolutamente essa posição: «Pertencemos ao grande partido liberal. Temos uma crença firme no progresso do espírito humano; e é dela que esperamos a aurora da redenção». O estilo é romântico, certas palavras puíram-se com o abuso, mas ressumam nos ecos vagos, a nobreza e generosidade de intenções. Aliás, não desprendiam os pés do solo, nem, ponderadamente, desprezavam as lições dos factos. «É necessário — concluia o artigo — que sejamos revolucionários, mas nas ideias, e não nas praças. Têm-nos alcunhado de anarquistas e demagogos; talvez porque não sabem apreciar a sensatez do nosso juízo, a elevação das nossas ideias, a prudência das nossas aspirações; talvez porque querem indispor-nos com a nação, e com a Europa. (Aqui se referia, é evidente, a todos os adeptos dos mesmos princípios e não ao jornal. Indispor este com o país seria já excessiva presunção; mas com toda a Europa ultrapassaria as raias do bom senso). Ou é um erro ou uma deslealdade. Não renegamos as nossas crenças, nem encobrimos as cores da nossa bandeira: mas temos bastante prudência para não comprometer o futuro com as nossas leviandades. O convénio de Gramido deixou-nos amargas recordações. Somos altamente revolucionários nas reformas internas do país. Deem-nos um governo que atenda às necessidades públicas, que promova o crédito, a viação, a educação popular, a organização do trabalho, e todas as mais reformas económicas e administrativas de que o país carece, e seremos eminentemente conservadores». (E quem o não seria, obtidas todas as reformas necessárias?).

O número propunha-se, naturalmente, dar a conhecer o que seria o jornal no futuro: «*O Campeão do Vouga* — lia-se já na página imediata — é um periódico de verdade, de justiça, de tolerância e de independência. Havemos de apresentar os actos da administração pública à sua verdadeira luz, apreciá-los sem ódio, nem afeição de partido». Não apoiaria o ministério em todos os actos governativos, só por afeição aos membros que o compunham, nem o combateria acintosa e apaixonadamente só porque não pertencesse à mesma facção política, e apontaria os erros para deles se tirar

lição em empreendimentos futuros. «Mas havemos de julgar os actos, e não os homens. E, se porventura uns e outros estiverem de tal modo identificados que na apreciação daquelles possamos ferir algumas susceptibilidades, desde já declaramos sinceramente que nos leva a isso a suprema lei da utilidade pública, que, para nós, é omnipotente, e superior a todas as considerações pessoais».

Entra depois, numa local solta, a ventilar um momentoso assunto de interesse local. Contra o distrito de Aveiro esboçava-se uma ameaça de supressão, dado que o governo estava autorizado a reduzir a doze as existentes no continente. Mas, sentenciava o comentador, «reformatar não é destruir». «É fácil compreender a dificuldade de assentar em outro distrito — adiantava — as molas em que, no de Aveiro, roda a gerência administrativa: e quando se trate de as assentar é que hão-de sobrevir os grandes obstáculos, e o resultado há-de ser uma negação absoluta das inculcadas conveniências». Oitenta anos mais tarde haveriam de utilizar-se idênticos e não menos judiciosos argumentos, embora com menor felicidade de êxito, quando da extinção da Junta Geral do Distrito.

No «Folhetim» poético, o nonagenário FRANCISCO JOAQUIM BINGRE, o venerando e desafortunado «Cisne do Vouga» — «Francélio Vouguense», da Nova Arcádia (1) —, «baldo a forças viris, caduco e anoso», com seus dedos trêmulos e anquilosados, extrai da velha lira um soneto de louvor ao

«Corajoso Campeão do Vouga amigo,
De uma heróica cruzada liberal:
Que as nuvens desfazer de Portugal
Pretendes imitando o Hispano Brigol...»

Bernardo de Magalhães, que dera o seu apoio nos trabalhos preliminares da fundação do periódico, está presente no mesmo rodapé. Colabora com o poema em verso solto «Invocação», hino que o «bardo novel» ergue à terra natal — «e ai do descrente que diz: é minha pátria o globo inteiro!» —, canto de saudação e louvor que remata em tom de comovida endecha:

«Quero em prêmio que a terra do meu berço
Me cerre os olhos, quero que o viandante,
Quando passar nos devolvendos séculos,
Leia no meu sepulcro: aqui descança,
Abraçado c'o a mãe, um dos seus filhos.»

(1) Vid. ÁLVARO FERNANDES, *Francisco Joaquim Bingre*, in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. v, págs. 187 e 289; e Dr. JOSÉ TAVARES, *Um inédito do poeta F. J. Bingre*, vol. XIV, pág. 65 também do *Arquivo*.

E os seus ardentes desejos da mocidade, apesar das aventuras viagens — que se admite haverem origem em desenganos amorosos —, e de três penosos anos na longínqua Austrália, onde não encontrou os lendários filões de ouro, vieram a cumprir-se — a terra que lhe fora berço serviu-lhe também de sepultura ⁽¹⁾.

José Luciano, o mais pronto e prestimoso companheiro do fundador, não podia faltar. Subscrive uma «Introdução literária» e aí proclama convictamente: «O espírito é o rei do futuro, livre e independente levanta a bandeira da ressurreição social, desdenha a ignorância e a superstição sentado no seu trono de diamantes». Enfeita o estilo com todas as riquezas de expressão de que dispõe, defende com ardor a liberdade do pensamento, num ou outro passo lança afirmações de nítida heterodoxia católica, para terminar: «Fortalecidos com a fé em Deus e no progresso social, e submissos nesse campo glorioso, em que inteligências mais fortes já se têm estreado — nós vimos, com a mão no coração escrever algumas páginas de instrução para esse povo que desfalece à míngua — e que marcha com os olhos vendados pela nebrina da ignorância, no caminho das gerações. Se nos enganarmos, oxalá que Deus e o futuro nos perdoem!» Falava a sinceridade, muito longe ainda das responsabilidades do poder e das contingências da acção. Talvez se enganasse nalgum ponto enunciado, por falta de experiência e de conhecimento das realidades; como, porventura, se afastaria das suas próprias verdades, ao sacrificar alguma vez, ante os casos concretos e constrangentes, os puros princípios e os valores do espírito. O misericordioso Deus, decerto, lhe perdoou as ilusões e os deslises, e o futuro, que já somos os de agora, propende mais a julgar pelas qualidades positivas do que pelas transigências aos ideais.

Um último artigo doutrinário — «O Jornal e o distrito» — vem assinado por Francisco Maria de Sousa Brandão ⁽²⁾, que haveria de distinguir-se como propulsor de organizações proletárias e na fundação do Partido Republicano Português, de cujo directório fez parte em algumas ocasiões. É um elogio ditirâmico da imprensa pois «tem formado uma ciência pública que, pela sua força e extensão tem exaurtorado as ciências antigas das universidades, e democratizado

(1) Dr. JOSÉ TAVARES, *Aventuras de um aveirense ilustre*, in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. xv, pág. 227. Publicou no *Campeão* diversas poesias, algumas das quais muito apreciadas e conhecidas. N. em 23-10-1830; m. em 14-4-1882.

(2) Nasceu em Mosteirô, concelho da Feira, em 11-3-1818, e morreu quase octogenário, no posto de general de brigada. Foi engenheiro distinto, tendo frequentado o curso de pontes e calçadas em Paris, onde, em 1848, assistiu à proclamação da República.

as suas doutrinas mais elevadas». Aponta com clarividência incontestável a influente acção do jornal na ilustração das diversas classes de leitores, quer expondo as conquistas da ciência ou o decorrer dos factos, pretéritos e presentes, «à lareira do lavrador, na tenda do vendilhão, na loja do operário, como na banca do advogado e no bufete do ministro do Estado», quer no despertar e incentivar as correntes de opinião: «Quando às nossas mãos chegavam as folhas em que liamos as revoluções de um país vizinho, era como se tocássemos o excitador eléctrico, que nos comunicava o mesmo estremecimento que eles sentiam». E no calor dos encómios, esse homem que manteve sempre acesa a chama das suas convicções, vai aos exageros retóricos, para exaltar o seu ideal, escolhendo uma imagem que não pode deixar de provocar, ao menos, um sorriso indulgente: «A democracia vive nos tipos, tem um corpo de chumbo e zinco».

As restantes colunas do jornal eram preenchidas com uma correspondência de Ílhavo, notícias, uma tabela dos preços de alguns géneros (500 reis, o alqueire do trigo; 360, o do milho branco; 450, em média, o do feijão) e uma nota do movimento do porto de Aveiro.

O *Campeão do Vouga*, como o nome aliás inculcava, vinha com seus assomos de ardoroso defensor de um ideal e de uma região, e vinha para prosseguir intrepidamente a sua missão orientadora e informativa. Mas a tarefa era espinhosa e os escolhos do caminho não haviam sido de todo aplanados, e as contingências da vida ora fixam os homens numa terra, ora os obrigam a deslocar-se, unem-nos ou separam-nos, no espaço e nos laços do affecto.

Logo a 17 de Abril, apenas decorridos dois meses sobre a saída do periódico, o dr. TEIXEIRA DE QUEIRÓS abandona o seu lugar de redactor principal. Ia regressar às suas funções oficiais e residir no Porto. «Assim, não posso continuar na redacção do *Campeão do Vouga*; pois entendo que não se pode redigir bem um jornal, a não ser na própria terra em que se publica». Deixava, «muito a seu pesar», a redacção do jornal e deseja-lhe longa e próspera duração. As convicções era firmemente as mesmas: «Os meus princípios políticos não mudaram. Posso dizer afoutamente que não mudarão; porque são filhos de uma convicção profunda, e da experiência que tenho dos homens e das causas. Apesar dos meus poucos anos, politicamente tenho vivido muito. Assim vai caminhando este nosso século; que hoje, em política, vive-se mais em um dia que os nossos antepassados viveram em muitos anos» (1).

(1) Admite-se que, tendo evolucionado para a forma republicana do poder, o seu nome chegasse a ser designado para ministro da Justiça do

No ano imediato voltou a Aveiro, para aqui exercer durante algum tempo o seu cargo de delegado do Ministério público, mas, porque a natureza do lugar não lho permitia, não só permaneceu afastado do posto que ocupara no jornal como se julgou inibido de lhe prestar qualquer colaboração de relevo.

A direcção política do periódico foi assumida — iamoz dizer naturalmente — por José Luciano de Castro, que não se conservará na efectividade do lugar por mais de dois meses (19 de Abril a 21 de Junho). O jornal estava no início, desejava singrar e criar raízes, necessitava de usar, para esse fim, de uma cauta moderação, de captar e não desagradar. O jovem estudante, nos seus arrebatamentos moços estaria de algum modo a comprometer-lhe o futuro: — «os meus artigos eram sujeitos à censura de pessoas que estavam bem longe de o poderem fazer». «Via-se obrigado a quebrar a pena de escritor severo e independente e a mergulhá-la na urna da lisonja». Queria antes desagradar do que degradá-la e, assim, despedia-se, aproveitando uma suspensão do jornal, a que adiante nos referiremos, com as susceptibilidades magoadas, mas «fazendo votos pela duração do *Campeão do Vouga*, cuja existência, se receber alguma animação, pode ainda ser de alguma utilidade para a terra que o viu nascer».

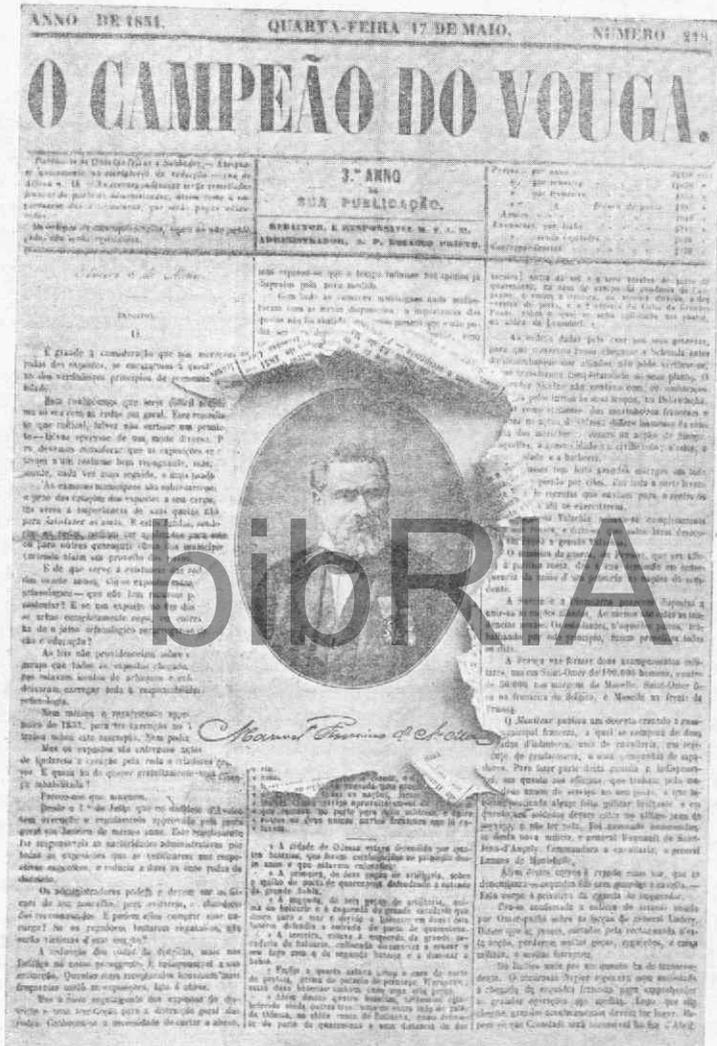
Com alternativas várias mudaria, no decorrer do tempo a disposição do jornal em relação a José Luciano, com quem sustentou em certo período uma luta extremamente agreste, através de uma campanha de descomedida violência, cujos ecos se ouviram no parlamento, mas que noutras circunstâncias lhe mereceu as referências mais elogiosas.

A causa do afastamento do jovem e imaleável redactor político parece devida mais a intervenções estranhas do que propriamente a desinteligências com Manuel Firmino, ou qualquer dos companheiros do jornal. Este ver-se-ia forçado a transigir perante as necessidades, para não ver malograda a obra a que se devotara com tanto empenho, mas acabou também reagindo contra as pressões que se vinham exercendo. Um suplemento ao n.º 37, de 22 de Junho, annunciava a suspensão a que atrás aludimos, e justificava-a: «Os compositores do jornal eram, até agora, cumulativamente empregados do governo civil; já se vê por esta circunstância

Governo Provisório da República, se porventura vingasse a revolução planeada pelo directório do Partido Republicano e a que o 31 de Janeiro tirou todas as viabilidades de preparação e êxito. *Homem Cristo*, que era figura dominante no directório, nunca das diversas vezes que me falou do dr. Teixeira de Queirós, aludiu a essa hipótese. Simples acaso? Ou ignoraria os propósitos dos seus colegas do directório?

O CENTENÁRIO DO «CAMPEÃO DO VOUGA»

que nem o jornal podia ser imparcial, como há-de ser infalivelmente; nem ser publicado com a regularidade necessária,



O n.º 218, de 17 de Maio de 1854, do Campeão do Vouga tendo, ao centro, o retrato do seu fundador e director

visto que aqueles empregados têm no governo civil obrigações diárias a que satisfazer».

Passou a exercer a direcção política do jornal José Maria de Sousa Lobo, que ano e meio antes ocupara o cargo de

governador civil do distrito. Mas já Manuel Firmino, sempre zeloso a velar pelo êxito e pelo futuro do que era fundamentalmente obra sua e em cuja redacção colaborara permanentemente, tomara o comando da tática política a adoptar e na orientação geral a ministrar-lhe.

Em consequência de uma campanha implacável contra o governador civil da altura, Antero Albano da Silveira Pinto, o *Campeão* (já antes, de 9 a 23 de Agosto, forçado a crismar-se com o nome de *Aveirense*, em consequência de Mendes Leite, que dera origem à acerada polémica haver, entretanto, transigido e deixado de ser o fiador do jornal, que persistia na sua attitude) sofreu uma suspensão por sentença judicial, acerbamente criticada por diversos órgãos da imprensa. O jornal passara a hostilizar o governo que sustentava o malquisto governador civil e veio a sofrer as consequências da sua intransigência.

O cargo de redactor político passara então a ser exercido por José Eduardo de Almeida Vilhena, que seria o articulista mais fecundo e representativo do bi-semanário, prestando-lhe apreciáveis serviços durante dezenas de anos e deixando nas suas colunas centenas de artigos, nos quais revelou qualidades de verdadeiro jornalista, e numerosas produções poéticas. Todavia, desde Março de 1853, na cabeça do jornal figurava apenas um nome, o de Manuel Firmino de Almeida Maia, na tripla qualidade de proprietário, redactor e responsável. Dera, pouco antes, publicidade à seguinte declaração: «Dispensamo-nos de hoje para o futuro de assinar os nossos artigos. Gerente único, proprietário exclusivo deste jornal, queremos e devemos tomar sobre nós toda a responsabilidade da sua doutrina. Ninguém mais, por conseguinte, a partilhará — caber-nos-á toda. M. F. A. Maia».

O *Campeão*, em boa verdade, não era só sua propriedade, mas construção sua, desde os alicerces levantada pelo seu esforço infatigável e pela sua vontade. Deixava de ser partilhado por outras inteligências, ganhava unidade e tomava a feição definitiva. Era e permaneceria a tribuna de Manuel Firmino, o seu potente porta-voz, o instrumento que, principalmente, utilizaria para tentar e alcançar a sua ascensão contínua na vida social e pública — mais propriamente o seu órgão pessoal do que um jornal partidário. Alargava-se cada vez mais o círculo de influência do já radicado periódico, tornava-se maior a audiência das opiniões que expendia e, por conseguinte, mais saliente o prestígio do seu director. A defesa dos problemas locais e dos mais honrosos títulos da cidade atraindo-lhe simpatias entre os conterrâneos; a posição que toma na política do distrito eleva-o no conceito das populações dos vários concelhos; a crítica e a intervenção no mais largo âmbito dos assuntos de importância nacional

revelam-no como um valor útil aos mentores da governação. Em 1860, a sua primeira eleição para presidente do município aveirense, onde tão prestimosos serviços iria prestar à sua terra natal, acontece como um facto natural e lógico, numa evidente relação de causa e efeito.

Subira o primeiro degrau como regedor de Avanca, vencera um segundo, que lhe trouxera os galões de tenente-ajudante do batalhão nacional de Estarreja, nas lutas contra o cabralismo. Avançava outro, mais sobranceiro e dificultoso de atingir, assumindo durante quatro biénios consecutivos a gerência da Câmara Municipal da sua terra e iniciando um dos surtos de progresso da vida de Aveiro. Hábil, sabia ladear os obstáculos; inteligente, tinha a visão dos problemas e propunha-lhe as soluções convenientes; contumaz, sabia perseverar nas suas resoluções. E era lhano e afável, dispunha da capacidade de querer, e saber querer, e de incansável energia. Capaz de sacrificar os seus próprios interesses em favor dos que necessitavam dos seus officios, não regateava a sua influência, o seu empenho e até a sua bolsa, como não fugia à luta se as circunstâncias o obrigavam a degladiar com os antagonistas de ocasião, nem se confinava à rotina, mesmo quando parecesse demais ousado. Tinha o vício inveterado e a virtude da política, amigos lealíssimos e irreconciliáveis inimigos, como é condição dos que sobressaem da mediania estéril e se votam à acção. Ao lado de serviços prestantemente benéficos, cometeu erros, e a par com as críticas pertinentes foi alvo de ataques sem justo fundamento. Mostrou, decerto, fraquezas, mas foi essencialmente uma personalidade forte, diligente, operosa e profícua. Teve, sem dúvida defeitos, mas talvez os defeitos necessários para demonstrar as suas qualidades e torná-las benfazejas. Era bondoso e prestável, soube pelo seu espírito empreendedor grangear fortuna e morreu pobre. Alguém que o conheceu e sabia avaliar, e não mostrava inteira concordância com a sua acção administrativa, um dos homens de mais equilibrado e lúcido juízo crítico que até hoje conhecemos, admirámos e estimámos — o aveirense por muitos títulos ilustre que foi o saudoso Comandante Rocha e Cunha —, referiu-nos um dia um episódio que bem o demonstra. Um marnoto ou pescador da Beira-Mar, ao entrar pela primeira vez em casa de Manuel Firmino, por ocasião do seu funeral, mirando o recheio da residência do patricio eminente, fizera este significante comentário: — «Muito rico seria o sr. conselheiro Manuel Firmino se não devesse quase tudo quanto tinha!». Na espontânea sinceridade de um homem rude, brotava o reconhecimento de que, dispondo não só do mando, mas da prosperidade material, não guardara para si só os meios de fortuna que lograra. Esquecia-se, em muitas oca-

siões, de si e dos seus, para acudir a precisões alheias. Os adversários apelidaram-no com irónicos intuitos, de «pai dos pobres», mas, diria o dr. Joaquim de Melo Freitas, junto ao seu ataúde, «mal pensavam que lhe faziam dest'arte o melhor dos elogios».

Esse conjunto de qualidades e defeitos, em que as virtudes a estes sobrelevavam largamente, como é óbvio, abriu-lhe um caminho de sucessivos e sólidos triunfos, em escala sempre ascendente. Da presidência do município onde mais tarde voltaria, foi subindo de cada vez a posição de maior destaque: deputado por Águeda, em 1861, e por Aveiro, em 1865 e noutras legislaturas; governador civil de Aveiro, em 1886-1890; carta de conselho em 1897; par do reino, em 1890. Iniciara a carreira pública, modesta e confiadamente, como mero regedor de Avanca, esse «self-mademan» que acabou ostentando os arminhos do pariato.

Estas notas não pretendem, porém, traçar uma biografia, mas comemorar a data da primeira publicação de um jornal, embora este em grande medida se identifique com a acção do seu fundador, e se entrelacem e confundam as histórias de ambos, em muitos passos. Reatemos, pois, a evocação do importante periódico aveirense.

Em 12 de Novembro de 1859 *O Campeão do Vouga* mudou o título para *Campeão das Províncias*. Não era de qualquer modo um jornal novo — «não é um novo atleta da publicidade», dizia ele ao adoptar a segunda designação — era o mesmo denodado bi-semanário, ao atingir uma expansão que excedia as regiões compreendidas no «pátrio Vouga». — «Esta substituição não personifica vontade individual. É o reflexo da aceitação que esta folha tem grangeado dentro e fora do país.» Quanto ao mais, não havia qualquer mudança: o seu orientador era Manuel Firmino, ele continuava a conduzi-lo e inspirá-lo consoante se lhe afigurava mais conveniente. Em política manteve-se inteiramente como dantes: «*O Campeão das Províncias* nem é opposição nem governamental. Representa uma ideia; e afervora o empenho de ser útil ao país, sem se prender com o modo de pensar dos ministros uma vez que os seus actos sejam proveitosos à causa pública». A própria numeração seguiu a do *Campeão do Vouga* e o aniversário do jornal foi sempre assinalado em 14 de Fevereiro e não a 12 de Novembro.

Em princípios de 1866, manifestando-se o periódico em aberta hostilidade ao chefe do distrito e ao governo, Almeida Vilhena, na melindrosa situação de empregado do governo civil, e não concordando os seus companheiros da imprensa que apresentasse a sua exoneração de funcionário público, afastou-se do lugar de redactor principal. Substituiu-o o ilhavense Manuel Tomás de Mendonça, articulista de com-

bate, vigoroso e agressivo que sustentara já algumas das mais ásperas campanhas do jornal, e permanece naquele cargo pouco mais de um ano, por não concordar com o tom de moderação adoptado na análise das medidas governativas. Surgiu, então no cabeçalho o nome de António Augusto de Sousa Maia, que começara tipógrafo, fora revisor, e agora, figurando como editor responsável, participava também na redacção. Mais tarde ligaria o seu nome como director e proprietário a *O Distrito de Aveiro* — um dos vários jornais fundados por José Estêvão — e mantê-lo-ia algumas dezenas de anos.

O reputado jornal aveirense foi singrando, ano após ano, creando e engrossando a corrente dos adeptos, rumando conforme as inclinações do seu pilar e mentor, ora pró ora contra os ventos dominantes. Em Outubro de 1872, toma uma iniciativa que não pode deixar de considerar-se audaciosa, lançando uma edição quinzenal para o Brasil — onde, aliás, já possuía numerosos assinantes — que sustentou durante cinco anos. O propósito da edição consistia em levar «ao império do Brasil, duas vezes em cada mês, as notícias mais importantes de Portugal e da Europa, concorrendo quanto pudesse para estreitar cada vez mais os laços que prendem os dois continentes». E não seria vão o contributo dado para esse estreitamento por uma publicação que perdurou todo um lustro, e, sendo singular na época, revelava notável rasgo e visão.

Mas importa, sobretudo, o *Campeão* destinado a Aveiro e ao país. Esse prosseguiu até finais do primeiro quartel deste século, chegando a vangloriar-se de ser o decano dos jornais metropolitanos, do mesmo modo que em dado período se apresentou como o de maior formato. E continuou sendo bem redigido, lido com interesse por um considerável número de leitores, a ter influência pública, ligado aos seus, mas indesmentivelmente dedicado aos interesses locais e nacionais, e estimado como órgão informativo, de noticiário variado e abundante.

Por morte de Manuel Firmino, em 30 de Julho de 1897, seu filho Firmino de Vilhena de Almeida Maia ocupava a direcção do jornal que, tendo militado por muitos anos no partido progressista, veio a evolucionar no sentido da política republicana e a alinhar nas fileiras «democráticas». O novo director, formado na escola de seu pai, mas menos propenso à acção, mantém o jornal num elevado nível, a par dos mais conceituados da província, com boa colaboração e uma ampla secção noticiosa da cidade e do distrito, que lhe infundem real interesse, ainda que já entrasse em declínio de influência.

Firmino de Vilhena, além de inúmeros artigos e locais que, quase sempre anónimos, deixou no bi-semanário — por fim apenas hebdomadário —, escreveu e publicou numerosas e apreciáveis produções poéticas e algumas obras teatrais, interessantes e bem tecidas, representadas com muito agrado, por amadores aveirenses. Entre os seus trabalhos literários, citaremos: *Crianças*, poemeto a propósito das inundações da Andaluzia, 1885; *Hespanholas*, versos, 1885; *Sombrios*, versos, 1886; *O Beijo*, 1886; *Perdão*, drama em 3 actos, de colaboração com J. CUNHA E COSTA, 1886; *Ao desamparo*, poesia, 1892; *Na mi-carême*, versos, 1893; *Noivos*, comédia em verso, 1894; *A Fábria em Aveiro*, comédia em 3 actos, 1901; *Renova do Catimbau*, 1 acto, 1904; *Fraquezas do nosso próximo*, 1 acto em verso, 1906; *Lutas de gigantes*, quadras, 1907; *Na festa da bandeira*, poema, 1910; *Amores no Campo*, opereta de costumes, 1910; *Mulheres da Cruz Vermelha*, apropósito representativo, 1919; e *Estio festivo*, auto dramático em verso, 1922.

O último período do *Campeão*, contado a partir do falecimento de Firmino de Vilhena, a 5 de Outubro de 1922 ⁽¹⁾, é a fase fugaz da direcção do dr. Manuel de Vilhena e não ultrapassa o ano seguinte. Dificuldades ocasionais não permitiram conservar aquela honrosa herança do avô e do pai ao derradeiro director, aliás dotado de invejáveis qualidades literárias ⁽²⁾ e que, apesar de mais inclinado a outras actividades intellectuais, imprimira ainda ao jornal uma feição mais moderna, e aparentemente de bons auspícios. Quebrado o impulso provindo do seu animoso iniciador, mudadas as circunstâncias e determinantes, o glorioso *Campeão* veio a extinguir-se com o n.º 6.879, de 26 de Janeiro de 1924. Em Manuel Firmino o jornal era uma necessidade, uma forma de se afirmar e de exercer a sua missão de homem público; no dr. Manuel de Vilhena representava o encargo de manter uma tradição de família que, à margem das suas predilecções jurídicas, manteria por diletantismo ⁽³⁾.

(1) O n.º 6.818, de 5 de Novembro de 1922 foi inteiramente consagrado a homenagear Firmino de Vilhena. Inseria colaboração de Marques Gomes, António Correia de Oliveira, dr. Jaime de Magalhães Lima, dr. António Emilio de Almeida Azevedo, dr. Joaquim de Melo Freitas, dr. Querubim Guimarães, Cônego Marques de Castilho, Padre Manuel Rodrigues Vieira, dr. E. Sanches da Gama, etc.

(2) Escreveu para o teatro as seguintes peças, que ficaram inéditas: *A Beira Ria*, 1 acto, levada à cena pelos alunos da Escola Industrial e Comercial de Fernando Caldeira; *O Amor Vence*, 3 actos, com música também da sua autoria; e *Mistérios da Sala Azul*, 3 actos.

(3) Numa pequena local do último número liam-se as seguintes palavras: «Tendo o quadro tipográfico desta empresa pedido aumento de ordenado justificado pelo agravamento do custo de vida, mas incompatível com

O velho *Campeão das Províncias* cessou a publicação, mas deixou um nome vincado na imprensa nacional e, particularmente, na história do jornalismo aveirense, onde não ficou apenas como o periódico mais duradouro, mas, incontroversamente, como dos mais notáveis e representativos. As figuras a que aludimos nesta despretenciosa notícia evocativa do centenário, sobretudo o seu diligente criador, assinalaram-se como os principais obreiros dessa honrosa e memorável empresa. O jornal contou, porém, com colaboradores de elevada envergadura intelectual e política, entre eles, vultos dos mais proeminentes, que muito contribuíram para a evidência que atingiu. Entre os mais notáveis, José Estêvão e Mendes Leite, fraternos companheiros

DIRECTOR-EDITOR: Manuel de Vilhena

folha 71.ª — Número 6214 — Sábado 7 de setembro de 1922

Residência, administração
e Officinas tipográficas
Ecclesia Agostinho Pinheiro
AVEIRO

Campeão das Províncias

Decano dos jornais portugueses

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmiano de Almeida Maia

Director da 1.ª de Agosto de 1895 a 5 de Setembro de 1922 — Firmiano de Vilhena de Almeida Maia

ASSINATURAS — Em Portugal, \$200. Para a África, \$300.
Para os restantes países, 1750.
Número do dia, \$10; abastado, \$12.
A circulação feita pelo correio, avança a impressora e deposita com ela.
A assinatura é contada aos dias 1 ou 15 de cada mês e correspondente ao preço de cada trimestre.
Não se restituem os originaes.

Publica-se aos sábados

— Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente anónimos.

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias"

ANÚNCIOS — No 1.º e 2.º pagos, \$30.
No 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º, \$20.
em a publicação
diária de

A cabeça do *Campeão das Províncias* do dia 7 de Outubro de 1922 — datado erradamente de 7 de Setembro — em que pela primeira vez figura o dr. Manuel de Vilhena como director

nas lutas pelos princípios liberais, as duas maiores figuras aveirenses da época, deram-lhe valiosa cooperação nos primeiros anos, mas as vicissitudes da política vieram depois a inimizá-los com o periódico que muito haviam acarinhado. Honraram-lhe também as colunas o poeta Tomás Ribeiro; o famoso bispo de Viseu D. António Alves Martins; o dr. Tomás de Carvalho, insigne figura de universitário e de homem de letras; o notável jurisconsulto Alexandre de Seabra; e os aveirenses Bento de Magalhães, Agostinho Pinheiro, Domingos Carrancho, Francisco de Resende Júnior, padre José Joaquim de Carvalho e Góis; o eminente jurista e parlamentar dr. José Maria Barbosa de Magalhães; o malogrado Fernando de Vilhena, os historiógrafos Rangel de Quadros e Marques Gomes — ao qual fomos na maior parte buscar os elementos recopilados nestas páginas de evocação — (1);

o nosso orçamento, vemo-nos forçados a suspender temporariamente a publicação do *Campeão*... Não voltou a imprimir-se.

(1) MARQUES GOMES, *Cinquenta anos de vida pública*, Aveiro, 1899.

o dr. Joaquim de Melo Freitas, e vários outros dos mais destacados filhos da luminosa cidade da ria. Deve assinalar-se ainda o nome de D. Maria Arrábida de Vilhena de Almeida, a já citada esposa de Manuel Firmino. Nenhum amparo e nenhum incentivo influíram mais decisivamente para a publicação do jornal, ninguém com mais carinhoso disvelo o acompanhou nos passos incertos ou nas horas de êxito, nem lhe apeteceu uma carreira de maiores venturas. Delicado espírito de poetisa, dispondo de uma bagagem literária pouco vulgar na sua época, senhora que deixou uma recordação perdurável pela distinção, bondade e infatigável solicitude, foi a fada benfazeja do *Campeão das Províncias* e destinou-lhe numerosas poesias que caíram em injusto olvido. Foi das mais proficuas a sua discreta interferência e das mais estimáveis a sua efectiva colaboração.

Ao terminar este bosquejo da existência do *Campeão das Províncias* — que, vai para meio século, mereceu ao município ser inscrito nas designações toponímicas avei-
renses — ocorre lembrar que há muito existe um busto de Manuel Firmino, que se destinava a perpetuar a sua memória numa praça pública. Agora que as paixões passaram e a distância permite sopesar com imparcial objectividade todos os aspectos da sua acção, corresponderia a menoscabô dos valores relevantes da obra construtiva que legou a Aveiro, a negligência e ingratitude não lhe prestar o preito que a outros presidentes, muito prestimosos e diligentes aliás, mas não mais arreigados no amor da sua terra nem de tão extensa projecção nacional, se dedicou.

EDUARDO CERQUEIRA

UMA REFERÊNCIA AOS MEXILHÕES DE AVEIRO NO SÉCULO XVII

O MEXILHÃO é um molusco de duas conchas que vive sobre rochas ou sobre estacas de madeira, às quais se fixa tenazmente por um feixe de filamentos que constituem o *byssus*, resistindo assim ao choque das ondas ou à força das correntes marítimas.

Instala-se onde há um forte fluxo e refluxo de água do mar, na região da praia que fica temporariamente a descoberto, podendo também, raramente, por virtude de certas circunstâncias, ficar sempre debaixo da água. Demora quatro a cinco anos a tornar-se adulto.

O mexilhão dá-se melhor nos mares setentrionais da Europa, mas adapta-se também a mares interiores com fraco grau de salinidade, como o Báltico. As costas do mar Mediterrâneo também são propícias ao seu desenvolvimento.

Os mexilhões constituem um alimento muito apreciado. Em Itália fazem-se grandes culturas de mexilhão, especialmente em Tarento, onde se cultivam as duas principais espécies: a azul comum chamada *cozze nere*, e a barbuda (*modiola barbata*) chamada *cozze pelose*. Em todos os mercados da Itália se encontram os mexilhões de Tarento.

Os mexilhões também vivem nas costas de Portugal, e são uma das especialidades da cidade de Aveiro. Ora esta especialidade já não é recente, é, pelo contrário, bem antiga, como se prova pelo soneto que publicamos aqui e data do meado do século XVII.

É autor deste soneto JOÃO SUCCARELLO CLARAMONTE, que Filipe III de Portugal autorizou a fazer cirurgia por carta de 17 de Junho de 1638. Nesta se indica que JOÃO SUCCARELLO era natural de Mesão Frio, do bispado do Porto, e filho de António Succarello Claramonte, médico de grande fama.

JOÃO SUCCARELLO foi nomeado cirurgião-mor do exército do Alentejo por carta de 18 de Dezembro de 1650, na qual lhe era atribuído o grau de licenciado. Neste mesmo ano estava regendo uma cadeira na Universidade de Coimbra.

Sucedia que JOÃO SUCCARELLO aliava ao exercício da medicina e cirurgia o cultivo da poesia, e com tal êxito que BARBOSA MACHADO, na *Biblioteca Lusitana*, chamou-lhe «excelente poeta, principalmente no estilo joco-sério, em que levou a palma a todos os mais célebres professores da divina arte».

SOUSA VITERBO concorda em que SUCCARELLO tenha bastante merecimento poético, mas não lhe reconhece o valor que lhe atribui BARBOSA MACHADO.

As suas composições, com excepção de duas, ficaram todas inéditas por serem, em regra, satíricas ou obscenas. Na Biblioteca Municipal do Porto existe uma colecção de poesias de JOÃO SUCCARELLO, entre as quais um soneto com uma referência aos mexilhões de Aveiro, que transcrevemos do *Arq. Hist. Port.*, vol. VI, pág. 195. Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existem igualmente muitas produções poéticas suas, manuscritas.

biblioteca

Soneto

*Que mandou ás Freyras de Monchique vindo
de Coimbra a hua sua festa*

*Guardadoras do gado deste outeiro,
Ó nunca foreis, não, tão guardadoras,
As q'ajuntando estais todas as horas,
Mais do q'enthesourou Pero Pinheiro.*

*Parte-se á vossa festa hum cavalleiro,
Tingindo em sangue as rodas das esporas,
Cuida q'ha de comer: não faz demoras,
Nem sequer prova dos mexilhões de Aveiro.*

*Fazeis Sarapatel, juntais panellas,
Ha festifolgas, todo o frade come,
Elle fica em jejum vendo as estrellas.*

*Já vos conhecem, já vos sabem o nome
Sois igualmente miserables e belas
Pois, q'matais de Amor e mais de fome.*

UMA REFERÊNCIA AOS MEXILHÕES DE AVEIRO

Por aqui se vê que JOÃO SUCCARELLO perdeu o tempo quando se deslocou de Coimbra para o Porto, pois não se banqueteceu com o sarrabulho da festa do convento de Monchique (1), e para cúmulo de infelicidade, nem sequer passou por Aveiro para provar os mexilhões, tal era a pressa com que vinha para chegar à festa das freiras.

Aveiro, Março de 1952.

FRANCISCO FERREIRA NEVES

bibRIA

(1) O convento de Monchique estava situado na freguesia de Miragaia, do Porto. Era da invocação da Madre de Deus, e de religiosas de São Francisco, observantes. Foi fundado em 1575 por D. Pedro da Cunha e sua mulher D. Beatriz de Vilhena.

AGUARELA

(ao findar de uma serena tarde de Outono,
em algures, na região de Vouga)

O CÉU, para as bandas do Poente, parece incendiado sobre as brumas azuladas dos montes distantes. Céu ignescente! E em meio dessas labaredas celestes a grande roda alaranjada do incêndio do Sol vai descendo para o Mar, lentamente, muito lentamente...

Os olhos do nosso Espírito ficam presos a esse quadro de maravilha, onde se ajoelha a nossa sensibilidade. E tudo o mais é nostalgia...

Ao redor, no santuário da Natureza, as coisas têm um colorido de tons suaves, todo doçura e mansidão, a abrandar irreflectidos impulsos.

Dos pinheirais das gândaras, e do restolho das ceifas, e das florzinhas anónimas dos montes andam no ar essências que rescendem, e ouve-se, ao largo, a toada feminina de lânguida cantiga de coração enamorado, que vem até nossos ouvidos entrecortada, soluçante:

Ó meu amor...

.

por causa de ti
choram os meus olhos...

A roda alaranjada do Sol continua a descer lentamente para o Mar... e daqui a pouco é crepúsculo.

Agora são aqueles segundos de agonia, emotivos e místicos, de reticências e interrogações, quando a Luz, muito suave e doce, tocada de magia e oiro, e púrpura, e pérola anda religiosamente a beijar a Terra no derradeiro momento do astro-rei mergulhar na distância quimérica dos longes. Ocaso...

Minuto de emoção, e de recolhimento, e de sonho!...

Por toda a Natureza parecem pontificar divindades mitológicas a dissertarem baixinho sobre as grandes lendas da Vida, muito mais interessantes que as sábias verdades do Cosmos. É então que se podem perscrutar as almas das coisas terrenas:

As árvores rezam, olhos postos nas alturas. As folhas e as simples ervas dos montes tremem, beijam-se, murmuram, acarinham-se. Pressentem-se contactos amorosos e adivinham-se mansas vozes de minúsculas e humildes vidas... cícios vindos de toda a parte. E as flores têm policrómicos e mágicos sorrisos de tanta suavidade que lembram poesia virgiliana.

Senhor! É Outono... O findar de uma serena tarde de Outono...

A luz é branda, e morna, e triste.

Durante esses segundos emotivos (doces mundos de bucolismo!), além, ao fundo da largueza daqueles vales, lobrigam-se velas brancas de barcos, e as águas dos rios, e dos lagos, e dos esteiros andam a luzir, tranquilas, à aproximação do crepúsculo, num reino de sonhos e de sombras azuis, por entre a folhagem verde-amarelecida dos salgueiros, e dos choupos, e dos lamigueiros.

Vimeiros e juncos marginam planícies ribeirinhas.

Senhor! É tudo tão calmo, e belo, e bucólico...

Os homens sonham!

E nostálgico então é o voo das aves, e a melopeia das fontes, e o murmúrio das plantas, e o silêncio das tomadias, e o sorriso das flores, e o misticismo dos claustros... à aproximação das sombras, polvilhadas de melancolia e geradoras de quimeras, duendes da nossa imaginação, a crescerem e a alongarem-se, subtilmente, silenciosamente, parecendo ter vida alada e virem de um mundo irreal de nebulosas fantasias.

Tangem sinos. São avé-marias!

Os homens sonham, e descobrem-se... Misto de superstição, de fé, e de respeito.

As almas recolhem-se.

Os corações têm dúvidas...

Agora já não se vê a roda alaranjada do Sol. Nem o incêndio do Céu. Nem a bruma azulada dos montes.

Penumbra. Serenidade. Poesia.

Mistérios vagos andam no ar. Ecos de saudades perdidas. Ritornelos dos longes. Reminiscências de vidas já vividas.

De mansinho, o manto cinzento do crepúsculo, leve como o arminho e suave como a sombra, surge de todos os lados para embrulhar a Terra, que as coisas mansas querem dormir.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Os homens sonham!... Mas os melros, irreverentes, a estas horas emotivas e místicas deixam o sossego dos cômoros e das carvalheiras e lá se vão em voos rápidos, soltando risadas cascalhantes e sarcásticas, que furam o espaço, sobressaltam os homens, e fazem sorrir os deuses.

Nos álamos esguios já cantam rouxinóis!

Nas alturas acordam então as primeiras estrelas — vigi-lantes pirilampos do Céu...

LAUDELINO DE MIRANDA MELO

bibRIA

MOTINS NA FEIRA

NA Vila da Feira, além das tempestades nacionais, sempre com repercussão mais ou menos acentuada, tem havido várias borrascas de restrita latitude local, embora os seus ecos atinjam a maior longitude na imprensa e até no parlamento e nas regiões governamentais.

Um simples cortejo carnavalesco, atravessando a rua única da vila no estruendo de 1849, teve repercussão na câmara dos pares pela voz indignada do digno par Visconde de Laborim, José Joaquim Gerardo de Sampaio, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e um dos condenados à morte, vinte anos antes, a 29 de Novembro de 1829, pela execranda alçada miguelista. Tinha nascido no Porto a 24 de Setembro de 1781 e veio a falecer, já conde de Laborim, a 4 de Janeiro de 1864 em Lisboa.

Apesar de eu ter sido parlamentar e ter tomado assento na câmara dos pares (quando esta servia cumulativamente aos deputados, em 1902) reporto-me ao que narra o redactor do *Diário das Sessões*, o notável jornalista e historiador BARBOSA COLEN, no seu livro *Entre Duas Revoluções*, transcrevendo do «*Jornal do Porto*».

Espalhara-se entre o povo da vila da Feira que o Senhor *Ecce Homo* embrulhado no seu riquíssimo manto roxo de damasco de seda guarnecido de flordões de oiro fino, acompanharia a cavalo, na sua entrada na vila, a Nossa Senhora da Soledade enfeitada com a sua mantilha de seda azul clara.

Todos acorreram a ver o imponente cortejo na terça-feira gorda e reconheceram no *Ecce Homo* Bernardo José Correia de Sá, o Brasileiro, então presidente da câmara municipal e comandante do batalhão de caçadores nacionais. A Nossa Senhora era nada menos do que o amanuense da câmara Joaquim José Teixeira Guimarães, mais tarde escrevão e secretário da câmara municipal e sogro do meu tio dr. Joaquim Vaz de Oliveira.

O administrador do concelho e o escrivão da administração acompanhavam o préstito, fazendo parte da guarda de honra armada de chuços.

O Duque de Saldanha, que presidia ao governo, ouvida a narrativa do Visconde de Laborim, mandou logo instaurar processo criminal na comarca da Feira.

E não foi só isso. O Bispo do Porto fulminou uma excomunhão e a autoridade militar suspendeu o comandante de caçadores. Quem trouxe esta suspensão foi o José Correia Leite Barbosa, o Maneta das Airas, antigo administrador e famigerado político, acompanhando-se com foguetório, vivório e morrório.

O administrador acusado de escoltar o *Ecce Homo* chamava-se José Soares Barbosa da Cunha, era da Arrifana, exercia o cargo desde Março de 1847 e nele se conservou até Julho de 1852, voltando a exercê-lo logo em Novembro desse ano até Agosto de 1853.

Da discussão travada entre o *Religioso sem fanatismo*, autor da primeira notícia no *Jornal do Povo*, e os arguidos da mascarada no mesmo periódico, apura-se que o administrador estava na sua casa da Arrifana e quem acompanhou a cavallhada carnavalesca foi o filho dele, dr. António Soares Barbosa da Cunha, ao tempo administrador substituto e em exercício.

O *Religioso sem fanatismo* era o boticário do meio da rua da vila, Bernardino José da Costa Rifa, vulto importante da política local que por vezes sustentou polémicas renhidas em correspondências e comunicados nos periódicos de Aveiro e do Porto.

O *Diário da Tarde* de 25 de Setembro de 1871 conta que «Na Vila da Feira houve também um boticário (o Bernardino Rifa) que queimou os *Falsos Apóstolos*... «Ao farmacopola indigno e vil atirou o autor dos *Falsos Apóstolos* (o inspirado poeta GUILHERME BRAGA) quatro quadras como quatro flechas».

Também se demonstrou que o escrivão da administração, Henrique Vicente da Costa Neves, o defensor intemerato do palácio e das casas que existiram dentro do Castelo da Feira, andava por Sanfins nesse memorável dia 20 de Fevereiro de 1849. Quem figurou de ajudante do coronel de milícias foi o Bernardo de Sá, filho do presidente da câmara.

E os trajos da mascarada eram de moiros e não de santos e tinham sido emprestados pelo cómico de Paços de Brandão, José Duarte Guimarães, não pertencendo ao Senhor da Cana Verde nem à Nossa Senhora da Soledade.

O bispo retirou a excomunhão, por sinal muito inábilmente. O Bernardo de Sá, pai, reassumiu o comando do

batalhão. A disputa na imprensa esgotou-se, publicando documentos oficiais.

Verifica-se ter-se feito a mascarada sem desacato algum à religião, no processo criminal intentado em que intervieram o dr. Joaquim Celestino Albano Pinto, juiz de direito da comarca, o dr. Agostinho Joaquim de Oliveira Coelho, delegado do procurador régio, e o meu avô Joaquim Vaz de Oliveira Júnior como escrivão.

Este motim limitou-se a uma espalhafatosa partida de carnaval.

Relembro outras tempestuosas ocorrências da Feira. Uma delas e das mais célebres foi o movimento pacato e pacífico contra um juiz insuportável.

Para fundamentar a narrativa deste episódio possuo só três documentos: a acta da sessão da câmara feirense, a representação ao governo nela aprovada e um folheto de 115 páginas transcrevendo dos n.º 346 a 356 do *Jornal da Feira* vária versalhada e pouca prosa, de mistura com *franciu*, mau latim e pior português. Os colaboradores assinavam com iniciais ou alcunhas judengas, bíblicas e jocosas. Não sei dizer a que personalidades correspondiam, pelo que se tornaria enfadonho transcrever a lista dos 31 pseudónimos.

Dos documentos e da tradição apurei quanto vou expor. Não vim à Feira nessa época, porque cursava direito em Coimbra, passando quase todas as férias em Lisboa.

A 5 de Maio de 1887 tomou posse como juiz da comarca o dr. Francisco Rodrigues de Macedo, transferido de Ovar. Pelos seus actos e pelas suas maneiras, em breve tempo se incompatibilizou com advogados, funcionários forenses e pessoas que frequentavam o tribunal. Levantou-se celeuma e começava a fermentar a revolta contra o procedimento desse juiz muito desleixado no serviço e demorando os processos, autoritário e pouco atencioso com todos, incluindo os advogados que interrompia no uso da palavra, contestando-lhes os argumentos, rebatendo-lhes as asserções e enxertando longas perlangas nos discursos proferidos em defesa das partes.

Ouvi contar que o meu tio dr. Joaquim Vaz de Oliveira, notável advogado nesta comarca, quando, nos últimos tempos da sua vida, discursava no tribunal, fora interrompido por esse magistrado uma vez, duas vezes, e à terceira ficara estalando com a unha do polegar nos dentes de cima, gesto muito habitual dele. Esperou uma pausa do juiz e quis prosseguir o seu discurso; mas o Macedo insistiu em falar.

— Cale-se — bradou-lhe o meu tio. — Estou no uso da palavra e não lhe consinto que me torne a interromper.

E continuou a sua exposição como patrono do seu constituinte. O Macedo ouviu-o em silêncio; tinha muita verborreia, pouca educação e fraca coragem.

As pessoas principais da vila reuniam-se, à noite, na farmácia mais central, comentando os casos ocorridos. Era a botica do Rifa, que tinha morrido a 1 de Fevereiro de 1887. Os seus herdeiros — a viúva D. Maria José Rodrigues da Graça, um filho Germano Rifa e três filhas — passaram em 1 de Outubro de 1887 a botica ao farmacêutico diplomado Joaquim Pinto de Araújo, natural de Barcos, concelho de Tabuaço, na Beira Alta, nascido a 11 de Dezembro de 1857 e falecido a 30 de Maio de 1948. Veio portanto o Araújo para a Feira quando começava a haver a má disposição contra o juiz Macedo.

A farmácia está hoje transformada, tendo sido reconstruída toda a frente do prédio. Mas o resto da casa conserva-se como era no tempo do Rifa, permanecendo na mesma situação as dependências a que os espanhóis dão o nome característico de rebotica. Era lá dentro, ao fundo da farmácia, nessa dependência hoje guardada com os antigos corpos de armação e tendo enfileirados os boiões de loiça amarelada, que se reuniam os conjurados da revolta latente contra o juiz Macedo.

Não sei quem, infectado de judaísmo, começou a chamar Sinagoga à rebotica feirense e ao Araújo o Grão Rabino. O dr. Bandeira, um dos advogados de então, mais tarde conselheiro, tratava sempre o Araújo por esse título honroso, mas de que este não gostava muito.

Na rebotica era grão mestre o Judas, um dos colaboradores principais do folheto referido, e lá apareciam todos os outros e ainda um Tigela que não assina nenhuma das composições literárias. Assim, pois, o Araújo ficou logo nos primeiros anos da sua estada na Feira consagrado como Grão Rabino da Esnoga de Eifar, nome arreigado da rebotica durante esses dois anos de luta clandestina, mas acerba e pertinaz.

Outro dos influentes da Sinagoga identifica-se no professor primário e maestro da banda de amadores, António Martins Soares Leite, autor do Hino da Feira cujo primitivo nome foi Hino da Esnoga de Eifar.

A efervescência contra o juiz arrastava-se, até que reben-tou a *revolta* com o escândalo do oficial de diligências, António Alves Correia, natural da freguesia da Arrifana, saltar da janela do escritório do irritante magistrado, gritando em altos brados:

— Aqui del rei que o senhor juiz quer-me bater.

Dizem as más línguas que se dera precisamente o contrário.

A casa do juiz era a da praça, à esquina da estrada da Lavandeira. Pertenceu esse prédio ao dr. José de Moura Coutinho de Almeida de Eça, à sua viúva D. Maria Máxima de Paiva e Lima e depois ao Conde das Devesas, Francisco Pereira Pinto de Lemos. Lá moraram os meus avós, nasceu a minha Mãe em 1839 e faleceu o dr. Gaspar Moreira a 19 de Setembro de 1938. Fica essa casa defronte dos paços do concelho, onde até 1877 funcionava o tribunal.

O certo é que a sineta, ainda então pendente no centro do segundo andar do edificio, começou tangendo a rebate. O povo acorreu e a vereação reuniu.

Dos advogados da comarca, frequentadores da farmácia Araújo nas noites de cavaqueira, três faziam parte dessa vereação: — 1.º o dr. Roberto Alves de Sousa Ferreira que a presidia, eleito deputado por este círculo nas legislaturas seguintes de 1890 e 1890-92 e mais tarde lente da Academia Politécnica do Porto; — 2.º o dr. Manuel Augusto Correia Bandeira que fora vice-presidente da câmara de 1868-69 e presidira à vereação de 1876-77 e — 3.º o dr. Vitorino Joaquim Correia de Sá, administrador do concelho em 1885-86, 1890, 1892-97 e 1900-04, vice-presidente da comissão administrativa em 1912, presidente da comissão executiva municipal em 1914-17, 1918, 1919-22, 1923-25 e 1926 e presidente da comissão administrativa de 1919.

A Câmara Municipal reunida na sua sessão ordinária, começada por coincidência em seguida ao rebate, deliberou como se vê da:

«Acta da sessão da Câmara Municipal da Feira de 24 de Abril de 1889 conforme a minuta.

«Foi presente uma proposta dos Ex.^{mos} Snrs. Presidente e vereador Dr. Vitorino de Sá concebida nos termos seguintes: Atendendo a que às Câmaras Municipais compete promover os melhoramentos dos povos da circunscrição que administram; Atendendo a que é sobremodo lamentável o estado deste concelho desde há dois anos a esta parte, em que a presidência do Tribunal da primeira instância da comarca está a cargo dum magistrado o Doutor Francisco Rodrigues de Macedo, que não tem podido desempenhar os deveres do seu officio com a prontidão de expediente requerida na administração da justiça, lhaneza no trato com as pessoas que concorrem ao foro, e serenidade de ânimo na direcção dos trabalhos do tribunal; Atendendo a que são públicos e notórios os prejuízos provenientes da demora no expediente judiciário, e que os prejudicados com ela hesitam em usar da faculdade que as leis de processo lhes concedem, queixando-se aos tribunais superiores, pois receiam ressen-

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

timentos que mais os prejudiquem; Propomos que a Câmara delibere representar ao Governo de Sua Majestade sobre a instante necessidade de prover de remédio tal estado de coisas neste concelho.

«Depois de breve discussão foi unânimemente aprovada.

«Suspensa em seguida a sessão, por algum tempo, para ser redigida a representação, reabriu-se a sessão em que foi lida e aprovada por unanimidade e assinada a representação que a Câmara incumbiu a presidência fizesse subir a Sua Majestade pelo Governador Civil do distrito.

Assinam:

Roberto Alves (presidente)
Santos (João Tomás Pereira dos Santos)
Vitorino de Sá
Correia Marques (José)
Leite de Sousa (João)
Bandeira
O Secretário: Benjamim Augusto Correia de Pinho.»

Na representação fala-se no atraso do expediente judicial, causando o mais profundo descontentamento e prejudicando os mais graves e legítimos interesses, porque excedia todos os limites razoáveis, nos processos orfanológicos, em centenas de processos para julgamento correccional, entre estes trezentos por infracções da lei do recrutamento. Ainda a câmara entendia dever abster-se de referir outros factos agravados pela excessiva acrimónia com que eram tratados os réus e pela irritabilidade que levava o juiz a, em público, proferir frases e praticar actos menos corteses e até ofensivos de jurados, testemunhas, vogais de conselho de família e outras pessoas chamadas ao tribunal, e finalmente pelas extraordinárias e injustificadas delongas do mais simples acto judicial, obrigando as partes a enormes despesas e todos a graves incómodos.

O juiz Macedo foi mandado responder, o que fez em 14 de Maio.

Estava ainda no poder o primeiro ministério progressista presidido pelo conselheiro José Luciano de Castro, que durava desde 20 de Fevereiro de 1886 e sofrera a 23 de Fevereiro de 1889 a sua penúltima recomposição, mas a mais importante de todas pela saída dos conselheiros Mariano Cirilo de Carvalho e Emídio Júlio Navarro. Para a pasta das obras públicas entrou o juiz dr. Eduardo José Coelho e na da fazenda ficou interinamente o ministro da marinha, Henrique de Barros Gomes, que deixou a pasta dos estrangeiros a Francisco Ressano Garcia. Era ministro da justiça o conselheiro Francisco da Veiga Beirão.

MOTINS NA FEIRA

Depois da sua resposta, o juiz Macedo, ouvido o Conselho de Estado, foi colocado no quadro, afastando-se assim da comarca da Feira.

Triunfou a *revolta* pacata tramada na rebotica do Araújo.

O opúsculo que a celebra reedita versos e prosa do *Journal da Feira*, merecendo transcrição, para dar a nota do seu conteúdo, a descrição do juiz e uma estrofe completa de outra poesia.

Um jarreta... vamos lá,
Usa pera e bigode,
Seu cheiro de Massamá,
E faz ainda o que pode.

Risca traz apartada
Da cabeça p'lo meio
Bota fina engraxada,
E traja com asseio.

Baixo, d'ombros refeitos,
É incrível maçador.
Nos outros só vê defeitos,
Nele só vê um primor.

Fecho com a estrofe alusiva ao Castelo da Feira:

Legaram-nos outras eras
Essas muralhas fendidas,
Que os anos cobriram d'heras.
Nas linhas nobres, severas
Desse castelo vetusto
Estampa-se em lema agosto
— A honra das velhas eras.

Assim ficou assinalado esse motim da Feira em 1889.

Feira, Março de 1952.

VAZ FERREIRA

MEMÓRIAS DE ÁGUEDA

CAPELAS PÚBLICAS E PARTICULARES DA FREGUESIA

NA antiga freguesia de Santa Eulália de Águeda, que se compõe desta vila e de vários povoados que lhe ficam à volta, construíram-se através dos tempos diferentes capelas; umas por iniciativa particular, e outras que se ficaram a dever ao esforço do povo, revelando o avultado número delas o arraigado sentimento religioso da nossa gente, que ali prestava o seu culto, e sempre, carinhosamente, velou pela sua conservação. Algumas, desapareceram já na voragem do tempo, mas é bem considerável o número das que ainda perduram; e outras se erigiram no decorrer das eras, a juntar ao número das existentes.

Ainda que ligeira e acidentalmente, mais de uma vez me tenho referido nos meus trabalhos a estes pequenos templos ⁽¹⁾, onde o nosso povo se reúne muita vez pelo ano adiante em satisfação da sua crença, principalmente no dia dos seus Oragos, em que, de forma particularmente festiva, os recórda e venera. E então essas capelas — umas ricas, outras modestas ou mesmo pobres — alindam-se com amoroso jeito, guarnecendo-se-lhes as paredes velhinhas com panejamentos vistosos, perfumando-lhes os altares das mais viçosas flores e tapetando-lhes o chão de verduras cheirosas, enquanto as imagens dos Santos, veneradas desde séculos, por gerações há muito extintas, são colocadas nos andores, e lá vão percorrer as ruas das povoações que à sua sombra bem-fazeja se foram desenvolvendo dia a dia...

(1) *Águeda Antiga*, 1919 — *Memórias de Águeda*, 1948. — *A Igreja de Águeda*, 1951.

Das capelas particulares, começarei por me referir às duas existentes dentro da nossa igreja, pois havia também na vila mais duas dessa natureza, das quais uma foi demolida (1), e a outra transposta para outro lugar fora dela, como adiante se verá (2).

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Fica na nave do lado Sul da igreja, a seguir ao altar colateral do lado da Epístola, e pertence à Casa da Borralha. Foi instituída pelo Cónego Simão Pinto em cumprimento do testamento de 26 de Agosto de 1622, feito por Maria Pinta, irmã deste sacerdote; o mesmo cónego, por testamento de 8 de Janeiro de 1628, dispôs da mesma capela a favor de sua irmã Brites de Pinho, continuando esta posse na mesma família.

Tinha a capela os seus bens próprios, o que lhe permitia haver capelão privativo e o necessário para paramentos e actos cultuais. Embutida na parede para o lado do Poente, ainda ali pode ver-se uma lápide brasonada, que tem este letreiro:

ESTA CAPELA HE DE AIRES DE
PINHO E DE SVA MOLHER VIOLANTE
P.^{TA} E SEVS F.^{OS} A QVAL TEM DOTA
DA COM MISA COTIDIANA

1624

Tem retábulo de madeira simples, em talha doirada, com três nichos; o do centro, onde outrora esteve a imagem de Nossa Senhora da Esperança ou do O', está occupado actualmente por uma imagem moderna, do Coração de Maria, ladeando-a, à direita, a imagem de S.^a Águeda, e à esquerda a de S. Luís, rei de França (3).

(1) Refiro-me à capela de S. Isabel, que existia no local onde é actualmente a Praça Velha.

(2) Transferida para o Redolho em 1870.

(3) Ali foram sepultadas, no decorrer do tempo, muitas pessoas da família dos instituidores, e no pavimento da capela havia lápides sepulcrais dali retiradas quando da reforma feita ao templo no final do século XIX. Lá foi enterrada Maria Pinta, filha de Aires de Pinho, f. em 18-9-1623. O Cónego Simão Pinto, f. em Coimbra em 1628. O Dr. Valentim Pinto de Almeida, Provisor do Bispado desta cidade, f. em 8-3-1698, etc., etc.

CAPELA DO MENINO JESUS

Ficava do mesmo lado Sul da igreja, separada da primeira pelo corredor da entrada feita pela porta travessa, tal como hoje ainda se observa. Data a sua fundação da mesma época da capela já referida, pois vê-se dos documentos que examinei (1) que Domingos João, mercador de Águeda nos fins do século XVI, juntamente com sua irmã Beatriz João, que era viúva de Pedro Fernandes Chucre, requereram, no ano de 1624 à autoridade eclesiástica para construírem uma capela dentro da igreja, obrigando para isso todos os bens necessários. Por escritura de obrigação lavrada a 16 de Novembro daquele ano hipotecaram algumas fazendas para garantir a construção da capela, que era «pera suas sepulturas».

A capela andou muitos anos unida ao morgado da Rua de São Pedro, instituído pelo Licenciado Bartolomeu da Fonseca no ano de 1681, com várias obrigações pias de celebração de missas por alma dele instituidor, de seus pais, seus irmãos Pedro da Fonseca e António Fernandes Chucre, por sua irmã Francisca da Fonseca e marido António João da Serra, por sua tia Brites João, etc. Também o Auditor da província da Beira, Manuel da Serra Chucre, em testamento de 13 de Setembro de 1684, vinculou os bens que tinha, à mesma capela, com obrigação de sufrágios por sua alma, e outros legados da mesma natureza foram feitos através dos tempos.

Conserva-se ainda com o retábulo primitivo, em talha, simples, tendo ao centro a imagem do Menino Jesus e em dois nichos laterais as de S. Domingos e S. João, sendo conhecida também pelo nome deste santo, ainda que imprópriamente.

Serviu, como a outra capela particular, de jazida a muitas pessoas da família instituidora, e até a pessoas estranhas à família, e a serventuários da Casa (2). Pertence presentemente à quinta das Lágrimas (Coimbra).

(1) Vão adiante integralmente reproduzidos, por serem deveras curiosos estes documentos.

(2) O L.^{do} B. da Fonseca, em testamento de 11 de Fevereiro de 1681, dispunha que o enterrassem na dita capela, e que o seu corpo ali fosse acompanhado por 12 clérigos.

Também, por testamento de 11-3-1671, Maria Francisca Balroa deixava os seus poucos haveres à capela do M. Jesus.

Havia no pavimento da capela algumas pedras com inscrições, que dal foram retiradas quando das obras da restauração da igreja, ignorando-se o caminho que levaram.

Das capelas particulares construídas fora da igreja, mencionaremos em primeiro a

CAPELA DA VISITAÇÃO DE N.^A S.^A
A S. ISABEL

Ficava situada à entrada da Rua que dava para a Praça Velha, e foi demolida para alargamento desta parte da vila; era de abóbada e tinha como retábulo um quadro de madeira de grandes dimensões, representando a cena da Visitação de N. S. a sua prima S. Isabel (1). No remate do arco cruzeiro, tinha uma pedra armoriada com este letreiro:

ESTA CAPELLA MAN
DOV FAZER SEBASTIÃO
DE MACEDO E SVA MV
LHER MARIA PINHEIRA
PINTA A QVAL DEIXA
RAM TODOS OS SEVS
BENS COM OBRIGAÇAM
DE MISSAS

Vem referida no *Diccionario Geográfico*, edição de 1747.

Tinha Breve de Indulgências, concedido pelo Papa Clemente XI, de 10-XI-1713, e a obrigação de quatro missas por semana.



Lápide da Capela de S. Isabel

CAPELA DE SANTA ANA

Incrustada ao centro das casas apalaçadas que pertenceram à família Homem de Macedo, sitas no Padrão, e que ficavam fronteiras à praça, voltadas para o rio, a capela

(1) Por este motivo era a rua designada por Rua da Capela, tendo hoje o nome do poeta José Maria Veloso.

de S. Ana foi fundada pelo Dr. Manuel Caetano Homem de Macedo nos meados do século XVIII. Do grupo mencionado era a mais notável, não só por ser de maiores proporções, como pelo valor decorativo das suas peças ornamentais, constituídas pelo seu retábulo de talha doirada, ainda que sóbrio, de bom acabamento. Digna de nota a imagem de Santa Ana, de bem aprimorado recorte, amplas roupagens,



Santa Ana (Capela do Redolho)
(Águeda)

estofada a ouro e cores, cuja execução é devida a artista de incontestável mérito. Santa Ana está sentada, ensinando a ler N. Senhora, que tem a atenção presa no livro que aquela tem sobre os joelhos; bem marcada a suave expressão de ambas as figuras, principalmente da primeira. Além desta imagem, viam-se ainda ali as de S. José, S. Joaquim e do Menino Jesus, aquelas da mesma época da da Padroeira.

O retábulo e imagens referidas, foram removidos para o lugar da Borralha e estão hoje na capela que o Cônego Manuel Homem de Macedo da Câmara e Mota mandou construir junto do seu palacete da Quinta do Redolho em 1870 (1).

Na parede da sua entrada principal, existe uma lápide onde se lê esta inscrição

SANTA ANNA
MATER MATRIS
GRATIAE SV
CURRE MISERIS

1752

(1) Foram-lhe adstritos bens para sustentação do culto, sendo requerida licença para ali celebrar missa, pelo que no ano de 1873 teve lugar a vistoria eclesiástica, que a julgou provida do necessário ao culto.

CAPELA DE SÃO BERNARDO

É de mais recente fundação, e foi instituída pelo P.^o Reitor António José de Sousa Ribeiro e Figueiredo, de Águeda. Tem um belo retábulo de talha doirada, a que preside uma boa escultura do Santo que lhe dá o nome, e acha-se ainda hoje na Casa de S. Bernardo, pertencente ao Dr. Joaquim de Melo Coelho de Campos, da família do instituidor.

CAPELA DE S. SEBASTIÃO

Ficava num pequeno largo na R. da Venda Nova e, das duas capelas públicas existentes dentro de Águeda, era a maior e mais antiga. No ano de 1675 achava-se completamente arruinada, pelo que foi ordenado em Visita Pastoral desse ano que se procedesse à sua reconstrução, fazendo-se um peditório pelo povo da freguesia. Tinha uma tribuna doirada com a imagem daquele Santo e a de S. Apolónia. Foi demolida há anos para alargamento daquela rua, e reconstruída acima do local antigo.

CAPELA DE N.^a S.^a DA BOA MORTE

Ficava junto ao Hospital de Águeda. Não pude averiguar a data da sua fundação, mas já existia no primeiro quartel do século XVIII.

O *Dicionário Geográfico* (ed. de 1747) designa-a por ermida de N. S. da Boa-Hora, informando que ela foi construída com esmolas do povo e das confrarias para se poderem administrar os Sacramentos aos enfermos. Esteve algum tempo no lugar do Barril, onde em tempos foi construído o Hospital velho; foi de lá que se transferiu para a capela do actual Hospital Conde de Sucena a formosa imagem da Senhora da Boa-Morte, muito venerada em Águeda, principalmente pela população ribeirinha do lugar do Barril, onde esteve o Hospital durante muitos anos. É uma boa escultura de madeira policromada, figurando a Virgem sentada numa cadeirinha, e já morta, com a cabeça docemente apoiada a uma das mãos.

A capela era de acanhadas dimensões, e recebeu boa reforma no ano de 1824; tinha mais no seu retábulo as imagens de Santa Ana e de Santa Luzia.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

O Dr. José Patrício Dinis da Silva Seixas, natural de Águeda (1), que foi benfeitor do Hospital, instituiu ali a festa da Senhora da Boa Morte, que tem lugar anualmente.

Por nos ficar a dois passos, referimo-nos, desde já, à

CAPELA DA SENHORA D'AJUDA

Também alguns documentos lhe chamam de S.^{to} Amaro, por ali estar exposta ao culto uma imagem deste santo, ali festejado a 15 de Janeiro. Tem um retábulo de talha de madeira bastante antigo, mas de inferior valor artístico, e no centro dele a imagem da S.^{ta} d'Ajuda.

CAPELA DE SÃO PEDRO

Ficava já mais afastada de Águeda, no pitoresco Alto das Chãs; muito antiga, remontando ao século xvi, sendo junto dela que se enterraram algumas pessoas que morreram de peste. A primitiva capela era de reduzidas proporções, e porque ameaçava ruína nos princípios do século xix, foi demolida, sendo edificada no mesmo lugar a que hoje ali se vê, de boa construção, guarnecida de silharia lavrada, de pedra de granito. Acudia ali muita gente no dia da festa do Orago e anexos à capela havia rendimentos de bens para o culto.

Na parede da capela-mor, está uma lápide, que tem gravada a seguinte inscrição:

ESTA CAPELA DE S. PEDRO DESTA FREG.^a DE S.^{ta} EULALIA DE AGUEDA FOI REEDIFICADA COM MILHOR GRANDEZA NO MESMO CITIO DA ANTIQUISSIMA ARRUINADA E SEM ARQUITECTURA PELO B.^{el} LVIZ BARETO TORRES DE FIG.^o SOLT.^{ro} DA RVA DA CANCELA DO DITO LUGAR DE IDADE DE 80 ANNOS QUE A MANDOU FAZER ASSVA CVSTA NO ANNO DE 1819 POR DEVOÇÃO E ASSIM FICA SENDO DA M.^a FREG.^a COMO A ANTIGA EM 7.^{B^{ro}} DO DITO ANNO

(1) Nasceu a 17-3-1759. Foi Juiz da Relação do Porto e de Macau, vindo a falecer refugiado num convento da cidade de Lamego após a queda do absolutismo, de que era ferrenho partidário.

Tinha um retábulo de madeira, no qual presidia a imagem do Orago, ladeada pelas do Padre Eterno e de S. Miguel, todas em pedra de Ançã, denunciadoras de muita antiguidade, as quais foram substituídas por outras modernas, destituídas de valor artístico.

CAPELA DE SÃO CAETANO

Data a sua edificação dos fins do século XVII. Foi mandada construir pela autoridade eclesiástica, na Visita Pastoral feita à nossa igreja em 1690, por se verificar ser necessária para administrar os Sacramentos aos moradores do Gravanço e do Ameal. Ainda hoje existe neste último lugar, mas é mais conhecida pela designação de Capela de S. João, cuja imagem está exposta ali ao culto, com a de S. Bárbara.

Na memória paroquial de 1758, também é designada como de S. Caetano.

CAPELA DA SENHORA DO LIVRAMENTO

No meio do lugar do Gravanço. Tem a invocação acima referida e é de recente fundação. Edificada com esmolas do povo.

CAPELA DE SANTO ANTONIO

Fica na póvoa da Gesteira, num pitoresco e aprazível outeiro, entre seculares carvalhos, já na parte serrana da freguesia. É de fundação muito antiga, pois já o Cónego Simão Pinto, no seu testamento, feito em 1628, a contemplava com uma esmola. De artístico nada há ali que a recomende, sendo curiosa a imagem de S.^{to} António, em pedra de Ançã, que se vê no retábulo, ladeada pelas imagens de S. Mateus e N.^a S.^a dos Remédios. Tem a sua romaria no dia do Orago, muito concorrida pelo povo das redondezas. O templo actual foi construído há anos pelo falecido Conde de Sucena, no mesmo local da antiga capela.

CAPELA DE N.^a S.^a DA CONCEIÇÃO

Fica na póvoa de Rio-Covo. Na Visita Pastoral de 1674 foi verificada a necessidade de a construir para serem administrados os Sacramentos mais comodamente aos moradores dali, pelo que lhes foi recomendado que a edificassem, e lá existe ainda. Tem retábulo de madeira e imagem da Virgem, ao gosto da época, de ornatos simples.

CAPELA DE SÃO SIMÃO

Está situada na póvoa da Massoida. É de pequenas proporções, com a imagem, de madeira, deste Santo; ainda foi restaurada há poucos anos; vem mencionada, já, na Memória Paroquial de 1758.

CAPELA DE N.^A S.^A DA GRAÇA

Muito antiga também. Está erecta no lugar de Assaquins, que foi antiga vila, com o seu Pelourinho, casa de câmara, etc.

Não conheço qualquer documento que lhe marque o princípio, mas são numerosas as referências que se encontram a seu respeito; tinha confraria própria, e ia muita gente à ermida, não só em romaria no dia da festa própria, mas no decorrer do ano. Havia o costume de fazer ali práticas religiosas, de noite, pelo que, no ano de 1674 foi determinado que os mordomos fechassem as portas da capela às Ave-Marias.

CAPELA DO SENHOR DA SERRA

Foi construída no cimo dum monte, no lugar do Raivo. Não é antiga, e para ela foram removidos alguns materiais da ermida de S. Silvestre, de que ainda se vê parte arruinada no centro daquele lugar, e que existia ainda nos meados do século XVIII. O retábulo da capela do S. da Serra deve também ter pertencido àquela ermida, e nele se vê uma boa imagem de Cristo crucificado. Há ali romaria anual.

CAPELA DA SENHORA DO BOM PARTO

Foi construída há poucos anos no lugar da Alhandra, junto da estrada, e fronteira à povoação.

CAPELA DE SÃO GERALDO

É das mais antigas da freguesia. Está situada no aprazível lugar de Bolfiar e já existia no primeiro quartel do século XVII, pois é já mencionada numa escritura datada

de 1623⁽¹⁾. Tem romaria muito concorrida na primeira oitava do Espírito Santo, acorrendo aliromeiros de longas terras a levar suas oferendas, cujo rendimento é avultado. Nos meados do século XVII, foi a capela ampliada e muito melhorada com transformações nos seus retábulos, com o produto das esmolas recebidas.

CAPELA DE SÃO GONÇALO

Está situada no lugar da Redonda, mas ignora-se a data da sua fundação, não sendo, contudo, antiga. Passando o Rio encontra-se no alto do monte em que assenta a povoação do Candam, a

CAPELA DE N.^a S.^a DA SAÚDE

Na Visita Pastoral de 1707, o Visitador ordenou que, pelas rendas da freguesia, se mandasse edificar esta ermida, visto que os moradores do lugar eram pobres e não podiam correr com as despesas necessárias; deve ter sido construída pelos meados do século XVIII, sendo mais tarde ampliada pelo Conde de Sucena, que, à semelhança do que fez noutras terras do nosso concelho, a mandou reedificar com maior tamanho. Tem a imagem de N.^a S.^a com o Menino Jesus ao colo.

CAPELA DE SÃO TIAGO

Ao fundo do lugar da Borralha. Muito antiga, mas sem valor architectónico. Remonta a sua construção ao século XVI. Em 1749 estava no mais adiantado estado de ruína, e era reputada já muito pequena, não cabendo nela as pessoas que tinham de ir ali aos diferentes actos do culto. Tinha a imagem do Orago, a quem era feita a sua festa no dia próprio, e as imagens de S.^a Cristina e S.^a Apolónia, que para ali vieram duma antiga capela da invocação daquela santa, e que se arruinou; existia esta ermida ainda em 1666, mas em muito mau estado, não chegando depois a reconstruir-se. Ao sítio onde esteve se chama ainda hoje o lugar de S.^a Cristina.

CAPELA DO SALVADOR

Era particular e ficava junto da Casa da Borralha, de que era pertença. Foi instituída por Simão Fernandes de Carvalho, que ali vivia, tendo falecido a 28 de Fevereiro de 1611. Tinha uma imagem grande, do Salvador, em pedra de Ançã.

(1) Feita por Domingos João e mulher Catarina Antónia e Beatriz João; vai transcrita em nota final.

CAPELA DE NOSSA SENHORA
DE LA-SALLETE

Foi fundada por João Rodrigues de Seixas Almiro, junto às suas casas, em que vivia na Vista, ao cimo do lugar da Borralha, pelos anos de 1860-1870; de princípio foi coadju-



Imagem de N.ª S.ª de La Sallette

vado nesta empresa pelo seu conterrâneo e vizinho Anónio Rodrigues Sucena, que depois não acompanhou até final este empreendimento. A expensas destes dois fundadores, construiu-se somente a capela-mor, e assim estiveram as coisas durante alguns anos, estando esta parte vedada convenientemente, de forma a poderem realizar-se ali vários actos do culto; mais tarde, e com esmolas do povo, não só em dinheiro mas também em ouro que se vendeu para esse fim, materiais de construção, carretos, dias de trabalho, etc., foi erigido o corpo da capela, que serviu até que o falecido Conde de Sucena mandou edificar a que hoje se vê noutro local, para substituir aquela.

O terreno em que foi construída a primeira, foi cedido gratuitamente pelo mencionado João Rodrigues de Seixas Almiro e sua mulher D. Clara Emília da Graça por título de 18 de Agosto de 1860. Digno de nota é também o esforço que empregaram, para que a obra fosse levada a cabo, o Padre Vicente Ferreira Sucena, António Tondela e António Alves, todos da Borralha.

A imagem da Virgem, em barro cosido, de agradável modelação, foi comprada em Aveiro a Pedro Serrano, escultor dali, por 20.000 reis (1). Trouxeram a imagem de barco até

(1) Papéis de família, na posse do A.

Águeda, onde ficou depositada na Igreja, fazendo-se depois uma luzida procissão até à Borralha, para a conduzirem até ali; depois, fez-se uma representação no vasto sobreiral fronteiro da capela, em que se interpretou um AUTO alusivo ao milagre de La-Sallete e que foi escrito pelo então Prior de Águeda P.^o João Batista de Figueiredo Breda, inaugurando-se assim festivamente a capela. N.^a S.^a de La-Sallete é hoje considerada o Orago do lugar da Borralha, e ali é festejada anualmente, no mês de Setembro.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GUIA

A construção que ainda hoje se vê data de 1684. Em 1682, os moradores do lugar do Sardão pediram licença à autoridade eclesiástica para edificarem a capela, para ali serem administrados os Sacramentos ao povo, comprometendo-se a correr com as despesas necessárias. Tem a imagem de Nossa Senhora, de escultura bem lavrada, que se guarda num oratório de madeira, em que consiste o retábulo.

Fechamos assim estas notas sobre as capelas públicas e particulares da freguesia de Águeda.

DOCUMENTOS

bibRIA

(A CAPELA DO MENINO JESUS)

«Dizê Domingos Joaõ e sua irmã Beatriz j.^o Dona veuva m.^o em Agada, q̄ por falecim.^{to} de seu marido e cunhado P.^o FZ q̄ Ds. tem fiquaram certos bẽns unidos á obrigacão de tres aniversarios Perpetuos para q̄ se fizesse hũa capella na igreja onde se satisfizesse a dita obrigacão q. ficou nas pecas nomeadas no testam.^{to} q com esta se offrece e porq̄ fica com mayor ornato na igreja, a dita capella e corpo della se ha de fazer q̄ fique fora da dita igreja por naõ occupar terra, e o lugar mais decente he iunto á capella do Santiss.^o Sacramento,

Pede a V.^a Ex.^a e vistas as rezoẽs se da licenca para se fazer a dita Capella e R M.^o

Informe o R.^{do} Prior d'Aguada do contheudo nesta petiçãõ e aiunte o treslado do test.^o e com isto se lhe deferirá. Aguada a 15 de Outubro de 624 (1).

Bento d'Almeida»

(1) A informação a que respeita o despacho anterior foi dada pelo Prior de Águeda João Rodrigues de Figueiredo no dia immediato, ou seja a 16 de Outubro de 1624. Mais demorada foi a informação do Visitador que ainda não tinha sido dada em 24 de Janeiro de 1625, o que nos mostra que a construção da mesma capela teve lugar posteriormente àquela data.

TESTAMENTO DE PEDRO FERNANDES
CHUCRE

Saibão quantos este estromento de testamento deste dia pera todo sempre virem que no anno do nasimento de noso sñr Jesu xpõ demill e seiscentos evinte etres años aos onze dias do mes dabrill do dito año no lugar dageda epouzadas de Pero Fz o chuquere dalquoinha que he do termo da villa daveiro onde estava de presente o dito pero Fz cõ sua molher brites joão elloguo per elles ambos juntamente e quada hũ per sim foi dito em prezensa demim Taballião edas test.^{as} ao diante nomeadas estando ambos em todo seu prefeito juizo e entendimnto segundo ao pareser de mim Taballião e das test.^{as} ao diante nomeadas elloguo diserão que elles ordenavão seus testamētos na maneira seguinte per não saberem a ora que noso sñr. os chamaria pera sim etemendo a cõta que de todas suas obras haverião de dar epera desquarguo desuas cõsiensias ordenarão seus testamentos na maneira seguinte primeiramente que emquomentavão suas allmas adeus noso sñr. que as remira cõ seu prezioso sange equetomavão per sua entressora avirgem maria nosa sñra eaos santos apostollos Sam pedro esam pallo ea virgem e marte santa Ollaia pera que cõ todos os santos esantas da corte do seo sejão seus entressores diante o trebunall da devina justisa eque seus corpos quoaudo deus fose servido llevallos desta vida prezente fosem enterados dentro na igreja deste llugar dagueda donde são freiguezes eque per suas allmas lhes fariam tres ofisios de nove llissois aquada hũ cõ as ofertas acostumadas e que seos corpos pera a sepolltura serião acõpanhados cõ doze pobres que llèvarão quada hũ sua tocha pello que darão hũ vintẽ a quada hũ de esmolla e que se haião em este per herdeiros hũ do outro e outro do outro pera sempre de maneira que o que ficar depois da morte do outro llograse toda a sua dercita parte do fallido pera sempre assim demovell quomo derais pera que de todo fasão o que lhe convier e que no dia que quada hũ delles mōrese se fizese hũ aneversario de tres llissois eoutro aneversario que sera quada quatro mezes do anno hũ e hestes tres aneversarios serão pera sempre os quais deixavão as suas quazas em que vivem cõ seu quintall e ellata e quazas per de tras tudo junto assim quomo elles testadores pesuem cõ mais todas as terras que partem a igreja deste llugar dagueda cõ mais hũa terra que esta na prejorada que parte com Antonio Roiz dasequins e assim mais hũa vinha que tem nas chãs que parte com Antonio João deste llugar dagueda eassim mais hũa vinha cõ sua deveza e chão que tem no ninho daiguia que chamão a vinha da molleira assim quomo a pesuem pera cõprimento dos ditos tres aniversarios em quada hũ ano pera sempre cõ mais hũa terra onde chamão o pereiro que parte cõ domingos João deste llugar dagueda aquall fazenda somente figurara obrigada aos ditos tres aneversarios e tudo isto enquaregavam a Antonio, filho de domingos joão deste llugar dagueda sobrinho de ambos e filho de Quaterina Antonia molher do dito domingos joão ao quall seo sobrinho Antonio per seos fallamentos deixavão todas as ditas propriedades pera cõprimento dos ditos tres aneversarios e sendo quazo que faleza sem erdeiro pase a seo sobrinho bertolameo da fonsequa e fazendo se cllerigo ou frade lloguo pasara aelle bertolameo da fonsequa e sendo quazo que elle bertolameu da fonsequa seo irmão de Antonio se fasa frade ou cllerigo fique a Pedro da fonsequa outro sim seo irmão e se aquazo se fizer cllerigo ou frade pase toda esta fazenda a francisqua da fonsequa irmã dos sobreditos e os seos herdeiros cumprão a dita obrigasão de modo que os ditos tres aneversarios se fasão na igreja de santa ollaia deste llugar dagueda cõ a sera costumada cõ quatro padres que lhe diguão quatro missas das quois sera hũa cantada e tres rezadas e que hũa tera que tinhão nas areas da varzea dasequins onde chamão os talhos (?) deixavão a paulla de pinho sua sobrinha cõ codisão que em quada hũ ano lhe daria

de esmolla ao espital de deste llugar dagueda hũ tostão e que elles herdeiros darião de esmolla a cõfraria do Santissimo sacramento quinhentos reis e ade nosa sãra quatro sentos reis e ade Santa llozia dozentos reis e ade Santa Ollaia dozentos reis nos quoaes erdeiros não entrarã a dita paulla de pinho pera os ditos pagamentos somente pagara ao espital o tostão atras decrado em quada hũ anno e desta maneira avião seus testamentos per aquabados e pedião as justisas clesiasticas e seculares asim os mãdasem cõprir e goardar asim etam enteiramente quomo nelles se cõtem per assim serem suas ultimas e deradeiras vontades e per este revogavão todos e quoaos ate o prezente tivesem feitos so este tivese forsa e vigor e decllaravão que estas obrigasois quomesarião depois da morte de ambos per que dantes não he sua vontade somẽtes os que de direito se devão fazer e hem de verdade assim o quizerão o que tudo foi perante test.^{as} Manoel Antunes deste llugar dagada que assinou por ella brites João aseu roguo della per ella não saber asinar eforão mais test.^{as} antonio Roiz da villa dassequins e Ant.^o Fz o droque e Manuell joão e lluis miz todos da dita villa dassequins e manuell pinheiro e pero miz ambos deste llugar dagada e João miz deste dito llugar que todos aqui asinão cõ elle pero Fz testador eu pero joão taballião o escrevi o quoll estromento de testamento eu sobredito Pero joão Taballião do pubriquo judisial e notas na villa de segodaãs eseu termo e das notas neste llugar dagada pello duque dom alvaro dallencastre snf das ditas teras que bem e fielmente o tresladei de meu llivro de notas a que me reporto sem cousa que duvida fasa e per serteza detudo aqui asinei em pubriquo de meu sinall que tall e fis e tudo escrevi (sinal publico do Tabelaõ).

ESCRITURA DE OBRIGAÇÃO

Saibão quoaos este estromento obrigaçã e ipoteca deste dia pera todo sempre virem que no anno do nasimento de noso snf. jesu xpo demill eseis sentos e vinte e quatro anos aos dezasseis dias do mes de novembro do dito ano no llugar dagueda e pouzadas de domingos joão merquador que he do termo da villa daveiro onde estava de prezente o dito domingos joão cõ sua molher Quaterina antonia ebẽ asim brites joão duca veuva molher que foi de Pero Fz deste dito llugar dagada elloguo per elles foi dito em prezença de mim Taballião edas test.^{as} ao diante nomeadas que elles cõ o favor devino querião enstetoir huã quapella na igreja deste llugar dagada pera suas sepulturas a que querião unir fazenda pera obrigaçã de misas per suas allmas e de seus pais e mais e marido defuntos e para a quomesarem afazer primeiro querião obrigar e ipotequar fazenda e bẽs particulares pera a fabrica dadita capella elloguo diserão que elles pera iso obrigavão quomo lloguo de feito obrigarão e ipotequarão deste dia pera todo sempre quomo vem a saber hũa vinha branca que tem no campo de baro daugoadã onde se chama costa que lleva des homẽs dequava foreira ao snr. bispo de quombra que parte do nasente cõ vinha de dioguo dias de baro que da oitenta allmudes de vinho hũ ano per outro e helle domingos joão e sua molher obrigarão mais e ipotequarão adita capella quatro teras que tem na lavra de bollfear pegado a ermida de sangiralldo que lhe paguão em quada hũ anno desaseis alqueires de pão e milho f.^{ros} pera elles e asim ipotequarão mais hũ chãõ que tem onde chamão o chãõ do rio na varzea da villa dassequins e outro na peorada na dita varzea junto deste llugar dagueda que llevão sinquo alqueires de trigo de semente foreiros a igreja deste llugar dagada o que tudo obrigarão e ipotequarão pera a fabrica da dita capella doje pera sempre e hem testemunho de fe e verdade asim o quizerão e outorgarão e delle mandarão ser feito este estromento de obrigaçã e ipoteca ao quoll obrigarão suas pessoas e bõs a cõprirem em

juizo efora delle o que tudo foi perante tes.^{as} ant.^o João dasera merquador e morador deste lugar dagueda que asina pellas ditas quaterina antonia e brites João aseus rogos dellas per ellas serem molheres e não saberem asinar e forão mais tes.^{as} João Francisquo e andre João ambos moradores deste dito llugar dageda na rua de sima que todos aqui asinarão nesta nota cõ elle domingos João e eu taballião dou fe serem elles todos os proprios nomeados pero João taballião o escrevi o quoaall estromento dobrigasão e ipotequa eu sobredito pero João taballião do pubriquo judesiall e notas na villa de segadais e seo termo e das notas neste llugar dageda pello duque dom allvaro dallencastre snf das ditas teras que bem e fielmente treslladei de meu livro de notas a que me reporto sem cousa que duvida fasa e per serteza de tudo asinei em pubriquo.»

SOARES DA GRAÇA

bibRIA

OS LEMOS DA TROFA E O PADROADO DA IGREJA DE SALVADOR DE COVELAS

N^O meu artigo — *A Capela dos Lemos da Trofa*, publicado no n.º 48 do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, sugeri, a págs. 255-256, que os primeiros donatários da Trofa não teriam tido o direito de Padroado da Igreja do Salvador de Covelas, que ficava dentro de suas terras. E dei as razões justificativas desta minha suposição.

O Sr. Dr. SERAFIM SOARES DA GRAÇA teve a gentileza de mostrar-me uma nota em que se lia ter um fidalgo donatário da Trofa feito uma apresentação. E este donatário era anterior a Bernardo Gomes de Lemos que eu julguei ser o primeiro titular do direito do Padroado. Esta nota preciosa impôs-me a obrigação de um estudo especial sobre aquele direito. Venho agora apresentar os resultados do meu trabalho.

Ainda que Afonso v não tenha especificado expressamente entre os direitos e regalias de Gomes Martins de Lemos sobre as terras da Trofa, que lhe doou, o direito do Padroado na Igreja do Salvador de Covelas nelas incluída, não posso hoje negar que realmente esse direito, que era do rei, foi transferido ao donatário. No livro das Colações da Igreja da Trofa, ainda hoje existente no Seminário de Coimbra, lê-se a fl. 1: «que aos 28 de Outubro de 1528 confirmou o Sr. Bispo em Prior e Reitor da Igreja de S. Salvador de Covelas, Fernão de Almeida, a qual Igreja vagou por falecimento de Estêvão Loução, e foi confirmada à apresentação de Duarte de Lemos como verdadeiro Padroeiro que *in solidum* é da dita Igreja e quando quer que seja». Este Duarte de Lemos foi o primeiro deste nome, o navegador, herói da Índia, neto do primeiro donatário Gomes Martins de Lemos e filho de João Gomes de Lemos, também

primeiro deste nome. Sé este terceiro fidalgo donatário tinha o direito de apresentação e houve a herança dele por força do documento de doação a seu avô, este e seu filho, pai de Duarte de Lemos, tiveram esse mesmo direito.

Consta do mesmo livro:

«Aos 9 de Agosto de 1583 foi colado Prior da dita Igreja Manuel Francisco de Figueiredo por permuta de Jorge de Almeida, digo da dita Igreja, Jorge de Almeida digo de Mendonça com consentimento dos Padroeiros dela.»

Esta nota confusa é explicada por outra:

«Aos 20 de Março de 1589 apresentou Manuel Francisco de Figueiredo o título da sua colação por permuta de Jorge de Almeida pela Igreja de Fermelã, passado no mês de Agosto de 1583.»

Entre 1528 e 1583 não há registo de colação, mas não há dúvida de que Jorge de Almeida foi Prior da Trofa e era-o ainda em 1583, quando trocou esta Igreja de Fermelã. Quem o apresentou? É possível mesmo que entre Fernão de Almeida e Jorge de Almeida tivesse havido outro ou outros. Nada diz porém o registo das Colações. Isto significa que o direito do Padroado não foi usado ou por abandono ou porque foi contestado, sendo aquele prior Jorge de Almeida apenas encomendado. É assim foi realmente.

Duarte de Lemos, primeiro deste nome, após a construção do panteão, que mais tarde havia de servir de Capela-Mor à nova Igreja, foi para o Brasil em 1534, na aventura da colonização em que se envolveram os seus companheiros das lutas da Índia. Por lá andou até 1558 e lá morreu, consumidos os anos e as fazendas em lutas inglórias, nas quais a desventura apagou os últimos clarões do heroísmo da Índia. Seu filho, João Gomes de Lemos, segundo deste nome, ficara na metrópole a viver da tença que lhe dava o rei, de 2160 réis de moradia e um alqueire de cevada por mês. Com as rendas do Senhorio da Trofa comprometidas, nem sequer pediu a D. João III que o confirmasse no Senhorio. Por morte do Prior Fernão de Almeida ou de algum sucessor seu, quis apresentar novo prior, mas não o consentiu o Duque de Aveiro, que lhe embargou o actô perante o Bispo de Coimbra. Arrastou-se a questão por longos anos, sempre em desfavor de D. João Gomes de Lemos, até à sentença que lhe negou a sua qualidade de Padroeiro. João Gomes de Lemos faleceu e sucedeu-lhe o filho Duarte de Lemos, segundo deste nome, que recebeu do avô todas as virtudes físicas e morais que lhe haviam dado lugar na História como herói da Índia. Corpulento, corajoso, tenaz, ficou por seus feitos audaciosos na memória do povo como a figura máxima daquela família. Senhor das terras da Trofa, pediu logo a D. Sebastião que o confirmasse nelas, o que este fez. E, não tendo sido aten-

dido pelo Bispo, pediu instrumento de agravo e dirigiu-se ao rei, originando novo processo sobre o Padroado, de cuja sentença consta:

«D. Sebastião, por graça de Deus rei de Portugal, daquém e dalém mar, etc. A vós Dr. Francisco Fernandes, Provisor Vigário Geral no Bispado da cidade de Coimbra ou a quem vosso cargo servir. Faço-vos saber que nesta minha corte e Casa da Suplicação perante o juiz de meus feitos nela foi apresentado um instrumento de agravo que dante vós tirou Duarte de Lemos, Senhor da Trofa, por seu Procurador, pelo qual instrumento se mostrava entre muitas coisas em ele conteúdas, o dito suplicante vos fazer um requerimento por escrito, dizendo em ele que o Duque de Aveiro demandava sobre o Padroado da Igreja de Covelas, perante vós por virtude de um rescripto apostólico e ele suplicante vinha por seu procurador, com uma excepção declinatória *fori*, dizendo que era leigo, e de jurisdição secular, por onde quem quer que contra ele quisesse alguma coisa, o havia de demandar perante o juiz do seu foro, e como ele era filho legítimo varão mais velho de João Gomes de Lemos, e nêto de Duarte de Lemos, e como tal sucedeu nas terras da Coroa e doações da Trofa e Padroado da Igrejas de Covelas, de que os reis passados fizeram mercê a seus avós, de juro e herdade, e como entre as mais doações que pelos reis passados foram feitas a seus avós sobreditos, lhe foi feita mercê do Padroado da Igreja de Covelas, e dele era donatário meu, ele D. Duarte de Lemos, como das mais terras da Coroa que por doações dos reis passados foram feitas a seus avós, de que tudo, como legítimo sucessor, estava de posse, pelo que, por assim o dito Padroado ser da Coroa de que ele excipiente é donatário. E sendo outrossim ele leigo, o conhecimento desta causa pertencia ao juiz de meus feitos que andava na Casa da Suplicação, e de como ele vos pedira que não tomásseis conhecimento desta causa, mas antes a remetesseis ao juiz dos meus feitos a quem o conhecimento pertencia, o que vós não quisereis nem querieis fazer, mas antes ieis pelo feito em diante, sem queredes deferir ao agravo que por seu Procurador vos fora posto, da qual sem razão e agravo, ele suplicante Duarte de Lemos agravava para o juiz de meus feitos, e pedia instrumento de agravo, os que lhe fossem necessários, e sendo-lhe denegado, pedia carta testemunhável com fé do escrivão de todo o que do caso sabia e protestava ser provido pelo juiz de meus feitos com justiça e as custas lhe serem pagas com todas as mais perdas e danos que nisto recebia por quem direito fosse, que de tudo o escrivão lhe daria os instrumentos que lhe cumprissem com vossa resposta ou sem ela, se a dar não quisessem e protestava verificar sendo necessário.»

A esta petição havia respondido o Procurador do Duque de Aveiro dizendo: «que havia muitos anos que essa causa pendia no eclesiástico sem nunca se declinar o juízo, e chegara a causa a dar-se sentença no caso, e se tratava já da execução dela pelo que não havia ali agravo nenhum, ainda que o caso não pertencera ao eclesiástico, como pertencia, por aí estar prorogada a jurisdição falando-se tanto tempo havia no dito juízo, como dizia, e, portanto não tinha justiça nem razão de se agravar o agravante, e, se todavia insistisse, seguindo fosse com esta resposta e com os papeis que na expedição se ajuntarão...»

Por sua vez, o Vigário Geral disse:

«Que respondia com os Autos e Bulas por onde conhecieste deste caso.»

Assim foi o processo remetido à corte, depois de muitos anos gastos no juízo eclesiástico de Coimbra. A sentença eclesiástica neste processo fora dada ainda em tempo do pai de Duarte de Lemos e acabou na corte quando este era também já há anos Senhor da Trofa, por sentença dada em Évora em 10 de Dezembro de 1572 e integrada no processo em 24 de Janeiro de 1573. Assim se explica a razão porque depois da colação de Fernando de Almeida, em 1528, não aparece outro registo de colação até 1583. E que tendo-se tornado litigioso o direito de Padroado, o prior ou priores que sucederam àquele, durante o litígio, foram pelo Bispo encomendados na Igreja. Jorge de Almeida foi um deles.

O licenciado Manuel Francisco de Figueiredo governou a Igreja da Trofa durante o resto da vida de Duarte de Lemos e ainda os primeiros anos da de seu filho Diogo Gomes de Lemos, pois faleceu em 1617, sendo então colado, por apresentação do mesmo Diogo Gomes de Lemos, Tomé de Bastos, natural de Eixo. A colação foi feita pelo Bispo D. António Furtado de Mendonça, em 14 de Junho daquele ano, e ainda então a Igreja tinha o nome de Igreja do Salvador de Covelas.

Depois de Duarte de Lemos — primeiro — este período que abrange as vidas de Duarte de Lemos — segundo — e de seu filho Diogo Gomes de Lemos, isto é, de 1570 a 1650, é o de maior esplendor da família dos Lemos. Duarte de Lemos, partidário de D. António, Prior do Crato, preso depois do incidente da ponte de Coimbra, em que para não cumprir Filipe II se atirou dela abaixo, recuperou a liberdade quando já havia sido condenado a perder a vida. E viveu na Trofa administrando a sua casa, de cujas rendas vivia. Foi ele, como adiante se verá, que deu consentimento ao povo de sua terra da Trofa, de mudar a Igreja de Covelas para junto da sua Capela.

Diogo Gomes de Lemos exerceu o direito do Padroado, apresentando Tomé de Bastos em 1617, e André Vieira,

colado em 1650, por óbito daquele. No intervalo entre a morte de Manuel Francisco de Figueiredo e a colação de Tomé de Bastos foi cura encomendado o Padre Diogo Fernandes. A este tempo já a Igreja de Covelas estava abandonada e o culto fazia-se na nova, o que significa que a construção do corpo da nova foi toda feita durante a vida de Duarte de Lemos — segundo —. Não sei em que condições Duarte de Lemos consentira na construção do corpo da Igreja de forma a constituir com a sua Capela um templo só, servindo-lhe esta de Capela-Mor. É certo que o seu descendente Diogo Gomes de Lemos se quis arrogar direitos sobre todo o templo, chegando mesmo a criar obstáculos ao exercício do culto. O Arcipreste da vila de Aveiro mandou tirar uma informação, em que depôs o cura Diogo Fernandes que deu a Diogo de Lemos um certificado do seu depoimento assim redigido: «— Certifico eu o padre Diogo Fernandes, cura encomendado nesta Igreja de S. Salvador de Covelas, que é verdade que o Sr. Diogo Gomes de Lemos, Senhor desta vila da Trofa, me não impediu depois do falecimento do licenciado Manuel Francisco de Figueiredo, último prior que foi da dita Igreja nenhuns ornamentos nem guisamentos para dizer missa nem de administrar os sacramentos necessários nem nas coisas eclesiásticas se meteu nem seus procuradores, nem na dita Igreja se acastelou, e por assim passar na verdade e eu ter testemunhado na informação que tirou o Sr. Arcipreste da vila de Aveiro, sobre este negócio, me reporto ao que dito tenho, a qual certidão me foi pedida e eu a passei na verdade e assinei hoje trinta e um dias do mês de maio de 1617 anos — o Padre Diogo Fernandes». Adivinha-se, por trás desta certidão, alguma verdade na acusação que ele quis encobrir e tanto assim que a 10 de Outubro de 1620 Diogo Gomes de Lemos e sua mulher D. Mariana Coutinho desistiam solenemente a favor do prior e fregueses da Igreja da Trofa «quanto diz da Capela-Mor para fora que é o corpo da mesma Igreja (Liv. Reg. Col., pág. 190).

Diogo Gomes de Lemos fez ainda apresentação do Padre Francisco de Almeida, colado em 10 de Março de 1651, por morte de André Vieira, que foi prior só um ano.

O filho mais velho de Diogo Gomes de Lemos chamado João Gomes de Lemos, terceiro deste nome, era da Companhia de Jesus, mas conseguiu licença para se afastar desta e poder assim suceder a seu pai no Senhorio das terras da Trofa. E nelas foi realmente confirmado em 1652 por D. João IV. Este padre João Gomes de Lemos, foi conhecido na Trofa como o padre Fidalgo. Exerceu o direito de Padroado em 1666, apresentando Martim Afonso de Melo que foi colado em 3 de Julho daquele ano, em sucessão

a Francisco de Almeida. Três anos depois, por motivos que não conheço, este prior Martim Afonso abandonou a Igreja sem licença do seu prelado, e foi encomendado nela o próprio Padroeiro Padre João Gomes de Lemos, com 3.000 réis, além do pé de altar.

Com o falecimento de João Gomes de Lemos, acabou-se o Senhorio da Trofa na família dos Lemos, por falta de descendente varão legítimo. Não o entenderam assim a irmã do Padre Fidalgo, D. Jerónima, nem seu filho Bernardo de Carvalho e Lemos, que ambos se julgavam com direitos às terras da Trofa e ao Padroado da sua Igreja.

Aos 27 dias do mês de Outubro de 1686 apareceu na casa da Câmara da vila da Trofa o desembargador de sua Alteza o Príncipe D. Pedro e ali «em nome do dito Senhor, por ser falecido o donatário da dita vila João Gomes de Lemos, sem filhos nem descendentes..... tomou posse da dita vila, suas rendas e tudo o mais pertencente à Coroa... e nesta conformidade tudo aquilo que de suas rendas assim barca como casais, foros, rações, quintas, sextos e oitavos, quartos, casas, terras e tudo o mais havia por tomado... e na mesma forma foi à Igreja da dita vila que era pertencente ao Donatário e abrindo as portas dela tomou posse do Padroado Real, fazendo as cerimónias seguintes necessárias, pondo o missal no Altar-Mor e abrindo-o e mudando-o de uma parte para outra, e entrou na sacristia da dita Igreja e fechou-a tangendo campainha e os sinos, dizendo em voz alta que em nome de sua Alteza tomava a dita posse do Padroado:...»

Assim reverteram à Coroa todos os bens que constituíram o Senhorio da Trofa, na conformidade do que ordenara o instrumento de Afonso V em 1449. Na tomada da posse deles houve, porém, um excesso: o Corregedor do Príncipe estendeu-a à Capela-Mor da Igreja, e esta era privativa dos herdeiros do falecido Donatário. Estes protestaram. O pároco colado, Martim Afonso de Melo, tinha, como antes disse, abandonado a Igreja, mas não podia ser apresentado outro pároco nela sem que o Bispo, por sentença, declarasse a vaga. D. Pedro requereu ao Bispo esse julgamento e logo após, em 20 de Fevereiro de 1680, apresentou o Padre António Henriques Neto, doutor em cânones. Bernardo Gomes de Carvalho, ainda antes de dada a carta de apresentação ao interessado, só porque lhe constou que o Príncipe a apresentara, vem em 10 de Fevereiro com uma petição ao Bispo para que lhe fosse dado visto de apresentação de D. Pedro II, alegando que o direito do Padroado lhe pertencia e estava de posse dele e de todos os bens do Senhorio, tendo feito apresentação do Padre Manuel Garcia, estando o processo em diligências.

Defendeu-se o Padre António Henriques Neto, apresentado do Príncipe, juntando uma certidão da posse que este tinha tomado. A luta foi grande, com embargos, embargos de embargos e razões. A 8 de Abril de 1680, Bernardo Gomes de Carvalho e Lemos desistiu do processo, sem prejuízo do seu direito de Padroado. A desistência foi julgada no dia seguinte. O Padre António Henriques Neto foi colado. Bernardo de Carvalho e Lemos nunca lhe consentiu que dissesse missa no Altar-Mor.

O Padre António Rodrigues Neto foi promovido em 1686 e em 26 de Junho daquele ano D. Pedro deu carta de apresentação a Bernardo de Torres da Silva, natural de Torres Vedras, onde era prior, que a apresentou em Coimbra a 25 de Julho.

Cabe agora a vez a D. Jerónima de Lemos. Esta, logo que soube da apresentação feita pelo rei, veio requerer que lhe fosse dada vista do processo, porque queria oferecer embargos. Foi-lhe dada vista por 24 horas em 27 de Julho. Nos embargos disse que o direito ao *Morgadio* da Trofa lhe vinha por herança de seu irmão, pai e avô; que era pública fama que a Igreja não era da Coroa, mas privativa, e o direito do Padroado andava anexo a ela; que embora seu filho Bernardo tivesse consentido que o rei apresentasse o Padre António Rodrigues Neto, ele não o fizera pacificamente, pois viera com embargos; que a desistência do filho não podia prejudicar os direitos dela, porque lhe não havia dado procuração para desistir; que ela estava na posse dos bens e rendas do Senhorio.

Defendeu-se o Padre Bernardo de Torres da Silva e voltou a arrazoar D. Jerónima. Transcrevemos apenas algumas passagens destas razões por esclarecerem pontos antes nebulosos sobre a Igreja. Referindo-se à alegada posse de D. Pedro, por ter já feito uma apresentação anterior, diz que interpôs libelo para expulsar o prior colado da Igreja, e que portanto essa posse não foi mansa e pacífica; que o facto de só agora vir com embargos não pode aproveitar ao rei, porque «ela é uma mulher muito velha de sessenta anos e no dito tempo estava ausente em uma quinta fora deste bispado com seus filhos desterrados».

D. Jerónima não tinha razão. Ela não estava, como dizia, na posse da Igreja e das rendas do Senhorio. Estas haviam sido sequestradas por ordem do rei e arrendados os bens em praça. Naquele ano de 1686, foram arrendados a seu filho Bernardo de Carvalho e Lemos, que os conservou de arrendamento até que, em 1699, D. Pedro, por mercê nova, lhe fez doação do Senhorio em duas vidas. Os bens haviam revertido de facto à Coroa. D. Jerónima estava Senhora da casa e propriedades que herdara de seu irmão

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

e ainda da Capela-Mor, que era privativa sua. E porque não tinha razão não lhe foram recebidos os embargos por sentença de 20 de Agosto de 1686. E o apresentado do rei, Bernardo de Torres da Silva, foi colado a 28 de Agosto do mesmo ano. D. Jerónima tinha apresentado o Dr. Manuel Soares, de Arrancada, a 3 de Julho daquele ano. Em seu requerimento dizia que «o direito por onde me vem o ser Padroeira é porque mudando-se a Igreja de Covelas para a vila da Trofa, meus avós e pais deram o sítio pegado à minha capela para se fazer a dita Igreja e tanto que a minha capela lhe serviu de Capela-Mor». Foi o avô, o Duarte de Lemos, segundo, que doou o terreno para a nova Igreja e a construção fez-se entre 1580 e 1617.

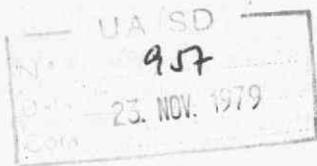
Em 1690 o prior, Bernardo de Torres da Silva, foi promovido e o rei D. Pedro apresentou o Padre Manuel da Costa, prior em Vila Franca, que foi colado em 31 de Dezembro daquele ano. Este morreu em 1718 e foi então apresentado por Luís Tomás de Lemos e Carvalho, filho de Bernardo de Lemos, o Padre Manuel Domingos Coelho, da Vila de Vouga. O direito do Padroado continuou depois nos donatários.

Assim ficam esclarecidos os dois pontos que deixei duvidosos nos artigos antes referidos, — A mudança da Igreja de Covelas para a Trofa, e o direito do Padroado —.

Ao meu prezado Amigo Rev.º António Baltasar, da Trofa, deixo os meus agradecimentos pelos valiosíssimos elementos que me deu sobre este assunto.

Rio de Janeiro, 1952.

AUGUSTO SOARES DE SOUSA BAPTISTA



O QUINTO CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DA INFANTA
SANTA JOANA, FILHA DEL REI
DOM AFONSO QUINTO,
E O «ARQUIVO DO DISTRITO
DE AVEIRO»

A *S festivas homenagens da cidade de Aveiro, calorosamente prestadas em comemoração dos cinco séculos decorridos sobre a data do nascimento da excelsa filha de Dom Afonso quinto, erguida pelas suas imarcescíveis virtudes ao fulgor imorredoiro dos altares, vem o Arquivo do Distrito de Aveiro juntar, com as páginas que se seguem, o público testemunho da veneração e respeito que a muitos títulos consagra a tão distinta figura da História local.*

Não é esta a primeira vez, no decurso dos dezoito anos de existência que dentro de breve tempo a nossa Revista contará, ao exclusivo serviço de Aveiro e da sua região natural, que a vida da padroeira espiritual da cidade nela encontra eco e dedicado registo; logo no seu 3.º volume, pudemos inserir o valioso estudo subordinado ao título de «O retrato de Santa Joana do Museu de Aveiro», e uma «Breve notícia da Crónica da fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e da Infanta Santa Joana, filha del Rei

bibRIA

Dom Afonso v», esta última destinada a exemplificar o que viria a ser a publicação daquele precioso códice quinhentista, levada a efeito em 1939 por dois dos Directores da Revista — um deles transcrevendo-a escrupulosamente e apresentando-a, e o outro subsidiando inteiramente, do seu bolso particular, as elevadas despesas inerentes à dificultosa edição.

A Crónica tem sido, de há séculos, a fonte insubstituível, mas imperfeitamente conhecida, por inédita na sua maior parte, de todos os sucessos que ao Mosteiro de Jesus e à Infanta santa dizem respeito, e imediatamente ligados à história de Aveiro e à da própria Nação; só o ambiente criado pelo Arquivo e as decididas vontades de quantos nele desinteressadamente trabalham, tornaram possível a sua edição integral, de balde solicitada, durante dezenas de anos, a organismos oficiais, e por várias vezes tentada, sem resultado sempre.

Em 1940, publicou o apontamento «À propos de Sainte Jeanne, Infante du Portugal (fragment psy-

bibRIA

chologique)»; *no ano imediato*, «A causa da morte da Infanta Santa Joana (uma história clínica do século xv)»; *em 1942*, «Les livres liturgiques d'Aveiro», *através de cujas páginas a delicada figura da Infanta perpassa suavemente*; *no volume VIII*, a «Memória descritiva do quadro — Morte da Princesa Santa Joana — tema da tese destinada a obter a carta do Curso de Pintura, realizada em Abril e Maio de 1943 na Escola de Belas Artes de Lisboa».

Finalmente, no volume XVI, o texto integral das desconhecidas «Constituições que no século xv regeram o Mosteiro de Jesus, de Aveiro, da Ordem de São Domingos», às quais voluntariamente se submeteu, reverente e humilde, a firme vontade da Princesa santa, cuja vida devota melhor se ficou conhecendo pela leitura atenta dessas estranhas páginas medievais, arquivo de viva fé e reais sacrifícios.

Novos estudos e novas considerações se reuniram nas páginas que vão seguir-se; não serão ainda elas, certamente, as últimas, pois a história do Mosteiro

bibRIA

de Jesus e da Infanta Santa Joana ocupa sempre o primeiro lugar no programa dos trabalhos da nossa publicação.

Depõdo no altar da História da cidade, eleita pela Princesa para místico refúgio do mar encape-lado da Vida, estas páginas votivas, serenamente escritas, e, por completo, sine ira et studio, o Arquivo do Distrito de Aveiro agradece a todos os seus distintos colaboradores o honroso acolhimento que prestaram à solicitação que lhes dirigiu, e bem assim a quantos Amigos, dedicadíssimos todos, por diversos modos contribuíram para tornar possível esta homenagem.

No segredo da sua consciência, e evocando a memória sagrada daquela que foi Infanta de Portugal e que a Igreja beatificou, a todos envolve no mesmo simbólico amplexo.

A DIRECÇÃO.



A Infanta Santa Joana em traje de corte, segundo o seu retrato
coevo existente no Museu de Aveiro

bibRIA

EM LOUVOR DE SANTA JOANA

*«O quam pulchra est casta generatio
cum claritate: immortalis est enim memoria
illius, quoniam et apud Deum nota est et
apud homines!»*

Sap. IV. 1

ASSIM fica, como que em êxtasis, a Sabedoria infinita diante das almas como a de Santa Joana, límpidas como uma estrela ou como um diamante, ou como a gota de orvalho que cai às horas da madrugada sobre o setim de uma pétala! Ela solta este grito de admiração, que não pode por mais tempo conter, e pela voz inspirada de Salomão proclama imortal, à face de Deus e dos homens, a imaculada pureza das almas!

O nosso poeta disse-o também a seu modo:

Na marcha da Humanidade, à frente, mais à frente do que os sábios e os filósofos, do que os poetas e os artistas, do que os soldados e os conquistadores, mais à frente vão os santos.

Enche desta luz a cidade a nossa Santa; chegaria mesmo para iluminar o mundo!

† JOÃO EVANGELISTA

Arcebispo-Bispo de Aveiro

NO 5.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DA PRINCESA- -INFANTA-SANTA JOANA

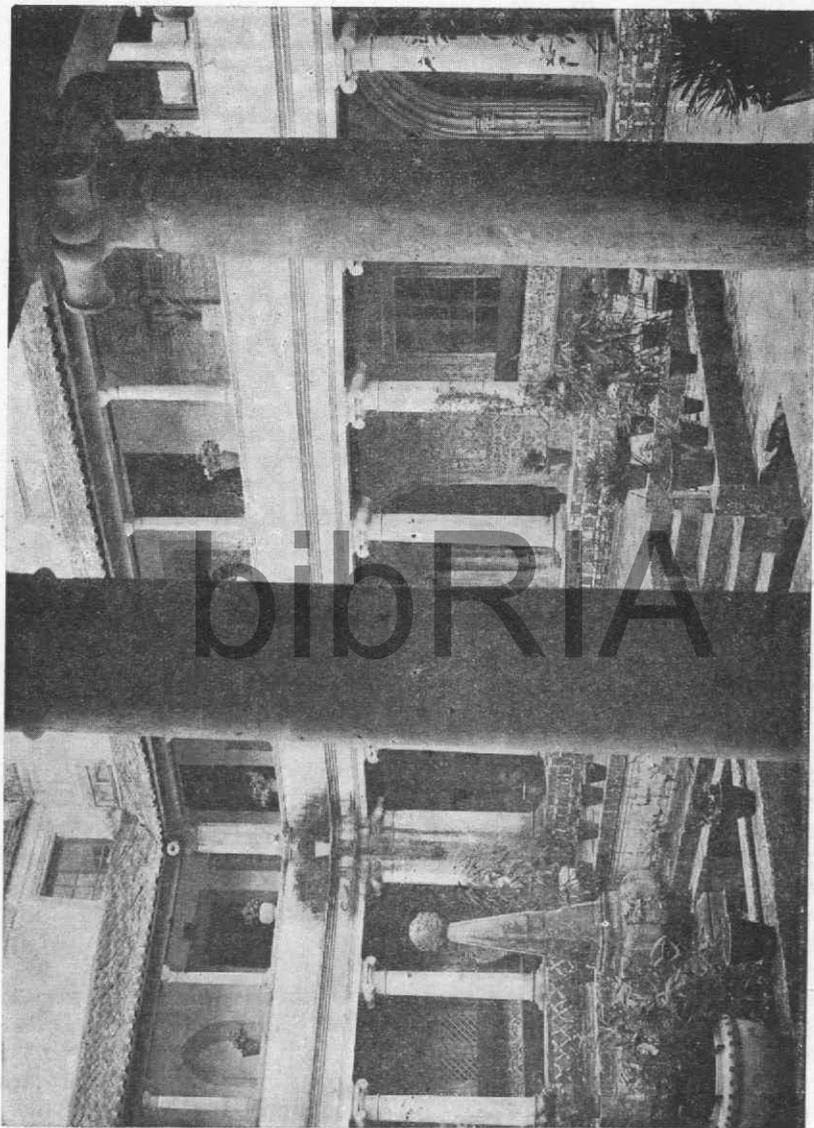
A PESAR do grande embate de opiniões políticas, filosóficas e religiosas que se operou entre nós nos fins do século XIX e princípios do século XX, a história e o culto da Princesa-Infanta-Santa em Aveiro mereceram sempre a atenção, a deferência e o respeito das camadas populares, das pessoas ilustradas e das mais divergentes políticas.

Depois da morte da última professa do convento de Jesus, em 1874, correu este convento o perigo de ser fechado e de ser posto em almoeda o seu recheio, mas, a pedido de muitos aveirenses, o governo manteve a unidade da antiga instalação monástica e concedeu o edifício a uma congregação de Terceiras de S. Domingos que ali abriu o Real Colégio de S.^{ta} Joana, para educação de meninas, entregando-se a igreja e suas alaias à Irmandade de S.^{ta} Joana que para tal fim se erigiu e ainda permanece.

Após a proclamação da República em 1910 e da consequente extinção das Ordens religiosas, ainda a pedido de alguns aveirenses ilustrados, e com o geral consenso, o Governo Provisório, sob propostas do governador civil Dr. Rodrigo Rodrigues, criou o Museu Regional, destinando-lhe o edifício do antigo convento de Jesus e colégio de S.^{ta} Joana, ficando-lhe anexa a igreja das Carmelitas, sem, contudo, se obstar ao culto nos locais a ele affectos.

Um dos principais obreiros da fundação do Museu e maiores propugnadores da conservação daquilo que no convento de Jesus já era monumento nacional, e da incorporação do seu recheio artístico no Museu Regional, foi o dr. JOAQUIM DE MELO FREITAS, distintíssimo aveirense, e histórico democrata, que dirigiu ao Ministro da Justiça do Governo Provisório, dr. Afonso Costa, uma extensa petição,

larga e brilhantemente justificada em que enumerava as principais peças de arte que urgia preservar e expor. Entre elas



Aspecto dos claustros do Museu Regional de Aveiro — Antigo Convento de Jesus

avultavam todas as que se relacionavam com a vida, morte e culto da Princesa e Infanta S.^{ta} Joana, filha de D. Afonso v e irmã de D. João II, que em 1472 deu entrada no humilde

mosteiro fundado por D. Brites Leitão, em cuja igreja o Rei lançara a primeira pedra em 1462.

Desta forma se acautelaram todos os objectos de arte pertencentes ao culto da Santa e todas as suas recordações existentes no antigo convento de Jesus, o que constitui, ainda hoje, um fundo riquíssimo pelo seu valor histórico e artístico, fundo esse de que Aveiro se ufana e que os visitantes admiram e os fiéis veneram no Museu Regional e na igreja de Jesus e suas dependências, onde História, Religião e Arte se têm dado as mãos para se manter íntegro o valioso e venerando património. Este facto é tão importante e impressionante e foi tão profícuo e feliz, que o falecido escritor portuense e crítico de Arte, Dr. PEDRO VITORINO, o considerou como um grande milagre da própria S.^{ta} Joana.

A verdade é que tem havido, aqui, em todas as crises e emergências, bom senso e respeito, zelo e carinho por essa herança, preciosa no material e no moral, o que permitiu que na hora solene em que se comemorou o quinto centenário do nascimento da Princesa e Infanta Santa, todos nós, crentes, devotos ou meros admiradores da sua memória, das suas relíquias e do seu culto, tivéssemos a consolação do dever cumprido para com a História, a Arte, a Crença e os superiores interesses da cidade.

bibRIA

Santa Joana nasceu princesa real em Fevereiro de 1452, passou a infanta pelo nascimento do príncipe D. João em 1455, ano em que perdeu sua mãe a rainha D. Isabel, e veio a falecer, no convento de Jesus de Aveiro, em 12 de Maio de 1490, com 38 anos de idade, 18 dos quais ali passou em religião e voluntária clausura, dando exemplos contínuos de bondade, isenção, humildade e virtude que lhe grangearam fama de santa e mereceram à Igreja, com a sua beatificação, a honra dos altares.

No Museu Regional de Aveiro guardam-se e expõem-se num cofre e numa âmbula de cristal e prata, ao gosto do fim do século XVII, um anel do seu cabelo e o hábito, rosário e cinto com que morreu na *Casa do Labor*, para onde fora transferida na sua doença, por ser a mais soalheira e saudável do convento.

A *Casa do Labor*, também conhecida pela *cela* ou *casa da Santa*, é, de há muito, monumento nacional, porque foi revestida de riquíssima talha dourada e transformada em capela ou oratório em 1737.

Vários painéis alusivos à vida e morte de S.^{ta} Joana ornamentam as paredes, sendo a maior composição pictórica o curioso quadro do passamento, tal como o triste transe nos



A imagem de Santa Joana que sai em procissão pela cidade

é descrito no *Memorial* do Códice 872, atribuído a D. MARGARIDA PINHEIRO que conviveu com a Infanta e ali mesmo recebeu o seu último suspiro.

O pintor colocou nos braços da moribunda o mesmo crucifixo gótico que se vê hoje no altar do oratório e ima-

ginou a subida ao céu da alma pura e cândida da morta, expelida da sua boca como um hálito e aguardada pelos bemaventurados na corte divina.

Noutros quadros laterais descrevem-se, como se ocorressem no princípio do século XVIII, as cenas da recepção do Rei e do Príncipe vindos da campanha de Arzila; da entrada da Infanta no convento; da saída de Aveiro, por ordem real, quando da grande pestilência que assolou a vila; da lenda ou visão do anjo em Alcobaça, dizendo-lhe que era já morto o rei de Inglaterra com quem seu irmão D. João II a queria casar; da tempestuosa vinda a Aveiro de D. João II com o arcebispo de Évora, D. Garcia de Meneses, a dissuadi-la da profissão; do rei de França, ajoelhando diante do seu retrato, e do seu funeral.

No mesmo oratório se expõe a sua imagem que, juntamente com a de S. Domingos, sai na procissão da sua festa nos anos em que esta se realiza, com hábitos de gorgorão de seda recamados de bordados de ouro.

Na igreja, que é toda revestida de talhas douradas dos séculos XVI, XVII e XVIII, notabilíssimas pela sua beleza e riqueza, há vários painéis a óleo e em azulejo, alusivos à vida da Santa, sendo esses painéis do século XVIII, interessantes, mas sem merecimento artístico excepcional.

Num altar do lado do Evangelho, no corpo da igreja, foi colocada uma imagem de S.^{ta} Joana, em madeira estofada e dourada, ostentando os seus atributos de religião — a cruz e a coroa de espinhos da paixão de Jesus Cristo que ela tomara por empresa ou por emblemas da sua heráldica, em vez do brasão que de direito lhe pertencia.

No antigo coro de baixo, contíguo à igreja, ricamente guarnecido de mármore e talhas, está o seu túmulo, todo em mármore embutidos de excelente desenho e agradável combinação, túmulo que é um dos mais belos monumentos fúnebres existentes no mundo e sem rival no seu género de trabalho de embrechado.

Consta de uma arca quadrangular assente sobre um bloco de mármore de Carrara, onde se esculpiu uma Fénix ardente e inconsútil, mas parece sustentado por quatro querubins que, de mãos erguidas, se vêem, um a cada canto.

Sobre a arca ossuária, outros quatro anjos ostentam o escudo das armas do reino, encimado pela coroa real, entre volutas.

O trabalho artístico é de primeira ordem e apesar de haver muitos outros labores de embutidos no País, não se reconhece obra mais delicada e perfeita do que a deste maravilhoso sarcófago de estilo barroco equilibrado, sóbrio e muito digno na sua traça geral.

NO 5.º CENTENÁRIO DA PRINCESA

O projecto deve-se ao architecto João Antunes, a quem foi encomendado por D. Pedro II no fim do século XVII, mas



Túmulo da Infanta Santa Joana

os mármore e a execução devem ser italianos, como MARQUES GOMES afirma.

A trasladação dos ossos de S.^{ta} Joana para o precioso sepulcro, em 1711, reinando já D. João V, foi objecto de

grandes solenidades de que existe um circunstanciado relato com os autos respectivos.

Na secção de tecidos e paramentos do Museu, guardam-se a bandeira da Irmandade, de seda branca, tendo bordada a ouro uma lisonja partida ao meio, com as armas reais de um lado e a coroa de espinhos do outro, sob uma coroa de princesa; o pavilhão do sacrário e o paramento da festa, tudo em lhama de seda e prata com bordados a ouro, de finíssimo gosto e ponto delicadíssimo.

Na sala dos Primitivos, ou da pintura dos séculos xv e xvi, no segundo andar do edificio, entre dois riquíssimos reposteiros ou panos de armar, de brocatel, do século xvi, tecidos em prata e ouro sobre fundo de seda amarela e vermelha, vê-se o célebre *Retrato de S.^{ta} Joana em traje de córte*, tábua preciosa da segunda metade do século xv, pintada a óleo sobre *intonaco*, que é um documento iconográfico inestimável e um dos grandes valores da nossa pintura antiga.

O eminente crítico de Arte, JOAQUIM DE VASCONCELOS, não hesitou em declarar que só por si esta obra justificava uma viagem a Aveiro.

Apesar de certos antigos retoques lhe terem alterado a expressão original, o retrato dá-nos uma perfeita ideia do vulto da Princesa e dos seus atavios, tais como a viu o artista que a retratou e que foi minucioso e escrupuloso.

Mesmo que seja cópia de um retrato tirado por Nuno Gonçalves, como, discutivelmente, opinou o dr. JOSÉ DE FIGUEIREDO, é uma obra fidedigna, correspondendo à descrição de D. MARGARIDA PINHEIRO no *Memorial* do Códice 872, códice que se guarda nos reservados do Museu e felizmente dado à publicidade em 1939 pela benemérita iniciativa e consciencioso estudo de dois dedicados aveirenses ⁽¹⁾.

É flagrante a semelhança fisionómica do modelo com certas figuras dos Painéis de S. Vicente, do Museu Nacional de Arte Antiga, tidas como seu irmão, o Príncipe, sua mãe a Rainha, e o próprio *Santo* a que os personagens retratados prestam veneração.

Os olhos verdes e o anel de rubi asseguram-nos da veracidade de que hoje não é lícito duvidar-se.

Há anos, quando da grande polémica sobre os famosos painéis do Museu das Janelas-Verdes, eu perguntei se não será a própria Princesa Santa Joana a figura feminina que se vê ajoelhada ao canto esquerdo do painel do Infante e que

(1) O Prof. FRANCISCO FERREIRA NEVES, que subsidiou a edição, e o 1.º Conservador do Arquivo da Universidade de Coimbra, ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL, que prefaciou e estudou o Códice.

veste um corpete impressionantemente decotado como o do retrato do nosso Museu.

Suas mãos são igualmente esguias e finas, e seu olhar nostálgico parece traduzir o mesmo estado de espírito e revelar o mesmo carácter; alma entristecida e desiludida do mundo, certamente pesarosa do sangue vertido na tragédia da sua gloriosa família e ansiosa da contemplação e da paz de Deus.

Nada explica, na verdade, que Nuno Gonçalves, ou fosse quem fosse que pintasse os célebres painéis, se esquecesse de retratar neles a filha estremecida do Rei, se, de facto, é o Rei D. Afonso v a figura masculina que ajoelha em frente do Santo, objecto da adoração.

Mas esteja ou não retratada nesse painel a excelsa filha de D. Afonso v, do que nos não resta dúvida é de que o quadro do Museu de Aveiro a representa verídicamente e de que a tábua quatrocentista da nossa galeria é um documento não só inestimável no património da cidade, mas na própria história da Família de Aviz e da Arte Nacional.

Outras representações históricas de Santa Joana existem em Portugal, e o Museu de Aveiro possui mais dois pseudo-retratos. Nenhum deles, porém, pode ser tomado como verídico, não passando de meras idealizações dos pintores, sem corresponderem à realidade.

Mas o conjunto de todas estas relíquias, documentos e objectos ligados à vida, morte e culto de S.^{ta} Joana, é da mais alta valia e constitui um tesouro de que todos somos e devemos ser ciosos e briosos.

* * *

Quis um dia o grande poeta AUGUSTO GIL, quando Director Geral de Belas-Artes, em 1925, que eu sucedesse ao dr. José Pereira Tavares na direcção do Museu Regional de Aveiro, fundado pela República em 1911 e organizado pelo erudito historiador e arqueólogo JOÃO AUGUSTO MARQUES GOMES.

Coube-me, assim, sem o pedir e sem o esperar, a honra de velar pela conservação e dignidade da sagrada e riquíssima herança que, vai em cinco séculos, o destino entregou à nossa terra — a dos despojos da Princesa e Infanta-Santa e a das suas enternecedoras recordações e tradições e religioso culto.

Tenho a consciência de ter cumprido o honroso encargo com um sentimento perene de veneração e respeito, harmonizando sempre o critério artístico, indispensável à boa orde-

nação e conservação das espécies, com a espiritualidade da destinação originária e do pensamento religioso e litúrgico que não poderia alhear-se da expressão material embelezada pela Arte.

Neste ano festivo da comemoração do 5.º centenário do nascimento da ínclita Princesa, Beata da Igreja e Santa dos altares, glória e lustre desta Aveiro que ela escolheu para seu refúgio do mundo e sua mansão derradeira, o espírito aveirense que vive dentro de mim sente o júbilo da solenidade e compraz-se na contemplação das venerandas relíquias e no culto das tradições inerentes que sempre foram apanágio e honra da cidade e que esta apresenta íntegras, como há meio século as recebeu das gerações anteriores.

ALBERTO SOUTO

bibRIA

SANTA JOANA

A PRINCESA COROADA DE ESPINHOS

A Infanta pediu à madre priora, D. Maria de Ataíde, que entregasse a Jorge da Silva «o Espinho da coroa de Nosso Senhor o Jesus Christo que fôra da Araynha dona Izabel sua madre que o ouve do ho Iffante dõ pedro seu padre que tão mau fim tivera».

(Crônica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana, pág. 187).

bIBRIA

CONTA-SE no Antigo Testamento que as árvores se lembraram de eleger um rei. Convidaram a oliveira, a figueira e a videira, mas elas recusaram o trono. Dirigiram-se, por fim, ao espinheiro e disseram-lhe: — Vem e reina sobre nós. E ele respondeu: — Se em verdade quereis que eu reine sobre vós, vinde e repousai à minha sombra; mas, se não quereis, saiam dos meus espinhos dardos de fogo, que devorem os cedros do Líbano.

Esta soberania do espinheiro no reino vegetal ficou sempre misteriosa para a humanidade antiga. Foi preciso que Deus viesse ao mundo, para que o símbolo e a figura se convertessem em realidade.

Na manhã de Sexta-feira Santa, estava Jesus a ser escarncido no pretório de Pilatos. Para divertirem a multidão que reclamava a sua morte, os soldados romanos cravaram uma coroa de espinhos na cabeça do Senhor. Jesus percorreu a via dolorosa e agonizou no Calvário, coroado com esse diadema sangrento.

Então se verificou a soberania do espinheiro sobre as outras árvores. O mesmo cedro do Líbano foi vencido.

Jesus reina pregado na Cruz, mas são os espinhos que lhe escrevem na fronte a carta de realeza, em letras de sangue.

Diz a tradição que essa coroa se não perdeu. Conservada por muito tempo em Jerusalém, passou depois ao tesouro imperial de Bizâncio e no século XIII às mãos do rei S. Luís. Dispersaram-se, porém, os espinhos, porque não havia família real que não desejasse relíquia da coroa do Senhor.



Relicário de cristal e ouro com o *espinho* deixado pela Infanta a Jorge da Silva (1)

Numa das suas viagens pelas «sete partidas» do mundo, o infante D. Pedro, filho de el-rei D. João I, conseguiu trazer um dos espinhos para Portugal. Precisávamos dessa relíquia, quando pareciam abrir-se para nós todos os caminhos da glória. A nossa epopeia havia de custar sacrifícios que seriam incomportáveis sem a lembrança do sacrifício supremo da Redenção.

Todo o esplendor da segunda dinastia, desde Aljubarrota a Alcácer Quibir, se esbate num fundo roxo de tragédia. Para termos a glória imensa desses dois séculos, quantas orações silenciosas, quantos martírios ignorados, quantas lágrimas contidas! A chama da glória humana alimenta-se de sangue, a alegria gera-se na dor.

Não tardaram a experimentá-lo os filhos de D. João I. É D. Fernando, cativo em Tânger, mártir em Fez. É D. Duarte e D. Henrique, amortalhados em tristeza desde o cativo do irmão. É esse próprio infante D. Pedro, morto trágicamente na várzea de Alfaro-beira.

(1) O relicário, que ainda em 1910 era pertença da Casa da Oliveirinha, dos Castros Matosos (MARQUES GOMES, *O espinho da Corôa de Jesus Christo pertencente à Casa da Oliveirinha*; 1910), apareceu à venda em Aveiro há poucos anos, acabando por ser negociado para Penafiel, ao que parece, por uma casa de artigos religiosos, do Porto.

SANTA JOANA

Continua a dinastia, continua a glória, e o martirológio continua.

Quem havia de herdar a relíquia do espinho? A rainha D. Isabel, filha de D. Pedro, casada com seu primo D. Afonso v. Que dramas se não passaram no coração desta mulher! Para amar o marido, ter de esquecer o sangue do pai e a desgraça dos irmãos... Pouco nos diz a história, da meia dúzia de anos que ela ainda viveu. Sabe-se que foi três vezes mãe: mãe de um príncipe que morreu menino, mãe de D. Joana que foi santa, mãe de D. João II que foi «o príncipe perfeito».

Com menos de quatro anos de idade, a princesa Joana ficava herdeira daquele sagrado espinho que lhe falava do sangue de Cristo e do sangue de um avô, das lágrimas de Nossa Senhora e das lágrimas de sua mãe. Onde o havia de guardar? Cravou-o no coração. Nisto se resume a história da sua vida.

Como notou o papa Bento XIV na bula de canonização da Rainha Santa Isabel, a Providência divina quis distinguir a Nação portuguesa, dando-lhe na família real mulheres de extremada virtude.

umas têm os nomes inscritos nos álbuns da santidade. Outras, embora não subissem à apoteose dos altares, foram modelo de educadoras ou espelho de governantes. E algumas parece que foram eleitas por Deus rainhas de martírio e colocadas no calvário da Pátria, como a Virgem Dolorosa junto à Cruz.

A Princesa D. Joana pertence à dinastia das Virgens, Santas e Mártires da Pátria.

A sua vida decorre no período mais surpreendente da história dos Descobrimentos. Nascida em 1452, quando as ondas do Atlântico e o litoral africano começavam a revelar-nos os seus segredos, morreu Santa Joana em 1490, quando a ideia do caminho marítimo para a Índia já era mais do que um sonho. Pero da Covilhã e Afonso de Paiva andavam na sua viagem de aventura, e Bartolomeu Dias regressara a Lisboa com a nova de ter dobrado o Cabo Tormentório — o Cabo da Boa Esperança!

Como é que, numa época em que o espírito dos portugueses andava maravilhado com a narrativa de tamanhos feitos, pôde salvar-se do esquecimento a figura duma princesa penitente, recolhida em mosteiro? Pela mesma razão por que o sol não faz esquecer as estrelas.

Se considerarmos atentamente a história, veremos que são tanto mais densas as sombras quanto mais vivas as cla-

ridades. Altos desígnios de Deus, que faz avultar os contrastes nas épocas de maior grandeza, para que os homens não esqueçam, um só momento, a fragilidade da sua condição.

A segunda metade do século xv, porque foi de enorme progresso, foi de profunda miséria; porque foi de incomparáveis esperanças, foi de indizíveis receios. Como havia de raiar na terra a aurora de Quinhentos, sem as noites incertas veladas pelos nossos marinheiros, no dorso das caravelas, à rola das ondas? Como poderia a velha Lusitânia dar ao mundo, sem dores, os novos mundos?

Santa Joana foi estrela dessas noites, a pedir às suas irmãs, estrelas do hemisfério austral, que revelassem a sua luz aos olhos dos nossos navegadores. Foi virgem que se ofereceu a martírio pela Pátria, para que esta não sofresse tanto na sua missão maternal.

Compreenderemos ainda melhor o lugar que ela ocupa entre os eleitos do céu, se alongarmos os olhos pela história da Igreja, que é ainda então a história da Europa.

Contava a nossa princesa pouco mais de um ano de idade, quando lá no Mediterrâneo oriental succedeu uma grande desventura.

Na antiga Bizâncio, mirando a Ásia, fundara o imperador Constantino uma basílica dedicada à Sabedoria Divina—*Hagia Sophia*. Ampliou-a e enriqueceu-a o imperador Justiniano que, na festa da sua dedicação, exclamou, num transporte de alegria: — «Glória a Deus, que me julgou digno de realizar esta obra. Venci-te, Salomão!»!

Foi Santa Sofia a igreja mais célebre de todo o Oriente, mas a sua glória cristã começou a empalidecer desde que saiu da cidade a coroa de espinhos.

Em 29 de Maio de 1453, os turcos apoderaram-se de Constantinopla. Maomé II entrou a cavallo na basílica, avançou até o altar-mor, ajoelhou em cima dele e proclamou: — «Só Deus é Deus, e Maomé o seu profeta!». Clero e fiéis, ali refugiados, morreram a fio de espada. E o templo ficou, até hoje, consagrado ao culto do Islame.

Tomada Bizâncio, os turcos largaram à conquista da Europa cristã, com uma violência que só foi quebrada, ao fim de dois séculos, na batalha de Lepanto.

Roma tremia pela sorte do Ocidente. O papa Calisto III convidou os príncipes cristãos a organizarem nova Cruzada contra os infiéis, mas já iam proliferando os bacilos que desentranharam na peste protestante. Só o rei de Portugal fez preparativos sérios de Cruzada. Malograda a expedição contra os turcos, passou à África e conquistou Alcácer Ceguer.

Entretanto, diz o *Memorial* da vida da Princesa, D. Joana crescia e passava a meninice na corte, criada e servida como rainha. Cresciam também os projectos, nem todos felizes, de D. Afonso v. . .

Enquanto os turcos iam avançando lentamente na Europa, corriam velozes as nossas caravelas pela costa africana. Quem poderia então imaginar que a ruína do poderio muçulmano estava na dilatação do Império português? E que as orações da menina Princesa, quando deixava os brinquedos e se recolhia ao seu oratório, acordavam com a voz dos mártires da igreja de Santa Sofia?

Os anos foram volvendo. Desabrochou a Infanta nas graças da mocidade. Diz-se que Luís XI, rei da França, ao ver o seu retrato, ajoelhou e «deu graças e louvores ao Senhor Deus», por ter criado beleza tão perfeita.

Ficou em Aveiro um retrato desse tempo: a Infanta em traje da corte, com seus adereços e precioso diadema. O rosto, quase infantil, é sério e triste. Nem os lábios nem os olhos sabem sorrir. Se ainda hoje lhe dissermos, como Miguel Angelo ao «Moisés»: *Fala!*—aquela figura de mágoa e mistério inclinará a cabeça, a aliviar-se do peso da coroa, e responderá em doce murmúrio: — Quem me dera num convento!

Ora o convento, o seu convento, que não podia ter outro nome senão o de Convento de Jesus, estava a erguer-se em Aveiro. Não era só a fundadora, D. Beatriz Leitão, quem tinha pressa em o concluir. As obras andavam tão rápidas que, segundo a voz do povo, «os oficiais lavravam de dia e os anjos de noite».

No paço, a vida de D. Joana era já uma espécie de noviciado. Debaixo dos vestidos principescos, ricos colares e firmas de pedraria e oiro, trazia grosseira estamena e ásperos cilícios. Em meio das festas da corte, recolhia-se ao oratório em preces e penitências. Enquanto lhe preparavam régios casamentos, andava ela, noiva de Cristo misericordioso, a cuidar de pobres e enfermos. Enfim, já escolhera o seu brasão — a coroa de espinhos — que bordou com as próprias mãos em todas as peças de vestuário e mandou esmaltar nas jóias e gravar na baixela.

A muitos se afigurava que este ideal martirizante podia pôr em risco o trono de Portugal. Mas a Infanta sabia muito bem o que fazia. É preciso que alguém sofra, para que os outros triunfem. Fácilmente se perdem coroas de oiro, quando lhes falta o suporte da coroa de espinhos.

O ano de 1471 foi o mais glorioso do reinado de D. Afonso v. Passando a Marrocos com o príncipe D. João,

el-rei impôs o domínio português em Arzila e Tânger. Anda a memória dessa expedição nos versos de Camões:

«Maravilhas em armas, estremadas
E de escritura dignas elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama portuguesa.»

Quando voltou a Lisboa, o monarca podia intitular-se «rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África».

D. Joana vestiu-se da cor da esperança para receber o pai e o irmão. Também ela sonhava com um novo título, que fosse no império da humildade a réplica dos do império da grandeza. Já subira de Princesa a Infanta. Ascenderia mais uns degraus: de Infanta de Portugal a freira de convento, de freira ao nada, do nada a Deus...

O Africano, que via o mundo com outros olhos e o media por outra escala, não compreendia semelhantes ascensões. Todavia, para não contrariar, em tal momento, a única filha que tinha, abraçou-a a chorar e concordou: — Pois sim, minha filha. Serás o que Deus quiser...

O príncipe e os grandes da corte não se conformaram com esta resolução. Levantaram obstáculos, imaginaram novas propostas de casamento. Temendo pelo seu sonho, a Infanta deixou o paço e foi recolher-se ao mosteiro de Odivelas. Mas o seu lugar não era ali...

No mês de Março de 1472, começou a aparecer sobre o pequenino convento de Aveiro um misterioso sinal no céu. Brilhava mais que as estrelas e projectava intenso feixe de luz em determinados pontos da casa. Acendia-se ao descair da noite e apagava-se súbitamente ao romper da alvorada.

As freiras viam-no sempre, por mais velada que estivesse a atmosfera e as nuvens encobrissem a luz dos astros. Como interpretar aquela maravilha, que a todas causava temor e espanto?

A 4 de Agosto, chegou ao mosteiro a Infanta D. Joana, acompanhada do pai e do irmão. Ouviu missa na igreja de Jesus e incorporou-se logo nos actos da comunidade.

A partir da noite desse dia, ninguém mais viu sobre o claustro o meteoro luminoso. Era ele o mensageiro celeste precursor da Infanta. Era ela a nova e maravilhosa luz deste convento.

Deixemos agora a Infanta naquele recolhimento de espírito e abstracção do mundo, que era o ideal da sua alma e que, para martírio seu, lhe não consentiram em vida.

Toda a gente de Aveiro sabe que está no convento de Jesus a única filha do rei de Portugal. Por que teria ela escolhido aquele lugar? Os mais velhos lembram que D. João I, quando voltou da jornada de Ceuta, doou a vila de Aveiro ao infante D. Pedro.

— Grande homem, o Senhor Infante. Foi ele quem mandou erguer os muros desta vila, em que ainda trabalham operários...

— Há vinte e tantos anos que o mataram na batalha de Alfarrobeira. Era o pai da Rainha que Deus tem, mas não chegou a conhecer esta netinha...

— Que saberá ela das desavenças entre o pai e o avô?

— Os maus conselheiros é que envenenaram tudo. D. Pedro não queria tirar a el-rei D. Afonso o trono de Portugal...

— Finou-se, talvez de desgosto, a rainha D. Isabel. E agora aí temos a Infanta nossa Senhora, tão linda, mas com um sorriso de amargura...

A vila de Aveiro parecia-se nesse tempo com a Infanta — linda e triste! Casas baixas, dominadas pelos torreões da muralha e pelos campanários das igrejas. Não chegaria a contar 5.000 habitantes. Muitos homens andavam por longe, mareantes e mercadores. Outros ocupavam-se na faina da pesca, no amanho do sal e na construção de navios.

As vezes, chegava uma notícia alegre, como quando João Afonso descobriu o reino de Benim; mas, no geral, vivia-se em cuidados. Luto e lágrimas, por tantos que morriam em naufrágio. Tremuras e febres, por causa da pestilência que varria periodicamente a nossa beira-mar.

Deus, que criara tão azul este céu, tão viçosos estes campos, tão cristalinas as águas da lagoa, impunha pesado tributo aos olhos a quem ofertara esta opulência de cores na sinfonia da luz.

D. Joana gostava de Aveiro, a que chamava a sua «Lisboa pequena», e amava aquele convento, «alma da sua alma». Deixemo-la, porém, à sombra do claustro, na obscuridade e no esquecimento em que desejaria ter vivido.

.....

Tinha a Infanta vinte anos quando bateu à porta do mosteiro. Estava no esplendor da juventude, realçado em graça angélica pela pureza e elevação do sonho interior.

Dezóito anos já passaram. Ei-la agora às portas da eternidade: rosto emaciado e pálido, olhos ainda refulgentes de esmeralda mas a afogarem-se nas órbitas. Não passam em vão o tempo e a dor...

A 11 de Maio, no momento em que outrora se acendia sobre o claustro o meteoro luminoso, estavam as freiras de

Jesus ajoelhadas em prece ao redor do leito da moribunda. Com uma lucidez em que já brilhavam claridades do além, era ela quem ia indicando, em voz flébil, a ordem das orações.

A meia noite, vendo-a exausta, a madre priorosa, D. Maria de Ataíde, aproximou-lhe dos lábios um pouco de cordial.

— Madre, murmurou a Santa, já não é tempo. Lede a Paixão do Senhor...

Começa a leitura evangélica, segundo o texto de S. João. Jesus é preso no Jardim das Oliveiras e levado à presença de Anás, que o interroga sobre a sua doutrina.

Responde Jesus: — Eu falei públicamente ao mundo; pergunta às pessoas que me ouviram! A estas palavras, um dos guardas dá-lhe uma bofetada, dizendo: — É assim que tu respondes ao pontífice?!

Santa Joana pede que lhe levantem o braço e, estendendo a mão, bate no próprio rosto: — Ó Senhor, que por meus pecados tanto quisestes padecer, perdoai-me e salvai-me!

As religiosas mal podem conter a comoção. A priorosa passa-lhes o missal e vai avisar os bispos do Porto e de Coimbra, chamados nos últimos dias a Aveiro, de que a Santa não tarda a morrer.

A Paixão continua. Na manhã de Sexta-feira Santa, Jesus é conduzido ao pretório de Pilatos. O governador romano não lhe encontra crime algum; mas, para agradar aos judeus, manda-o flagelar. É então que os soldados entretecem a coroa de espinhos e a põem na cabeça do Senhor.

Santa Joana solta um profundo gemido e lembra-se do relicário que pertenceu à mãe e ao avô...

— Salve, rei dos judeus! — dizem os soldados, escarnecendo de Jesus.

... E ela, contemplando aquele espinho que também escrevera com sangue divino a carta de realeza na fronte do Senhor, exclama: — Ave, espinho, remédio da dor!

Jesus, condenado à morte, vai agora a caminho do Calvário. Já o pregam na Cruz e começa a dolorosa agonia...

De pé, junto à Cruz, está a Virgem Santíssima e o apóstolo S. João. Jesus, esquecendo a sua dor para consolar os que choram, diz ao discípulo: — Eis a tua Mãe!

A Santa acrescenta: — Senhora, mostrai que sois minha Mãe!

Jesus pronuncia as últimas palavras: — «Tudo está consumado!». Inclina a cabeça e morre.

A Santa sobrevive à morte do Senhor, põe os olhos no crucifixo, junta as mãos e move os lábios em palavras que só Deus ouve. Correm-lhe da cabeça e do rosto grossas bagas de suor...

SANTA JOANA

Num instante, porém, demudam-se-lhe as feições, anima-se a face, alegra-se o olhar, e ela refulge de esplendente beleza, como se lhe batesse em cheio a luz da eternidade.

— Digam a ladainha! — suplica enfim.

Um sacerdote começa a invocar a Santíssima Trindade, a Virgem Maria, os Anjos e Arcanjos, os Patriarcas e os Profetas, os Apóstolos e os Evangelistas, e chega às palavras: — *Omnes Sancti Innocentes...*

Neste momento, diz o *Memorial*, «se abaixaram e caíram suas formosas mãos que até aquele passo levantadas tinha ante a Cruz, e assim súbitamente se cerraram seus formosos olhos, e assim se tirou aquela claridade de todo o rosto». Os sacerdotes ergueram as mãos ao céu e exclamaram: — «Com os Santos Inocentes se foi!»

A saudade que a Santa deixou no seu mosteiro foi logo compensada pela crença de que ela trocara a vida penitente pela vida gloriosa. No dia do enterro, viu-se como as plantas, tomando à letra o apólogo do Antigo Testamento, reconheceram a soberania da coroa de espinhos do seu brasão.

Na cerca do convento tinha a Infanta o seu pomar e jardim, onde em horas vagas lhe aprazia descansar em conversa com as freiras. Conheciam-na as árvores e as ervas, que ela mesma regava com extremos de carinho. Naquela primavera, todas se vestiram de folhas e tocaram de flores à espera da Infanta, mas ela não apareceu. Por um dia de Maio, começou a desfilar entre os canteiros um solene e estranho cortejo. Em breve compreenderam tudo. Era a Santa que passava, a caminho da sepultura. Nunca mais a tornariam a ver. Que homenagem lhe haviam de prestar? Caíram as folhas e formaram tapete pelo chão. Soltaram-se as pétalas das flores e espargiram-se sobre a urna funerária. E as árvores e ervas secaram, para nunca mais darem fruto nem flor. O seu novo jardim era o céu.

.....

Mais de quatro séculos e meio se desfiaram, desde que o corpo da Princesa Santa ficou depositado no coro baixo da igreja de Jesus. Nem tanto era preciso para que ele se confundisse na poeira a que todos volvem, e este nome de Joana fosse pétala morta entre as páginas do «livro de horas» da Pátria.

Com o perpassar do tempo, afogam-se na cinza do esquecimento as mais altas memórias humanas. Lá o disse VIEIRA: — «Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera!»

Atreveu-se o tempo a fechar as portas daquela casa, a emudecer o salmear das freiras, a derruir o trono de Portugal.

Dormem D. Afonso v e D. João II no mosteiro da Batalha, menos vivos para a gratidão do seu povo do que o próprio «soldado desconhecido». Quantos heróis, quantas glórias nossas, não cobre a asa do tempo no panteão da História, que raros visitam!

D. Joana é celebrada entre luzes e cânticos e flores. Desceu do paço à penumbra do mosteiro, mas subiu do túmulo à glória dos altares.

Mesmo para o tempo, vale alguma coisa ser santo. Não se rasga nas urzes da terra o manto com que Deus veste no céu a escrava ou a princesa. Dissolvem-se no pó as coroas de oiro, mas floresce em rosas a coroa de espinhos.

Só porquê foi Santa, D. Joana é luzeiro sempre aceso no firmamento da Pátria, a indicar aos portugueses, até o fim dos tempos, o caminho por onde se sobe — do nada, a Deus.

P.º MIGUEL DE OLIVEIRA

bibRIA

AUTO DA INFANTA DONA JOANA, FILHA DO REI «AFRICANO»

CONVÉM acentuar, antes de mais, que se não pretendeu, com este trabalho, apresentar uma obra de investigação, aliás desnecessária, em face da publicação da curiosíssima *Crónica e Memorial da Infanta*, onde pode ler-se, reproduzido na íntegra, e doutamente prefaciado e revisto por um ilustre escritor do nosso Distrito—a quem a cultura nacional já tanto deve—o precioso códice quinhenista que sempre se guardou cuidadosamente no Mosteiro de Jesus, e ao qual os numerosos escritores que no decorrer dos tempos biografaram a Santa Princesa foram colher os elementos para isso necessários, amoldando-os e ajeitando-os a seu gosto e estilo; o que vai ler-se, tudo foi ainda sugerido na leitura da Crónica referida, a que os séculos, sobre ela já dobrados, não conseguiram apagar o perfume, de suave e enternecedor encanto, que de suas linhas venerandas se desprende.

Procurou-se unicamente aproveitar e pôr em cena a natural teatralidade existente em alguns dos acontecimentos passados no Convento de Jesus com a Infanta, historicamente comprovados, e que, por assim dizer, consubstanciam o impressionante drama que foi a sua vida, mística paixão e morte.

Focámos em especial a chegada de D. Afonso v e da Infanta ao Convento, a comovedora cena da tomada de hábito, e com isso e pouco mais se preencheu a 1.^a parte do Auto, que, por comodidade de expressão, se rotulou de 1.^o acto; no 2.^o apresenta-se ao público o violento conflito entre a Infanta e o Príncipe seu irmão, vigorosamente contado na Crónica, e a doença e subsequente morte da Santa.

É, pois, mera série de quadros históricos, e em rigor assim se lhe devia chamar; isto se declara em devido tempo, para desagravo do classicismo da técnica teatral, que de forma alguma pretendemos atingir com este nosso simples e desataviado Auto...

Quanto à forma rimada que se lhe deu, afigurou-se-nos condir melhor com a solenidade do tema. O leitor tudo perdoará.

PERSONAGENS

INFANTA	REI D. AFONSO V	PRÍNCIPE D. JOÃO
D. BRITES LEITOA	MARGARIDA PINHEIRO	BISPO DE COIMBRA
IRMÃ CATARINA	IRMÃ PORTEIRA	BISPO DE ÉVORA
IRMÃ VIOLANTE	IRMÃ SACRISTÃ	AIO DA INFANTA
IRMÃ INÊS	FREI JOÃO DIAS (Con- fessor da Infanta)	

E AINDA

O FÍSICO-MOR DE AVEIRO — D. MECIA DE ALVARENGA —
D. FILIPA (tia da Infanta); estas, personagens mudas.
Coros de freiras de S. Domingos — Fidalgos — Pagens — Escudeiros
— Clérigos — Damas de Honor da INFANTA, etc., etc.

EM AVEIRO — Séc. XV

bibRIA

PRÓLOGO

Batidas as três pancadas do estilo e corrido o pano, começam a ouvir-se, entre bastidores, coro de freiras e órgão, por breves momentos. MARGARIDA PINHEIRO — a delicada cronista do Convento de Jesus e da Infanta, lerá, sentida e pausadamente, junto a uma cortina de fundo, o trecho da Crónica em que se descreve a entrada da Princesa no Mosteiro e a vinda do Príncipe D. João a Aveiro, com o fim de a retirar dali (1).

A freira dominicana está sentada num tamborete, junto de mesa baixa, coberta com sanefa verde; vai lendo devagar, e pontuando, com pena de pato — como se na própria ocasião redigisse a narrativa. Em cima da mesa um Cristo, devocionários, um tinteiro antigo, de estanho, etc. Luz frouxa, irradiando da candeia junto à mesa.

(1) Vid. *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro e Memorial da Infanta Santa Joana filha do Rei D. Afonso V*, lida e publicada por ANTONIO GOMES DA ROCHA MADAHIL, ed. 1939.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

«Aos quatro dias do mes de agosto do ãno do Senhor de Myl quatrocentos e setenta e dous . Entrou a dita Senhora princesa a Senhora Iffante dona Johana nossa Senhora neste moesteiro de Jhesu nosso Senhor . Entrãdo cõ ella dentro . Ellrey seu padre . E o princepe seu Irmãao e a Senhora dona ffelypa sua tya . E a monja dona micia dalvarêga que a dita Senhora trouvera cõ licêca de sua abadesa do moesteiro de udivellas . Stavã Ja prestes pera Receber a dita Senhora Ifante . a madre prioressa britiz leytoa . e a madre Maria datayde . e outras madres das mais antiiguas cõ muita devaçõ e lagrimas de alegria e gozo divinal . misturado cõ themor de deus . por veerẽ uma tam grande e nõ costumada obra sua nõ vista nõ ouvida ã nossos tẽpos . As outras Religiosas todas cõ grãde prazer stavã no Coro ã devotas oracoẽs Recolheytas, dando muitos louvores ao Senhor deus . Entrou a dita Senhora per a manhãa acabãdo de ouvir myssa na Capella e Igreja de Jhesu . vespera de nossa Senhora das neves E de nosso padre sã domingos» . . .

Entretanto, ouve-se o toque da sineta conventual chamando para o coro, erguendo-se então a freira do seu lugar e saindo com presteza, juntando, antes, as folhas de pergaminho em que escrevia.

Pega na candeia e leva-a, ficando a cena às escuras. Afastada entretanto a cortina de fundo, aparece logo a cena seguinte:

ACTO I

QUADRO I

Sala do Capitulo no Mosteiro de Jesus, de Aveiro. Preparativos para ali ser recebido el-Rei D. Afonso V, acompanhado da sua comitiva régia, de que fazem parte a INFANTA DONA JOANA e seu Irmão o PRÍNCIPE D. JOÃO e outras figuras da Corte. Mobiliário e adornos da época, num ambiente sóbrio, modesto, mas austero, solene. Algumas freiras, que se vêem distribuídas pela sala, andam açodadas no seu arranjo, limpando, arrumando e ajeitando as coisas. Caminham ligeiras, febrilmente, de um lado para o outro, com visíveis mostras da grande alegria que lhes inunda a alma. Vêem-se dois tronos: um ao fundo, mais alto; outro com menos degraus, à direita. No primeiro, que será ocupado pelo Rei, há dois cadeirões, ficando um deles vazio, e sendo o outro ocupado por D. AFONSO V. No trono mais baixo ficará a INFANTA, ladeada pela Monja D. Mecia de Alvarenga, que veio de Odivelas, e por D. Filipa, tia de Dona Joana.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

IRMÃ VIOLANTE

(Erguendo-se do chão, onde assentava uma esteira. Para a outra IRMÃ:)

Esta vinda assim... de el-Rei e da Senhora INFANTA
Que logo pela manhãzinha nos foi anunciada,
É que a todas — tão vivamente! — nos encanta!...
É já alta recompensa, p'lo Divino Mestre dada,
Às muitas boas obras da santa Madre Superiora;

(Olhando para o alto, modo evocativo)

Que com tantas fadigas!... e com tamanha devoção!...
Fundou este Mosteiro... e p'ra ele escolheu — numa feliz hora,
O nome de JESUS — que a preceito lhe ficou, por santa invo-
cação!...

(Retoma o trabalho, mas ouve primeiro o princípio da réplica da companheira)

IRMÃ CATARINA

(Para de trabalhar, dizendo, em resposta)

Não há pois que haver temor... nem mesmo qualquer receio...
Tudo é... certamente... determinação de Deus,
Como vós dizeis... e eu muito bem o creio...
Hemos só que elevar a alma, com gratidão, aos céus!...

DONA BRITES LEITOA

(Entra pelo fundo, E. Apressada, nervosa, sem parar, demonstrando viva satisfação. Para as Irmãs presentes)

Apressai-vos, boas Irmãs, não pode haver demora...
A régia comitiva está perto, vem mesmo aí a chegar:
Pelo que dizem, já se avista na estrada, lá de fora!
Vieram ali agora, tocar à portaria, p'ra nos avisar...

(Muda de tom, com afabilidade)

Não esmoreçais, pois, nesta devota canseira,
Que é serviço de Deus e desta nossa Casa...
Tenho de ir ao coro, mas volto já... numa carreira...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Com ar muito alegre, voltada para o alto)

Senhor!... Todo o meu coração... de amor se abrasa!...

(Sai apressadamente)

IRMÃ CATARINA

(Acenando com a cabeça em modo de confirmação)

Não pode, na verdade, ter tudo isto outro sentido!...
É sobrenatural Graça: prémio generoso e santo
Para o Mosteiro; que a todos... foi assim preferido...
E a que a Princesa, — de há muito! — queria tanto...

(Retoma a sua tarefa, benzendo-se)

DONA BRITES LEITOA

(Que volta. Sempre apressada. Aponta para a parede, e sem parar um instante, atravessa a sala, observando tudo, parando aqui e além, etc.)

Mas não puseram ainda... além... o repositório!...
São talvez poucos bancos... Acho bem ali os cadeirais.

(Mirando de longe)

O trono vê-se melhor... Está assim mais sobranceiro...

(Falando para todas as irmãs)

É preciso ver, se falta alguma coisa mais!...

IRMÃ VIOLANTE

(Curvando-se, em respeitosa vênia; depois, de mãos dadas, aproximando-se um pouco da Superiora)

Dizei, Reverenda Madre, tudo o que é mister
Pois só aguardamos vosso justo mandado...

IRMÃ CATARINA

(Com atitude idêntica à da outra Irmã)

Faremos tudo... tudo quanto vos aprouver...
E que o nosso Divino Salvador seja louvado!...

DONA BRITES LEITOA

*(Põe a mão na testa, como querendo despertar a memória.
Dá novo relance de olhos para tudo)*

Não sei agora... se El-rei concederá audiência...
Mas creio que desta vez não virá pr'a demorar...
O Clero e Nobreza devem prestar-lhe reverência:
Com todas estas coisas... teremos de contar!...
Além disso, algumas Damas da Vila, e Donzelas,
Querem vir aí saudar a INFANTE, senhora nossa;
Havemos de ter aqui lugar para todas elas...

(Numa attitude de súplica, para o alto)

Ajudai-nos, Senhor: Que, a tudo, prover se possa!...

IRMÃ VIOLANTE

(Solicitamente, dando uma ideia)

Podiam vir mesmo dali... daquela Sacristia,
Os dois bancos maiores... não serão precisos mais...

DONA BRITES LEITOA

(Concordando com o que foi lembrado)

Sim... forram-se de qualquer tapeçaria...
E ficarão melhor; no tamanho, até, são quase iguais...

*(As duas freiras saiem, não esperando qualquer ordem para
ir buscar os bancos, fazendo reverência à Madre Superiora.
D. Brites Leitoa dá uma última vista de olhos a tudo, parando
aqui e ali, mudando ou ajeitando qualquer móvel ou adorno,
sendo entretanto surpreendida pela Irmã Porteira que surge,
repentinamente)*

IRMÃ PORTEIRA

*(Traz molho de chaves, tilintante, pendente da cintura.
Attitude alegre, ainda que perturbada; faz vénia à Superiora,
declamando com entusiasmo)*

Reverenda Madre!... El-rei é já chegado!...
Aguarda no Claustro, onde ficou a repousar,
Pois que, desta jornada, ele é bem fatigado.
Convosco, porém, se queria, desde já, avistar...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

DONA BRITES LEITOA

(Que exterioriza grande satisfação. Ansiedade nas perguntas, transparecendo o pensamento que tem fixo na INFANTA. Aproxima-se mais da Irmã Porteira)

E traz com ele grande acompanhamento?...
Não visteis também a Senhora INFANTE?!...

IRMÃ PORTEIRA

(Com manifesto alvoroço. Muda de tom; ar de evocação)

Até há pouco, não dei que entrasse no Convento...
E o que vi... foi a correr; num rápido instante...
Mas!... grande séquito é! Fidalgos, Pagens, Escudeiros!...
E mais pessoal lá da Corte!... Até homens armados!...
E um grupo numeroso, de aprumados Cavaleiros!...
Muita gente!... Muita gente mais, que nem sei quem seja!...
Se me não engano, estavam juntamente dois Prelados!...

DONA BRITES LEITOA

(Que sentiu mágoa por a Irmã não lhe dar conta de ter visto a Infanta, fala em ar de conformation, e depois, com acento mais decisivo)

Então... Irmãs... Talvez que a Senhora Princesa,
Se dirigisse, em primeiro lugar... à nossa igreja...
Vou ter com El-rei... *(em àparte)* Foi rezar... com certeza!...

(A Irmã Porteira sai, logo que D. Brites Leitoa lhe diz ir falar com o Rei, fazendo vènia. A Superiora dá ainda uma rápida vista de olhos a tudo que a rodeia, parando depois, a meio da cena, olhando para o Crucifixo que está sobre a porta, na parede. Tom exclamativo)

Perdoai-me, Senhor!... É um pensamento errado!...
Mas parece que até receio... de crer em tudo isto!
A Princesa real, dar aqui entrada?!... Viver a nosso lado?
Fazer-se, como nós... Uma pobre IRMÃ DE CRISTO?!...

(Erguendo os braços, arrebatadamente)

Que grande alegria!... E que alentadora esperança!...
E para este Convento?... Que risonho porvir...

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Rejeitou os cetros da Inglaterra e da França, (1)
E só a Vós, Senhor!... Ela quer amar... e quer seguir!...

(Cena deserta, por momentos, até que surgem duas freiras que transportam um dos bancos grandes, seguidas por outras duas que conduzem outro; vem ainda outra Irmã que traz de braço o reposteiro que vai colocar no varal próprio, por detrás dos cadeirões régios. As Irmãs que trouxeram os bancos, entregam-se, afanosamente, ao trabalho de os forrar com as sanefas que uma outra Irmã veio trazer, pouco depois)

IRMÃ CATARINA

(Sobre um pequeno escadote, estendendo o reposteiro, examinando-o e procurando acertá-lo com o vão. Para a Irmã Inês)

Vêde vós, minha Irmã... que sois aí mais perto:
Ficará bem assim?... Não pende para este lado?...
Reparai, se em baixo, junto do chão, está bem certo,
Ou se é preciso puxá-lo... Parece-me engelhado...

IRMÃ INÊS

(Que suspende o trabalho em que estava ocupada, aproximando-se mais, para melhor examinar)

Não vejo nada... nada... que tenhais de alterar:
A meu ver... está todo ele mui bem ajustado...
Foi Nosso Senhor quem nos aqui veio ajudar...
Por isso... agora... nada há que ser modificado.

IRMÃ VIOLANTE

(Que acabou de pôr as sanefas e que se havia afastado da cena alguns momentos, aparece, a correr, com visível alegria, aproximando-se das companheiras que a vão cercando, para ouvi-la. Com gesto rápido, falando nervosamente)

Retiremos, boas Irmãs: estão muito aproximados;
Como agora mesmo, ali, daquela varanda observei,
Vem as Damas e os Pagens, todos agrupados...

(1) Ao número dos pretendentes assinalados à Infanta, teremos de acrescentar agora o do Infante D. Afonso de Castela, de que nos fala um antigo documento arquivado na Biblioteca do Seminário de Braga, e agora dado a lume. Vid. *Relações de D. Afonso V com Castela e Aragão em 1460*, pelo P.^o AVELINO DE JESUS DA COSTA, ed. 1952.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Com mais expressivo tom de alegria)

E à frente... a nossa Santa Madre com El-Rei!!!...

(Saem todas, a passo ligeiro)

ACTO I

QUADRO II

Chegada do Rei D. Afonso V e da sua comitiva à Sala do Capitulo, a cuja entrada é saudado pela Priora do Convento.

DONA BRITES LEITOA

(Com ar solene, mas acento de humildade, mal transpõe a entrada da cena)

Real Senhor!... Que em boa hora deis aqui entrada,
Com vossa excelsa Filha: a Senhora INFANTE!...
Tal vinda é, — para todas nós — uma radiosa alvorada
De ventura: para muito sacrifício, galardão bastante!...

(Atitude humilde, suplicante, olhando à volta)

Perdoai esta simplicidade... toda esta pobreza...
Bem quereria antes... agora... neste lugar,
Receber-vos, com aquele brilho e grandeza
Que merecis. Mas disto... não podemos nós passar!...

D. AFONSO V

(Ar imponente, ao mesmo tempo que fala em voz afável.
Palavras bem marcadas, pausadamente)

Nesta casa de Deus... sagrado templo de oração,

(Aponta para o alto, curvando a cabeça)

Só Ele — hoje e sempre — é verdadeiro REI...
Mas por vossa respeitosa, e tão elevada, saudação,
Vos ficamos gratos: é do fundo d'alma... bem o sei!...

(Curva a cabeça ligeiramente, e todos tomam os seus lugares, que D. Brites Leitoa indicará, coadjuvada por outra IRMÃ. Depois de todos sentados, o REI continuará a fala, voltado agora para a INFANTA. Expressivo sentimento)

Filha minha... mui querida... do meu coração!...
Esperei sempre que a doce e viva luz do teu olhar,

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Fosse para mim radioso sol... um brilhante clarão,
A guiar-me, neste percurso qu'inda tenho p'ra trilhar
Na estrada da vida... onde os meus passos arrastados,

(Muito pausadamente, viva emoção)

De incerto andar, vão seguindo — já tão vacilantes —
Duros e ásperos caminhos... e, embora demorados,
Me avizinham da velhice e da morte... não distantes...

(Com mais acentuado sentimento)

E nesta esperança... suave enlevo... eu fui vivendo,
Julgando ver-te sempre, a meu lado, p'la vida fora...
Para os meus desgostos, tal pensamento ia sendo,
Um bálsamo salutar... Mas a tenção que heis tomado agora,
De te acolheres a este santo, mas tão desviado Mosteiro,
Faz-me viver hoje uma triste... bem amargurada hora...
Pois vou regressar à Corte... e deixo-te em Aveiro!...

(Evocando, numa recordação grata)

Bem diferente foi... cheio de alegria, aquele momento,
Que há anos nesta terra, e aqui também, então passei:
Ao lançar a primeira pedra na igreja deste Convento... (1)
Nesse dia — entre vivas saudações — nesta Vila entrei!

(Conformado, mas com acento de maguada expressão)

Mas... se a minh'alma foi invadida p'la maior desolação,
Por vós — tudo eu aceito — e, afinal, me resigno a sofrer:
Já que me afirmais lograr íntima, espiritual consolação
Em tomar este retiro... e algum tempo aqui viver!...

(O Rei curva ligeiramente a cabeça, em discreta vénia, sinal de que acabou o que tinha a dizer)

INFANTA

(Apresenta-se com as vestes reais da época. Desloca-se do grupo das suas Damas de Honor, que, em vestes de gala, estão à sua roda sentadas nos degraus do trono, onde, ladeando-a, em mochos, se vêem também a Infanta D. Filipa sua tia, e a Monja D. Mecia de Alvarenga, que veio com a Princesa do Mosteiro de Odivelas. Encaminha-se, a passo lento, até junto

(1) Cerimónia que teve lugar em 1462. Cron., pág. 28.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

do REI, a quem toma as mãos, beijando-lhas. Declamação vagarosa; muito sentimento)

Grata vos beijo as mãos, Senhor!... Meu Pai amado!...
Porque a tão vivo desejo meu, não pusestes impedimento:
Grande mercê foi, esta... que ora me heis outorgado...
Ficarei então aqui... neste piedoso e são Recolhimento.
A protecção divina vos ampare, até ao alento derradeiro,
Dilatando-vos Deus a vossa tão preciosa e tão útil vida,
Assim como ao Príncipe meu Irmão, da Coroa herdeiro,
Para expansão da nossa Fé, e lustre desta terra querida...

(Com vênia respeitosa ao Rei, termina a fala, indo logo ocupar o seu lugar, em passo lento, cadenciado)

D AFONSO V

(Com visível e carinhoso sentimento, logo que a Infanta se senta no seu cadeirão)

Que esses carinhosos votos, sejam por Deus ouvidos!...
Pois sem a celeste ajuda... não serei eu capaz,
— Com tantos anos e trabalhos sobre mim volvidos —
De vencer a mágoa que este afastamento traz...

INFANTA

(Com acento de crescente animação)

Jamais, Senhor... de tal acção, tereis arrependimento:
Pois tudo quanto por nós é feito, para dar glória a Deus,
E se alicerça em delicado e verdadeiro sentimento,
Atrai sempre as mais abundantes graças, lá dos Céus!...

(Com expressiva humildade e o maior sentimento, após uns momentos de reflexão)

E... em verdade... eu já não quero agora ser mais nada,
Do que desvaliosa oferta... inda que de Vós mui querida,
Que, pela protecção divina... tão largamente dispensada,
Ofereceis ao Criador, em nome desta Pátria agradecida...

D. AFONSO V

(Tristemente, em palavras terminantes)

Imperando em vós esse místico anseio... como vejo,
Nada mais acrescento; guie Deus, sempre, vossos passos:
E agora... só me resta pedir-vos... é o meu último desejo...
Que do filial amor vosso, não afrouxem, nunca, os laços!...

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

(Palavras repassadas do mais vivo sentimento)

E então... como isso assim vivamente vos apraz
Ide... desde já... até junto dessas boas Irmãs
Buscar contentamento... a felicidade... e a paz,
Que brotam das suas almas... tão simples... tão sãs!...

*(A Infanta beija novamente as mãos do Rei e sai, juntan-
do-se-lhe a Madre Priora, as freiras e o resto da sua comi-
tativa. O Mordomo-mor e dois Pagens vão acompanhar até ao
fundo)*

D. AFONSO V

(Para o Clero e Nobreza, com expressão repassada de melancolia, buscando-os, a todos, com o olhar)

A vossa presença, neste lugar... junto de mim...
Agora, que sinto a alma ansiosa, atribulada,
— Envolta numa tristeza que só comigo terá fim —...
Tornou-a mais confiante... calma... resignada!...
A todos... antes de partir... eu quero assinalar
Meu reconhecimento: uma profunda gratidão,
Pelo carinhoso preito que vindes de me prestar;
E me prendeu — tão estreitamente — o coração...

*(Curva levemente a cabeça, dando por finda a audiência.
O Mordomo-mor adianta-se logo e indica para saírem: em
primeiro lugar, Pagens, Escudeiro, Fidalgos; por fim o Clero.
O Rei, mantém-se de pé e todos lhe fazem reverência ao passar
em frente do trono)*

PRÍNCIPE

*(Que assoma pelo fundo, olhando em volta, caminhando a
passo largo, desordenadamente, sustando a saída do Rei, já
nos últimos degraus do trono. Atitude de manifesto desasso-
cego, agreste, falando alto, nervosamente)*

Senhor! Tenho estado só!... oculto... a reflectir,
No procedimento havido... que foi tão desacertado!...
Acabando ambos, afinal... por vir assim a consentir
Que a Infanta saísse de Lisboa e tivesse aqui entrada!...
Esta longa distância... um tão grande afastamento...
Tudo o mais que depois disto se poderá desenrolar...
Sairá jamais, deste acanhado e impróprio Convento?...
Quem nos assegura que não virá, nele, a professor?!...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Mudando de tom, aproximando-se mais, moderando gesto e voz)

Não lhe prometestes vós edificar um mosteiro novo,
Onde lhe aprouvesse?... Escolheria até o seu lugar...
Faria assim vossa vontade... a minha... e a do povo...
Evitando sérios danos que, dum acto desses, podem resultar!...
Bem ficaria em Coimbra... no Mosteiro de Santa Clara,
Como era de todos nós avisada e mui segura opinião...
Ali floresceram tantas e tantas almas de virtude rara...
Como aquela Santa Rainha — Dona Isabel de Aragão!

(Moderado de principio, para terminar em tom exaltado)

Mas a Infanta — em meu parecer — é de nós bem despegada:
Para Ela, ... como diz — só existe agora a Lei de Cristo,
Reino, Corte, Pai, Irmão... Tudo... tudo isso é nada!!!
Como já, por mais de uma vez — magoado tenho visto!...

(Dá alguns passos, agitadamente, até que pára, atraído pela réplica paterna)

D. AFONSO V

(Que tem ouvido o Príncipe com espanto, pelo inesperado modo como se apresentou e se lhe dirigiu, procura, afinal, socegar-lhe o espirito, falando-lhe com brando acento)

Não será bem assim... Aquietai o vosso pensamento...
Se... como creio... a voz de Deus foi ouvida pela Infanta,
Respeitemos, todos, esse divino, sagrado chamamento...
Reis cristãos... hemos de acatar uma coisa que é bem santa!...
Ficar para sempre... aí?... Não será talvez o seu intento...

(Divagando, e procurando convencer, voz suave)

Não seriam os seus rogos... porfiadas, e devotas orações
Tocadas do vivo amor, em que andava já enlevada,
Que tanto nos ajudaram nas africanas expedições?...
Vêde o que foi a nossa última e gloriosa jornada!...
Entreguemos isso, por agora, à Divina Providência:
Deixemo-la seguir esta sua tão pura inclinação...
Se Deus sempre usou connosco da maior indulgência,
Estorvar tal passo... deveis convir... é ingratidão...

PRÍNCIPE

(Que ficou de longe, ouvindo a fala do Rei, misto de espanto e interrogação, parecendo não alcançar o significado de tal ati-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

tude. Aproxima-se mais do trono real, a passo lento, ar meditativo, para, de súbito, exclamar, em crescente arrebatamento)

Assim será!... Mas, à fé de quem sou, eu vos garanto
Que, se a Infanta, algum dia, o hábito aí tomar,
Poderá surgir-me em frente, desfeita em pranto,
Mas o meu ímpeto — não conseguirá ela embargar!...

(Fora de si, violento, desvairadamente)

E perante uma acção dessas... arrojada... e tão estranha!
— Se o Reino, em minha vida, de ela precisar —
Aqui virei buscá-la!... Nem que para isso eu tenha
De todas essas toscas e férreas grades arrombar!...

Sai, abruptamente, ficando o Rei, acompanhado dos Pagens, em atitude extática, olhando-se mutuamente em ar de interrogação.

Pano rápido

INTERVALO
bibRIA

A mesma Sala do Capitulo, agora preparada para a cerimonia da tomada de habito da Princesa. Altar ao fundo, com uma imagem grande, de Cristo na cruz. Como ornato, apenas tocheiras.

A comunidade forma em duas alas, empunhando as freiras tochas acesas; têm os véus descidos, a cobrir-lhes o rosto. Ambiente de grande austeridade.

Antes de abrir o pano, ouvem-se já, em toada sumida, e longínqua, as preces e o cantochão do ritual, em música da época, que depois as freiras vão acompanhando pelos seus devocionários. Há fumos de incenso suspensos no ar.

Com a cena ainda fechada, ouve-se, em declamação alta, e voz muito clara, pausadamente:

E a Princesa... assim o quis!...
Realiza aquele pensamento
Que a tornou tão feliz:
— Vai professar neste Convento!...

Quer deixar o mundo,
Seguir outros caminhos;
Perscrutar mais fundo!...
Arredai-lhe os espinhos...

Entre Salmos e Resas,
Baixinho... a murmurar...
Muitas tochas acesas,
Ficou junto do altar.

Nunca mais... Nunca mais!...
Lhe brilharão no peito,
Oiros... brocados... jóias reais...
Tudo será desfeito!...

Vestes de áspero linho,
Vão afogar-lhe em breve
O colo de arminho:
Tão alvo... cor da neve!...

Como a espuma do mar,
Nardos num canteiro;
Pomba branca a adejar,
Sobre a vila de Aveiro!...

(Nesta altura começa a erguer-se o pano, lentamente, aparecendo aos olhos do espectador o quadro geral da figuração da cerimónia. A Infanta está de joelhos, em frente da Madre Abadessa, que se acha sentada num mocho. Tira os anéis dos dedos e coloca-os num açafate (1) que uma das freiras segura, ao lado, e bem assim o cordão que tem ao pescoço, com o relicário de ouro. D. Brites Leitoa toma o hábito que uma freira lhe entrega e abençoa-o, aspergindo-o com água benta, que lhe é ministrada por outra Irmã. Depois corta as tranças da Infanta, e arremessa-as para o chão, uma a uma, prostando-se Ela por terra, em atitude de humildade, após isto)

E agora... de geolhos,
'Té são mais formosos,
Os seus verdes olhos!...
Pisados... chorosos...

E as madeixas doiradas,
Vão rolar no chão:
Tem que ser cortadas...
Oh!..... desolação!...

DONA BRITES LEITOA

(Com a voz repassada da maior emoção. Palavras bem marcadas, muito compassadamente; ergue-se do mocho, para se curvar e falar à Infanta, que continua estendida no chão, apoiando a cabeça no primeiro degrau do estrado)

A vós, Senhora, nas letras tão versada, (2)
E bem conhecedora das Sagradas Escrituras,
Acho que nenhuma pergunta vos é apropriada:
Só lições nos destes, e as dareis também futuras...

(1) «...nẽ pos anel ẽ dedo salvo hũ soo desmeralda e outro daro que traziiã sẽpre por Respeyto da Senhora sua tya presente que lhos dera. E estes lancou no acafate quãdo lhe vestirõ ho havyto.» *Memorial* cit., pág. III.

(2) «...«Entẽdia muito bẽ latỹ»... fallãdo e departindo das scripturas e cousas de Deus...» Fyca vos muita e boa lyrraria cõ que poderees tomar cõssollacõ e prazer spiritual». *Memorial* cit., págs. 119 e 160.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

Do que está nos Livros Santos, heis inteiro saber;
Conheceis os Evangelhos, toda a cristã doutrina;
Apenas... a vossa profissão... resta agora fazer...
De tomar o santo hábito, há muito que sois dina;

modo de fazer profissão
Ora. a. falso. profissão:
E prometo obediencia
a deus. e a santa maria. e a
são domingos: e a vos madre-
loror a prioressa. deste coueto
de jesus de aveiro. e de seus
reuerendissimo padre. frer
e mestre geral da orde
dos frades pregadores seguda
regra de la. e de suas
constituições. e de suas
ordem dos pregadores: que
serei obediente. a vos. e a ou-
tras. e a todas prioressas: ate
a morte.

Fórmula da profissão pronunciada no Mosteiro
de Jesus de Aveiro.

Encontra-se anexa ao código das Constituições
que regiam a Casa à data em que
a Infanta ali viveu.

(Da publicação de ROCHA MADAHIL, *Constituições que no
século XV regeram o Mosteiro de Jesus, de Aveiro,
da Ordem de São Domingos.* Aveiro, 1951)

Não tendes vós faltas para serem agora declaradas,
Mas sim altas virtudes... grande aperfeiçoamento,
Por tantas acções boas já por vós praticadas,
Mui antes ainda da vossa entrada no Convento...
Assim... dizei-me: «que mandais»?... e «que quereis»?...

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

INFANTA

(Com acento da mais profunda humildade, erguendo a cabeça e voltando-se para a interpelante)

«A misericórdia de Deus... e a vossa»... (1)

DONA BRITES LEITOA

(Replica, em voz suave, após uma ligeira pausa. Com acento de quem reflecte nas palavras que vai proferindo; em seguida, mutação de voz)

A Misericórdia divina!... Oh!... decerto a tereis!...
Porém... eu... é que nada tenho que dar-vos possa...
Sou a mais pobre ovelha do rebanho do Senhor;
Certamente... a sua mais fraca e humilde serva...
Miserável escrava... que Ele remiu por seu amor.
Verme desprezível... a mais inútil, rasteira erva!...

(Para um momento, para prosseguir, sentidamente)

Que sejais sempre, bem contente, nesta casa de Deus:
Pois havendo as coisas terrenas, assim, desprezadas,
Podereis subir... finalmente, as escadas dos Céus,
Que são feitas de sofrimento... de muita lágrima regadas!...
E é nessa disposição d'alma... tão pronta! E sujeita
A descomodidades, obediência... e inteira pobreza,
Que reside a grande Sabedoria... a mais perfeita:
Chave segura daquele reino... de eternal Realeza!...

(Após ligeira pausa)

E que, pela infinita Bondade, se acabe agora em bem
O que já, por divino favor, tão bem foi começado!...
Louvemos ao Senhor: bem alto e para sempre: *(Todas)* Amen
Que Ele — em toda a parte — seja por todos adorado!...

(Em seguida, a Abadessa procede à investidura do hábito. Veste a Infanta, ajudada por outras freiras, pondo-lhe a cor-

(1) «E a Senhora Infante cõ muita humildade Respõdeo: A misericórdia de deus e a vossa»...

...«Nom he necessario Senhora fazer pregũtas. nẽ declarar asperezas. pois somos certas que nõ posso dizer Cousa de virtude e da ordẽ que muito milhor vos a sabees e entẽdees»..., etc. *Memorial*, pág. 114.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

reia, o terço, etc., etc. A Infanta, depois disso «dá a paz» a todas as Irmãs, formando-se o cortejo a caminho do Claustro. Os coros cantam durante a cerimónia).

ACTO I

QUADRO IV

(O mesmo cenário. Depois da tomada de hábito da Princesa. Cena deserta, por momentos, até que aparece uma freira a apagar as velas, munida de apagador de cabo alto. Vem com ela outra Irmã, trazendo um açafate, no qual recolhe algumas alfaias que serviram na cerimónia. Vai ao encontro, e interpe-la a companheira, quando esta desce os degraus do altar)

IRMÃ VIOLANTE

(Sobraçando o açafate, em tom de meditação)

O que somos nós, minha Irmã... ao pé de tudo isto?!...

IRMÃ INÊS

(Apoiando o apagador no chão, acenando com a cabeça, reflectindo)

O que somos?!... Ovelhas errantes, inda longe do aprisco...
Desvairadas!... Surdas tanta vez ao doce clamor de Cristo!...
E que o vento do mal sacode... como a um leve cisco...

IRMÃ VIOLANTE

(Que tem caminhado a passo muito lento com a companheira, pára agora um momento junto dela, Em meditação)

Aquilo sim... aquilo, é que é verdadeiro amor!...
Despido de vaidades... sem humano artifício...
Repasado do mais sincero e ardente fervor;
Inteiro desprendimento... Resignação... Sacrifício...

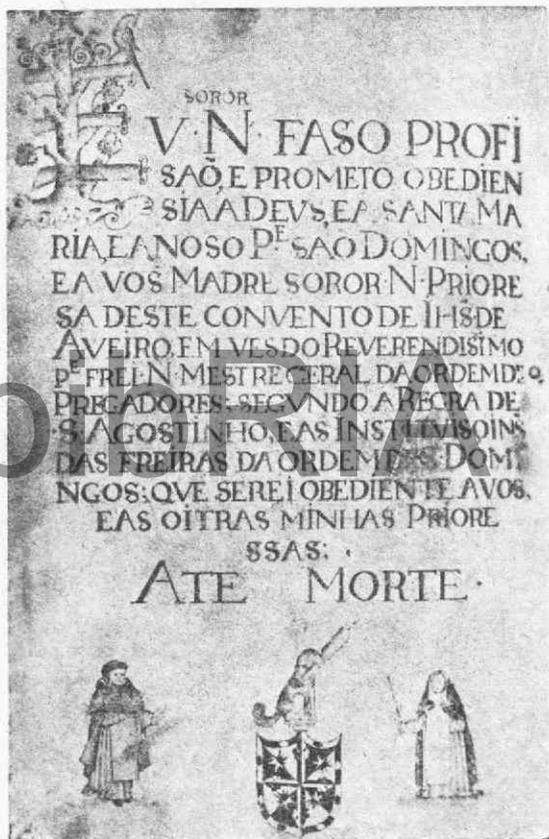
(Já quase a desaparecer da cena, ar pensativo, recolhido)

A hora... é de silêncio, meditação, recolhimento...
Mas à vista dessa tão alta... e tão edificante lição,
Não pude esconder mais tempo este pensamento,
Que me domina — inteiramente — o coração!...

IRMÃ INÊS

(Pondo uma das mãos no ombro da outra Irmã, com afago)

Consideremos bem a lição, que há pouco nos foi dada:
—Uma Filha e Neta de reis— tão altos, valorosos e capazes!...



Outro exemplar de fórmula de profissão da mesma proveniência da anterior

Pr'ali assim estendida... Com a face ao chão colada...
Oh! enganos deste mundo!... Transitórios... falazes!...

(Saem pela E. fundo, mas sem passarem à vista das tranças da Infanta, que continuam abandonadas no chão).

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

FREI JOÃO DIAS (*confessor da Infanta*)
e AIO da Infanta

AIO

(*Acompanhado do frade dominicano, cujo diálogo já há momentos se ouvia, sumidamente. Decrépito, longa cabeleira branca, alquebrado, falando a custo, a voz embargada pelo vivo sentimento que o domina. Entram pela D. fundo. Já à vista da cena; a modos de confidência*)

E foi só esse o motivo... deste meu desalento...

FREI JOÃO DIAS

(*Ar aprumado. Paternalmente, para o AIO; fala vagarosamente; as palavras e frases bem marcadas*)

Não podia ser!... Não podia ser!... meu amado Irmão!...
Nunca tal o permitiram as regras do Convento.
É isso mesmo contrário à nossa secular Constituição!...

(*Carinhosamente, abeirando-se mais dele*)

Contudo, eu vos prometo que num fugaz momento,
Ireis beijar em breve a mão da Senhora Infanta;
E sei bem que o fareis com aquela mesma devoção
Com que devemos oscular as relíquias duma Santa!...

(*Mudando de tom, concretizando a sua ideia*)

Porque... afinal... já o é... disso estais vós certo...
Por este seu — tão raro — exemplo de mortificação!!!
E se ainda está na terra... do céu Ela é já perto...
— A estrada desta vida... é de bem curta extensão!....

(*Caminhando mais uns passos, querendo animar*)

Mas trazendo-vos agora aqui, como foi vossa vontade,
Podereis melhor... mais facilmente reconstituir,
Na vossa lembrança... em evocadora saudade,
A cerimónia aí feita, para o hábito lhe investir.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Cercam-nos ainda aromas d'incenso, que se vão diluindo...
E agora, suspensos, vogam sobre nós, ficaram a pairar!...
Outros... ergueram-se em nuvens... subindo... subindo...
Como asas brancas que se juntassem pr'até Deus voar,
E, depois, à sua volta, se irem abatendo, e repartindo!...

AIO

*(Que mal deixa terminar a fala do Frade, atalhando logo,
quase implorante)*

Perdoai, Reverendo Padre: mas não me posso conformar:
Eu... a quem tal segredo pela Princesa foi confiado,
Queria vê-la hoje, quando ELA aí veio professar...
Vir também aqui... tê-la a este lugar acompanhado...

(Em tom de sentida evocação)

Como outrora... tanta vez a via!... Rodeada de grandeza...
Em seus reais Paços... cintilando oiro, dos ricos brocados!...
Irradiando de si tanta galantaria... e tão singular beleza,
Que o Rei... Príncipe... e vassallos... ficavam encanta-
dos!... (1)

(Ar quase misterioso, a jeito de confidência)

Mas lá por dentro... Em torturante, viva aspereza,
Ocultos nos vestidos... e ao corpo bem chegados,
Os panos mais vis... da mais grosseira dureza;
A morder-lhe a carne... bem cingidos... apertados!...

FREI JOÃO DIAS

(Acenando, ligeiramente, a cabeça, concordando)

Bem sei... bem sei!... E que vós... por secreto mandado,
Ieis comprar-lhe às tendas dos mercadores, furtivamente...

(1) «Na clausura dum humilde mosteiro dominicano da antiga vila de Aveiro, face a Deus e longe do rumor do mundo, a filha de Afonso v de Portugal voluntariamente sepultou e deixou apagar aquela radiosa mocidade em flor que da tábua quatrocentista do museu transparece ainda hoje, cinco longos séculos volvidos»... ROCHA MADAHIL; do brilhante prefácio da *Crónica e Memorial* cit.

«Derramava sse largamente e crecia a grãde ffama desta mûy fremeosa e ã todo perfeyta Senhora Iffante»... *Memorial*, pág. 85.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Depois duma pequena pausa, evocador)

De tudo isso... de todas essas coisas, Ela me há informado...
Vassalo atento fostes sempre; dedicado... e mui reverente...

(Repentinamente, atalhando logo, como se naquele momento
lhe aflorasse à ideia mais aquela lembrança)

E também ereis vós, tantas vezes... Senhor...
Quem, em seu lugar, percorria Lisboa inteira,
Matando muita fome, e aliviando muita dor!
Buscando os desgraçados... parando à sua beira...

AIO

(Dominado pela maior e mais sentida emoção)

Assim era... assim foi sempre, reverendo Irmão!...
Ai! se o Príncipe soubesse!... Seria eu logo desterrado!...
Ou morto pr'aí, como o mais reles, ascoroso, vilão...
Mas este segredo... para mim... era como sagrado!...
E se eu o revelasse (numa exaltação) se tal fizesse... Oh!...
então...
Que me retalhassem o corpo... todo... às postas!...
Ou me matassem... como a qualquer nojento cão,
A ferro de lança... varando-me... do peito às costas!!!

FREI JOÃO DIAS

(Tomado de emotivo espanto, procurando socegar o Aio,
sustendo-o carinhosamente)

Meu Irmão... Bom Irmão!... Quem tal pensaria?!...
Um juízo assim!?!... O que o poderia autorizar?!...
Não!... Não!... Que a vossa alma se inunde d'alegria,
Mas por tudo o que fizestes, só há que vos louvar...
Servidor pronto e leal, da saudosa rainha Dona Isabel,
Que tão menina deixou no mundo a Senhora Infanta, (1)
À sua memória vos mostrastes, bem grato... e bem fiel...
Votando depois à Filha... tanta amizade!... tanta!...

(1) A mãe da Princesa faleceu em 1455. «Tomou maes syngular afeycã spiritual Com hũa molher que em sua Casa cõ as outras trazia que fora Criada des minynice da Rainha sua madre molher muito devota...» «E per esta maneyra ho fez a hũu criado da Raynha sua madre homẽ de Idade que cõ ella ficara e vivia prudẽte e avisado e muỹ fiel vassalo ẽ os segredos ho qual el rrey posera por seu principal thesoureiro de toda sua fazẽda e Joyas. Mas a dita Senhora ho tomou E fez tesoureyro seu nas Cousas spirituaes... Memorial, pág. 81.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

AIO

(Cambaleante, vai caminhando devagar, quase impulsionado pelo Frade. Com dolorido acento)

Que me dizeis?!... Que me dizeis?!... Já não valho nada!...
Sombra fugidia... quase a desaparecer... que se esvai...
Tronco velho e seco... que... com a mais leve rajada...
O vento logo abala... e ele... por terra logo cai!...

(Ao ver as tranças da Infanta, no chão. Num desvairo de sentimento, desordenadamente)

Ah!... Ah!... São as tranças d'Ela que ali vejo a brilhar,
Assim... desprezadas?!... Espalhadas pelo chão?!...
Largai-me, meu bom Padre: deixai-mas ir buscar...
Para levar comigo... quando eu morrer... no meu caixão!...

FREI JOÃO DIAS

(Perplexo perante este arrebatamento, procura arrastar o Aio para fora da cena. Fala-lhe carinhosamente)

Meu Irmão!... Por Deus!... desisti de tal intento...
São ainda ecos do mundo... que é preciso apagar,
E não devem transpor os umbrais deste Convento...
Aquelas tranças d'ouro... são... *(hesitante)* talvez... para
enterrar!...

Saem pela E. fundo.

MARGARIDA PINHEIRO

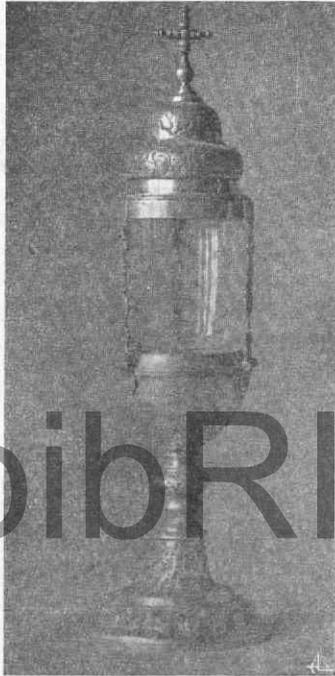
(Entra pela D. Espectral, com o seu perfil de freira dominicana desenhado na sombra que a mortiça luz do lampadário espalha na quadra. Caminha meio vacilante; verifica se é ou não vista por alguém; apanha as tranças apressadamente, recolhendo-as no escapulário. Com sentida expressão, olhando para o regaço)

Não!... Não!... Ninguém irá enterrá-las!...
Irei eu antes guardá-las já num relicário,
Para quando quiser poder então beijá-las!
E lá ficarão... recolhidas... como num Sacrário...
Leves fumos de vaidade?... Cinzas d'ilusão?...
Lembram íntimos, fundos anseios torturados;
Algum sonho lindo que se afogou no coração,
Suspiros d'alma... que ali fossem abafados!!!...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Com acento muito triste)

Que profunda, grande lição aqui se encerra!...
Riquezas... Nome... poderio... formosura...
Tudo isso!... Abatido ao raso pó da terra!...
E à roda... um denso negrume d'amargura!...



Relicário de prata e cristal, do século xvii,
existente no Museu Regional de Aveiro,
contendo uma madeixa de cabelos
da Infanta

*Aconchega mais, a si, as tranças que leva no regaço e sai
apressadamente.*

O pano desce lento

ACTO II

Antes de abrir a cortina do fundo, e como já se observou na abertura do I Acto, a IRMÃ MARGARIDA PINHEIRO lerá, novamente, outro trecho da Crónica — agora — o que se refere à vinda do Príncipe D. João a Aveiro, com o fim de retirar a Princesa do Convento. Leitura muito vagarosa, pontuando a freira as passagens na altura devida, dando assim ao espectador a impressão de que, no momento, escreve aquele Memorial. Leitura feita com transparente emoção. Quando dá por findo o trabalho, levanta-se repentinamente, saindo apressada, sem esconder o sentimento que lhe domina a alma. Luz frouxa.

«Como ho príncipe seu Irmão da dita Senhora Iffante nossa Senhora soube que ella tinha tomado ho havyto da santa Religiã. Como lyam Ruginte se assanhou fortemête. Cobryndo sse de doo e barba. Fallou asperamête cõ ell rrey seu padre dizêdo nõ sse devia tal cousa cõsentyr. E que se sua alteza o cõtrayro nõ mãdasse e per sy ho nã fizesse. elle lhe viinria tirar os avytos. que nõ fora sua viinda a tal vylla e moesteiro pera sua Irmãa tomar avyto de Religiã. Mas pera ã elle star Recolheyta por sua cõsollaçõ por algũu tẽpo. por ho tâto tomar ã vontade. e estar assy atee que o Reyno e elles starem ã desposyçã pera averẽ de casar como era Razam. Partyo sse logo e veyo sse a esta vylla trazêdo cõssygo poucos e assynados Senhores e fidalgos e algũus bispos. Antre os quaaes foy ho byspo devora dõ garcia de meneses ffilho do muÿ Illustre Conde dom duarte. O qual bispo sobre todos era forte e duro cõtra a Senhora Iffante tomar avyto de Religyã. Veyo ho dito Senhor príncipe seu Irmãao. E entrãdo dentro neste moesteiro. e cõ elle algũus pccos, e assy o dito bispo ã sua cõpanhya. Ho príncipe furybũdo e muÿ descõtente se demostrou aa madre prioressa brityz leytoa do que presumira assy fazer aa Iffante sua Irmãa. a qual el rrey seu padre nẽ elle nõ queriã nem cõsentiam ella aver de levar adiante Cousa tâ errada cõmo esta fora e seria. E outras muitas Razões semelhãtes. que seriiã longas de contar. escrever.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

As quaaes a devota madre cõ poucas e muỹ humildosas pallavras Respõdeo dizêdo. ella E todas as rrelligiosas desta Casa a tiinhã e lhe obedeciã e serviã. como a propria sua Sanhora. Como de feyto era. E assy ho confessavã. que acerca do avyt obedecera e fezera o que a dita Senhora ordenara e mandara»...

ACTO II

QUADRO I

(Pátio de entrada no Convento de Jesus, comunicando directamente com a portaria. Esta, de pesadas ferragens, mostra, bem visível da parte de dentro, a mola que se liga à sineta. A um lado, a Roda; do outro, um nicho grande com a imagem de S. Domingos. Alumando o, está uma candeia de azeite, suspensa da parede; madrugada. Pelos vitrais da fresta, entra, timidamente ainda, a luz matutina, ouvindo-se ao longe o canto-chão de matinas, antes de abrir o pano. A sineta repercute desordenadamente, ao mesmo tempo que se pressente o ruído de forte vozeria, que vem de fora)

IRMÃ PORTEIRA

(Que aparece alvoroçada, atraída pelo toque repetido da sineta, com um lampeão aceso; do rebate da porta, voltada para o nicho de S. Domingos)

Senhor!... Senhor!... Quem é que a esta hora,
Vem à portaria, tocar assim!... o sino?!...
Grande caso... decerto... aconteceu lá fora!...
Espera-nos desgraça?... Ou é forte desatino?...

IRMÃ SACRISTÃ

(Que surge logo em seguida, mal tem acabado a fala precedente, ajoelhando no lajedo, voltada para a imagem de S. Domingos, apertando as mãos, em súplica)

Valei-nos... Oh! Santas Chagas de Cristo!...
Que a maldade não pára... e vá assim... àvante...
Oh! meu Padre São Domingos; o que é isto?...
Nem respeitam a nossa Irmã SOROR INFANTE?!... (1)

(1) Assim era tratada no Convento. *Memorial*, pág. 117.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

DONA BRITES LEITOA

(Que acorre sem demora, atraída pelo sobressalto manifestado. Atitude imponente, de imperturbável serenidade; marcada altivez, voz clara, bem alto)

Mas quem se arroja a perturbar a clausura,
A uma hora destas?!... É noite escura... cerrada...
Oh! que louca e despropositada aventura!..
Mal se vê ainda... Não clareou a madrugada!...

(Calou-se o coro de vozes e órgão, próprio das orações da manhã; sente-se o tilintar de espadas, chegam mais freiras, estabelecendo-se certa confusão. Sem se saber como, a portaria abre-se e entra um grupo de Cavaleiros, desordenadamente. A Madre Abadessa, sem perder o seu aprumo, fala-lhes então em voz forte, transparecendo a sua emoção, sendo ouvida com respeito).

Em que lei vos firmastes?... Com que fundamento,
Nos viestes causar, assim, tão grande turbação,
Desrespeitando, de tal forma, o nosso encerramento,
E quebrando o silêncio que é devido à oração?!...

CAVALEIRO

(Com respeitoso acento, fazendo leve reverência à Madre Priora)

Creio que sereis vós, Senhora... certamente.
A Madre Superiora, Abadessa do Convento?!...

DONA BRITES LEITOA

Decerto, indina o serei... mas para isso... realmente, ●
De Deus houve benévolo, generoso assentimento...

CAVALEIRO

(Aproximando-se mais de D. BRITES LEITOA, e já com mais reverente aparência)

Não há razão para que... tanto vos perturbeis;
Que em vós se dissipe... de vez, esse terror...
Não está aqui... nenhum bando de infiéis:
Desapareça, sem demora, todo, e qualquer temor!...
O que nos trouxe cá foi uma causa justa e santa!

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Mais animado)

E não sairemos já, desta remota Vila de Aveiro
Sem ir também connosco a Senhora Infanta...
Hemos de livrá-l'A, deste apertado cativoiro!...

(Faz menção de sair, no que é acompanhado pelos outros Cavaleiros, sendo-lhes os passos sustados pela fala da Priora)

DONA BRITES LEITOA

(Com energia, desassombradamente)

Blasfemais! Sois injusto! Não estranheis que o diga!
Pois se a real Princesa, e Senhora mui nossa
— Como era fervente desejo seu, e tenção bem antiga —
Aqui entrou... quem há aí, que censurá-l'A possa?...
Para isso, de el-Rei seu Pai, houve consentimento...

(Muda de tom, com carinhoso acento)

E só carinho... o mais respeitoso e o mais vivo amor
Ela achou aqui... logo, desde o primeiro momento!...
Que tudo vos perdoe, pois... Deus Nosso Senhor!
Falastes de forma bem imprópria... desarrazoada...
E um gesto desses... não merece... a ninguém... louvor...

CAVALEIRO

Sinto, Reverenda Madre... ter de aqui... vos dizer,
— E avalio bem a mágoa que vos isso vai causar —
A Senhora Infante não pode aqui permanecer,
E a opinião em que está... de vez, tem de abandonar:
Ao Pai... ao Irmão... e não a vós... Ela deve obedecer!...

(Voz mais animada)

Para a Corte, sem demora... haverá então de voltar...

DONA BRITES LEITOA

(Com a mesma atitude. Confiante, e segura de si)

Altos e santos... são sempre os divinos Decretos
E quando Deus por seu poder, determina... lá do Alto,
Por desígnios seus... misteriosos... e secretos...
Morre em nós a dúvida... desaparece o sobressalto!...
Só o Supremo Juiz essas coisas... a julgar virá,
Cumprindo-nos, somente, seus mandados acatar...

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

(Mudando de tom, em complemento duma ideia)

E será também a Senhora Princesa, quem resolverá
Se há-de sair desta Casa... Ou se há-de cá ficar...

CAVALEIRO

(Aproximando-se ainda mais da freira, em voz moderada, como que subjugado, ante a forma decidida e preremptória como ela lhe falou. Entrega-lhe um pergaminho enrolado, que ela recebe)

Como quer que seja... Dignai-vos dar imediata conta
Desta ordem, que escrita por El-rei, aqui trazemos:
Para que a Senhora Infanta em breve esteja pronta;
E todos — sem embaraço... à Corte regressemos...

DONA BRITES LEITOA

(Tomando o rolo que o Cavaleiro lhe dá. Atitude resignada, humildemente)

Como serva... tão pobre e humilde, tenho de cumprir...
E partirei neste momento... sem haver mais detença,
A executar a missão que vindes de me incumbir...
Dentro de momentos... estarei em sua real presença.

(Sai, a passos ligeiros)

PAGEM

(Surge em cena, com modo apressado. Faz vénia ao Cavaleiro)

Sua Alteza, o Príncipe Dom João, é já chegado!...

CAVALEIRO

Parto, sem demora, ao seu encontro: podeis-lhe anunciar
Que à Senhora Abadessa entreguei já o seu recado;
E que a Senhora Infante, sabedora dele deve estar...

O Pagem sai, fazendo vénia, e logo após sai também o Cavaleiro, em marcha cadenciada.

Sobe outra cortina de fundo para se passar ao quadro seguinte.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

ACTO II

QUADRO II

Arcada gótica, no Mosteiro de Jesus. Após ligeiros momentos em que a cena está deserta, ouve-se o som de vozes, em diálogo, aparecendo depois o PRÍNCIPE D. JOÃO e a MADRE BRITES LEITOA.

PRÍNCIPE

(Aspecto grave; veste de negro, em sinal de dó; barba de dias, manifestando o mesmo também; fala pausadamente, em continuação do que já vinha expondo)

Mas... errada coisa, foi, Senhora... esta... que fizestes!... Por isso, eu agora, bem pesaroso e anojado estou...

(Voz forte, tom repreensivo)

Como fostes... sem nos ouvir... impor as religiosas vestes À Infanta?!... El-rei é triste... e a Corte assim ficou... E também o Clero... todas as Ordens e a Nobreza, Reprovam — mui rija e ásperamente — uma tal acção! Se logo após o Baptismo, o Reino a jurou Princesa, Em tempo algum, poderá tomar o estado de Religião... Tamanho desacerto não havemos nós de permitir!... E antes — de toda a forma — temos de tal decisão contrariar:

(Enérgico, preremptòriamente)

A Senhora Infante, terá de, comigo, hoje mesmo seguir, Pondo de lado o errado propósito de aqui continuar...

(Em progressiva elevação de voz, para terminar agrestemente)

E se todos esses povos, em seus protestos magoados,
— E tão justos! — se continuarem a levantar ⁽¹⁾
Nem que aqueles muros tenham de ser 'scalados
Aqui entrarei a qualquer hora!... Para comigo a levar!!!...

(1) «...ho príncipe furybūdo e muỹ descōtente se demonstrou aa madre prioressa...» Memorial, pág. 123. O Protesto foi em 1471.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

DONA BRITES LEITOA

(Palavras e atitude da mais completa humildade; mas segura nas suas afirmações e procedimento havido)

Sabeis bem, Senhor, que já naquela... tão afastada era,
Em que à saudosa Madre vossa servi, e à Senhora Infante,
Obediência lhes prestava: Só fiz agora... o que então fizera...
Em cumprir seus mandados... nunca hesitei um instante;



Relicário de cristal e prata, do séc. xvii,
contendo parte do hábito e o rosário da Infanta.
— Museu Regional de Aveiro —

E como eu... procedem as Irmãs desta humilde Casa,
Que muito lhe querem... e a respeitam mui inteiramente!...

(Com mais acentuado sentimento)

Ela é... para todas nós... seguro Norte... protectora asa...
Sempre o seu conselho ouvimos... sábio... tão prudente!...

(Mudando de tom, a modo de explicação)

E foi apenas por o haver em muita vontade e gosto,
E por mais de uma vez mo haver assim ordenado,
Que o santo hábito dominicano eu lhe hei imposto;
E Ela — com viva consolação de espírito — o há tomado!...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

PRÍNCIPE

(Sempre de aspecto brusco, sacudido, dando passos agitados)

Mas nem a tudo há que obedecer dessa forma... cegamente...
E para tal acto vosso não devo ocultar minha censura:
Hemos, agora, que remediar o mal feito... Certamente,
— Nisso convenho — a intenção, foi... talvez... pura...

(Torna a alterar-se, para falar mais agrestemente)

Um caso assim... Negócio de tão alevantada monta,
Que ao próprio Reino riscos graves poderá acarretar,
Bem o devieis ter tomado em mais ponderada conta...
A tanto, o vosso ânimo... não se deveria aventurar!...
Mas não podem as palavras... tal caso, agora... resolver...
E nem é coisa, afinal, que convosco se haja de tratar...
É com a Senhora Infante que terei de me entender:
Por mercê, ireis dizer-lhe que a'stou aqui a aguardar...

(D. Brites Leitoa sai logo, fazendo discreta vénia)

PAGEM

(Que momentos antes esperava ao fundo que o Príncipe acabasse de falar. Dirige-se a ele, com reverência)

O senhor Bispo de Évora, que ora saiu da igreja
Está à disposição de Vossa Alteza, para vos falar:
Poderá vir a qualquer hora; mesmo que noite seja...
E pediu-me que, dada vossa ordem, o fosse logo avisar.

PRÍNCIPE

(Com o mesmo aspecto severo, procurando entretanto mostrar agrado pela notícia)

Levareis, desde já, ao Reverendíssimo Prelado,
Com o meu agradecimento, o mais vivo saudar:
Que muito o louvo por não ter hoje aqui faltado.
E que, dentro de momentos, o estarei a esperar...
Que de tudo, na ocasião própria, será avisado.

(Vai ao encontro da Infanta, cuja próxima chegada presente. Como anteriormente, vem Ela acompanhada da Madre Brites Leitoa e de quatro freiras. Fica ató-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

nito, em attitude de ansiosa expectativa, mal a encara; de súbito, aproxima se dela, beijando-lhe as mãos, o que Ela lhe faz também (1). Recua uns passos, para, após breve pausa, que ele aproveita para com mais demora a fixar, declamar então, com sentida emoção)

Como vos desconheço!... Mas que estranho aspecto!!!
Tão outra estais... Inteiramente desassemelhada!...
Oh!... Se não fosse este íntimo sentir do meu affecto,
Não creia que fosseis vós... assim... amortalhada!...
Como pudestes então... minha Irmã... dessa maneira,
Ocultar o airoso porte... envolver o rosto, cheio de frescura,
Nessa vil roupagem... tão dura... e tão grosseira?!...

(Depois duma pausa, sentidamente)

Fazendo dela, pr'a vossa mocidade... mesquinha sepultura!...

Leva as mãos à cabeça e, em desalentado aspecto,
encosta os cotovelos à coluna do Claustro.

bibRIA
INFANTA

(Com acento de muita humildade. Voç suave, pausadamente)

Bemvindo sejais, meu Irmão, de mim muito presado;
Grandes louvores ergo ao Senhor, por aqui vos ver:
Mas sinto que desta vinda me não tenhais avisado,
Para, de melhor forma, neste lugar, vos receber...
Contente da vossa presença... O mais, ponho de lado...

(Com mais animada entoação)

E se é tão vivo o gosto de vos ver aqui junto de mim,
Pesa-me bem, que ao vosso desejo... não possa aceder,
Saindo deste Mosteiro... Foi decerto esse, o assinado fim
Que vos trouxe a Aveiro... Começo-me agora a convencer.

(1) «E beyjãdo as mãos a el rrey seu padre e ao princepe seu Irmão... Memorial, pág. 97.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Com segurança íntima, ainda que com emoção)

Esse pensamento... Senhor... seja por vós abandonado!...

(Animando-se, numa exaltação de fé e sentimento)

Há muito tempo, que a mim mesma eu não pertença,
Por juramento que fiz!... bem firme!... Eterno!... Sagrado!...
Em servir a Deus... em adorá-l'O... agora eu só penso!...

PRÍNCIPE

(Com magoado acento, procurando convencer)

Dessa forma... mui o nosso Reino ireis prejudicar... (1)
E nele devieis ter pensado: era isso, do dever, satisfação...

(Em mais animado tom)

Esta terra de Heróis, anseia novas Glórias alcançar:
Não quer dar por finda sua tão alta e nobre missão!...

(Com patriótico entusiasmo)

Rasgar novos mares... mais infelizes chamar pr'a Deus!...
É minha, e de nosso bom Padre, suprema aspiração!...

INFANTA

(Em réplica imediata, com viveza)

Tudo isso eu bem sei!... Para que m'o lembrar, Senhor?...
Crede: fundo e vivo respeito me merece o vosso intento:
Vai para vós a minha admiração e o meu justo louvor...
Mas ficando eu aqui neste santo e pobre Recolhimento,
Que mal é que ao Reino poderei eu, assim, causar?...
Por mercê de Deus, el-Rei nosso Padre, vivo inda está,
E, por Misericórdia divina, a vida se lhe há-de dilatar...

(1) «Dizia-lhe entre outras pallavras mostrádo sse muito agravado. que a dita Senhora sua Irmã lhe era cōtrayra e como treedor»... *Memo-rial*, pág. 128.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

PRÍNCIPE

(Dando o mais vivo sentimento à declamação)

Mas, se a vossa Fé pura, e devoção quereis satisfazer,
Toda a nossa terra é um altar, que para o céu se eleva;
E em qualquer parte, a Deus, louvores podereis erguer...
Lá fora... no mundo... há também luz... não é só treva,
E à Fonte do Amor Divino, quantas almas vão beber?!...

(Em heróica evocação)

Logo no seu começo, para Deus... o Reino ergueu as mãos,
Ajoelhado neste solo p'lo sangue d'Heróis regado;
Rei, povo e vassallos, sempre... sempre foram Cristãos...
E com o martírio de Santos, foi este chão sagrado!

(Com funda emoção, vibrante)

Sobre as vagas do mar... alterosas... ou serenas,
As velhas naus levaram sempre em suas velas
— Como num alvo trono de marfíneas açucenas
A sangunea Cruz de Cristo, no alto, a esvoaçar!...
Sacudida, branda... levemente... ao sabor d'aragem,
Para que ao romper do dia... logo ao despontar,
Os bravos capitães seus e toda a sua marinhagem,
A saudassem reverentes, num primeiro olhar!...
Era assim que procedia, sempre, este bom povo...
E com o que ora digo... não deixareis de concordar:
Porisso... este gesto vosso... inda mais reprovo...

INFANTA

(Mantendo a mesma serenidade, mas com certa animação na sua fala)

E quem ousou, algum dia... de tal coisa duvidar?...
Dessa acrisolada fé... da heróica e provada valentia
De tantos soldados que correram o mundo a batalhar,
Trazendo ao Reino tanta honra e glória... dia a dia?...

(Com afabilidade, num repto de brando acento)

E porque não sereis vós o continuador dos outros Reis,
Que a tantos povos — por seus feitos — causaram inveja?!...
Por direita e justa lei, não sois vós que depois sucedereis,
A nosso Padre?... Inda que, por Deus — bem tarde seja?...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

PRÍNCIPE

(Com modos persuasivos; manifesta emoção)

E não poderemos ser nós pelo inimigo atraídoos,
Se ambos tivermos de por nossa terra nos bater?...
Ficando nos campos de batalha... mortos... destruídos...
Quem no Reino... depois... nos haverá de suceder?...

(Ainda que triste, mudando para agreste attitude, para no final retomar o tom sentimental, tocado de tristeza)

Pois bem, Senhora... esse passo... tão mal avisado!...
Vejo que teimais em não o querer, desde já, remediar:
Mas... não será definitiva a tenção que heis tomado...
Praza antes a Deus que bem cedo a venhais a alterar...
E não repareis que eu... assim de luto e dó trajado,
Ante vós me apresente: não o faço... por menos amor...
E antes um sinal vivo... do quanto me há penalizado
Este vosso gesto... praticado em inteiro desfavor...
Meu e do Reino... quando... de vós... mui havia a esperar!...

(Em palavras concludentes, acento magoado)

Podereis então retirar-vos... desde já... se vos aprouver...
Não devo a Sua Reverendíssima, agora, demorar.
E sobre este caso... farei decerto o que ele me disser...
Seu conselho amigo... e autorizado... bem é de acatar...

(Após uma pequena pausa, ar de conselho)

E o mesmo vos cumprirá a vós, também, fazer...
Ouvindo o douto Prelado... conselheiro prudente;
Como serva de Deus... que vós dizeis agora ser,
Não podereis... por nada... proceder diferentemente!...

(A INFANTA faz vénia, afasta-se discretamente com as Irmãs, enquanto o Príncipe se volta para o Pagem que está postado junto dum ângulo da quadra)

Uma vez ainda, vós ireis manifestar ao ilustre Prelado,
— Com perdão, pela demora — o meu reconhecimento:
Dizendo-lhe que, neste lugar, por mim é já esperado
A partir de agora... deste preciso momento...

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

(Caminha alguns passos, para logo se dirigir à entrada do Claustro, de encontro ao Prelado, que entretanto chegou, e ao qual beija o anel imediatamente, manifestando regosijo com a sua presença e falando-lhe logo)

Prelado bem digno da minha estima: mui assinado amigo: De todos, sois para mim, muito estimado e principal... Grato vos fico, por mais uma vez, terdes vindo ter comigo Nesta hora triste... Talvez que nunca... eu tivesse outra igual!...

BISPO DE ÉVORA

(Aspecto e atitudes solenes, dando seguro tom de convicção à fala)

É confiar em Deus... no seu grande, imenso poder... Embora da Senhora Infanta seja afincada opinião Não sair deste Mosteiro... poderá... afinal... reconhecer Que não deverá... ao menos agora... entrar em Religião... Guardo comigo o vosso extenso e claro memorial. Mais uma vez lhe vou falar... e sem mais detença. Conto que minha acção e propósito ela não julgue mal... Permitireis — que me encaminhe já, à sua presença...

(Despede-se do Príncipe, com funda vénia. Este, beija-lhe novamente o anel e vai acompanhá-lo até à saída. Depois percorre silenciosamente a cena, até que se senta num arquibanco, apoiando a cabeça entre as mãos. Atitude pensativa. Fala só)

PRÍNCIPE

Sobre que duros escolhos... incertezas... quanta dor?... O trono dos Reis tem sempre o seu assento!... E quanta mais glória o doira... e se ergue ao seu redor, Parece que tanto maior é para eles o tormento!... Como eu me sinto hoje!... abatido... amarfanhado, Sob o peso, esmagador, duma tão funda amargura!...

(Ergue-se repentinamente, num repto de grande exaltação de espírito)

Senhor!... Se o meu procedimento tem sido errado, Que se abra já!... — e aqui mesmo! — a minha sepultura!...

(Dá alguns passos mais, agitadoamente)

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

BISPO DE ÉVORA

(Que ouviu ainda as últimas palavras do Príncipe)

Senhor!... Senhor!... O que é isso?... Que dizeis?!...

PRÍNCIPE

(Pára, súbitamente, para logo correr ao encontro do Bispo, a quem fala com afabilidade)

Ah!... Sois já vós... tão depressa... Dom Garcia de
Meneses?
Que novas há?... Melhores notícias agora me trazeis?...

BISPO

(Quase a medo. Falando compassadamente)

São tão boas... real Senhor... como das outras vezes!...

PRÍNCIPE

(Que ao ouvir o Prelado procura dominar-se, fala com acentuada calma, em tom de resignada conformação)

Não há que ver... tinha de ser assim... hei que o aceitar!...
Estava isso já... no livro do meu destino assinalado...
Não tenho... pois... agora... nada que estranhar...
Que ingloria resultasse a missão que hei tomado!...

(Solicita, afavelmente)

É chegada então para vós... a hora de partir...
O vosso rebanho anseia pelo abnegado pastor,
Afastado dele estes dias, por terdes de aqui vir:
Perdoai este sacrifício, de que eu fui causador...
Eu vos confirmo — nesta hora — o meu apreço,
Por favores de que continuo a ser-vos deverdor,
E provas de affecto... que, decerto, não mereço!...

(Faz vénia, como significando que findou a jala, e acompanha o Bispo, que, a esta indicação, logo se retira. Para o Pagem que ali está postado com outros)

Ide vós, novamente... junto da Madre Priora;
Anunciai-lhe que espero aqui a Senhora Infante:
Que lhe rogo a sua vinda, com a maior presteza,
E que a demorarei junto de mim um breve instante...

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

(Fica pensativo, andando de um lado para o outro, em cena muda, até que a Infanta assoma após breves instantes; como sempre, acompanhada da Madre Priora e das quatro freiras. Antes, porém, dá ordens referentes aos preparativos da jornada, ao outro Pagem)

E vós, de meu mando, ireis também determinar
Que as andas e os corcéis, tudo seja aprontado:
Pois quero sair enquanto a noite não baixar,
E, da minha missão, breve serei descarregado!...

(Para a Infanta, que já ao fundo aguardava que acabasse a fala ao Pagem)

Forçou-me o coração a que, ind'antes de me retirar,
Vos pedisse — uma vez mais — que mudásseis de tenção;
Para, na Corte, o lugar que vos é dado, irdes ocupar,
Dando, assim, a nosso Padre e ao Reino grã satisfação!...

INFANTA

(Humildemente, ainda que segura na sua resolução)

Despedi-me de vez... Senhor... de tudo que é mundano!
E só aquelas leis divinas, que por Deus são ditadas,
Com sentido de vida eterna, sublime, sobrehumano,
Serão por mim — doravante — seguidas, acatadas...

(Suplicante, erguendo as mãos, animando-se para o final da fala)

Por isso, não me embarceis mais estes caminhos...
Quando eu transpus os umbrais do Mosteiro de Jesus,
Foi para cingir a fronte... com a coroa de espinhos,
E só quero para meu cetro... uma singela cruz!... (1)

PRÍNCIPE

(Fora de si. Atitude de perfeito desvairamento; cresce impetuoso para a Infanta, para logo recuar, enquanto as freiras a rodeiam, sendo nessa altura abraçada pela Madre D. Brites Leitoa. Voltado na direcção delas, violento)

Pois que se saiba então aí... e até no mundo inteiro,
Do meu gesto!!! Não importa, sequer, que alguém mo vá
stranhar!...

(1) ...«nõ tomees mais trabalho, nẽ ho dees a my...» «nõ curasse de tentar ẽ a rrequerer pera casamento cõ nehũu mortal homẽ». *Memorial*, pág. 135.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

Mas eu... não sairei já desta deserta Vila de Aveiro
Sem, aos pedaços, essas mesquinhas vestes vos rasgar!... (1)

(Aproxima-se mais da Infanta, parando de súbito e olhando em roda, enquanto, discretamente, a Infanta e as freiras saem pelo fundo. O Príncipe dá mais alguns passos, desordenadamente, para, a meia cena, declamar em lance rápido, exaltadamente)

Oh! heróis antigos!... cujo sonho de aventura,
Vos impeliu a lances tão duros e arriscados:
Ajudai-me a suportar hoje esta grande tortura;
Escutai os meus sentidos... angustiosos brados...
Intrépidos lutadores!... Oh! bravos marinheiros,
Em mil perigos e lutas, sempre bem provados!...
Oh! Cruzados santos... Destemidos guerreiros,
Soldados de Portugal!... Por Ele... sacrificados...
Gente que arrostou o mar, nas frágeis caravelas:
Que vos norteie, mais uma vez — o mesmo Ideal;
Enfrentai — novamente — as vagas e as procelas,
Ainda por amor desta nossa Pátria bela, e imortal!...
Rasgai de novo o mar... Tomai pr'aqui o rumo...
E quer chegueis de noite... ou pelo entardecer,
Quando dos casais se desprende o primeiro fumo;
Ou já pelo dealbar... o sol afogueado a romper
Beijando docemente o casario desta marinha terra...
— E recordando as mais heróicas e longínquas façanhas, —
Que em suas páginas a nossa História encerra...

(Com bem marcado sentimento, evocando)

Fomes... sedes... cativeiros... Acções tamanhas!
Aportai então aqui... É outra Cruzada santa...
Hemos que, por Deus, pela Fé e pela Pátria triunfar:
Entraí nestas sombrias quadras, para falar à Infanta:
E o que Ela esqueceu... Vinde-lh'o vós lembrar!!!

Pano rápido

(1) «Tornou outra vez ho principe de novo aa Senhora Ifante que leixasse o avyto e se tyrase de aquella openyam... vierõ a dizer cõ ÿpeto e sanha que determinadamẽte lhe Rõperã hos avytos que vestidos tinha... Memorial cit., pág. 124.

ACTO II

QUADRO III

Pátio interior, no Mosteiro de Jesus, de acesso às dependências do Convento. Luz suave, entardecer. A Irmã sacristã varre a quadra, até que, no limiar da porta que dá para dentro, assoma a figura do Físico-Mor de Aveiro, acompanhado de duas freiras, que se despedem, em cena muda, com recíprocas vénias. Aspecto denunciador de tristeza.

IRMÃ SACRISTÃ

(Monja idosa; encosta a vassoura à parede logo que fecha a portaria e suspende a retirada das Irmãs que, até meio do pátio, tinham acompanhado o Físico. Com ansioso interesse)

O que disse agora... Irmãs... o Senhor Físico-Mor?...

IRMÃ VIOLANTE

(Com acento desolado, tristemente)

Não deu grandes esperanças... mal nos quis falar...
Até parecia indiferente à nossa grande dor!...

IRMÃ CATARINA

(Que acode logo, corroborando o que disse a companheira)

Bom prognóstico... pelo que vi... não é de augurar...
Que... como sabeis... nestes dois últimos dias,
Descansou um pouco... o que nos levou a crer
Que melhoraria. Rezou o terço e as Ave-Marias...
Prouvera a Deus que ao mal... viesse o bem a suceder...

IRMÃ SACRISTÃ

(Manifestando-se incrédula, ar profético)

A doença... entrou logo com sanha mui malina...
Aquele sofrimento... com febre tão medonha...
Com cuja causa, nem físicos... nem ninguém atina...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Chegando-se mais às companheiras, ar de confiança)

Há já quem afirme... que foi obra de peçonha ⁽¹⁾

(Meneando a cabeça, na previsão de mal iminente)

Um mal assim... com mostras de tal sorte...
Já não tem remédio!... Que mo perdoe Deus!...
São alívios enganosos... são melhoras da morte...

(Em à parte, juntando as mãos, olhando para o alto)

Mais depressa Ela entra... no reino dos Céus!...

(Limpa as lágrimas à ponta do escapulário)

IRMÃ CATARINA

(Com mostras de quem concorda no que foi dito)

Quem sabe?!... Pode ser bem essa, a causa verdadeira...
A mulher de mau viver que a Senhora Infante amoestou
E que arrastava a vida em tão vil e tão mortal cegueira,
Nunca... Nunca mais... o seu bom conselho perdoou!...

IRMÃ VIOLANTE

(Levando as mãos à cara e tapando-a, num gesto aflitivo, e depois segredando)

Meu Deus!... Meu Deus!... Não lhe tremer a mão!...
Ao dar aquela água — assim pestilenta — a beber!
Olhe, minha Irmã... guardemos nós esta nossa opinião...
Também desde o princípio... foi esse o meu parecer...

Desfaz-se logo o grupo. A Irmã Sacristã continua a varrer, enquanto as outras se afastam, a passo ligeiro. Passados poucos momentos, aparece Margarida Pinheiro, que se dirige ao nicho de S. Domingos, acendendo a candeia que junto dele se vê suspensa da parede. Ouve-se o ruído da chegada da liteira episcopal e o imediato toque

(1) Foi a versão que logo correu e que alguns autores aceitaram. A Crónica conventual não a rejeitou também.

... «lhe trautarê a morte e darê peçonha... lhe dessê de beber. ë bebendo hũu pucaro dauga... se sentio toda de dêtro muito Revolta»...
Memorial, pág. 139. Modernamente, outras causas de morte se indicaram.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

da sineta da portaria. A Irmã Sacristã acode logo, surgindo, sem demora, à entrada, o Prelado de Coimbra⁽¹⁾, que abençoa para dentro, depois de a sacristã ajoelhar e lhe beijar o anel. Margarida Pinheiro vai logo ao seu encontro, beijando-lhe também o anel. Momento de aparatosa e reverente solenidade.

MARGARIDA PINHEIRO

(Solicita, denotando discreta satisfação, sem esperar qualquer pergunta da parte de Sua Reverendíssima)

Sempre viesteis, Senhor!?... Já por Vós há perguntado...

BISPO-CONDE

(Fala muito pausadamente, dando tempo de percorrer a cena de extremo a extremo, com afabilidade, mista de imponência)

Quis partir ainda ontem... mas a hora, já tardia, A que me foi entregue, em Coimbra, o vosso recado, Embargou o meu intento... pois já não permitia Que antes de noite mui alta eu fosse aqui chegado...

(Parando, pergunta com vivo interesse)

Mas... disse-me, boa Irmã: haverá alguma esperança Deste grave acidente... com o divino auxílio, Ela vencer?!...

MARGARIDA PINHEIRO

(Juntando as mãos, num amplexo de confiante convicção)

Ontem, como doce, e consoladora bonança,
Era o dia adiantado... rente ao anoitecer,
Aqueceu-nos a alma uma inesperada alegria!
Sorriu-se para nós: todas as Irmãs quis ver!...
Que ficássemos à sua roda, — pois melhor nos via.

(1) O faustoso Bispo-Conde D. Jorge de Almeida, faleceu em Coimbra no ano de 1543, contando 85 anos de idade; era filho do Conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida e de D. Brites da Silva, que foi donzela da Casa de D. Afonso v. Deve estar neste facto a explicação de ter ido a Infanta para Abrantes, fugindo à peste que lavrou em Aveiro no ano de 1479, instalando-se nos Paços do referido Conde.

...«dō Jorge dalmeida bispo de Coÿbra e dō Johã dazevedo bispo do Porto, sÿgullares amigos e mÿi devotos»... Cron., pág. 172.

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Mudando de tom, ar de narrativa, evocadoramente)

Sua voz tornou-se clara... de mais fácil entender...
Com palavras de bom conselho, começou a falar.
A todas agradeceu; o amor, todos esses cuidados
Que no Mosteiro houveram por mui bem a tratar...
Que seus dias... não seriam, já, muito prolongados...



D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra
— retrato existente no Museu Machado de Castro —

De noite, socegou mais... e pela manhã chamei-a,
Por assim mo ordenar; seu rosto era contente!...
Vieram outras Irmãs, e, por breve tempo, deixei-a,
Dizendo-lhe que voltaria logo... imediatamente...
Vim aqui num momento, para acender esta candeia;
Nisso estava... e Vossa Reverendíssima foi presente...

(Termina a fala, fazendo reverente vénia)

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

BISPO-CONDE

(Olhando para o alto, a mão direita erguida, tomado de sentida emoção, fala muito devagar)

Como o poder de Deus é grande!... Sem medida... infinito!...
O seu coração está, sempre, de bondade a trasbordar...
Pois, minha Irmã... à vista do que me heis escrito,
Não contava já... de ainda com vida... a encontrar...

MARGARIDA PINHEIRO

(Muito sentidamente, com esperançosa confiança)

Mas o Salvador, sempre benigno, ouviu os nossos rogos:
Por toda a parte, em todos os Mosteiros se fizeram orações...
Houve preces... acenderam-se luzes nos mais humildes fogos;
E Deus socegou os nossos ansiosos e turbados corações!...

(Continuando a narrativa, mudando de tom)

Que amargura... que tristes horas vivemos aqui, Senhor!...
Parecia mesmo que era então chegado já o fim!...
De todas nós se despediu com entranhado amor;
Desde o começo da doença... nunca a tinha visto assim!...
Mandou que lhe lêssemos o Passo do Senhor no Horto;
E, lavada em lágrimas... não parava de soluçar...
Escrevi a Vossa Reverendíssima... ao Senhor Bispo do Porto...
Todas nós entendemos... que nada mais havia a esperar...

BISPO-CONDE

(Já perto da saída; abençoando a freira, ao mesmo tempo que fala)

Deus vos pagará, com a sua Graça, esse piedoso cuidado!...
Bem dedicada vós fostes, sempre, à Senhora INFANTA;
E com inexcedível disvelo, heis agora acompanhado,
O sofrimento desta serva do Senhor — que já é santa!...

MARGARIDA PINHEIRO

(Num rasgo de incontida alegria)

Mas se Ela agora... por alta mercê de Deus sarasse,
E pudesse... outra vez... connosco ainda, acompanhar...
Ir ao coro às orações quando o sino a chamasse...
Que alegria — meu Senhor —... Nem quero acreditar!...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

BISPO-CONDE

(Sentencioso, grave. Fala muito pausadamente, erguendo a mão direita para o alto)

Nada... Nada é impossível à Divina Providência!...
Sempre foram insondáveis os seus altos Juízos...
A Misericórdia do Senhor... a sua Clemência...
São sempre dispensadas... nos momentos precisos...

(Com acento de ternura, a modos de confidência)

Mas... quem da virtude deixa tão luminoso rastro...
Não pertence já ao mundo das coisas terrenais:
É um facho de áurea luz: é um resplendente astro...
Para brilhar acima de nós... nos páramos imortais!...

(Como a explicar a mesma ideia)

Fogueira de amor divino... em chama viva, bem acesa;
Que a nossa Fé tão alto ergue... e fortalece!...
E cuja labareda, inda que em parte à terra presa,
Já tocou o céu... como o halo santo duma prece!...

(Com marcada nota sentimental)

É um vidro cristalino... bem claro... transparente...
Como a água que brota duma encosta verdejante,
E entre vergéis ridentes, floridos, desliza, mansamente,
Até que vai findar num lago sereno, e mui distante,
Onde se aquieta e fica... tranquila... e dormente...
Reflectindo estrelas d'oiro... pela noite adiante...
E quanto mais cerrada é a noite... mais o oiro é reluzente!...

(Mudando a inflexão de voz, paternalmente, andando a passo lento)

Mas... vamos lá então... até junto da Senhora Infante:
Ireis dizer-lhe que vim, para mais uma vez a ver:
Que não quero molestá-la... e apenas um instante,
No meu propósito está... junto dela permanecer!...

(Desaparecem com as últimas palavras do Prelado)

O pano corre lentamente

INTERVALO

ACTO II

QUADRO IV

A cena representa a Sala do Labor, no Mosteiro de Jesus— onde morreu a Princesa. O leito fica arrumado a um lado, mas com espaço bastante para ficarem à volta dele algumas freiras, enquanto outras, de joelhos, — no maior número — se vêem espalhadas por todo o aposento. A INFANTA está meio sentada, amparada por uma freira, enquanto outra, da parte de trás, segura uma almofada grande, a que Ela se apoia, tudo de conformidade com a tela que se vê ainda hoje na cela da Infanta, no velho Convento. Retábulo com a cópia do quadro do Museu de Aveiro representando a Virgem a amamentar o Menino, que a Infanta teve perante si, num altar que mandou armar no quarto. Luz mortua, de candeia.

INFANTA

(Primeiro, só, com Margarida Pinheiro.

Em voz muito débil, para Margarida Pinheiro, que está junto dela, e apontando-lhe a custo, com a mão, para o cofre que se vê junto de outros objectos, sobre uma arca, a um canto da sala)

Trazei... e lêde-me vós... agora, o testamento
Que ontem naquele cofre me haveis guardado:
Estou a sentir-me hoje com mais algum alento...
Pois não me lembro se nele hei bem declarado
As jóias para Dom Jorge... que criei com tanto amor!...
De vós, Irmãs... e deste meu sobrinho amado,
A saudade é agudo espinho, que aviva a minha dor!...

MARGARIDA PINHEIRO

(Pega na candeia e vai buscar o pergaminho. Desenrola-o e lê muito devagar:)

«Esta he minha derradeyra vootade. Faço herdeyra
minha alma de tudo o que me pertêece e pode pertêecer
ê esta maneyra que deixo tudo ao moesteyro de Jhesu.
Item as doações que cõ este se acharã scryptas per m̃y

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

côpram sse. E assy as divydas que for certo que devo
Item aos que tenho dados alvaraes de Casamêtos dem
lhos *Item* aos que forom tomados per mÿ des que estou
ê aaveyro. E mais des este tẽpo a Johã lopez ho dou-
tor, minha ama brityz alvarez, Jorge da Silva que ham



Quadro do século xviii, existente na antiga cela da Infanta, no Museu Regional de Aveiro, interpretando a morte de Santa Joana

moradias del rrey meu Senhor, a todos assy aos que
tomey como estes, paguẽ sse por cada anno ho que mõta
no terço de suas moradias. *Item* Escravos e escravas,
seus filhos e filhas e descẽdentes, hos cristaãos e cris-
tãas, ey os por forros. *Item* ho Roby grãde do anel,

ao principe meu Senhor. *Item* a meu sobrinho ho pendête das tres pedras e ho pendête da esmeralda. *Item* aa Senhora minha ty a ho vulto»...

(Desperta um pouco ao ouvir ler a disposição das jóias)

Está bem... está bem... enrolai-o agora novamente...
Dizei isto mesmo a nossa Madre... quando ela voltar.
É para se cumprir assim... firme, inteiramente;
Do meu corpo... se fará depois o que ela ordenar...

(Por indicação da Princesa, sai uma das freiras a chamar os frades, que logo aparecem; abeiram-se do leito da Infanta. Ela, que os pressente, fala-lhes logo. Voz sufocada, mal se lhe percebendo as palavras, que vão diminuindo gradualmente de intensidade, até que Ela descai para o lado)

Padres... boas Irmãs... Não me deixeis agora...
De todos... mui em breve... bem eu hei de precisar...
Sinto que se aproxima mui velozmente a minha hora...

(Num esforço, a custo)

Roguem por... mim, a Deus... Não parem de rezar!...

(Um dos frades segura-lhe a mão com o círio bento, enquanto o outro recita, pelo livro, a Ladainha de todos os Santos, dois ou três nomes antes da invocação dos Santos Inocentes)

FREI JOÃO DIAS

Fecha o livro, por momentos. Para as freiras, em voz baixa, curvando-se para elas:

O seu passamento... agora... muito se avizinha!...
Já mal se lhe distingue o débil bater do coração...
Continuemos... como Ela pediu... a Ladainha...
Bem acertou... quando quis a Extrema-Unção!...

*(Vai lendo:) Omnes Sancti Apostoli et Evangelistae.
(Todos): Orate pro nobis. Omnes Sancti Inocentes.*

Debruça-se sobre o leito, para logo se afastar um pouco. Fecha o livro, que coloca ali mesmo, no leito. Serenamente, voltado para os circunstantes:

Acabou mesmo agora... rezando... em brando ciciar...
Estanquemos nossa dor; reprimi — Irmãs — o vosso choro:
Já está junto de Deus... as suas Glórias a cantar,
E aos anjos se juntou, para com eles formar coro...

AUTO DA INFANTA DONA JOANA

(Afasta-se um pouco, para, de braços abertos, declamar, em voz alta, com viva emoção, ao mesmo tempo que o sino do Convento dobra, compassadamente, a finados, pois, mal for anunciada a morte da INFANTA, uma das freiras sai para ser dado o sinal. No meio das Freiras, com a mais sentida expressão)

Da maior abnegação vós destes larga prova;
Essas vossas lágrimas... já não tem lugar:
Pois... se vai abrir-se aí, mais uma negra cova,
Vai erguer-se também um doirado altar!...

(Após uma leve pausa, caminhando até à varanda, evocando, em dolorido acento)

E aquele sino, que pr'á oração tão cedo a despertava,
Agora... em dolorida toada, por estes recantos ecoa!...
E alvoroçou já a terra... a que tanta vez chamava
Mui graciosamente: «a sua pequena lisboa»!... (1)
Não voltará mais... daqui... deste airoso mirante,
A olhar a sua Vila, beijada pelo sol do amanhecer...
Nem a escutar o marulhar das ondas... no mar distante
A hora a que os barcos voltam à Ribeira... a recolher...

(Voltando-se para todos os presentes, falando para dentro, sentidamente)

Cantemos todos... nesta suave abalada,
Os hinos mais sentidos de Glória ao Senhor!
A alma da INFANTA... foi já purificada!...
Acabou — para sempre! — o seu Calvário e dor!...

(O sino continua a dobrar a sinais. Ouvem-se, sumidamente, os coros próprios de responsos. As freiras descem os véus a tapar-lhes o rosto. Frei João Dias aproxima-se novamente da varanda, e, meio voltado para fora, de braços abertos, empolgante, numa vibrante e alta expressão dramática, declama na direcção, ora da igreja de Santa Maria da Misericórdia, ora da igreja de S. Miguel, já existentes ao tempo)

Ó sinos d'Aveiro!... Dobrai todos... bem alto!... a sinais!...
Que toda a gente saiba que a Princesa já morreu...
Chegue o vosso eco... a todos aqueles afastados casais,
Onde moram esses pobres, que Ela sempre protegeu!...

(1) Memorial, pág. 177. A Princesa faleceu no dia 12 de Maio de 1490 e foi sepultada no chão do coro de baixo.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

(*Numa súplica, de emocionante acento*)

E logo... ao cair da tarde... quando a forem enterrar,
Que ninguém falte aí!... Vinde todos ao Mosteiro:
Para a sepultura humilde de lágrimas lhe orvalhar.
E para dizer-lhe — de joelhos! — ... o adeus derradeiro!...

FIM



Túmulo de mármore que encerra o corpo da Infanta
Museu Regional de Aveiro

SOARES DA GRAÇA

ALGUNS SUBSÍDIOS PARA UMA NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

LIGEIRAS NOTAS BIOGRÁFICAS

«As vivências psíquicas determinam por um lado outras vivências psíquicas, e por outro lado modificações corporais»

Prof. PAUL SCHIEDER

bibRIA

NÃO é de modo nenhum inútil num trabalho desta índole, que quem se abalance a ele se debruce um pouco sobre a trajectória biográfica da pessoa estudada, pois que, dos acidentes, dos relevos, das *nuances* da existência, muito se pode colher de útil para a compreensão e interpretação de fenómenos nosológicos, e para o conhecimento das ressonâncias que certos estados patológicos corporais têm na psique dos padecentes, e mesmo para o estudo do mecanismo psicogéneo de certos sintomas corporais, mormente hoje, em que a tendência psico-somática invadiu um largo sector de médicos em todo o mundo. E quando o objecto do estudo é, como no caso presente, uma mística, muito maior importância é de atribuir a essas pesquisas, visto tratar-se de pessoas de vida espiritual intensa e predominante, e por consequência mais susceptível de influenciar a órbita do somático. Por todas estas razões ligeiramente apontadas, achamos conveniente iniciar este contributo para uma nosografia da Infanta Santa Joana por uma ligeira excursão sobre a sua vida, mormente por aquela parte da sua vida que mais elementos nos pode trazer para a compreensão da sua vivência religiosa, fenómeno capital (senão único digno de nota) na filha do *Africano*.

O rei de Portugal D. Afonso v não tinha descendência, e por isso sua mulher, a rainha D. Isabel, recolhia-se amiudadas vezes ao seu oratório, para implorar da protecção divina a graça de ser mãe, e assim dar à Nação um herdeiro do trono. E fazia-o «cô muito fervor de devacã . offercia cõtinuadamẽte ao alto deus prezes E devotos sacrificios de orações . pidindo lhe tevesse por bem lhe dar fructu de beẽcam pera seu santo servico . E soceder ho Regno» (1). Os rogos da rainha foram atendidos, e os desejos da Nação foram satisfeitos, porque passado algum tempo D. Isabel ficava grávida, «E ã todos hos nove meses que andou prenhe sãpre foy cõt tanto prazer E sem ninhũa graveza nã pejo e door Como que nõ trouvesse ã seu vãtre carrega algũa que bẽ dava a demonstrar qual avia de seer a que dele avia de nascer . Viindo o tẽpo do parto E alomiãdo a deus paryo hũa filha a maes fremosa e beela Criatura que neste mũdo podesse seer achada e vista» como se diz na prosa saborosa e ingênua do memorial da Infanta (1).

Muito devota do Evangelista S. João, havia prometido a rainha que a todos os filhos que tivesse daria o nome de João, acrescentando que, ainda que cem tivesse, aos cem daria o nome do Evangelista.

A 6 de Fevereiro do ano de 1452 nasceu em Lisboa a Infanta D. Joana, ainda no berço jurada princesa do Reino de Portugal, não sei se pelos três Estados do Reino se não, mas como tal ficou conhecida e ainda hoje o é. Se não foi realmente jurada Princesa foi conhecida como tal, e assim chamada, o que continua a succeder. O povo lhe chamou Princesa sendo Infanta, o povo lhe chamou Santa sendo Beata, isto é, o povo a jurou Princesa, o povo a canonizou.

Nasceu D. Joana, e três anos depois nascia D. João, que havia de vir a ser o grande rei que foi; a cem não deu a rainha Isabel o nome de João, mas dando-o a dois estava assegurada a continuidade dinástica, e pôde despedir-se do mundo deixando nele dois notáveis filhos: um pela santidade, outro pelas grandes qualidades de chefe de estado de que deu provas. Em 1456 despediu-se da vida D. Isabel, deixando atrás de si, crianças ainda (um com três anos, outro com sete meses apenas), estes dois illustres descendentes.

(1) *Crônica da fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e memorial da Infanta Santa Joana filha del Rei Dom Afonso V (códice quinhen-tista). Leitura, revisão e prefácio de ANTÔNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL. Aveiro, 1939. Pág. 76.*

Morta a rainha, mandou D. Afonso v que toda a sua casa (damas, donzelas e outros oficiais) passassem para o serviço da Infanta, e assim se fez, indo esta viver em palácio separado de seu pai e irmão.

Muito precocemente começou a dirigir a casa com tal ponderação e bom senso, que causava a maior admiração em todos, parecendo que a perda da mãe nenhuma falta lhe havia feito para a sua formação e aprendizagem. Por outro lado, filha dum rei muito ilustrado, a cultura da Infanta foi muito cuidada, facto a que talvez também não tivesse sido estranha a sua tendência natural. Muito novinha ainda debruçava-se sobre as Vidas dos Santos, e muito particularmente sobre as Vidas e Martírios das Virgens. Aos nove anos sabia já gramática, aprendia letras e começava a entender latim. E assim, dentro das normas de seu pai, o culto monarca D. Afonso v que dizia que «as ciências e a sabedoria a nenhum outro bem se podem comparar», a educação e a formação da Infanta foram modelares. Para estes primores de riqueza cultural, alguma coisa deve também ter concorrido a colaboração de sua tia D. Filipa de Lencastre, filha do Infante D. Pedro, virtuosa senhora dotada de muito talento e bom gosto. Ao mesmo tempo que cuidava da sua instrução, dirigia a Infanta à maravilha a sua casa onde passavam de trinta todos os fidalgos, os quais «cõ nom menos sabedoria que sancta Catherina Martyr Regia e governava».

Manifestou também muito precocemente a sua grande devoção, a ponto de aos nove anos já demonstrar «hũ maravilhoso Resplendor de amor de deus . E leixãdo outros desêfadamêtos que a dita Idade Requere . Começou cõ grãde atento apriêder letras e querer entêder Laty . E saber gramatyca».

Orava com tal fervor, que aos onze anos não parecia ter tão pouca idade, mas antes vinte ou trinta, e não queria que ninguém a interrompesse quando se encerrava no seu oratório. Aborrecia o mundo, e era na oração que se libertava dele.

Mas a Infanta cresce, e cresce em anos e em formosura; o seu desenvolvimento físico acompanha o seu progresso intelectual, e tendo apenas quinze anos é uma mulher feita parecendo ter vinte e cinco, possuindo uma beleza tão adulta que leva a Corte a pensar no seu casamento. Vários príncipes a pretendem e dentre eles o sereníssimo Luís xi rei de França, primo de seu pai, e o Imperador da Alemanha casado com uma irmã de D. Afonso v. Retratos seus são enviados para as cortes da Europa onde a sua formosura é apreciada como merece, e do rei de França se diz que dobrou os joelhos perante ela, espantado. Mas quanto mais lhe falavam em casamento, mais se dava a devotas orações e disciplinas

secretas, aprendendo a rezar o officio divino segundo o costume romano com o seu padre capelão «homẽ velho per Idade devoto e muito amigo de deus. Letrado e bẽ entendido e dilligẽte ẽ seu officio». Tentava evitar toda a ociosidade, todas as conversas e todos os prazeres, «veer e ouvir cousas vãas e superfluas» como se diz na linguagem saborosa do mêmorial. Ordenou, mesmo, que uma criada lhe comprasse áspera estamemha e mandou fazer camisas, curtas das mangas e estreitas do corpo, de maneira que as pudesse trazer debaixo dos ricos vestidos que a sua condiçãõ lhe impunha, sem que pudessem ser vistas nem presumidas; e além disso torturava a sua carne tenra e florida de adolescente (15 anos) com cilícios aggressivos.

Nos seus paços nunca havia serões, e se vinham seu pai, seu irmão, ou outros nobres, cobria então a sua figura gentil de principescos vestidos e de pedrarias raras, que dissimulavam a aggressiva camisa de lã e os torturantes cilícios que lhe agrediam a carne jovem. E quando dançava com seu pai, com seu irmão, ou com seu tio D. Fernando, mal presumiam eles que as suas pernas andavam apertadas com ásperas tiras e faixas de «seedas de Rabos de boys e bestas»; e quando já todos dormiam, a Infanta entrava no seu oratório a fazer vigília, a orar fervorosamente e a fustigar o seu delicado corpo com disciplinas de corda, até que vindo o sono invencível, a sua figurinha gentil desaparecia da câmara principesca pelo alcapão que a conduzia à cama dura e desconfortável, onde estendia a sua carne macerada de penitências físicas.

Os seus olhos verdes só se gastavam sobre a PAIXÃO E MORTE DE JESUS CRISTO que sempre lhe provocava copioso pranto, sobre as Vidas dos Santos e sobre as Vidas e Martírios das Virgens, e só destes assuntos falava sem querer ouvir outro género de conversas. Nunca mudava a camisa de lã, nem de dia nem de noite, nem de verão nem de inverno, até que já «a nõ podia sofrer por a multidã dos piõlhos que criava cõ que era cõstrangida a tyrar e vestir outra».

Mas nem só de orações, disciplinas e cilícios era feita a sua devoção. Onde houvesse uma lágrima de que tivesse conhecimento, os seus dedos longos e brancos iam enxugá-la; onde houvesse uma boca com fome, a sua ternura humana ia apagá-la; onde houvesse um encarcerado, a sua bondade ia dar-lhe um pouco de esperança; onde houvesse um enfermo, a sua profunda caridade ia deixar cair um pingo de láudano.

Aos dezassete anos, quando a sua mão era insistentemente pedida pelo rei de França, a Infanta desabafava em lágrimas e debruçava-se para seu consolo sobre os passos

da paixão de Cristo, que lhe arrancavam fundos suspiros e lamentosos gemidos.

Durante toda a Semana Santa não falava, tinha permanentemente cilícios, e em quinta e sexta-feira jejuava a pão e água, ouvindo todos os officios. E em quinta-feira santa mandava que lhe trouxessem doze mulheres, das mais pobres, das mais miseráveis, das mais andrajosas, e, de joelhos em terra, as suas mãos belíssimas e delicadas lavavam-lhes os pés, limpavam-lhos, a sua boca beijava-lhos até, sem que elas soubessem quem tinha praticado aquele surpreendente acto de humildade, com que a Infanta comemorava o episódio do lava-pés dos Apóstolos. E nos alforjes das miseráveis ia a esmola generosa para a fome da boca, esmola que não tinha comparação com a ternura humana dispendida em favor da angústia daquelas vidas vazias e desconfortáveis.

Acerca da vocação para a vida monástica, as opiniões não são concordantes e embora da leitura do códice quinzentista, que inclui o *Memorial da Infanta*, de Soror MARGARIDA PINHEIRO (1), se tire a conclusão de que tudo nela foi, desde sempre, tendência para a vida religiosa, os pareceres dos cronistas RUY DE PINA e DAMIÃO DE GÓIS não corroboram completamente aquele conceito. Assim, o primeiro opina que foi para o convento de Odivelas por imposição do pai, para evitar escândalos e gastos exagerados, e o segundo refere mesmo, no *Nobiliário*, a existência dum episódio amoroso com o fidalgo Duarte de Sousa, que D. Afonso V mandara degolar. Difícil se torna afirmar quem estará dentro da razão, porque se por um lado RUY DE PINA e DAMIÃO DE GÓIS podem ter exagerado as tintas, criando assim a suspeita dum romance de amor que teria dado causa à entrada da Infanta em Odivelas, o relato de Soror MARGARIDA PINHEIRO é de tal modo encomiástico e tendente a valorizar sistematicamente as virtudes da Princesa, que pode na verdade a sua admiração tê-la inibido de pesquisar e referir um filão, que ela porventura nem teria sido capaz de presumir, na trajetória existencial da sua biografada.

Seja porém como for, tenham razão RUY DE PINA e DAMIÃO DE GÓIS ou esteja antes a razão do lado da boa freira, as excel-sas virtudes da filha do *Africano* não ficam denegridas, e para a tentativa da nosografia que iniciaremos adiante interessaria esclarecer este problema, na medida apenas em que ele poderia trazer elementos para o estudo psico-somático da Beata Joana. De resto, do que não há dúvidas, é de que, quer a sua entrada em ambiente monástico tenha sido voluntária,

(1) *Ob. cit.*

quer tenha sido imposta, a sua conduta foi sempre de profunda religiosidade, de muita virtude, de muita bondade, e de que a sua nobreza real se refugiou numa simples coroa de espinhos que adoptou como divisa; de que as suas leituras eram exclusivamente leituras místicas (os Evangelhos, Vidas de Santos, etc.); de que tratava seu corpo com penitências físicas as mais agressivas, de que a meditação da Paixão de Cristo lhe arrancava lamentosos gemidos; de que cuidou muito precocemente da sua cultura, mormente da cultura religiosa, e que este facto, embora estimulado pelo seu culto Pai e por sua talentosa tia, se não pode justificar sem que na Infanta tivesse existido tendência para essa cultura. Mas, sabe-se mais ainda, que deitava o seu corpo em cama dura, para o que saía secretamente do seu leito principesco, que usava camisa de estamemha e que a não mudava nem de dia nem de noite, nem de verão nem de inverno, até a não poder suportar pela infestação dos parasitas; e sabe-se também que fugia o possível a festas mundanas, e que, quando vestia os seus vestidos de gala, cobria com eles variados processos de tortura para a sua carne e que ao regressar aos seus aposentos se flagelava com disciplinas de corda e sangue.

Se não entrou para o convento voluntariamente, a imposição da sua entrada encontrou nela um estado de receptividade, uma vocação tão grande, que nada mais a arrancou de lá, nem as razões de Estado, nem razões de affectividade familiar, nem casamentos vantajosos, nem a voz fanhosa e autoritária de D. João II, seu irmão, nem a dialéctica dum bispo a quem respondeu altivamente: — «sem dúvida venerável Prelado que a paixão vos faz esquecer quem sois. Tanto obedecéis aos interesses da terra que não reparais em ser infiel a um Deus só para lisongiar um príncipe» (1).

Não parece, pois, que para o caso que tenho entre mãos seja essencial descortinar com clareza as causas porque transpôs a portaria de um convento pela primeira vez, desde que parece não haver dúvidas de que lá dentro encontrou

(1) Quando já se encontrava na tipografia o presente trabalho, fomos facultado pelo nosso prezado amigo Dr. António Cristo, um trabalho do Sr. A. J. DIAS DENIS, inserto na *Colectânea de Estudos*, n.º 2, da série II, correspondente a Maio do ano corrente, onde se publica um documento em que D. Afonso V responde a uma reclamação contra a entrada da Santa Joana na vida religiosa, o qual muita luz vem derramar sobre o assunto, e parece demonstrar que o monarca não teve quaisquer responsabilidades na entrada de sua filha para Odivelas. Lê-se ali, por exemplo, a seguinte frase que parece explicita: «E he verdade que de algũs dias aca a teençam do Iffante minha filha foy entrar em Rellegian, e nollo rrequereo per muytas vezes com grande justançia E nos lho contradissemos quanto com rrazam devyamos».

NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

o ambiente que passou a viver voluntariamente e para cuja manutenção teve até de lutar.

Se houve romance de amor, se sim ou não um sapato de D. Duarte de Sousa foi encontrado nos paços da Infanta, não é indiferente para um melhor conhecimento psico-somático da estudada neste trabalho, e nós aceitamo-lo como certo, por não nos dizer respeito a nós, que não temos competência para a investigação histórica, vir agora aqui discuti-lo, e porque ele não toca nem diminui nada a admiração que temos pela virtuosa filha do *Africano*.

Repare o leitor que se interrompe aqui o ligeiro esboço biográfico, feito apenas na medida em que dele se podem tirar algumas achegas para o conhecimento psicológico da Infanta, porque a verdade é que, daqui para diante, e sobretudo depois da sua entrada no convento de Jesus de Aveiro, a sua vida foi a vida duma freira não professa, que seguia rigorosamente todas as determinações da Regra, que refinou na sua devoção e na sua virtude, e cuja vocação resistiu mesmo quando seu irmão, D. João II, entrou irado pela porta do convento, falou ásperamente à Priora animado da ideia de arrancar a irmã à clausura, e cuja voz fanhosa e ríspida, servindo o seu autoritarismo soberano, veio a vacilar, a ceder e a diluir-se em frente das razões de consciência, da bondade e da mansidão da excelsa Princesa, que logrou convencê-lo de que o seu lugar era ali, ao serviço do seu Deus e da sua fé.

Retomaremos o auxílio de Soror MARGARIDA PINHEIRO mais adiante, quando verdadeiramente precisarmos dos dados nosológicos, de que a história clínica que fez da doença da Infanta é o mais útil repositório. Para uma boa história clínica, no conceito das novas tendências da medicina, é indispensável o conhecimento da história humana, dos conflitos emocionais, das inquietações, das angústias, numa palavra, da vida anímica que exerce uma poderosa influência sobre a patologia dos órgãos e dos aparelhos, e mais ainda sobre a patologia chamada funcional.

O BIÓTIPO

«L'examen de la structure du corps doit devenir une partie exacte de la science médicale, car il est une des clés principales du problème de la constitution, et par conséquent de l'une des questions centrales de clinique médicale et psychiatrique»

E. KRETSCHMER

(La Structure du corps et le caractère)

Edição francesa

«Partant de la biologie clinique, les recherches viennent s'élargir jusqu'à se trouver en présence d'un problème d'ordre général, celui des rapports entre les formes corporelles et la manière d'être psychique»

R. GAUPP.

Difícil se torna determinar o biótipo da Infanta Santa Joana, porque a matéria de estudo para o determinar é rara, e a que existe em grande parte não dá garantias de segurança em que nos possamos fiar. O contributo iconográfico é magro e quase todo destituído de valor documental para a determinação de um tipo físico. Apenas a célebre tábua do Museu de Aveiro é de aceitar como traduzindo as feições da Beata, e essa mesma sujeita a objecções. O Senhor Doutor ALBERTO SOUTO sugeriu a hipótese de que uma figura feminina orante que se vê no políptico do Museu das Janelas Verdes, e que se julga ser a rainha D. Isabel, seja antes o retrato da Infanta. E a hipótese tem muito de verosímil, dadas as incontestáveis semelhanças de indumentária e alguns pontos de contacto fisionómicos. De resto, nada mais encontro de referido sobre o contributo iconográfico da Beata que possa merecer algum crédito para sobre ele se fazerem pesquisas biotipológicas. E muito interessaria que o contributo fosse maior, pois que do estudo das características somáticas, grandes e apreciáveis elementos se poderiam colher para o esclarecimento do temperamental e do caracteriológico, como é hoje aceite pelas modernas escolas de KRETSCHMER, VIOLA e PENDE, etc., sem falar na moderna medicina psicossomática, tendência hoje imperante num largo sector da medicina. Por outro lado, o que existe escrito sobre o tipo físico da Infanta é também bastante pouco, para se considerar uma base suficientemente sólida para se apreciarem condignamente as suas características biotipológicas. Não poderemos pois

suprir a ausência do indivíduo pelos elementos deixados acerca das suas características físicas, senão na medida em que a indigência de elementos existentes nos permite pôr cuidadosamente as nossas hipóteses.

De maneira que, descarnado o problema de contributos que podem e devem ser falsos, fica-nos apenas o exame da tábua do Museu de Aveiro e a descrição dada no *Memorial* por Soror MARGARIDA PINHEIRO (e ainda assim entre estas duas fontes há por vezes discordâncias), o que é realmente pouco para se fazer um juízo seguro sobre o biótipo da filha de D. Afonso v. E será com boa vontade, com o recurso destes dois pequenos filões, com os elementos que colhemos (e que atrás deixamos indicados) acerca das *nuances* biográficas da Santa, que tentaremos realizar o estudo das suas características psicossômáticas, isto é, esforçar-nos-emos por dar o seu tipo físico e as suas características temperamentais e caracteriológicas. Consegui-lo-emos? Sabemos que a tarefa é difícil e arrojada, mas sirvam-nos as dificuldades que topámos de justificação para a insuficiência do contributo que trazemos nesta hora festiva do quinto centenário.

Comecemos por ouvir a descrição que nos dá Soror MARGARIDA PINHEIRO, a boa freira que viu a Beata Joana com os olhos inundados de luz cor de rosa e de ternura admirativa:

«Era no Rosto e corpo muy apóstã . a frôte muito graciosa . os olhos verdes mui fremosos . ho naryz meão e de boa ffeycã . a boca grossa e Revolta . Rosto Redondo . ho Caram alvo cõ algũa cantiquer coor bẽ posta . muito fremosa gargãta e mãos maes do que se podesse achar e veer a ninhũa outra molher . alta e grãde de Corpo dereyto . muy aposto e ayroso aa vista e Reprẽsentacã de grãde Senhora e estado» (pág. 89).

Este é o contributo do códice sobre o tipo físico da Infanta, e ainda que em poucas palavras, dá elementos preciosos para que, cotejados com a tábua quatrocentista que parece traduzir a vera effigie da Santa, nos fornecerem os únicos elementos de segurança para nos podermos pronunciar, ou melhor, para podermos pôr uma hipótese biotipológica.

Com efeito, do relato do *Memorial* colhe-se que a Infanta era *alta e grande de corpo muito aposto e airoso; tinha muito formosa garganta e mãos mais do que se pudesse achar e ver em nenhuma outra mulher;* quanto ao rosto diz-nos que era *redondo, que os olhos eram verdes, e o nariç meão e a boca grossa e revolta e a fronte muito graciosa;* diz-nos mais que *a pele era branca com alguma cõr*

(*quanta quer*). E é tudo quanto se pode colher de útil no *Memorial* sobre características somáticas, o que agora nos cumpre aferir com os elementos que colhemos no único documento plástico que acerca da Infanta nos ficou: a tábua do Museu de Aveiro. Ora observada esta tábua, a primeira coisa que se constata é que o rosto não era realmente redondo como se diz no *Memorial*, mas alongado, comprido, aproximado da oval, disparidade que pode ter a sua origem na sobrecarga adiposa que reveste o departamento cefálico, e que poderia ter levado a freira a chamá-lo redondo, facto a que pode não ter sido também estranha a indumentária de freira com que sempre deve ter sido vista por SOROR MARGARIDA PINHEIRO (1). Isto é, o rosto da Infanta que no retrato não é de modo nenhum uma *face lunar*, pode realmente ter dado essa sugestão à autora do *Memorial*, por virtude do revestimento gorduroso que o adorna e por efeito do hábito de freira que, roubando certa porção à frente e à face, pode ter concorrido para aproximar do círculo um rosto que na verdade era oval. Sem dúvida, estas duas circunstâncias devem ter concorrido para a disparidade constatada. E é verdade, também, que o revestimento adiposo, sobretudo das regiões genianas, comunica à fisionomia da Infanta um aspecto pastoso.

A boca é pequena, «grossa» como se diz no *Memorial*, de lábios espessos e carnudos, sobretudo o inferior, existindo uma certa elevação do superior que sugere vagamente um *facies* adenoideu. O nariz é comprido (e não meão como foi escrito) sem acidentés e com a raiz bem individualizada entre os dois supracílios que se dispõem numa simetria geométrica; as commissuras são caídas, o que comunica a toda a fisionomia um certo ar de desalento, e o olhar, dum verde muito discreto, é bastante inexpressivo e baço, dando a impressão de que as pálpebras superiores são ligeiramente ptosadas; o pescoço é longo e bem modelado, se bem que nele avulte um aumento de volume anterior, ligeiramente mais à custa do lado direito, aumento de volume a que não nos parece estranha a responsabilidade da glândula tiroide; em todo o caso, o pescoço e o peito comunicam à figura um

(1) Não podemos avaliar em que medida as re-pinturas sofridas pelo quadro possam ter modificado o aspecto do rosto. Apenas nos foi possível observar um positivo de um estudo radiográfico da tábua, inserto num trabalho do ilustre crítico de arte LUIS REIS SANTOS, e que nos foi amavelmente cedido pelo nosso amigo Senhor Dr. Ferreira Neves, positivo, de resto, que nos não autoriza a afirmar que o rosto tenha sido alongado por virtude de obras de restauro; por outro lado, parece que houve modificação do rosto no sentido transversal, por adição, como observa, e muito bem, aquele ilustre crítico de arte quando diz que «o inchaço da face do lado direito, é posterior e de menor densidade».

NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

surpreendente ar de nobreza, mormente esta última região que um decote fundo deixa ver em grande parte, sem que ao observador seja possível presumir, sequer, o início do sulco inter-mamário; o exame da fronte está prejudicado pela presença duma touca recamada de pedrarias, que de todo a encobre, com excepção dumas nesgas que se divisam através do fenestrado daquela peça da indumentária; mas a verdade é que dos supracílios para cima, o exame do rosto está completamente comprometido; o cabelo é longo e estende-se ladeando a face e emoldurando os ombros em madeixas dum loiro arruivado, e loiro era realmente como se colhe dum trabalho do Dr. ALBERTO SOUTO, que se refere a uma madeixa que existe num relicário do Museu de Aveiro o que se diz ser da Infanta: observámos também esse anel de cabelo, bastante mais aberto de cor do que o representado no retrato, o que pode em grande parte ser atribuído à acção do tempo e da inumação, que porventura o terão descorado. A mão que se vê na tábua, é uma longa mão gótica de dedos afilados e fusiformes, e duma espantosa nobreza de linhas, apenas prejudicada por um tudo nada de papudo na face dorsal que é visível; as espáduas são estreitas e os ombros descaídos, e pode-se com certeza dizer, pelo exame do retrato, que a distância bi-acromial era pequena; a pele era branca e ligeiramente rosada.

Estender mais esta descrição, prolongar o pouco que se colhe destas duas únicas fontes fidedignas de informação para um estudo desta natureza, parece-nos que só serviria para gastar palavras e tempo inútilmente. Para a caracterização do biótipo da Infanta, nada mais se colhe nestes dois elementos de estudo que tragam um contributo sério. Por isso nos ficamos por aqui na colheita de elementos, passando seguidamente a esboçar algumas considerações cuidadosas, baseadas sobre o muito pouco que nos serve de alicerce.

A Princesa era alta, delgada, de pescoço comprido e fino, de rosto alongado (se acreditarmos no retrato) mas sem ângulos nem acidentes vincados; a mão era longa e de dedos fusiformes, a distância bi-acromial era estreita, a pele era branca, elementos que a colocariam no tipo longilíneo (VIOLA) ou no tipo leptosómico (KRETSCHMER). Mas por outro lado, Soror MARGARIDA PINHEIRO diz-nos que a face era lunar (face redonda) e se bem que na tábua do Museu de Aveiro se não colha essa impressão, a verdade é que a espessa panícula adiposa que reveste o rosto, a falta de acidentes e de traços vincados, a fisionomia toda caracterizada por linhas suaves e por volumes macios, dão-lhe um ar pastoso e brando, que embora não permita fazer pensar com afoiteza no rosto duma pícnica nos complica o problema num sentido displástico.

Isto é, as dúvidas que porventura se possam ter no sector cefálico do corpo, obrigam-nos a ponderar uma solução, e a ir para uma conclusão (um pouco arbitrária talvez) de necessidade, mas que nos parece a única que legitimamente se pode tirar: a Infanta Santa Joana era uma leptosómica, com alguns desvios displásticos no sentido do pícnico segundo a leitura do *Memorial*, desvios um pouco neutralizados pela observação do retrato, quanto ao aspecto do rosto.

Ora o facto de não nos ser possível atribuir à Infanta um biótipo puro, mais nos complica o problema e mais difícil torna a determinação do seu tipo temperamental e caracteriológico. Felizmente que a questão se descomplica alguma coisa, pelos dados conhecidos (sobretudo pelo contributo do *Memorial*) acerca da sua personalidade e dos atributos da sua psique. Teremos agora de ir meter foice no ligeiro esboço biográfico que coligimos atrás, para aí colhermos elementos que, cotejados com o que nesta parte do estudo observámos, nos permitam estudar o temperamento e o carácter. E para obtermos mais uma ajuda neste ponto, teremos ainda de voltar à tábua para nela procurarmos, nos elementos fisionómicos, alguns subsídios que nos possam ser úteis. Olhando para aquele retrato verificamos que a boca faz contraste no conjunto harmonioso das linhas serenas do rosto: é grossa, carnuda, sobretudo à custa do lábio inferior, com o seu quê de sensual, que é de resto um pouco diluído pela expressão calma, pelo travo melancólico comunicado pelas commissuras descidas, e também pelo olhar vago e impreciso que domina todo o conjunto; há realmente nesse olhar um ar distante de pessoa introvertida, e a materialidade densa da boca não chega a contrastar com violência, porque todos os outros pormenores do conjunto se conjugam para lhe diluir a espessura. Em todo o caso, aquele traço representa, na harmonia daquelas linhas, um motivo de reparo para quem o observar com algum cuidado.

Referindo-se a este contraste, diz HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA: «É se nos lábios grossos se vislumbra profandade de anseios, essa vaga expressão é temperada—ou quiçá acentuada—pelo vinco amargo que lhe alonga a commissura».

A carnação é alva e rosa e os cabelos dum loiro magnífico emolduram uma face bochechuda sem relevos nem ângulos. O conjunto sugere qualquer coisa da serenidade duma deusa oriental, tal a macieza de expressão e o olhar dormente que o enche.

Dos poucos elementos somáticos colhidos que parece permitirem dizer tratar-se duma leptosómica, embora com alguns desvios displásticos, conjugados com a tradução fisionómica e com os dados psicológicos pesquisados no *Memo-*

NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

rial e em mais alguns elementos bibliográficos, teremos agora de tirar conclusões acerca do tipo psíquico da Infanta. Leptosómica essencialmente como parece, será lícito pensar num temperamento esquizotímico, uma vez que em cem leptosómicos se encontram 70,7 de esquizotímicos segundo VAN DER HOST e KIBLER; e é sabido que KRETSCHMER relaciona a constituição esquizotímica com o tipo somático leptosómico. Por outro lado, os dados colhidos quanto à sua atitude psicológica, fazem-nos supor tratar-se de uma pessoa introvertida, dada a profundas e grandes meditações sobre assuntos místicos (Vida e Paixão de Cristo, Vidas de Santos, Martírios das Virgens) que vivia tão intensamente que lhe provocavam o pranto e lamentosos gemidos; era um espírito impressionável e emotivo e um temperamento de profundidade, alheio ao mundo e às realidades práticas da vida, isto é, pessoa para «conceber no tempo de forma formalista e subjectivante» usando a expressão do Prof. BARAHONA FERNANDES. Era hirta e intransigente em questões de ética, inabalável na defesa da sua fé, em suma, uma idealista pura vivendo essencialmente pelo espírito; amiga de se cultivar e de conhecer a fundura das coisas da religião, era duma devoção levada ao extremo da gama mais variada de métodos supliciantes, indo até ao ponto, quase bizarro, de consentir piolhos na sua roupa interior até os não poder sofrer de modo algum, o que revela fanatismo, característica esta muito saliente nos esquizotímicos, que são por vezes fanáticos, quer religiosos quer ateus.

Parece-nos pois a nós, que em correspondência com o seu tipo físico (Leptosómico) a Infanta Santa Joana era uma esquizotímica. Estaremos dentro da razão? Não o afirmamos categoricamente, e antes deixamos este ponto de vista sujeito ao parecer dos competentes que queiram tratar do assunto com maior latitude, e dar-nos a nós ensinamentos que porventura possam levar-nos a modificar a nossa opinião.

FICHA NOSOLÓGICA

«Um dos capítulos mais atraentes da patologia é o que indaga as relações das diversas organopatias com os vários estados de alma»

SOUSA MARTINS, *Nosografia de Antero*

Clinicar com o doente ausente, estabelecer diagnósticos sem a observação dos sintomas na pessoa, e sem ouvir da sua boca os sinais subjectivos, é quase concluir sem premissas, ou pelo menos com premissas inconsistentes.

Os problemas nosográficos da Infanta Santa Joana estão envoltos em bruma, e ainda aqui não teremos outro testemunho digno de crédito que não seja o *Memorial da Infanta*, de Soror MARGARIDA PINHEIRO, hoje já desbravado sob o ponto de vista médico pelo Doutor FERNANDO DA SILVA CORREIA, em trabalho publicado no *Arquivo do Distrito de Aveiro* (1) e que encerra uma minuciosa história clínica. Neste último estudo, muito tem o pesquisador deste problema que aproveitar, sejam quais forem as discordâncias que se tenham com as conclusões a que chegou aquele ilustre historiador da medicina. Mas como ele próprio dá a palavra a outros conferentes, perdoe-se ao clínico rural a pobreza do contributo que pretende trazer para satisfação de uma honrosa incumbência. Empresa difícil é esta em que meti foice, pois que me não posso acercar do catre da enferma e nela pesquisar elementos que me possam conduzir a conclusões definitivas. Está à distância de 500 anos de nós, e acerca das suas doenças só nos resta o relato de Soror MARGARIDA PINHEIRO, profuso de resto, de palavras encomiásticas e de maneiras de dizer apologéticas que bastante mascaram e confundem os dados clínicos que nos dá. Catou-os pensosamente o Doutor FERNANDO CORREIA e muito útil nos vai ser, na elaboração destes subsídios para a nosografia da Infanta, o trabalho beneditino que realizou, construindo uma história clínica magistral, embora nem sempre estejamos de acordo com as conclusões que dela tirou o seu autor.

Quanto a hereditariedade mórbida, pouco se conhece que possa trazer qualquer material útil para este estudo. Apenas se sabe que D. Afonso v era homem de boa estatura e bem proporcionado, e que faleceu em 28 de Agosto de 1481, aos 49 anos de idade, de «febres fortes», o que faz presumir que tenha sido vitimado por qualquer moléstia infecciosa aguda, portanto, facto destituído de interesse para ter repercussão no estudo que estamos tentando. D. Isabel, mãe da Infanta, morreu muito nova, sete meses depois de ter dado à luz D. João II, e sucumbiu, ao que parece, de um estado hemorrágico (*fluxo de sangue*), tendo-se posto a hipótese de ter sido criminosamente intoxicada, causa de morte que era frequentemente atribuída às pessoas reais; mas carecendo esta causa de demonstração, fica apenas de pé como causa da morte «o fluxo de sangue», que faz pensar em primeiro lugar em meno ou metrorragias, embora a expressão usada bem pudesse dirigir-se a outras hemorragias, se não mesmo a perdas hemáticas de várias proveniências ao mesmo tempo,

(1) Vol. VII, pág. 283, de 1941, e em separata.

por virtude dum estado discrásico sanguíneo (estado purpúrico? trombocitopenia essencial de GLANZMANN?); podia também a expressão referir-se a hemoptises ou mesmo a epistaxis, mas parece que o mais justo é supor que estivessem em causa hemorragias uterinas. Ainda aceitando que o fluxo de sangue tenha sido do foro ginecológico, não nos é possível saber qual tenha sido o seu factor etiológico. Existiria uma lesão neoplásica? Ter-se-ia tratado dum abortamento, ou de uma mola hidatiforme, ou doutra razão do domínio da obstetrícia? Perguntas destinadas a ficar sem resposta pelo que, sobre o genótipo da Infanta, sobre o dote hereditário que recebeu dos seus ascendentes, nada de positivo se sabe para supor que tenha tido repercursão sobre a sua história mórbida. Posto o problema na simplicidade esquálida da expressão «fluxo de sangue» nada nos autoriza a fixarmo-nos numa hipótese, o que tem de nos levar à única conclusão possível: sobre herança mórbida, sobre atributos do genótipo, as pesquisas que fizemos foram completamente vazias de interesse.

Quanto a antecedentes colaterais, sabe-se que D. João II, único irmão da Infanta, era fanhoso (*falava pelos narizes*), o que faz pensar em fenómenos de obstrução das vias respiratórias superiores, quer por virtude de vegetações adenóides, quer por outro qualquer motivo impeditivo; sabe-se que era de pequena estatura, de temperamento impulsivo e excitável, sujeito à ira, voluntarioso, e dado, pelo menos até certa altura, aos prazeres da mesa, podendo mesmo dizer-se que foi um gastrónomo; quanto ao consumo de álcool parece que nunca foi exagerado, mas bebeu até certa altura da sua vida. Sabe-se, mais, que tinha a pele branca, e que encaneceu muito precocemente. Quanto à doença que o vitimou, está hoje muito bem estudada, se bem que também tenha sido aventada como causa da morte do Príncipe Perfeito o envenenamento criminoso (envenenamento agudo por administração de tóxico), hipótese esta posta em primeira mão por CAMILO CASTELO BRANCO e defendida mais tarde pela autoridade científica do grande clínico Professor Doutor MANUEL BENTO DE SOUSA e também por ANSELMO BRAANCAMP FREIRE que diz «quase poder afirmar que D. João II morreu envenenado». Houve até quem atribuísse a ministratione criminosa do veneno à Rainha D. Leonor, sua mulher. Mas posteriormente o Doutor D. ANTÓNIO DE LENCASTRE, ouvido sobre este assunto pelo CONDE DE SABUGOSA, eliminou tal hipótese e preencheu a certidão de óbito do rei com o diagnóstico de uremia por nefrite crónica, o que quer dizer que o Príncipe Perfeito morreu realmente intoxicado, mas por motivos endógenos. Finalmente, RICARDO JORGE liquidou a questão demonstrando a nefrite azotémica no seu notável estudo «o óbito de D. João II».

Quer dizer: D. João II era um nefrítico e morreu intoxicado pela ureia que os seus rins não eliminavam, por estarem comprometidos por graves lesões anátomo-patológicas que lhes comprometiam a função eliminadora.

Seria dilatar inútilmente esta parte do trabalho dizer mais alguma coisa, onde nada mais de útil há a dizer, e não há dúvida de que só palavras poderiam resultar do pretender extrair mais dos factos atrás indicados na ascendência e na colateralidade da Beata Joana.

A Infanta Dona Joana de Portugal nasceu a termo em Lisboa, a seis de Fevereiro de mil quatrocentos e cinquenta e dois, sendo filha primogénita dos Reis de Portugal D. Afonso V e Dona Isabel, e poucos anos depois perdeu a mãe, que faleceu em mil quatrocentos e cinquenta e seis, deixando a filha na primeira infância (com pouco mais de três anos) e o filho D. João II com sete meses apenas. O facto de ter perdido a mãe quando ainda muito precisa lhe era a sua ternura maternal, não é inútil de registar neste trabalho, não só pela falta que esse afastamento definitivo devia ter feito à sua evolução física, mas também ao seu desenvolvimento psíquico (espiritual e instintivo) pois não parece que seja indiferente ao desenvolvimento do indivíduo a privação do amparo afectivo que só no carinho maternal se encontra, sem falar no traumatismo subconsciente que esse facto possa acarretar. E é até bem possível que na precocidade de desenvolvimento psíquico que se nota na vida da Infanta, algumas responsabilidades tenha a orfandade prematura, que pode muito bem ter influido, quando não como causa determinante pelo menos como causa adjuvante, nessa exuberância evolutiva, embora o principal motivo tivesse sido de ordem constitucional. É certo que, sincronicamente com o desenvolvimento psíquico, foi também precoce o desenvolvimento somático, e é lícito presumir que isso tenha surgido, em grande parte pelo menos, em consequência duma hipercrinia das glândulas de secreção interna, com aumento das somato-estimulinas, isto é, em termos mais descarnados, é possível que se tenha dado na Infanta uma puberdade prematura. E esta fase da vida corresponde à cessação da infância, não apenas no departamento restrito que vulgarmente se atribui à adolescência, mas também, e sobretudo, sob o ponto de vista do desenvolvimento geral.

(Abre-se um parêntese para fazer referência a uma nota do romance histórico de MARQUES ROSA, «Princesa Joana», que entre várias alusões às doenças da Infanta absolutamente infundamentadas, afirma «que só muito tarde entrou na puberdade, o que explica o fraco desenvolvimento do seu

organismo quase sempre infantil», afirmação esta em desacordo com tudo o que lemos sobre o assunto, e que, ao contrário, é sempre de molde a fazer-nos concluir quer sob o ponto de vista físico, quer sob o ponto de vista psíquico, que o desenvolvimento da Infanta não só foi normal mas, mais do que isso, foi supra-normal, a ponto de aos quinze anos parecer ter vinte e cinco).

Fechado este quase inútil parêntese, continuemos, dizendo que uma tentativa nosográfica de uma pessoa célebre não interessa apenas (nem essencialmente) para lhe pesquisar e exhibir à curiosidade do público as mazelas patológicas, mas antes, para do estudo desse ficha mórbida carrear, para a ânsia dos interessados e dos estudiosos, as ressonâncias intelectuais, espirituais e afectivas que essas mazelas determinaram ou que com elas possam ter relações, e interpretar as atitudes e estados de alma que elas porventura condicionem ou modifiquem; e também para avaliar do grau de reacção (quer de revolta, quer de conformismo ou de resignação) que as personalidades em estudo possam ter em frente do sofrimento patológico. Ora a existência duma puberdade precoce, e, mais do que isso, a possível existência de um hipercrinismo endócrino, podiam trazer um contributo para explicar o ar senhoril, o equilíbrio adulto, a austeridade, a gravidade de maneiras e o desenvolvimento físico constatados prematuramente na filha de D. Afonso v.

Já vimos que a observação da tábua do Museu de Aveiro nos mostra uma fisionomia baça, parada, de olhar mortiço, e vagamente gelatinosa (mas não mixedematoide) mas é preciso não esquecer que a retratada é representada em idade de pouco mais de dezoito anos, que não podemos afirmar que ela reproduza absolutamente a vera effigie da Infanta, e que, no caso de representar, não sabemos em que medida são as suas qualidades de realismo objectivo e não exista antes uma transfiguração realizada através do crivo subjectivo do autor. Mas, mesmo admitindo o ar gelatinoso e os olhos mortiços que se lêem no quadro, como traduzindo a realidade do modelo, existe no mesmo retrato um sinal que pela sua objectividade, pela sua localização, pelo seu volume, e até pelos limites desse volume, nos sugere que na Infanta pudesse ter existido um bócio. Com efeito, quer-nos parecer, que na região anterior do pescoço existe um aumento de volume (sobretudo à custa do lado direito) que pela sua forma, e pela sua posição nos dá a sugestão de que não pode deixar de ser à custa da glândula tiróide, e sobretudo à custa do lobo direito, o que é vulgar na doença de GRAVES (WOLF, — *Endocrinologia na prática moderna*). Objectar-se á que por outro lado se não encontram, na tábua quatrocentista, o olhar vivo, esgaseado e a exoftalmia dos Basedowianos, e que

pelo contrário o olhar é dormente e as pálpebras são pesadas; mas a isso replicar-se-á, que a exoftalmia «*falta em uma terça parte dos casos*» segundo o Prof. BRUGSCH, e além disso que «*nos doentes muito jovens e nos que têm mais de quarenta anos, ao iniciar-se a doença raramente se observa exoftalmia pronunciada*» (WOLF); e o caso presente refere-se a uma pessoa muito jovem. Reconhecemos que contra a nossa hipótese joga uma escala de razões que nos não deixa terreno seguro, de entre as quais avultam as de ser impossível saber da existência de uma taquicardia que se não encontra referida, de tremores das mãos e da língua de que não podemos afirmar a existência... e sobretudo de naquele tempo se não medir o metabolismo basal. Mas..., se existem contra a nossa hipótese estas razões sérias, de não ser possível demonstrar estes sintomas, existe um certo número de indícios do âmbito gastro-intestinal, que podem ser incluídos no síndrome de hipertiroidismo, como por exemplo os vômitos e sobretudo a tendência para a diarreia que domina as diversas *poussées* da enfermidade que finalmente vitimou a Infanta. E mesmo, sem grande esforço, a tendência para a sudação e para a hipertermia, constatada sobretudo na última crise, pode ser incluída naquele síndrome, não falando já nos abafamentos (dispneia?), na respiração breve e frequente (polipneia?) e nas palpitações que parece terem existido.

Temos de nos limitar a aproveitar o pouco que há, valorizá-lo cuidadosamente e tirar daí conclusões quase sempre interrogativas. Adiante voltaremos novamente a este assunto, quando tivermos de dar a nossa modesta opinião sobre a diarreia que caracterizou o último estado mórbido da Beata.

Sob o ponto de vista do sistema nervoso, escreveu coisas que julgamos absolutamente absurdas o escritor MARQUES ROSA, falando em histeria, em histero-epilepsia... e até em dores num ovário e em vaginismo, diagnósticos decretados com um à-vontade baseado em coisa nenhuma, que causa pasma. Chegou mesmo a afirmar que a interdição do uso de camisas de lã, junto à pele, por parte dos físicos da época, foi motivada por mastodinia de que sofria a Infanta. Enfim, as coisas mais fantasiosas que se possam imaginar trouxe aquele escritor como contributo nosológico no seu já citado romance histórico *Princesa Joana*... contributo de todo inútil para os modestos subsídios que estamos elaborando.

Certa é sem dúvida a precocidade da Beata, como é certa a precocidade da sua inclinação para a vida religiosa, e consequentemente a sua vocação para as leituras místicas e para a vida de sacrifício. Só é pena que a bruma da distância e

a falta de provas decisivas nos não possam deixar saber se sim ou não é certo que tenha existido na trajectória biográfica da nossa estudada um gosto exagerado pelo luxo, como quer RUY DE PINA, e também um episódio amoroso por volta dos seus dezoito anos. E é pena não nos ser possível sabê-lo ao certo, não pelo espírito de sondar pormenores ácidos, mas porque esses factos, a terem existido, alguma luz poderiam trazer sobre o conteúdo humano da Princesa. A coisa, porém, fica-se por umas ligeiras referências, por um sapato de fidalgo encontrado perdido nos Paços, e pela degolação do dono desse sapato, às ordens do *Africano*. De pé, até aqui, fica apenas o notável desenvolvimento corporal e psíquico da Princesa, o que permite pôr a hipótese cuidadosa de perturbações no sentido da hiperfunção dos seus órgãos endócrinos, pois aos quinze anos parecia ter vinte e cinco pelo seu porte (hiperfunção da órbita hipofisária?), e aos nove era de uma devoção em desacordo com a sua idade infantil, e aprendia as letras com muito gosto, inclusivamente o latim.

A história clínica, elaborada pelo Doutor FERNANDO CORREIA, que a catou beneditinamente, sobretudo no relato feito acerca das doenças da Beata, por Soror MARGARIDA PINHEIRO, é um precioso trabalho que muita utilidade nos traz para a elaboração destes subsídios, embora nós não estejamos sempre de acordo com as opiniões daquele douto escritor, facto vulgar, de resto, mesmo quando existe o doente real na frente de dois médicos, e muito mais, é claro, quando o enfermo não existe, e temos de fazer clínica no espaço, apenas com o socorro da transmissão de sintomas por interposta pessoa, mormente se essa pessoa é leiga como era o caso da irmã MARGARIDA PINHEIRO. E não só leiga, mas duma retórica, que embora seja muito saborosa, é enevoadada de pormenores inúteis e complicantes para o problema puramente clínico.

FERNANDO CORREIA, estudando as causas da morte da Infanta, e de acordo com os ensinamentos do *Memorial*, marca, e muito bem, na ficha mórbida três episódios: um em 1475, outro em 1481, e finalmente o terceiro em 1489. Quer dizer: do primeiro ao segundo decorre um período de seis anos; do segundo ao terceiro medeia um lapso de oito. Desta sistematização nos socorreremos adiante, quando chegarmos à altura de pormos as nossas dúvidas e os nossos problemas. E feita aqui esta referência a um trabalho que nos serve de bordão, continuemos o nosso estudo.

A Infanta foi tratada com mimos e cuidados de ordem vária na infância, e muito nova ainda foi solicitada insistentemente para o matrimónio, solicitações a que sempre resistiu; é assente que usava e abusava de jejuns e penitências de ordem vária sobre o seu físico, como disciplinas de corda

e sangue, cilícios agressivos, camisas de estamemha junto à pele, e até atentados contra a higiene mais comesinha, não mudando a camisa de lã até a não poder já sofrer por virtude da pediculose; além disso dormia em cama incômoda, e apertava as suas pernas com fitas tecidas de pelos de rabo de boi; era um temperamento fortemente emotivo, vivendo com intensidade a sua fé e as suas leituras místicas, que a faziam chorar copiosamente e saltar fundos gemidos, sobretudo quando meditava sobre a paixão de Cristo; era uma introvertida, completamente virada para o seu ideal religioso, e de uma austeridade rígida e por vezes inexorável em questões de moral; era branca de pele (a côr dos santos, como diz KRETSCHMER) com alguma cor, os olhos tinham as íris verdes e os cabelos eram loiros; tinha a boca carnuda e o lábio superior ligeiramente levantado, o que sugere um *facies* adenoideu; parece ter sido um temperamento esquizotímico.

Em 1471 solicita licença do pai para entrar num convento, e em 1472 transpôs as portas do Mosteiro de Jesus da Vila de Aveiro, tomando em 1475 hábito de dominicana. Era delgada e franzina, e pouco depois da sua entrada em ambiente monástico adoece de «graves e fortes doenças», e os físicos que a observaram nessa altura concluíram que «tinha o fígado e os rins muito danados e quase podres, e sobretudo o sangue tão danado e corrupto que se mais aturasse lã a carã e a cama e assim o jejum e comer pescado, que fosse certa que de todo por força se danaria e seria gafa. O que parecia ser verdade por o grande desconcerto do seu sangue e muitos e maus inchaços, postemas e acidentes que tinha».

Confesso, aqui à puridade, que para a minha formação de médico do século XX, este diagnóstico e este prognóstico formulados pelos meus colegas do século XV, me deixam de tal maneira confuso, como se tais opiniões não tivessem sido proferidas por oficiais do meu ofício. Confesso mais, que me não julgo com forças para me meter dentro dos conceitos médicos da época, para assim os poder traduzir para a linguagem médica actual, e nem ao menos para valorizar semelhantes maneiras de referir sintomas, para concluir, fincado neles, por um diagnóstico e sobretudo por um prognóstico. É verdade que os físicos da Infanta eram «bons e certos», e é certo também que eu sou um pobre João Semana da duna, que não tem mais do que aceitar aqui, do poder de observação dos seus longínquos colegas, que a Infanta sofria do fígado e dos rins e tinha edemas e pústulas. Mas de que elementos disponho eu para etiquetar as entidades nosológicas hepáticas e renais em discussão? Hepatite? E de que natureza? Nefrite? Tuberculose renal primitiva como aventou o Doutor FERNANDO CORREIA? Não há elementos que nos fixem num rumo, e do mesmo modo são-nos

NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

desconhecidas as causas dos edemas, que se não sabe se teriam sido edemas maleolares por nefrite ou por hiposistolia, ou se se trataria de ascite por transsudato, ou de exudato por qualquer causa inflamatória peritonial; ou ainda se se teria mesmo, tratado de uma anasarca. Quanto às pústulas, também nada se pode dizer, por nada ter ficado escrito sobre a situação anatómica que ocupavam, nem sob o seu aspecto anátomo-patológico.

Não nos parece de aceitar, sem muita prudência, a tese da tuberculose renal primitiva, por aquela localização ser quase sempre secundária a uma forma pulmonar, e ainda pela longa sobrevivência da Infanta a seguir ao parecer dos físicos «bons e certos»; que tenha existido uma ascite por compressão em consequência dum processo cirrótico do fígado, também não é natural, não só pela sobriedade alimentar da Princesa, mas também porque, a ter-se dado, é natural que os físicos e a Irmã MARGARIDA PINHEIRO não tivessem deixado sem referência o facto da existência daquela manifestação hidrópica.

Do que não há dúvida, é de que o parecer médico em referência evitou que a Infanta professasse.

Não escapou a Infanta à fama de ter sido envenenada criminosamente, tendo sido aventado como móbil do crime a vingança duma mulher de vida imoral a quem ameaçara com a justiça de El Rei. Diz a este respeito o Memorial: «*Por a qual Causa e zelo de virtude e salvacã das almas e evytar muitos erros e pecados ã spicial Clerygos e molheres de mau viver lhe foy ordenada e dada a morte segũdo Juiço e affirmacã de algũas pessoas que o virã e pratyçarã e depois do falecimẽto da dita Senhora affyrmavã seer certo que de cassa de hũa pessoa que manyfestamente vivia mal e stava ã pecado mortal a qual sãdo per muitas vezes amoestada e mãdada da parte da dita Senhora se ãmẽndasse e tirasse de seus erros e muỹ maaõ viver e exẽplo*»; e mais adiante: «*Das quaes foy ãtendido por manyfesto Indicio lhe trautarẽ a morte e darẽ peconha*» (pág. 139). E o Memorial continua dizendo que, certo dia de calor, pela hora da sesta, quando a Infanta sequiosa regressava ao Convento de Jesus da Vila de Aveiro, de onde estivera afastada por motivo de uma epidemia de peste, lhe foi dado um púcaro de água para matar a sede em virtude da ingestão da qual se sentiu muito perturbada («*de dẽtro muito revolta*»); toda a noite passou em «*grandes e maaõs accidentes de arrevesar e camaras syntindo revolvimento de todos hos umores do corpo e assy hos lancãdo*». A partir daquela altura a Infanta ficou enferma, a sentir-se «*muito mal cõtinue-damẽte do coraçõ*» (taquicardia? Palpitações?) e tristeza

grande e abafamentos (dispneia de origem cardíaca?) e pouco a pouco inchando do estômago e ventre (Meteorismo? Ascite?). Emagreceu muito e foi tomada duma grande melancolia e a face tornou-se macilenta. Passou-se isto em 1481, oito anos antes da doença que finalmente a veio a vitimar, se é que este episódio mórbido não foi apenas uma *poussée* aguda duma enfermidade crónica de que sofria.

Objecta, e muito bem, contra a hipótese de envenenamento criminoso o Senhor Doutor FERNANDO CORREIA, no estudo a que já várias vezes fizemos referência, argumentando que a água acusada de veicular o tóxico foi ministrada muito longe de Aveiro, e por consequência da pessoa ou pessoas que porventura tivessem interesse na morte da Infanta; além disso, não é natural que tal líquido tivesse sido usado para dissolver o veneno. Também nós nos não inclinamos para esta causa da crise de 1481 e perfilhamos absolutamente, neste particular, os pontos de vista do ilustre colega que os formulou.

Só oito anos depois desta crise se iniciou a doença que veio a vitimar a Beata Joana. Com efeito, foi à meia noite do dia nove do mês de Dezembro de 1489 que teve início o síndrome que se apresentou com as seguintes características; *«sua doença foy grãde fiebre e descòcerto de todos os umores e maneyra que assy foy a dita Senhora toda trespassada e revolta deles que todos se lhe soltavã em cameras e vomytos»*. Trabalharam afincadamente os físicos para lhe darem alívio, e aproveitaram o mais que puderam as mezinhas da farmacopeia da época, estranha, primitiva e grosseira. Mas alguma utilidade foram capazes de extrair da terapêutica posta em prática porque *«passados assy algũus dias e esta desenterya de umores e sangue abrandarõ e cessarõ»*, porém, *«a muy grãde febre nam»*.

Por todos os meses de Janeiro e Fevereiro os seus sofrimentos recrudesceram *«e que mais se demostrou seus grãdes padecimẽtos de febre e foy visto lhe ychar e grande maneyra ho ventre e stamago»*; além disso padecia de grande sede e fastio. Entretanto a medicina claudicava à volta do catre da ilustre enferma (*de diversos físicos diversas sentenças se davam e diversos remédios davam e faziam os quais em nenhuma coisa acertavam a verdade nem conheciam*) enquanto esta resignadamente cumpria todas as prescrições, ingeria todas as beberagens e em coisa nenhuma desobedecia às ordens dos doutores que cuidavam do seu físico. Estóicamente aguentava a sede abrasadora que a queimava, porque os médicos lhe davam água em muito estreita quantidade de que veio se lhe fazer toda a boca em chagas com o que recebia tanta dor que esse pouco comer que tomava era

NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

regado com lágrimas. Além disto, e além do abaulamento do estômago e ventre, inchava agora por todo o corpo, «*inchava toda cõ grãdes padecymentos*» (nefrite aguda post-infecciosa? Insuficiência cardíaca?).

Alarmados com as más notícias chegadas do Convento de Jesus, D. João II e D. Filipa mandaram cada um o seu físico «*que bem experymêtados e grandes eram e sciencia e curas*»; mas, comenta desalentada a boa MARGARIDA PINHEIRO: «*Nõ ha hy mezinha remedio nẽ vida onde Deus nõ quer nõ põe a sua*». Não há realmente terapêutica que modifique o curso da travessia no sentido de a amenizar, e durante os meses de Março e Abril cresceu tanto a sua doença que todos os que a viram julgavam falecer. D. João II, que estava em Évora, pretende vir a Aveiro ver a irmã, mas o Doutor Mestre Rodrigo engana o rei escrevendo-lhe a dizer que a Senhora Infanta estava melhor, para assim evitar ao soberano o desgosto de a vir topar morta, ou pelo menos moribunda, tal era a impressão que nesta altura dominava o espírito do sábio físico da corte do Príncipe Perfeito.

A doente piorava sempre, e a medicina da época resignava-se ao fracasso e confessava-se impotente para dominar o mal. Tudo se agravava, e complicações surgiam de todos os sectores: *inchava fortemente, e começou a se soltar toda de humores mui peçonhentos e por vômitos de arrevesar com grande trabalho e força. Não dormia nem comia nada por o grande fastio. Veio a seguir fazer uma grande chaga em cima do osso do quadril, do que tudo era tão atormentada que a cada hora a tinham finada*. Nem a repulsiva escara de decúbito faltou na rua da amargura desta última doença da Princesa. Entretanto começa o mês de Maio, a enferma aproxima-se do fim e surgem «*fortes accidentes*». No dia cinco deste mês, de manhã, *veio àquelas horas um tão súbito, forte e desacostumado accidente à dita Senhora, que de todo foi fora de si e dos sentidos corporais, que nenhum sinal de vida ficou em ella, nem quentura natural, nem cõr de rosto em ella nao ficou*. Tal era o seu estado de depauperamento e de falta de forças que só com muito trabalho seu e força lhe davam algum pouco sumo de carne e água. Despede-se dos físicos e agradece-lhes tudo o que por ella fizeram, porque já não curava de *mêsinha corporal aqueles dias que bem sabia serem os postumeiros. Era verdade e confessava, desejava muito e trabalhara por remédios para viver*. As horas finais aproximam-se e pede que lhe levantem mais a cabeça; começaram fortes dores no ventre, e a Infanta, olhando a Madre Priora, comentou: «*ẽ ysto me começou e nysto me quer acabar*».

O rosto começou a fazer-se-lhe mais formoso, a respiração tornou-se curta, rápida e entrecortada. No dia doze de Maio, às duas horas da madrugada, pediu baixinho que

dissemem a ladaíña. Os seus olhos estavam abertos e dirigidos para o Alto, os seus lábios já não articulavam, e apenas um sopro balbuciado se esvaía deles, até que nesta madrugada tédida o último sopro de vida se lhe escoou do peito, e súbitamente morreu como lamparina que se apaga por falta de combustível. O seu depauperamento devia ser profundo, e a desidratação devia ser notável, porque a somar às grandes perdas hídricas (por diarreia, vômitos e sudação) juntava-se ainda a circunstância de os médicos que a cuidavam, — naturalmente por imperativo da ciência da época — lhe negarem a água de que o seu organismo tanto precisava para, dentro do possível, compensar as perdas que permanentemente sofria. Além disto tudo, colhe-se do *Memorial* que a Infanta abusava das suas já exíguas possibilidades, para cumprir as suas devoções, levantando-se quase sem poder para assistir a missas, para comungar, etc. E estes factos devem ter concorrido para agravar os seus muitos padecimentos e para tornar mais sombrio o prognóstico.

O que se não encontra em todo o longo e profuso relato dado por Soror MARGARIDA PINHEIRO, é nada que faça pensar numa tuberculose pulmonar: nem tosse, nem expectoração, nem hemoptises se vêem referidas, pelo que do lado respiratório (salvo a dispneia com polipneia que deve ser considerada como em relação com a doença do tubo digestivo, por complicação posterior e quase final) nada se topa digno de ser valorizado como expressivo de qualquer entidade patológica pleuro-pulmonar ou tráqueo-brônquica. Tudo se passou à custa da cavidade abdominal, e sobretudo à custa do tubo digestivo, e os sintomas que ultrapassaram este âmbito parece terem surgido como complicações e não como antecedentes.

O diagnóstico da causa da morte da Infanta Santa Joana foi feito pelo Doutor FERNANDO DA SILVA CORREIA, que atribui essa responsabilidade a uma enterite tuberculosa. É defensável a hipótese, mas não há dúvida de que também tem flanco para sofrer algumas objecções. Assim, parece estarmos todos de acordo em que a localização tuberculosa entérica é quase sempre (senão sempre) secundária à localização pulmonar, e na maior parte dos casos até sucede apenas numa fase final da bacilose. Neste ponto reina o acordo entre os tratadistas, e assim já DIEULAFOY dizia que «raramente há ocasião de estudar a enterite tuberculosa a título de manifestação isolada, porque ela é quase sempre ligada à tísica pulmonar». E estas palavras do sábio clínico francês são ainda de uma actualidade que se encontra nos livros mais recentes de Patologia Médica. Ora, no decorrer das pesquisas bibliográficas que fizemos para a elaboração deste trabalho, nada nos permite provar (nem alegar) que demonstre

uma localização bacilar no aparelho respiratório de Santa Joana. Não quer isto dizer que não tenha existido uma forma latente, ou pelo menos sem grandes manifestações clínicas, que conseguisse passar despercebida aos débeis meios de diagnóstico da época. Mas o que é certo, é que a permissa da tuberculose pulmonar pre-existente falta para nos dar encosto ao diagnóstico de tuberculose intestinal. É certo que o mesmo Senhor Doutor FERNANDO CORREIA põe a hipótese da Infanta ter sido atacada de granúlia aos vinte e três anos de idade, mas esta hipótese não me parece muito de aceitar em virtude de que «quase cem por cento de los casos (*de granúlia*) acaban en la muerte» segundo o Prof. Doutor MANUEL TÁPIA. De modo que sem negarmos o diagnóstico com que aquele nosso ilustre colega e bom Amigo preencheu a certidão de óbito da filha do *Africano*, pomos estas objecções apenas como conferente mais humilde.

Entre as duas crises da doença decorrem pelo menos oito anos, o que não permite afirmar se elas traduzem duas *poussées* agudas de um estado crónico, ou se teriam antes constituído dois síndromos agudos ou sub-crónicos independentes. Porque a verdade é que, se tomarmos como duas agudizações de um mesmo estado crónico as crises de 1481 e de 1489, não podemos deixar de estranhar o longo silêncio em que se manteve uma enterite tuberculosa (oito anos), o que nos não parece muito verosímil. Mas há ainda outras razões, que nos parecem de ponderar: é que tanto a crise de 1481 como a de 1489 aparecem súbitamente: a primeira a seguir à ingestão dum púcaro de água por um dia muito quente (facto que pode realmente ter uma acção desencadeante na eclosão duma enterite tuberculosa, embora não seja o comum), e a segunda, conforme o *Memorial*, iniciou-se à meia noite do dia 9 de Dezembro de 1489. E a freira até marca para início não apenas dia, mas até hora, o que faz pensar que nem pródromos foram constatados.

Fazem-se estas ligeiras reservas, não porque nós tenhamos material com que formular um diagnóstico etiológico, mas apenas porque nos parece melhor não resolver o problema duma assentada, do que forçar a nota num sentido afirmativo. E como o Senhor Doutor FERNANDO CORREIA, deu a palavra a outros conferentes, julguei de meu dever deixar aqui estas dúvidas, que não pretendem de modo nenhum invalidar as conclusões dum Colega muito ilustre, mas apenas contribuir para o esclarecimento do problema.

Por nós, inclinamo-nos a ver nas duas crises mórbidas, antes duas entidades independentes, isto é, dois estados agudos ou sub-crónicos, embora enxertados em organismo que tinha o seu calcanhar de Aquiles no tubo digestivo, particularmente nos intestinos. Definir etiologicamente os dois

estados mórbidos em causa, isso não nos é possível fazer, por não dispormos de elementos que nos permitam ter tal arrojio. E antes queremos que se acuse este estudo de dubitativo, do que afirmar qualquer coisa que nos seja impossível demonstrar. Não negamos a enterite tuberculosa, mas não nos é possível estar convencido dela pelas razões que vagamente esboçámos, e por isso não temos o direito de pôr diagnósticos atingidos à nascença dos mesmos pontos vulneráveis.

Mas... falámos numa zona de menor resistência localizada no tubo digestivo, que nos parece justificada pelo predomínio que sempre têm os sintomas com localização neste departamento da economia, nos diversos episódios mórbidos da Infanta. Com efeito, os vómitos e a diarreia dominam completamente os quadros da primeira e da segunda crises, e estes factos cotejados com o aumento do volume do pescoço a que atrás fizemos referência, e que nos parece ser à custa da glândula tiróide, dão-nos uma certa coragem para pormos timidamente a hipótese de um hipertiroidismo. Na verdade, é conhecida a tendência destes doentes para as diarreias, que às vezes toma aspectos bastante graves. Por outro lado, são também atreitos à hiperidrose e à hipertermia constatados pelo menos na última crise. Aceite-se agora a enxertia duma enterite não específica neste terreno, condicionado por um possível hipertiroidismo, e poderia estar também neste caminho uma explicação para a causa da morte da Infanta. Não se julgue, nem por sombras, que esta hipótese pretende invalidar a justificação dada pelo ilustre Colega que formulou o diagnóstico da enterite tuberculosa, porque eu desejo apenas (como conferente mais humilde) pôr à meditação dos estudiosos um problema. De resto, lealmente quero declarar que ouvi sobre a hipótese dum bócio na filha do *Africano* opiniões de mestres, e que essas nem sempre foram favoráveis àquilo que a mim me pareceu ver. Assim, por um lado, o sábio Professor EGAS MONIZ, prémio Nobel da Medicina, em resposta ao que lhe pedi, diz: «pela fotografia da Tábua da Princesa julgo que se vê uma tumefacção na *parte média e inferior* do pescoço que pode ser um bócio. Não julgo todavia que, só por isso, se deva fazer o diagnóstico de bócio por hipertrofia da tiróide. Mas é um indício»; o Professor REINALDO DOS SANTOS diz-me: «parece-me arriscado diagnosticar um bócio no pescoço de Santa Joana, tanto mais que a modelação do retrato é bastante sumária para tomar como intencional e representando uma tiroideia aumentada, o que é apenas, e essencialmente representação do volume pelo desenho e não pelo claro escuro». Ora quanto a mim, e salvo o devido respeito pela opinião do ilustre patologista e notável crítico de arte, o sumarismo do retrato mais me faz admirar que o pintor

NOSOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

tenha dado volume e relevância a um pormenor desta natureza, quer tenha sido pelo desenho, quer tivesse sido pelo claro escuro. Mas também é certo que, como muito bem diz o ilustre Professor, «nós médicos, temos por vezes tendência a procurar doenças nos retratos pintados», e deste pecado dou eu a mão à palmatória, confessando o meu fracasso às vezes não ser capaz de me libertar do olho profissional, o que é mais uma desgraça deste officio pesquisador de anormalidades, ou pelo menos, de desvios da normalidade. O Prof. ROCHA BRITO, Ilustre Catedrático de Clínica Médica da Universidade de Coimbra, por sua vez diz que se existem na história da Princesa elementos para fazer um diagnóstico de hipertiroidismo, pode responder em face do retrato que «O aspecto da Princesa, principalmente quanto ao volume do pescoço contribui para reforçar um tal diagnóstico, embora discretamente».

Eu, por mim, já me dou por satisfeito com o facto de sobre o assunto ter trazido o depoimento de três ilustres Professores, e se outro interesse não teve a hipótese que muito cuidadosamente formulei, alegro-me ao menos com a circunstância de ter conseguido reunir em conferência médica, à volta do retrato da Infanta, três físicos «bons e certos», nesta hora da comemoração do v. centenário do nascimento da virtuosa filha do Africano. Só é pena que quem ouviu a opinião dos Mestres, não possa medir o metabolismo basal da doente... e não lhe possa pesquisar tremores, o que o seu afastamento físico não permite.

Como o leitor terá notado, não há conclusões definitivas neste trabalho. Humildemente se reconhece que o tom em que está escrito é dubidativo, mas também é verdade que desse tom não é possível sair com os elementos de que dispomos. De resto, tive apenas a intenção de trazer subsídios para uma nosografia, e desses elementos colher alguma coisa que contribuisse para um melhor conhecimento de Santa Joana. Não foi ideia minha preencher-lhe a certidão de óbito e suponho que não haverá médico que preencha tal papel por gosto, a não ser quando a distância dos anos e notabilidade do morto possam conferir algum interesse ao documento. Que venham depor mais conferentes, é o desejo com que encerro este trabalho, e que os que vierem tragam ensinamentos e contributos que conduzam à descoberta de verdades que derramem alguma luz sobre o conhecimento do conteúdo humano da virtuosa Princesa.

Vagos, Abril de 1952.

FREDERICO DE MOURA

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

N O ano de 1890 — quatro séculos se contavam já sobre o passamento da Infanta Santa Joana, filha del Rei D. Afonso v — a mais importante revista portuguesa de então, *O Ocidente*, fazendo-se eco das solenidades celebradas no País em comemoração da piedosa data, publicava, aberta em madeira, a gravura da fachada do Convento de Jesus, de Aveiro, e rematava desta forma categórica o artigo por ela ilustrado:

«Desejariamos publicar algum retrato da santa princeza se o houvesse, mas não ha, como não ha de muitos outros personagens da mesma epoca, de que aliás apparecem alguns retratos apocriphos.»

Ora o *Diário Illustrado*, de 17 de Maio desse mesmo ano, que tinha também solenizado o centenário aveirense, inseriu no seu artigo uma gravura em madeira representando a Infanta, que, aliás, não devia constituir grande novidade para os seus leitores habituais, pois apparecera já por duas vezes mais nas páginas do jornal: a 7 de Outubro de 1881, e a 11 de Abril de 1882; a referida gravura, de resto, não era senão a chapa aberta por FRANCISCO PASTOR em 1880 para a segunda edição, muito illustrada, da *História de Portugal*, de MANUEL PINHEIRO CHAGAS — fig. 1, do presente estudo —, de larga divulgação na época (1).

Se a *O Ocidente* tivesse interessado conhecer a origem da gravura de PASTOR, e não quisesse ou não pudesse socorrer-se de outra fonte de informação senão a bibliografia, com

(1) A 3.^a edição, de 1900, apresenta o mesmo retrato de Santa Joana, mas em fotogravura de PIRES MARINHO. O desenho fundamental, todavia, é o mesmo.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

toda a facilidade a teria encontrado no buril da colecção então muito acessível, intitulada *Retratos, e elogios dos Varões, e Donas que illustraram a Nação Portuguesa em virtudes, armas e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos, como*

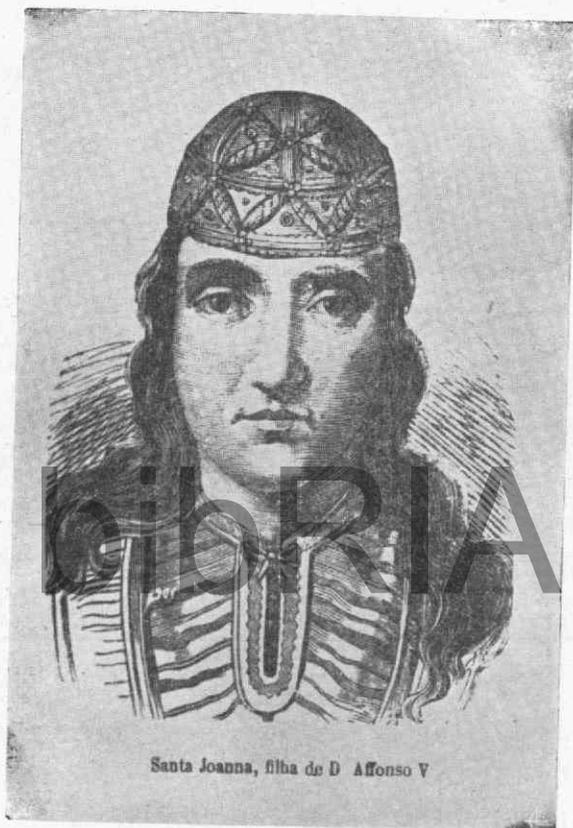


Fig. 1

Gravura em madeira, de FRANCISCO PASTOR, que ilustra a 2.^a edição da *História de Portugal* de PINHEIRO CHAGAS, de 1880

modernos (Lisboa, MDCCCXVII. Na off. de Simão Thaddeo Ferreira) — fig. 2 —.

Era publicação corrente, ao tempo, e fonte usual de informação iconográfica a que toda a gente recorria; só em nossos dias é que atingiu cotações verdadeiramente inverosímeis, pouquíssimas sendo as colecções completas que se conhecem. Aliás, desde 1862 que se encontrava publicado o volume 7.^o do *Dicionário Bibliográfico* de INOCÊNCIO FRANCISCO

DA SILVA, que a pág. 101 citava, expressamente, dois retratos da Princesa: o dos *Varões e Donas*, exactamente em causa, e outro representando Santa Joana em hábito de dominicana para ilustração da obra (sem nome de autor, mas atribuída a Fr. ANTÓNIO DA SILVEIRA) *Epítome da vida de S.^{TA} Joanna*,



Fig. 2

Gravura a buril da colecção de *Retratos, e elogios dos Varões, e Donas...* de 1817

Princesa de Portugal, Religiosa da Ordem de S. Domingos, chamada vulgarmente a Santa Princesa. Traduzido do italiano em Portuguez, e acrescentado por hum seu devoto. Lisboa, Na Officina de Manoel Soares, Anno de MDCCLV.

E se, de investigação em investigação, o redactor da notícia diligenciasse estabelecer, depois de se lhe deparar

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

o buril de 1817, a genealogia da estampa que dizia representar SANTA JOANNA, PRINCEZA DE PORTUGAL, FILHA D'EL REI DOM AFFONSO V, com muito menos trabalho do que nós, agora, para alcançarmos resultado idêntico (visto que a bibliografia respectiva vai rareando assustadoramente cada vez mais) encontraria, como sua inspiradora imediata, a delicadíssima gravura a buril, de extrema perfeição, que adorna a obra do Padre JOÃO CARAMUEL LOBKOWITZ, *Philippus | prudens | Caroli v. imp. filius | Lusitaniae | Algarbiae, Indiae, Brasiliae | Legitimus Rex | Demonstratus | ...* (Antverpiae, Ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, M.DC.XXXIX). — fig. 3 —.

Caso a natural curiosidade o impelisse ainda mais além, ou a data de 1639, do livro de CARAMUEL, não fosse já suficientemente respeitável para autenticar os pergaminhos da gravurinha em madeira de FRANCISCO PASTOR, de 1890, o próprio *Philippus prudens* lhe indicaria a proveniência e origem da sua formosíssima IOANNA PORTUGALLÆ PRINCEPS, e assim avançaria até 1621, pelo menos, data do famoso *Anacephalaeosis id est, summa capita actorum regum Lusitaniae*, do Padre ANTÔNIO DE VASCONCELOS, S. J., onde em *primeiro estado* o formosíssimo buril aparece, em toda a sua pureza inicial, desprovido, ainda, dos retoques, aliás de finíssima execução, que lhe impôs, dezoito anos depois, a decência convencional — fig. 4 —.

Para além de 1621 é que lhe não teria sido fácil progredir, socorrido apenas por bibliografia estreme; mas até lá, podia, com segurança, ter avançado, e uma genealogia artística e histórica de mais de dois séculos e meio alguma consideração lhe deveria ter merecido. Preferiu, contudo, sentenciar categoricamente que não havia retrato algum da Princesa, e que eram apócrifos alguns outros de personagens da mesma época, não nos dizendo quais nem as razões porque o eram.

É certo que dois escritores aveirenses, cronistas das comemorações centenárias, nenhuma alusão fizeram a retratos de Santa Joana, apesar de se encontrarem em condições excepcionais, pela sociedade em que viviam, de profundar quanto à iconografia da Infanta dissesse respeito; de facto, JOAQUIM DE MELO FREITAS, na *Revista Illustrada*, de 31 de Maio de 1890, escrevendo sobre *Festas em Aveiro — Quarto centenário da morte da Princesa Santa Joana* (pág. 46 do 1.º vol.), não se refere a quaisquer retratos da festejada, nem a revista, por sua vez, apresenta qualquer figuração de Santa Joana, ilustrando, aliás, por meio de valiosas gravuras em madeira com aspectos do Convento e da procissão, o artigo do seu correspondente. É dessa mesma ocasião o opúsculo *in-folio* do já então historiador aveirense JOÃO AUGUSTO MARQUES GOMES, intitulado *O Convento de Jesus — Memoria*

historica commemorativa do 4.º centenario da Princeza Santa Joanna, e de balde nele se procura qualquer referênciã a retra-



Fig. 3

Gravura a buril da obra do P.º JOÃO CARAMVEL LOBKOWITZ,
Philippus Prudens... de 1639

tos da Infanta, lembrando-se ali, não obstante, as pinturas em tela e os painéis de azulejo que na igreja de Jesus apresentam «passagens da vida da Santa Princeza».

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

No esboço biográfico «D. Joanna de Portugal (A Princesa Santa)», de 1879, do mesmo historiador, nenhuma alusão, de qualquer espécie, se encontra também à iconografia de Santa Joana, Princesa.



Fig. 4

Gravura a buril da obra do P.^o ANTÔNIO DE VASCONCELOS,
S. J., *Anacephalaeoses, id est, summa capita*
actorum regum Lusitaniæ, de 1621

E muito de notar é ainda que em 1882, na memorável exposição distrital com que Aveiro consagrou o primeiro centenário do Marquês de Pombal, e cuja organização se ficou devendo ao benemérito e bem orientado *Grémio Moderno*, se encontrasse apenas uma «*Pintura a oleo sobre cobre. Imagem de Santa Joanna Princesa em trajos de corte*», pertencente

a Joaquim Rodrigues da Graça, de Águeda (n.º 491 do respectivo catálogo impresso) (1) — fig. 5 —.

Retrato pròpriamente dito da Infanta, parece, pois, que, de facto, se não conhecia por então em Aveiro, nem no Convento, que forneceu bastantes peças para a exposição, nem no próprio Distrito.

A «exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola, celebrada em Lisboa em 1882 sob a protecção de



Fig. 5

Pintura em cobre do séc. xviii, representando a Infanta. Sensivelmente a meia altura tem a legenda: s. IOANA P.^a DE P.^a Pertence actualmente ao Ex.^{mo} Senhor António Rodrigues da Graça, de Águeda, filho do expositor de 1882, Joaquim Rodrigues da Graça

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I e a presidencia de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II» (2), que

(1) Porto, Imprensa Comercial, 1883; da autoria de MARQUES GOMES. Saiu também um álbum ilustrado, com texto de MARQUES GOMES e JOAQUIM DE VASCONCELOS.

(2) *Catalogo illustrado...* Lisboa, Imp. Nacional, 1882; um volume de texto e outro de estampas.

pretendeu ser a réplica nacional à exposição de Londres, do South Kensington Museum, do ano transacto (1), e que, na verdade, assinalou uma época e uma geração na História da Arte em Portugal, nenhum retrato da Infanta apresentou também, apesar da comissão organizadora ter percorrido o País e ter estado em Aveiro.

Anos volvidos, em 1895, já então o Convento de Jesus, de Aveiro, onde a Infanta falecera, se transformara em «Colegio de Santa Joanna Princeza», nova exposição de arte reli-



Fig. 6

Relicário de cristal e prata, do século XVII, contendo parte do vestuário monástico, e o rosário, da Infanta Santa Joana.
— Museu Regional de Aveiro —

giosa se organizou, adentro dos seus muros, desta vez «em benefício dos pobres de Aveiro».

Percorra-se porém o utilíssimo catálogo, organizado igualmente por MARQUES GOMES (2): encontrar-se-á menção de um relicário — fig. 6 — com peças de vestuário da Infanta (N.º 22),

(1) *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum, 1881, edited by J. C. Robinson.*

(2) *Catalogo da Exposição de Arte religiosa no collegio de Santa Joanna Princeza em beneficio dos pobres de Aveiro. Aveiro, Minerva Central, 1895.*

outro—fig. 7—com a madeixa dos seus cabelos loiros (N.º 23), uma moldura de madeira entalhada contendo uma gravura que representava «Santa Joana Princesa em trajos de corte» (N.º 139, pertença de MARQUES GOMES), encontra-se ainda (N.º 178) a «imagem de Santa Joana vestida com o hábito da Ordem dominica, de setim preto e branco bordado profusamente a oiro», — fig. 8 — um «Grupo em barro vermelho pintado e dourado, representando a morte de Santa Joana Princesa» (N.º 212), pertença da «Extinta Mitra de Aveiro» (1), e um quadro de estranhas dimensões (N.º 273) assim descrito a pág. 39:



Fig. 7

Âmbula, de cristal e prata, do século xvii, contendo cabelos da Infanta Santa Joana — Museu Regional de Aveiro —

«Santa Joanna Princesa. Ao centro, a santa com os hábitos de religiosa dominica. Em baixo no primeiro plano as armas de Portugal e as de França. Seculo xvii. Moldura coeva. Altura 0m,19 — largura 1,14. Collegio de Santa Joanna Princesa.»

Nenhuma outra figuração da Infanta aparece, todavia, registada nas páginas do catálogo. Positivamente, não era conhecida.

Aliás, os próprios inventários oficiais do convento, de 1859 (10 de Maio) e 1874 (4 de Março), que no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças recentemente tivemos ensejo de estudar, nenhum retrato da Infanta registam, embora grande número

de quadros e de imagens, de variada invocação, aí se tenham arrolado.

Dos autos de 1859 a verba n.º 43 é constituída por «uma imagem de Santa Joana Princesa, que está no altar, no valor de 4\$800 reis» — fig. 9 —; e o n.º 44 regista «uma dita de roca da mesma Santa no valor de 9\$600» — fig. 8 —.

(1) MELO FREITAS, em 1911 (*Feixe de motivos...*, pág. 17), dá o referido grupo de barro como existente «de portas a dentro» do Convento de Jesus.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

Em 1874 repete-se o arrolamento e os mesmos laudos:

«N.º 43 — Uma Imagem de Santa Joana Princesa, que está no altar, avaliada em quatro mil e oitocentos reis.»



Fig. 8

Imagem de roca, representando a Infanta Santa Joana, que sai habitualmente nas procissões comemorativas

«N.º 44 — Dita de roca, avaliada em nove mil e seiscentos reis».

O n.º 97 do *Inventário adicional* arrola «*uma urna de vidro com guarnições de prata, contendo as reliquias de Santa Joana, com o peso de 2.550 gramas, avaliada em setenta e um mil e quatrocentos reis*»; e o n.º 98 «*Um relicário de vidro com guarnição de prata, contendo o cabelo de Santa Joana, de peso 650 gramas, avaliada em dezoito mil e duzentos reis*» — figs. 6 e 7—.

E nada mais, da Infanta, por lá se nos deparou.

A exposição aveirense de 1895, se não apresentou assinalado progresso sobre a de 1882 —nem isso era fácil— despertou, contudo, novo interesse ao historiador e crítico de Arte que nessa época dominava inteiramente os estudos da especialidade entre nós, o eminente JOAQUIM DE VASCONCELOS, que, aliás, como acima frisámos, colaborara naquele primeiro certame regional, de 1882, e deixara preciosas e abundantes notas, ainda hoje fundamentais, no álbum ilustrado então aparecido.

Exteriorizou-se aquele interesse em dois artigos por ele publicados no *Comércio do Porto* (n.º 224 e 225 de 20 e de 21 de Setembro do referido ano), reimpressos em apêndice ao próprio catálogo da exposição (1); e é então



Fig. 9

Imagem de madeira, do séc. XVIII, representando a Infanta como dominicana e coroada de espinhos.

— Altar da igreja do Convento de Jesus, de Aveiro —

que surge a novidade que hoje classificariámos de sensa-

(1) De pág. 135 a 141.

cional, mas que, não obstante, parece não ter alterado a orgânica de princípio destinada à exposição, nem ter encontrado eco nos estudos históricos locais da época; escreve JOAQUIM DE VASCONCELOS:

«Sobre o claustro cingido de formosas capellas, onde os mais deliciosos azulejos luzem discretamente n'uma fresca e perfumada penumbra paira ainda o espirito gentil que dentro d'aquelles muros se enterrou voluntariamente, renunciando aos esplendores do throno n'um seculo em que a mão de uma infanta portugueza pesava a valer na balança do equilibrio europeu.

Olha o visitante para o seu formoso rosto melancolico — n'uma preciosa pintura coeva, suspensa no côro alto — e por detraz surge a tragedia de Setubal e o cadafalso de Evora, um proximo parente apunhalado pelo irmão (D. João II), e outro parente, o duque de Bragança, cuja cabeça viu talvez em sonhos, rolando no pó do Alemtejo, com uma pennada do mesmo irmão.

Como viveu até 1490, viu tudo isso e o mais que encheu o reino de pavor e de admiração no curto, mas glorioso e fecundo reinado do *Príncipe Perfeito* (14 annos).

Essa unica obra, o retrato da princeza, vestida com todo o esplendor da côrte, mas triumphante sobretudo pela sua ideal belleza, vale uma viagem a Aveiro. É um encanto! Foi gravado no principio do seculo XVII, em Flandres, por Boutats habilmente, mas com pouca fidelidade, e parece não ter sido reconhecido até hoje na sua importancia capital como pintura coeva, intacta, facto que terá de ser comprovado com razões intrinsecas e technicas. Deixamos essa tarefa para outro lugar, pondo aqui em evidencia somente a figura historica, que creou o singular e raro muzeu d'onde sahio o melhor quinhão para a exposição de arte religiosa de Aveiro.»

E mais adiante, após referência cuidadosa às pinturas do século XVI expostas, volta a referir-se ao retrato do coro alto escrevendo:

«Vimos tambem algumas joias novas de valor e reliquias de summo interesse da Santa Princeza nos competentes engastes de prata e ouro, filagrana (*sic*), etc. Commove-nos o relicario circular de crystal e prata (n.º 23) com uma madeixa dos formosissimos cabellos loiros da Santa Princeza; é um reflexo das ondas de ouro que inundam o esbelto busto no retrato do côro.»

As declarações de JOAQUIM DE VASCONCELOS, — figs. 10 e 11 — suficientes para alvoroçar, jubilosamente, os eruditos portugueses, não lograram, sequer, impressionar as chamadas estâncias oficiais; em 1902 organizou-se a relação dos objec-



Fig. 10

O retrato tal como estava no coro alto da igreja. Visível, na parte inferior, o *intonaco* com que a madeira foi preparada para receber a pintura, pormenor esse que o restauro de 1935 fez desaparecer

tos do Convento que mereciam ingressar no Museu Nacional de Belas Artes, apontando-se, entre outras peças, três quadros antigos pintados em madeira; o retrato do coro alto, porém, a ninguém impressionou, como se verifica dos documentos originais que no Arquivo do Ministério das

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

Finanças se conservam ainda e que para aqui fielmente trasladamos:

«Academia Real de Bellas Artes

L.º 5 n.º 1069

Ill.º e Ex.º Sn.º

Tenho a honra de enviar a VEx.ª a inclusa relação dos objectos ainda existentes no supprimido convento de Santa Joanna em Aveiro, e que em virtude do officio de VEx.ª merecem, pelo seu valor artistico, ser recolhidos no Muzeu Nacional de bellas artes e archeologia; rogo portanto a VEx.ª se digne dar as competentes ordens, para que os referidos objectos sejam entregues por deposito ao alludido Muzeu.

Deus Guarde a VEx.ª Academia Real de Bellas Artes de Lisboa 22 de Setembro de 1902.

Ill.º e Ex.º Sn.º Conselheiro Director Geral da Estatistica e dos Proprios Nacionaes.

O Inspector,

Visconde d'Atouguia»

«Relação dos objectos do Convento de Jesus de Aveiro que pelo seu merecimento e valor artistico merecem ser recolhidos no Muzeu Nacional de bellas artes e archeologia.

-
- | | |
|----|---|
| 1 | Onze cadeiras de couro de relevo de differentes fôrmas |
| 2 | Cadeira grande de pau preto com muita obra de talha |
| 3 | Contador grande de pau santo com ferragens |
| 4 | Tryptico antigo em madeira pintado a oleo |
| 5 | Quadro antigo em madeira pintado a oleo representando Nossa Senhora, amamentando o Menino |
| 6 | Dito idem representando um Santo |
| 7 | Collar de prata com diamantes, tem um pingente |
| 8 | Par de brincos iguaes |
| 9 | Medalha de filigrana de ouro com uma cruz |
| 10 | Anel de ouro guarnecido de aguas marinhas |
| 11 | Dito idem com uma amethista |
| 12 | Par de brincos e rosicler de prata com diamantes |

Academia Real de Bellas Artes de Lisboa 22 de Setembro de 1902

O Inspector

Visconde d'Atouguia»

Fora de Portugal, todavia, a vida da Infanta interessava também, e o cuidado em conhecer as fontes de boa informação era maior. A escritora francesa J.-T. DE BELLOC, *Dama do Santo Sepulcro*, como ela própria assinava, publicou, em data que não podemos precisar, mas que não é posterior a 1899, o seu livro *La Bienheureuse Jeanne de Portugal et son temps*, dedicado «A Sa Majesté Marie-Amélie d'Orléans, Reine de Portugal» (1); é de presumir que tivesse estado então no nosso País, pois a ele se refere, e ao manuscrito de MARGARIDA PINHEIRO, do Convento de Jesus de Aveiro, de forma a aceitar-se-lhe o conhecimento directo da cidade e do Convento. Ilustra a obra com gravuras de fotografias e de desenhos, entre os quais alguns de Aveiro, e apresenta dois retratos de Santa Joana: um deles, no ante-rostro do livro, de composição recente, embora baseado nalgum antigo *registro de devoção*, mostra-nos LA BIENHEUREUSE JEANNE DE PORTUGAL de pé, a 3/4 à esquerda, envergando o hábito, coroadada de espinhos e aureolada, e ostentando na mão direita um crucifixo e uma haste florida de açucenas; adiante o reproduziremos, ao ocupar-nos dos *registos de devoção*; interessa pouco por agora; mais adiante porém, a pág. 12 é inteiramente ocupada pela fotografatura dum desenho decalcado numa gravura antiga facilmente identificável segundo a legenda que a escritora francesa lhe apôs:

L'INFANTE JEANNE DE PORTUGAL
D'après les Bollandistes

(1) *Madame,*

Auprès du trône, sur lequel la Providence a placé en votre personne tant de grâce et tant de bonté, grandit, il y a plus de quatre cents ans, une illustre princesse qui fut le modèle de toutes les vertus et que l'Église a élevé au rang des Bienheureuses.

En m'autorisant à dédié à Votre Majesté la Vie de sainte Jeanne de Portugal, vous m'avez permis de donner aux mérites de la sainte Infante une nouvelle et auguste consécration, et de mêler l'éclat immaculé des lys de France à la céleste couronne que lui ont tressée les suffrages de l'Église et la vénération de tous.

Que Votre Majesté daigne agréer l'hommage de ma plus respectueuse reconnaissance.

J.-T. DE BELLOC.

A edição não está datada, mas o exemplar que possuímos e que adquirimos no leilão da livraria do general Brito Rebelo, tem a seguinte dedicação, útil ao caso:

*A Monsieur de Brito Rebello très sympathique hommage et souvenir de bonne confraternité littéraire de l'auteur (J. T. de Belloc)
Dame du Saint Sépulcre.*

Château de Coligny 20 Septembre 1899.

A propósito desta obra existem várias cartas, inéditas, da autora para Brito Rebelo.



Fig. 11

Gravura a buril, da obra dos BOLANDISTAS, *Acta Sanctorum...*, 1.^a edição.

A subscrição, em baixo, declara, *Philibertus Bouttats Junior fecit Antverpiae anno 1685, ex Anacephalacosi P. Ant. Vasconcellii S. J.*

Dentro da estampa, aos pés do cão — *Tom. 7 Maij Pag. 718*.

É esta a gravura a que JOAQUIM DE VASCONCELOS se referia em 1895 nos seus artigos do *Comércio do Porto*.

(Reprodução do exemplar pertencente ao distinto historiador da gravura em Portugal, Prof. ERNESTO SOARES).

bibRIA

Os BOLANDISTAS — todos os estudiosos o sabem — constituíam o grupo de Jesuítas que publicou a monumental e preciosa obra *Acta Sanctorum*, em 56 volumes *in-folio*, e tomaram o nome do seu iniciador, o P.^o JEAN BOLLAND, de Antuérpia, que em 1643 fez sair o 1.^o volume (o último da série data de 1858).

Conquanto o estudo de J.-T. DE BELLOC não seja vulgar, sempre terão vindo alguns exemplares para Portugal, sendo a obra, demais a mais, dedicada à Rainha D. Amélia; e o retrato, bem como a biografia de Santa Joana, insertos nos *Acta Sanctorum*, teriam levado longe o historiador que tais elementos tivesse aproveitado.

Madame DE BELLOC utilizou unicamente o medalhão central da gravura dos BOLANDISTAS, que acima reproduzimos integralmente — fig. II — pois não é apenas o retrato da Infanta que interessa, como teremos ocasião de ver.

Tudo isso, porém, passou despercebido ou não despertou interesse entre nós.

Até 1910, data em que se começou a pensar na organização do Museu Regional de Aveiro, deparou-se-nos apenas uma breve referência *com significado digno de menção* tendo por objecto o retrato do coro alto, apesar do muito que procurámos. É o «*número único publicado* pela Empresa editora da *Arte*» em Maio de 1906, onde o historiador aveirense JOÃO AUGUSTO MARQUES GOMES escreve (*reproduzindo, talvez pela primeira vez, a pintura*, em fotografia de Marques Abreu), sem, contudo, nada acrescentar à nota fundamental de VASCONCELOS já acima vista:

«Do seu traje de princesa é testemunho o retrato que existe no coro do convento, pintado em taboa e que aqui reproduzimos como uma preciosidade iconographica que é. Tem um grande cunho de authenticidade não obstante não existirem documentos em que se apoie a tradição, que o diz copia do natural. As feições da princesa não exprimem é verdade a formosura que a historia lhe atribue, mas o traje é, sem duvida, o usado na corte de D. Afonso v, não lhe faltando o penteado da epocha em que os cabellos presos em volta da cabeça por uma ou mais fitas de seda cravejadas de rubis, caíam soltos pelas costas abaixo. O nosso primeiro critico d'arte, snr. Joaquim de Vasconcellos, que o estudou ha annos, escreve: «Essa unica obra, o retrato da princesa, vestida com todo o esplendor da corte, mas triumphante sobretudo pela sua ideal belesa, vale uma viagem a Aveiro. É um encanto! Foi gravado no principio do seculo xvii, em Flandres, por Boutalle (*sic*), habilmente, mas com pouca fidelidade, e parece não ter sido reconhecido até hoje

na sua importancia capital como pintura coeva, intacta, facto que terá de ser comprovado com rasões intrinsecas e technicas».

ROCHA MARTINS, que muito mais tarde ⁽¹⁾ havia de consagrar *A Princesa Santa Joana* em um dos voluminhos da sua collecção «Heróis, Santos e Mártires da Pátria» (*o 1.º fasciculo do 2.º volume*), além de lhe dedicar artigos vários em revistas e jornais, publicava também em 1906 na *Ilustração Portuguesa* o seu artigo «Como se forma a aureola de uma Santa» (*4 de Junho, págs. 464 a 468*) e illustrava-o com uma reprodução da gravura de *Retratos e Elogios de Varões e Donas...* acima referida, não aludindo, sequer, à pintura de Aveiro, do coro alto.

Na revista *Arte*, muito colaborada por MARQUES GOMES (com artigos sobre Arouca, Aveiro, Lamego, Serra do Pilar e Vista Alegre) nada aparece a propósito do retrato; descreve-se o convento de Jesus, o cláustro, a igreja, o túmulo da Infanta, dá-se mesmo, depois de 1910, notícia do então recente Museu Regional de Aveiro (*8.º ano, n.º 91, Julho de 1912*), refere-se a secção de pintura antiga nos precisos termos que vamos transcrever, mas não há uma palavra sequer para o retrato:

«Apesar de pouco numerosa, a galeria dos quadros, é de valor. Tem uma collecção muito interessante de pinturas em taboa, quinhentistas. Pertencem a esta serie o pequeno tryptico, o Ecce Homo e o S. João Evangelista que a «Arte» reproduz. N'aquelle ultimo predomina grandemente a influencia da escola flamenga.»

Igual omissão se verifica no artigo que, a propósito de Aveiro, LUÍS DE MAGALHÃES publicou, anos antes, em *A Arte e A Natureza em Portugal*, o que tudo, a nossos olhos, se afigura deveras estranho e significativo.

Inclusivamente, o conhecido «*Feixe de motivos por que na parte nobre do convento de Jesus d'Aveiro se deve installar um museu districtal ou municipal*», do escritor aveirense MELO FREITAS, baseado na relação de objectos que MARQUES GOMES publicara anteriormente no *Campeão das Províncias* ⁽²⁾, ten-

(1) Em data não declarada, mas que se não deverá, talvez, afastar muito de 1920.

(2) MELO FREITAS alude, igualmente, ao «inventário judicial que se fez depois do Decreto que agora (1911) extinguiu as Ordens religiosas» — nota 1 de pág. 16 — mas debalde procurámos conhecê-lo; no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças nada mais se encontra além do que acima deixámos transcrito.

dente à criação dum Museu em Aveiro, diz apenas, e muito confusamente, por sinal:

«*Objectos que desde já podiam integrar-se no Museu*

O que ha de portas a dentro d'encanto e attractivo que possa colleccionar-se, seleccionar-se, expôr-se, catalogar-se?

Ha por exemplo o retrato quasi coevo da princeza, gravado no principio do seculo 17, em Flandres, por Boutats habilmente, mas com pouca fidelidade, segundo a opinião do erudito Joaquim de Vasconcellos.»

Decididamente, nem Aveiro nem a generalidade da crítica de Arte nacional se tinham apercebido da singular importância da preciosa tábua quinhentista, nem compreenderam a referência a BOUTATS e ao século XVII.

Só VASCONCELOS insistia, e sempre que se lhe proporcionava ensejo para o fazer. A pedido de MARQUES GOMES vai a Aveiro em 28 de Abril de 1912, e num dos salões do antigo Convento, já então Museu, disserta largamente e perante numerosa assistência acerca de Arte, exemplificando com os tesouros que constituíam o recheio do novo Instituto as vantagens culturais resultantes desse precioso e invulgar agrupamento.

«Refere-se depois ao nosso Museu», conta o semanário local *A Liberdade*, em seu n.º 64, de 2 de Maio, «afirmando com toda a convicção que ele é incontestavelmente o terceiro do país e, a propósito, cita o imenso valor de alguns dos quadros expostos naquele salão, entre os quais merece especial destaque o da Princesa Santa Joana, que *não tem preço* e que é valiosíssimo pelo cunho de originalidade que o reveste» (1).

Vem seguidamente a público, já em 1914, o fascículo 8.º do impressionante inventário artístico de JOAQUIM DE VASCONCELOS — *Arte religiosa em Portugal* — serviço inestimável prestado pelo infatigável historiador ao País e ainda hoje cheio de utilidade.

Aqui se regista, na íntegra, quanto no referido fascículo aquele crítico de Arte escreveu, e que em si consubstancia

(1) Nesse preciso dia 28 de Abril de 1912, de regresso ao Porto, JOAQUIM DE VASCONCELOS dá conta, ao seu grande Amigo António Augusto Gonçalves, de Coimbra, das impressões colhidas em Aveiro, e escreve:

«Chego de Aveiro onde fui fazer um exame demorado do Museu: Resultado *surprehendente*.

É já na ordem do merito o 3.º Museu do paiz, superior ao de Evora.

Foi uma surpresa; e n'esse sentido me pronunciei na Conferencia que fiz, antes; uma *palestra*, que durou 50 min. Parece ter agradado. Salão cheio. É justo não regatear louvores ao M. Gomes. Elle lucha com a

os conhecimentos de VASCONCELOS na matéria. Dali irradiou, mesmo, tudo o que a seguir tem vindo a público a esse respeito, e que não é mais nem melhor:

«Princeza Santa Joanna

O quadro que representa a Princeza é sem duvida uma das obras de arte mais valiosas do Museu regional de Aveiro, As dimensões da taboa de castanho, sem o caixilho do seculo XVIII, são as seguintes: altura 0^m,60; largura, 0^m,40; a madeira, com a grossura de 7 milímetros, está bastante carcomida nas extremidades, e apresenta numerosos furos das larvas dos vermes.

A Princeza traja á moda da cõrte ¹.

O busto está visivel n'um decote muito aberto, protegido o peito apenas por uma camisa de cambráia transparente, finamente bordada a retroz de sêda preta. Um corpete de brocado de ouro, com bordado semelhante,

Camara Municipal; quer mais espaço; quer desalojar umas *Escolas primarias* q a Câmara protege — Não é justo isso q lhe roubam espaço!

Recomendei-lhe prudencia: *passion et patience*. «Piano e sano»

A Comissão administrativa que elle propõe é de boa gente; merece plena approvação

Amg obg^o

J. de Vas^{os}»

(É a carta n.º cxci da correspondência dele para António Augusto Gonçalves, por nós adquirida, por compra, á familia do professor conimbricense, e agora em vias de publicação comentada, em edição de Marques Abreu, amigo e colaborador dos dois eruditos arqueólogos).

«¹ Julgo interessante reunir aqui as noticias historicas sobre os retratos da Princeza: «Foy a Santa tão bella, que espalhando-se pelo Mundo a fama da sua fermosura a desejarão muitos Príncipes da Europa, para nora huns, e para mulher outros, e mandarão Pintores celebres a Lisboa para que bem ao natural a retratassem, e o fizeram tão vivamente, que depois juravão affirmando, que nenhum favor da arte ajudara a pintura, por ser fiel copia do original» (D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da Casa Real*, vol. III, pág. 86).

O retrato, gravado em cobre, que acompanha o volume dos *Retratos e Elogios dos Varões e Donas que illustraram a Nação Portuguesa* corresponde, em geral, á pintura de Aveiro; tem quasi a mesma idade, os cabellos tambem soltos em ondas; identica touca de preciosa pedraria, a camisa bordada, mas fechada no pescoço. Convém ainda archivar aqui a seguinte noticia: «No Altar-mór da Igreja daquelle Convento estava collocado um quadro de pincel *vera effigie* sua, trajada á maneira que andava no seculo, que o Bispo D. João de Mello por occasião do processo da sua Beatificação trasladou com licença das Religiosas ao seu Paço de Coimbra. Muitos consta que havia na Provincia, em que estava no habito Dominic. Offerecemo-la conforme ao primeiro quadro, segundo o traz o P. Vasconcellos na *Anacefaleosis*, e bem semelhante ao que vem no Acta Sanct. Maio, tom. III pag. 692» (Citação dos *Retratos*).

surge de ambos os lados; apenas a linha ondulada do recorte do vestido ajuda a indicar suavemente os seios, que não aparecem todavia na modelação da carne.

O vestido mostra-se golpeado na manga do braço direito e junto da cinta; a mão direita descança no entretalho, com certa intenção, não só para revelar a rara belleza da fôrma, mas tambem a preciosa joia que a orna. Os golpes do vestido estão tomados com cordão preto guarnecido de pontas de ouro; cordão igual aperta o vestido no extremo do recorte.

Além da preciosa touca, de que já fallarei, ha a notar, como enfeite, o anel de ouro com um grande carbunculo; uma especie de pulseira, formada por um laço de galão de ouro, talvez com significação symbolica que nos escapa. Um grosso cordão de ouro, torcido, com quatro voltas acompanha o recorte da camisa; mas não tem joia *pendente*, nem sequer a perola tradicional¹.

Para adorno de uma princeza e de uma noiva — todo o aspecto da figura largamente decotada, o movimento da mão posta sobre o coração indicam, para mim, que se trata, com effeito, de uma noiva — parece-nos modesto o atavio, se não fôra a preciosa touca. É ella formada por grossos cordões de fio de ouro torcido nos quaes o joalheiro enclausurou uma abundancia de pedraria rara: rubis, saphiras e perolas. A touca compõe-se de duas tiras largas, que descem sobre o diadema da frente e se prendem a dois cantos menores; estes fecham a touca dos lados.

O maior ornamento, e o mais encantador, não seria a touca scintillante; deviam sel-o os maravilhosos cabellos louros, que descem em abundantes ondas sobre o busto. Infelizmente, o retocador destruiu esse encanto! Não toucou, por fortuna, nos olhos garços, que na estampa parecem muito escuros; o chronista affirma que eram verdes². Como geralmente acontece com as bellezas loiras, a tez rosada do rosto, a alvura assetinada do pescoço e do collo andam associadas; a suavidade da epiderme,

«¹ No seu testamento (19 de Março de 1490, apud Souza, *Historia genealog.*, vol. II, das *Provas*, pág. 81), cita a Princeza a notavel joia, como um *rubim*: «e o Rubi grande do anel ao Principe meu Senhor, e a meu Sobrinho o pendente das tres pedras, e o pendente da esmeralda...» O sobrinho é o Duque de Coimbra D. Jorge, filho natural de João II, que ella ajudou a educar em Aveiro.»

«² O mesmo diz Souza:

«Era alta do corpo, rosto redondo, *olhos verdes*, nariz proporcionado, boca grossa, a côr muy alva, e rosada, aspecto magestoso, muito ar, e graça em toda a disposição do corpo». (Souza, *ob. cit.*, vol. III, pág. 95.)»

a elegancia intencional da mão aristocratica, o pescoço alto, os hombros descahidos denunciam a raça.

Acresce a expressão reservada; o segredo dos labios firmemente cerrados, onde se desenha já nos cantos um vinco amargo. O nariz um tanto longo, mas muito delgado e mais ainda a pequena bocca, contrastam com as faces muito cheias; eu diria *inchadas*, se um exame cuidadoso da pintura não me indicasse que houve indiscretos retoques na carnação; a *technica esfumada* não é do effeito primitivo; basta comparar a côr da epiderme no rosto com a do peito e das mãos; alli suja, aqui clara.

Em conclusão: temos um retrato authentico da escola portugueza de pintura da segunda metade do seculo xv, que revela qualidades artisticas não vulgares. Temos ouvido citar o nome de Nuno Gonçalves como auctor; basta considerar uma condição no processo de pintar, para regeitarmos tal nome; esta pintura, assim como outra que examinaremos, estão executadas sobre *intonaco*, isto é: a taboa está preparada com uma camada de gesso, sobre a qual o artista assentou as côres, as quaes não têm velaturas; a tinta é delgada, com pouca transparencia.

A Princeza que nasceu em 1452 (6 de fevereiro) deve ter no retrato entre 18 a 20 annos, o que daria para o quadro a data 1470 a 1472.

Era de quinze annos, quando falleceu a Rainha sua mãe; e El-Rei seu pae (D. Affonso v) lhe deu logo casa com grandeza e fausto, diz o chronista. A falta de successores á corôa obrigou seu pae a que no berço fôsse jurada em côrtes Princeza herdeira do Reino, titulo que conservou ainda depois de nascido o Principe D. João, seu irmão e successor na corôa. Não é para aqui a historia das numerosas tentativas para o seu casamento. Apesar de fortissima opposição da familia, conseguiu fazer profissão a 25 de janeiro de 1475, no convento de Jesus de Aveiro da Ordem de São Domingos; ahi falleceu a 12 de maio de 1490 e ahi descança.

Foi beatificada em 4 de abril de 1693. Ao convento legou todos os bens seus e, mais que isso, o exemplo de incomparaveis virtudes, symbolisadas n'um celebre emblema com que marcava as suas alfaias: *uma corôa de espinhos*¹, que ainda hoje se vê em diferentes peças do espolio do convento.»

¹ Na *Historia genealogica* (vol. 11, pag. 102), no fim da sua biographia vem este emblema cercado de açucenas. Outro biographo diz: «chegou a trazer por deviza, e mandar pintar uma Corôa de espinhos em todas as salas do seu Paço, e a fez gravar em sua prata, e esmaltar em todas as suas joias (*Retratos e Elogios dos Varões e Donas*. Lisboa, 1817).»

Existia, portanto, um retrato fidedigno, ao contrário do que em 1890 categoricamente se afirmava, vindo a importantíssima pintura a ficar integrada, em 1911 — e muito bem — no recém-criado Museu Regional de Aveiro.

Constitui ela a peça n.º 1 da série iconográfica da Infanta Santa Joana, que nos propomos estudar.

A esse retrato—fig. 10—, descoberto e identificado em 1895 por JOAQUIM DE VASCONCELOS no coro alto do Convento de Jesus de Aveiro, consagraremos por nossa vez algumas considerações mais; e como, entretanto, os problemas que à volta do precioso quadro se tem levantado são numerosos e importantes, convirá ainda registar alguma coisa do que a respeito da impressionante pintura se tem escrito, já em atenção às próprias hipóteses e opiniões exaradas, já pelo especial significado e importância que algumas delas revestem em consequência das responsabilidades críticas dos nomes que as subscrevem.

Assim, referem-se ao retrato do Museu de Aveiro, após o artigo da *Arte Religiosa*, duas publicações que dão conta da memorável «Sessão de Arte» naquela casa realizada em 16 de Janeiro de 1916; o conferencista da tarde, Prof. EGAS MONIZ, põe em relevo o retrato da Infanta, onde destaca

«a delicadeza firme das linhas, o encanto da figura e as particularidades das joias e vestuário», acrescentando: «Infelizmente mãos barbaras retocaram a tabua que bem merece ser de novo tratada por quem saiba fazê-lo. Esse retrato é, por certo, da segunda metade do século xv e tão notavel é que lhe atribuem a paternidade de Nuno Gonçalves, o nosso grande primitivo, que José de Figueiredo ultimamente pôs em relevo. O erudito Joaquim de Vasconcelos apresenta razões de peso para o julgar de outro autor, o que em nada faz diminuir o seu alto valor que depende das suas qualidades intrinsecas e não do nome que possa assiná-lo. Mas quem tenha atentado nas figuras de Nuno Gonçalves, do Museu de Lisboa, ha de reconhecer no traço, na côr e nas particularidades do retrato da Santa, a mesma autoria ou, ao menos, a mesma maneira de pintar» (1).

(1) *Museu Regional de Aveiro. Sessão de Arte. 16 de Janeiro de 1916. Feixe de noticias — Conferencia do dr. Egas Moniz — Com um prefacio d'Almeida d'Eça.* Porto, 1916; págs. 52 a 54.

No programa da mesma sessão, que constitue curiosa espécie da bibliografia aveirense, enumeram-se, de págs. 28 a 30, *as joias do Museu*, entre as quais figura o «retrato de Santa Joana Princeza, escola portugueza de pintura, da segunda metade do seculo xv».

Em 1926, deu MARQUES GOMES a conhecer na *Ilustração Moderna* (n.ºs 1 a 5), a história sumária do Museu Regional de Aveiro; a propósito, publica novamente o retrato da Infanta (pág. 119) acompanhado do seguinte comentário:

«*Princesa Santa Joana.* É com effeito, como disse o snr. Joaquim de Vasconcellos uma das obras mais valiosas do Museu e foi primorosamente descripta pelo grande mestre. Pode ser uma reprodução fiel da pessoa que representa e cuja beleza é autenticada por escriptos da epocha em que viveu. Que bem cedo principiou a ser retratada a Princesa dil-o um codice escripto em pergaminho em caracteres goticos por Margarida Pinheiro, sua criada e que como ella tomou o habito dominicano no Convento de Jesus a que pertenceu e hoje se guarda no Museu. Tem este titulo: *Memorial da mui excellente Princesa, e mui virtuosa senhora a Senhora Dona Joana, nossa Senhora filha do mui Catholico e Christianissimo Rei Dom Affonso Quinto e da Senhora Rainha Dona Isabel sua molher.*

São d'elle estas linhas:

«Gosava ⁽¹⁾ por todas as partes da Christandade a fama da grande excellencia da fermosura e industria do entender e saber d'esta Infante Princesa, e a todos os Reis, e Principes de diversos Reinos punha em grande cobiça e desejo de aver e ouvir, e porque lhe era impossivel pela distancia e alongamento dos Reinos e terras mandavão pintores mui perfeitos que a vissem, e tirassem pelo natural, para poderem assim pintada gosar de tanta formosura. Entre os quaes foi o mui serenissimo Luiz Rei de França primo de El-Rei Dom Affonso, padre da dita Senhora, e o Imperador da Allemanha cunhado seu casado com huma irmã do dito Rei D. Affonso. Certificavão e juravão os pintores não podiam nem tinham sciencia para poder penetrar, e pintar tanta graça e formosura. Porem comtudo trabalhavão por a afemençar e pintar. Del Rei de França seu tio, (Luiz XI), se afirmou que vendo a pintura, a qual se diz era muito natural, que postos os joelhos em terra deu graças e louvores ao Senhor Deus. Começaram alguns Reis e Principes de ademandar El-Rei ⁽²⁾ seu padre para casamento aos quaes por entam não dava consentimento por sua tenra idade, o qual ainda entam nem penetrava o con-

(1) Aliás, *voava*, diz o código original. (R. M.).

(2) a *El-Rei*, como do código consta. (R. M.).

selho divinal, que nom de Rei terrial, mas do Celestial.»

O facto tal como vem narrado pela freira está reproduzido n'um dos quadros a oleo que revestem a capela interior do antigo convento, chamada a Casa da Santa, e que é uma das curiosidades do Museu, e todos são alusivos á vida da Princeza. N'este quadro o traje diverge um pouco da pintura que a gravura reproduz, como esta diverge tambem dos retratos gravados em cobre que vem nos *Retratos e Elogios dos Varões e Donas que illustraram a Nação Portugueza* e no *Anacefaleosis* do Padre Antonio de Vasconcellos.»

Em 1917 veio a surgir, com a publicação da tese de ALFREDO LEAL (1) a famosa discussão hoje conhecida pela *Questão dos Painéis*, tendo por objecto a autoria e a interpretação das figuras retratadas nos chamados *painéis de S. Vicente*, de Nuno Gonçalves, do Museu Nacional de Arte Antiga.

Questão que ameaça eternizar-se — pois ainda no corrente ano de 1952 se reacendeu, e sem resultados práticos definitivos — nela veio a inserir-se, aliás com perfeita lógica, o problema do retrato da Infanta Santa Joana, do Museu de Aveiro.

Foi o caso que, em Março de 1927, o semanário aveirense *O Democrata*, e, em 14 do mesmo mês, o *Portugal*, de Lisboa, publicam uma entrevista com o senhor Dr. ALBERTO SOUTO, já então, como hoje ainda, Director muito competente do Museu que se orgulha de possuir o quadro a que nos estamos referindo. Nas considerações nessa ocasião apresentadas, o Director do Museu de Aveiro sugere que «a figura real que no painel do Infante ajoelha no primeiro plano, à esquerda, em frente de D. Afonso v, ou do pseudo D. Afonso v» — fig. 12 — seja «a própria Santa Joana» (2).

Por essa mesma ocasião se publicava em Lisboa o n.º 2 da revista *Brasões e Genealogias* em que ARMANDO LASSANCY (pseudónimo do Dr. ARMANDO SOUSA GOMES, segundo o esboço histórico e bibliografia de *A Questão dos Painéis*, de ALBINO LAPA; Lisboa, 1928), explanava com boa soma de razões aquela mesma tese, aproximando em gravura as duas figuras (3).

(1) Os «Painéis do Infante» e a obra do Sr. José de Figueiredo. Lisboa, 1917.

(2) Uma conferência na Associação dos Arqueólogos de Lisboa, anunciada então por aquele mesmo arqueólogo, não chegou a realizar-se.

(3) Com o titulo de *A Rainha Fada — Breve noticia de uns famosos Painéis*, o artigo referido appareceu também em separata.

O assunto não teve a repercussão que merecia (1), e só em 1935 se volta a trazer a público, com alguma coisa de novo, a tábua quatrocentista do Museu de Aveiro. Desta vez, pela pena de JOSÉ DE FIGUEIREDO, na introdução ao 1.º volume de *documentos* do *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, discutindo o valor dos documentos em história de Arte e mostrando como pela submissão exclusiva ao seu conteúdo formal se pode ser levado a juízos errados quanto à autoria de retábulos.

E diz então aquele discutido crítico de Arte:

«Há ainda outra hipótese a considerar: existirem todos os documentos da encomenda de uma obra de arte, e, com êles a obra a que êsses documentos parecem ajustar-se, sem que de facto êsse ajustamento deva fazer-se, por a obra não ser a própria, mas apenas uma cópia, mais ou menos tardia, dela. Tal seria o caso, para me limitar a esse, do retrato da Princesa Santa Joana, do Museu de Aveiro, se porventura aparecesse, um dia, o documento da encomenda do original de que provém essa pintura.

Quando se examina este painel, verifica-se estar-se em presença de uma pintura com todas as características da época em que viveu a filha de D. Afonso V. Preparo do suporte, técnica, indumentária, espírito, tudo é bem do tempo a que pertenceu o modelo. E também me parece que não deve já agora oferecer dúvidas ser êsse retrato o da neta do Infante D. Pedro. Esta identificação não só assenta sobre uma tradição consagrada, como a máscara da retratada, hoje que se conhece, pelos painéis de S. Vicente, a imagem autêntica de D. João II, quando moço, se ajusta à dêste príncipe com a mais absoluta irmandade. Ambos, na verdade, apresentam, na mesma forma arredondada da cara, a mesma tez branca e rosada; os mesmos lábios grossos e recortados, na mesma bôca curta e fechada; as mesmas sobrancelhas ralas, só ligeiramente arqueadas; os mesmos, ou pelo menos, análo-

(1) Os escritores BOURBON E MENESES e GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, por exemplo, publicando em 1933, entre as suas *Figuras históricas de Portugal*, duas escassas páginas de biografia da Infanta, acompanham-nas com uma óptima reprodução, fotografada, do retrato de Aveiro, subordinada a esta identificação, aliás correcta, mas sem mais comentário:

«Princesa Santa Joana 1452-1490

De uma tábua do século XV, existente no antigo convento de Jesus e exposta actualmente no Museu Regional de Aveiro.»



Fig. 12

Painel do Infante, da série de São Vicente, de Nuno Gonçalves,
— Museu Nacional de Arte Antiga —

(Gravura obsequiosamente cedida
pela Direcção do Museu)

bibRIA

1991

Journal of the International Association of Agricultural Librarians and Documentalists
— ANNUAL MEETING OF THE IALAD —

Published by the International Association of Agricultural Librarians and Documentalists
1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025

gos cabelos castanho-dourados¹. Para mais, não falta sequer, no indicador da mão direita da retratada, o anel com rubi, que tanto estimou sempre e que o seu testamento muito especialmente menciona. E não pode ainda esquecer-se que certos pormenores mais particulares do seu vestuário andam também muito perto dos que são especialmente típicos no traje da Rainha sua mãe, tal como esta se vê representada, por Nuno Gonçalves, no *Painel do Infante*.

Mas se este retrato reveste todos os caracteres da pintura do fim do século xv, e a personagem que êle representa não pode deixar de ser a irmã de D. João II, o que é indiscutível é que esse painel, que não pode em caso algum ser obra de Nuno Gonçalves e nem sequer é decerto português, não foi também realizado do natural. De facto, se a sua técnica, em que predominam as velaturas sôbre espessa base de cola e cré, nada tem com a técnica do nosso grande pintor quatrocentista, e o seu esmalte, acentuadamente vítreo, está assim longe da matéria que constitue a *epiderme* da obra daquele artista e da dos outros pintores nacionais do tempo¹, a falta de modelação na máscara da retratada mostra que se está apenas em frente do trabalho de um copista, tanto mais que o poder pictural do artista seu autor se afirma com considerável segurança na tradução da indumentária

«¹ Não é possível dizer-se com segurança qual o tom exacto dos cabelos da Princesa, tais como os pintou o autor do Retrato. Castanho-dourados, ligeiramente acinzentados? ou castanho-dourados, fortemente arruívados? Apesar de ter desaparecido, nessa parte do Retrato, a camada superior da pintura, julgamos mais provavel a segunda hipótese, dado o tom ruivo da base que subsiste e em que se vêem ainda laivos castanho-escuros das antigas velaturas que a cobriam; e, mais do que isso, em vista do tom do cabelo na parte alta da cabeça da Retratada. Este, apesar de não se conservar também intacto, sofreu contudo muito menos do que o resto da cabeleira da Santa.

«Qual a causa do desastre e porque é que este atingiu só o cabelo da Princesa e poupou o resto da pintura? Emquanto as tintas, terras de siena, de pouco corpo, com que foram pintados os cabelos, não puderam resistir ao ingrediente de base alcalina com que se tentou lavar o painel, as outras tintas nada sofreram com o barbarismo, graças à sua maior solidez.»

«¹ A madeira em que foi pintado o retrato contraria também, até certo ponto, a atribuição da sua autoria a Nuno Gonçalves ou a outro artista português do tempo. Essa madeira, a nogueira, só a encontrei até hoje, em dois painéis e ambos tardios, da nossa escola, de pintura primitiva. Os outros nossos painéis dos séculos xv e xvi que conheço, cujo número atinge algumas centenas, são todos realizados sôbre carvalho ou castanho, sendo o emprêgo desta última madeira a prova quasi sempre segura dêles provirem da chamada escola de Viseu, ou pelo menos da Beira, onde abunda o castanheiro.»

e na de outros pormenores, para cuja realisação pôde certamente dispôr de modêlo à vista.

Quem realizou êste retrato? Não é possível dizê-lo por agora. Parece-me porém mais que possível ser obra de um dos pintores estrangeiros que para tal fim vieram então a Portugal. E se às características do painel já mencionadas, juntarmos o tom verde azeitonado do fundo, freqüente nas obras dos pintores renascentistas da Alemanha do Sul, talvez não errêmos dando-o como trabalho de artista dessa região. O espírito de Nuno Gonçalves, que esta pintura do Museu de Aveiro acusa, explicar-se-ia assim por ter sido decerto realizada segundo outra dêsse nosso grande mestre. E, ao aproximarmos êste retrato da obra do pintor de D. Afonso v, é muito propositadamente que só falamos no *espírito* que o caracteriza. Em artista com as faculdades excepcionais de que dispunha Nuno Gonçalves, o que há de menos imitavel na sua obra é precisamente tudo o que é, nela, pura e restritamente objectivo. E com isto não pomos de forma alguma de parte, e nem mesmo sequer diminuimos, o subjectivo que anima a obra do nosso grande pintor quatrocentista e é sua força essencial. Nem podíamos fazê-lo, tratando-se de quem soube tam superiormente, e com tam intenso idealismo, passar á tábua a admiravel Galeria de heróis que Nuno Gonçalves teve a fortuna de retratar. O que quisemos foi apenas acentuar que êsse subjectivo — e é êsse o grande poder dos artistas da sua altíssima raça — não prejudicou nunca em nada o seu poder objectivo. E isto ainda mesmo quando o pintor de D. Afonso v realizou apenas, e com absoluto naturalismo, pormenores secundários, ou seja aquilo que, no dizer suggestivo de Francisco de Holanda, «se vê quando não se vê», como, por exemplo, no «Painel dos Cavaleiros», o trecho admiravel de «natureza morta», que é a fivela, usada e puída, do cinturão do duque de Bragança. E essa procedência artística do retrato da Princesa Santa Joana teria a sua lógica e não seria sequer caso isolado para nós. De filiação análoga e muito próximo dêste, como época, conhecemos nós, fora de Portugal, outros retratos de personagens lusitanas, sendo, um dêles, o da Imperatriz da Alemanha, Dona Leonor, filha do nosso Rei D. Duarte e mãe do Imperador Maximiliano, avô de Carlos v. Se nos lembrarmos que Maximiliano foi, segundo a tradição, antes de casar com Maria de Borgonha, um dos pretendentes à mão da filha de D. Afonso v, o facto, a ter sido exacto, pode explicar, de outras maneiras, a origem do retrato do Museu de Aveiro. E uma delas seria levar-nos a concluir pela proveniência

alemã desta pintura. Nesse caso, a cópia teria sido feita nesse país pelo original português mandado de cá, a pedido do Imperador Frederico III.

Seja porém como fôr, o que em caso algum pode esquecer-se é que, nesse tempo, viajavam as obras de arte mais do que os homens; e pelo que nos diz respeito, cabe lembrar aqui, mais uma vez, o passo da admirável carta de D. Afonso V, escrita cerca de 1462, de Portugal para África, a Azurara, onde este colhia então elementos para a crónica de D. Duarte de Menezes, uma das mais nobres figuras do período áureo das nossas guerras marroquinas, retratada tam superiormente por Nuno Gonçalves, de capacete de aço, como um chefe mouro, no «Painel dos Cavaleiros». Esse trecho, expoente perfeito, como no mais tôda a missiva, do alto valor espiritual do nosso último Rei medieval, cuja nobilíssima história está ainda por fazer, é concludente de muitos pontos de vista. Louvando os grandes Capitães, com os seus feitos dignos de memória, «e os que têm o carrêgo de escrever as suas crónicas», o Monarca, para se justificar de não mandar então a Azurara o seu retrato, conclue êsse passo da carta dizendo: «*O meu vulto pintado não o tenho para vo-lo agora laa poder enviar, mas o proprio prazera a Deos que verees laa em algu tempo, comque vo-lo mais deve prazer*».

Em Portugal, como noutros países, e entre êles, as Flandres, de onde nos tinham vindo, cêrca de cinqüenta anos antes (1415) a imagem do Duque Jean sans Peur, pintura de Jean Malovel, a dádiva de retratos dos soberanos aos seus vassallos e a outros Príncipes ou personagens estrangeiros de qualidade, era uma das manifestações mais altamente significativas da graça régia.» (1)

Sensivelmente na mesma ocasião em que JOSÉ DE FIGUEIREDO terá escrito o que acima fica, ou poucos meses antes, o malgrado historiador de Arte tão cedo perdido para a investigação consciente, Dr. PEDRO VITORINO, e o radiologista portuense Dr. ROBERTO DE CARVALHO, iniciaram uma série notável de observações, à luz razante e a Raios X, em pin-

(1) JOSÉ DE FIGUEIREDO publicou em francês este mesmo trecho no seu opúsculo intitulado *Introduction au recueil de documents publiés par l'Académie Nationale des Beaux-Arts concernant, spécialement, les pièces d'orfèverie commandées en France pour le Portugal*. Lisbonne, 1935. Do facto se infere a importância que o autor attribua às suas considerações do momento.

turas dos séculos xv e xvi existentes nas colecções portuguesas (1).

E como, em 1935, a tábua do Museu de Aveiro a que nos estamos referindo tivesse sido enviada à oficina de restauro anexa ao Museu Nacional de Arte Antiga, provocando, no seu regresso — fig. 13 — acesa discussão na Imprensa aveirense entre o Director do Museu, Dr. ALBERTO SOUTO, o professor de Desenho do liceu local, Dr. ADOLFO FARIA DE CASTRO, e o erudito crítico de Arte, Senhor LUIS REIS SANTOS, foi ela radiografada também por aqueles citados cientistas do Porto. E nas conferências proferidas em 29 e 30 de Janeiro de 1936 no Clube Fenianos Portuenses pelo Senhor REIS SANTOS, tendo por tema «*Os processos científicos no estudo e na conservação da pintura antiga*», veio a radiografia do retrato de Santa Joana a ser projectada — fig. 14 — a ela se referindo o conferente por esta forma (2):

«O retrato de *Santa Joana* do Museu Regional de Aveiro, de que esta fotografia nos dá uma idea aproximada (*diap. n.º 31*), sempre me intrigou muito. Eu não compreendia o que significava uma espécie de inchaço que deforma a face esquerda da Princesa. Parecia-me que essa parte do painel fôra repintada, e por isso esperava o seu restauro com justificado interesse.

Afinal, depois de limpa a tábua, o inchaço ficou na mesma, como se vê nesta fotografia tirada muito recentemente.

Era por conseguinte necessário averiguar, com o auxílio dos raios X, de que se tratava. Esta radiografia (*diap. n.º 32*) mostra-nos o estado em que se encontra a parte inferior da tábua, desde a mão até ao pescoço. As manchas negras representam sítios onde foi destruída a pintura primitiva.

Nesta radiografia (*diap. n.º 33*) da parte superior do pescoço e da cabeça, vê-se que não eram infundadas as minhas suspeitas. A zona bem visível do inchaço representa um acréscimo tardio, cuja constituição é de inferior densidade.»

(1) *Portugale*, vol. VII, n.ºs 41-42, de Setembro-Dezembro 1934: «*A Trindade*» do Museu do Porto, vista aos Raios X», artigo de ROBERTO DE CARVALHO e PEDRO VITORINO.

(2) *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, 4.ª série, 1939; pág. 277.



Fig. 13

O retrato depois das beneficiações recebidas em 1935 e 1940

bibRIA

Voltando, adiante, ao assunto, o historiador REIS SANTOS explicou ainda (1):

«Aqui temos a fotografia do retrato de *Santa Joana* do Museu Regional de Aveiro, e a respectiva radiografia (*diaps. n.ºs 68 a 70*). Este é um caso de que já falei. Deu-se aqui o contrário do que várias vezes tenho observado, infelizmente, nos restauros. Talvez por causa dos fracassos verificados, e de-certo por não ter sido radiografada a tábuca, foram deixadas na pintura coisas que lhe não pertencem e lhe modificam muito a expressão. O inchaço da face, do lado direito, é posterior e de menor densidade, como se vê na fig. n.º 33.

Neste caso a culpa não foi de quem fez o restauro, mas, sem dúvida, de quem o ordenou e orientou.»

A discussão subsequente acima referida, na Imprensa aveirense, pode seguir-se através dos n.ºs 433, 436 a 442, e 446 de *O Povo de Aveiro*, de 29 de Março de 1936 a 28 de Junho.

Deu-lhe início a seguinte local, não assinada, do n.º 433:

«Restauromania

O que se tem feito ultimamente no que respeita a restauro de monumentos e obras de arte excede quanto se possa conceber. Haja em vista o que sucedeu com o celebre retrato de Santa Joana, do nosso Museu. Este retrato nem parece o mesmo, tão desfigurado ficou com o restauro dum pintor de Lisboa, conforme mostraram as projecções radiográficas feitas nas conferências de Reis Santos, no Porto.

A restauromania vai mutilando a arte monumental portuguesa do que dá nota o dr. Adolfo Faria de Castro, no seu recente livro «Impressões de Arte».

No n.º imediato, de 5 de Abril, o Director do Museu, Senhor Dr. ALBERTO SOUTO, contesta o conteúdo da local, declarando, substancialmente:

«Os mestres restauradores que trataram a preciosa tabua quatrocentista — o falecido Luciano Freire e os pintores srs. Mardel e Ortigão Burnay — por ordem da Inspeção Geral dos Museus e a meu pedido, não tocaram na figura da filha de D. Afonso V, que está tal qual todos nós a conhecemos ha muitos anos». E mais

(1) Conferências citadas, pág. 296.

adiante: «O que posso garantir a V. Ex.^a e a todos aqueles que se interessam pela conservação do nosso património artístico é que o «retrato de S.^a Joana» não sofreu no ultimo restauro a mais pequena alteração.»

Respondeu o Dr. FARIA DE CASTRO socorrendo-se das considerações de REIS SANTOS nas conferências do Porto e acentuando, fundamentalmente, que no restauro do quadro de Aveiro houve «alteração das linhas do rosto, diferente expressão da boca, e artificial factura do cabelo» (n.º 436, de 19 de Abril).

O Director do Museu, no número seguinte, de 26 desse mês, anuncia a próxima publicação, no mesmo jornal, de tudo quanto, a respeito do retrato, é de seu conhecimento; e HOMEM CRISTO, director do *Povo de Aveiro*, que iniciara a discussão, vem por sua vez declarar as impressões que recolheu do exame a que pessoalmente procedeu, ao retrato, dizendo, em contradição com o *suelto* inicial:

«Ha já bastantes annos que não viamos o retrato de Santa Joana. Mas conservavamos d'elle uma viva memoria. Para nos tirarmos de duvidas fomos vê-lo de novo esta semana, na ultima terça feira, depois do decantado *restauro*. É o mesmo, precisamente o mesmo que não viamos ha uma duzia d'annos. Ha só uma differença: é que está limpo, agora, por assim dizer lavado, e, portanto, mais agradável á vista.

A verdade é uma só. E nunca fugimos a ella, nem jamais fugiremos, sem attenção a amigos ou a inimigos. Ella ahi fica.

H. C.»

Em 3 de Maio (n.º 438) o Director do Museu iniciou a prometida história do retrato de Santa Joana, que veio a concluir em 31 desse mesmo mês (n.º 442).

Entretanto, a 24 (n.º 441), REIS SANTOS publica uma carta datada do Porto, de 13 de Maio, refutando as afirmações do Dr. FARIA DE CASTRO na parte que pessoalmente lhe dizia respeito, e declarando, por sua vez:

«O retrato, conquanto tenha sofrido alterações, foi muito cuidadosamente tratado graças ao talento e ao saber do snr. Fernando Mardel a quem se deve — creio eu — a limpeza da preciosa tábua.

Devia o restauro ter sido orientado por forma diferente? Acho que sim, mas isso é outra história; e não me parece que a responsabilidade seja do restaurador.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

Se tivermos de nos queixar desta vez, será da insuficiência a que aludi no meu ultimo serão dos Fenianos.»

Em 31 (n.º 442), o debate transforma-se nitidamente em questão pessoal com novo comunicado do Dr. FARIA DE CASTRO, vindo a ser de 28 de Junho (n.º 446) o último articulado do inglório processo (carta de REIS SANTOS a HOMEM CRISTO exauctorando, em termos violentos, o Dr. FARIA DE CASTRO); da peça principal, constituída pela série de artigos do Senhor Dr. ALBERTO SOUTO historiando o retrato, limitar-nos-emos a extrair o que aos pontos a comentar no presente estudo interessa, já que nos não é possível, como desejaríamos, reproduzir na íntegra o valioso depoimento; a isto se opõe não só a sua grande extensão, como, ainda, a circunstância de o referido trabalho haver sido, depois de ligeiramente retocado, inserto também, em forma definitiva, no *Arquivo do Distrito de Aveiro* (vol. III, págs. 161 a 178), revista essa em que as nossas presentes considerações são igualmente publicadas; era, pois, uma duplicação que se não justificava.

Coloca o Senhor Dr. ALBERTO SOUTO em acentuado relevo o facto, a que adiante haveremos de nos referir também, de D. João de Melo, Bispo de Coimbra, ter levado do Convento, com assentimento das religiosas, «um dos retratos da Princesa Infanta, também em traje do século» «quando em 1669, por ordem do papa Inocência XI, veio a Aveiro proceder ao exame das cinzas de D. Joana e fazer o inquérito para o processo da sua beatificação. Esse retrato estava exposto no altar-mor da igreja de Jesus», e pergunta, a propósito, o illustre Director do Museu, se não «seria esse o retrato original, e o que hoje possuímos uma mera cópia dêle?», dirigindo

«um apêlo a todos os investigadores de velharias e de história da Arte, para que continuem as pesquisas encetadas por MARQUES GOMES em Coimbra, a ver se aparece ainda esse retrato da Infanta cujo achado teria, sem duvida, uma altíssima importância.»

Da iconografia de Santa Joana declara:

«Não considero também como um retrato, na rigorosa e corrente acepção do termo, a gravura publicada no *Anacephalaeoses*, do padre ANTÓNIO DE VASCONCELOS, a página 392 do Tómo I, edição de 1773, Coimbra, *Typis Academicis*.

Será essa a reprodução, alterada embora, da gravura de Boutats de que nos deu noticia o falecido mestre Dr. JOAQUIM DE VASCONCELOS, afirmando que fôra feita na Flandres, sôbre o retrato de Aveiro, na primeira

metade do século XVII, *hàbilmente, mas com pouca fidelidade?*

Confesso que não compreendo bem esta passagem do erudito crítico de arte, pois não sei explicar-me como é que Boutats, na Flandres, poderia gravar o retrato de Aveiro sem o ter presente, a não ser que lhe fôsse remetida uma cópia ou um desenho.

¿Ou será essa gravura do *Anacephalaeoses* (inferior, como gravura, à da primeira edição, segundo me informa António da Rocha Madahil) uma reprodução de qualquer outro retrato dos muitos que existiram? — fig. 15 —.

Acentua, e bem, «que estamos em presença de um painel do século XV» e recorda a sua hipótese, de 1927, segundo a qual Dona Joana estaria representada no painel do Infante, do Museu Nacional de Arte Antiga, a que acima fizemos já devida referência; a essa hipótese, contudo, opõe agora reservas que enuncia por esta forma:

«Depois de observar directamente os painéis do Museu das Janelas Verdes, fiquei com maiores dúvidas. São certas as afinidades: mãos, corpete, rendas, colo, pescoço, olhar e sobrancelhas, ombros descaídos, expressão fisionómica; mas os lábios e o nariz parecem-me diferir tanto que me retrai muito na defesa da hipótese da identidade dos dois retratos.»

O Senhor Dr. ALBERTO SOUTO historia as exposições de Aveiro e extrata dos artigos de JOAQUIM de VASCONCELOS no *Comércio do Porto*, após a exposição de 1895, parte do que a respeito do retrato da Infanta lá se encontra, comentando sàbiamente as afirmações de VASCONCELOS naquele jornal e, depois, na *Arte Religiosa em Portugal*, que ao leitor ofereceremos acima, também, em transcrição integral. Abordando o problema da autoria do retrato, com VASCONCELOS e JOSÉ DE FIGUEIREDO, termina o seu valioso estudo hesitando na aceitação da tese deste último crítico de Arte, segundo a qual o quadro seria a cópia efectuada «por um pintor alemão, e na Alemanha, de um retrato original ido de Portugal e aqui pintado por Nuno Gonçalves». «Como se justificaria», escreve o ilustre Director do Museu de Aveiro, «a vinda do retrato da Alemanha para Portugal quando o lógico seria a sua remessa de Portugal para o estrangeiro?»

E como no erudito artigo de que nos permitimos extrair uma ou outra passagem (para melhor compreensão, por parte do leitor de hoje, de quanto adiante relacionaremos), generosamente se considera «não estar encerrado o debate

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

sobre a origem e autoria do retrato» (*A. D. A. citado, pág. 177*), muito à vontade nos sentimos trazendo a público os nossos apontamentos, mesmo ligeiros como são, de iconografia da



Fig. 15

Gravura a buril que ilustra a 2.^a edição, da Imprensa da Universidade de Coimbra, de 1793, da obra do P.^o ANTÓNIO DE VASCONCELOS, *Anacephalaeoses...*

Infanta, através dos quais alguns dos problemas da tábua quatrocentista do Museu de Aveiro se encontrarão em face de novos elementos de apreciação.

Na sequência cronológica do assunto, importa registar, após a publicação que deixamos extratada, nas páginas acima, de 1937, o aparecimento da nossa edição integral, em 1939, da *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana, filha del Rei D. Afonso v*; nela se recolhem elementos fundamentais para o debate do apaixonante problema iconográfico, em depoimento coevo de SOROR MARGARIDA PINHEIRO, como é sabido.

No ano seguinte, 1940, por ocasião das *Comemorações Nacionais*, aproveitou-se com superior intuição a excepcional oportunidade e realizou-se em Lisboa uma assombrosa «Exposição de *Os Primitivos Portugueses (1450-1550)*» no Museu Nacional de Arte Antiga; do que foi essa maravilhosa apresentação, que permitiu confrontos directos, até aí considerados praticamente impossíveis, muito facilitando os estudos da pintura antiga entre nós, ficou público testemunho no *Catálogo-guia* então saído, e no opulento volume — *Os Primitivos Portugueses* — onde a superior competência do Prof. Doutor REINALDO DOS SANTOS soube pôr em merecido relevo as obras-primas da pintura primitiva nacional.

O quadro do Museu de Aveiro ocupou na exposição lugar de justo destaque, como não podia deixar de ser, cabendo-lhe no catálogo a ficha que a seguir registamos, sob a epígrafe de — MESTRES NÃO IDENTIFICADOS:

15 — *Retrato da Princesa Santa Joana (1451 — sic — 1490)*

Pintura em madeira (carvalho) — Dimensões:

A. 0,60 × L. 0,40.

Cópia de um original da 2.ª metade do século xv

— *Estilo de Nuno Gonçalves.*

Aveiro — Museu Regional.

(*cat. ref.*, pág. 9)

Já dos últimos tempos é a publicação, em 1941, da prestimosa *História da Gravura Artística em Portugal*, do Professor ERNESTO SOARES, que veio, verdadeiramente, abrir horizontes novos ao conhecimento do que entre nós se praticou adentro dos domínios um tanto misteriosos, até então, dos gravadores e dos litógrafos: nela se reproduz a célebre gravura de BOUTTATS, em que muitos falaram e, até à data, só JOAQUIM DE VASCONCELOS mostrara conhecer (vol. I, pág. 148); complemento imprescindível da citada *História* é o monumental *Dicionário de Iconografia Portuguesa*, do mesmo autor e de FERREIRA LIMA, entretanto falecido, que publica novamente

a estampa de BOUTTATS (vol. II, pág. 178; 1948) enumerando quinze gravuras iconográficas da filha de D. Afonso V (1).

Da existência da gravura de BOUTTATS e da respectiva proveniência icónica, expressamente declarada na própria chapa pelo artista, com inteira clareza — fig. 11 —, fácil conhecimento podia qualquer estudioso ter desde que houvesse, algum dia, percorrido o inestimável *catálogo dos Retratos colligidos por Barbosa Machado*, organizado por ZEFERINO MORAIS BRUM e publicado no Rio de Janeiro (onde a colecção se encontra) no ano já distante de 1893; antes, portanto, da perturbadora e lacónica referência de JOAQUIM DE VASCONCELOS, de 1895, nunca suficientemente explicada: nem por ele próprio, nem por nenhum outro comentador do retrato da Infanta, aliás.

A explicação dava-a o catálogo da colecção Barbosa Machado, é certo; mas o que, todavia, se tornava particularmente difícil para quem não quisesse mandar vir do Rio de Janeiro fotografias da misteriosa gravura, era encontrar entre nós exemplares acessíveis para estudo; prestou portanto o Prof. ERNESTO SOARES à erudição nacional relevantíssimo serviço divulgando o buril em clara zincogravura nas obras acima referidas; o mesmo exemplar, pertença do erudito Historiador, foi por nós agora utilizado para minuciosa observação e para a fidelíssima fotogravura que acima acompanha estes desvaliosos apontamentos.

Teremos ocasião de historiar com minúcia os problemas que à volta da gravura de BOUTTATS se nos deparavam, e que, felizmente, conseguimos deslindar.

Em 1942 (26 de Junho), o suplemento literário *Bazar*, do jornal de Lisboa, *A Voz*, publica um artigo do MARQUÊS DE JÁCOME CORREIA, póstumo, apresentado por MARIA BARJONA DE FREITAS, e subordinado ao título de «*O retrato da Infanta D. Joana do Museu de Aveiro*». Conquanto de certo modo desconcertante, entendemos por dever não o omitir, uma vez que temos conhecimento da sua existência. É como segue:

«O museu de Aveiro é um destes núcleos artísticos que valem a pena serem visitados. Não encerra peças do valor das do museu de Viseu ou de Lamego, nem possui raridades como as colecções da Misericórdia de Setubal, mas no conjunto, o número de exemplares

(1) Entre essas 15 espécies contam-se retratos e registos de devoção. Dos registos, apenas (que se não podem considerar retratos, mas que importa conhecer, pois uma vez ou outra poderão reproduzir pinturas antigas), já PEDRO VITORINO publicara cinco e se reportara a um 6.º (*Terra Portuguesa*, vol. I, Natal de 1916). A tudo isso o presente estudo se referirá mais de espaço.

modelos é tão profuso desde os primitivos ensaios de porcelana da fábrica da Vista Alegre, aos quadros de várias escolas, que se não sai de lá sem considerar o tempo que levou a visita, como tempo profíquo para o estudo da arte nacional.

Uma das curiosidades que contém o museu é um retrato da Infanta D. Joana, que morreu no mosteiro e aonde jaz no sarcófago em mosaico de mármore mandado construir no século xvii por D. Pedro ii.

A Infanta foi uma das grandes protectoras da fundação de Jesus e por essa razão, por ser princesa real, ter rejeitado casamento para se consagrar à clausura e à vida monacal em prol da religião, chamaram-na Santa Joana.

O seu retrato com todas as características da escola portuguesa do século xvi em reprodução fotográfica faz lembrar a factura do pintor da Renascença que pintou a Madona com o menino que se encontra também no corredor do Museu; e perde por isso de valor histórico e talvez mesmo o artístico estando a desconsiderar a colecção por estar filiado numa obra genuína quando a sua mistificação, é flagrante a uma pequena análise crítica.

Não sendo contemporâneo da Infanta e não tendo portanto conhecido o pintor autor do quadro a sua retratada, é ela uma personagem moldada e copiada do retrato da prima, a Infanta D. Catarina a quem cabe a atribuição da effigie, não sendo de estranhár o encontro da táboa em Jesus por isso que ela não foi estranha à fundação do mosteiro com senhoras da côrte.

O vestido com o decote, a expressão fisionómica, tudo se assemelha ao retrato dos painéis de Nuno Gonçalves nas Janelas Verdes.

Identificada a pessoa do quadro na princesa D. Catarina estar-se-ia numa mais verdadeira senda histórica da origem dela, mas em nada influiria na apreciação da obra artística.

A pintura que reveste a madeira é uma pintura de tintas baças a vários tons de castanho, sem óleo, em gouache ou a cré e cola, como se encontram exemplares no meado do século xvii. É certo que o preparo parece do século xvi e executado pelo artista autor da Madona onde as tintas são próprias da época numa obra prima de mestre. Essas tintas nem impregnadas de óleo gordo nem distintas das usadas por Nuno Gonçalves, por Vasco Fernandes, ou mesmo pelo autor da série da vida da Virgem que se acha no museu da Virgem (*sic*) e que se caracteriza pelas cores vivas que emprega nas suas cenas,

essas cores são de um brilhante quase de esmalte que as separa da época em que pintavam os mestres referidos os quais usavam de maneiras e processos tão diferentes que não é necessário confronto para os distinguir.

Mas a infanta só se assemelha no desenho à maneira como este quinhentista pintava e só em gravura pode ser tomada como obra trabalhada pelo seu pincel, mas não à vista, por isso que essas cores e essa natureza de tintas são próprias do século XVII e só o indumento espesso e branco é da época ou parece, do autor da Madona.

O retrato parece que foi executado depois da morte de qualquer das infantas e no século XVII sobre qualquer tábua onde o original existisse estragado ou sobre outra cena ou retrato que não pudesse ser aproveitado.

Como este quadro é uma peça de colecção que inspira a imaginação dos guias, para lhe não prejudicar a atenção dos amadores de belas artes, aponto aqui as considerações que merece para entrar no devido valor artístico que lhe compete no Museu de Aveiro.

Além disso, como as escolas de pintura nacionais estão pouco estudadas na literatura vulgarizada ao viajante, não sendo raro filiar-se os quadros em pintura híbrida flamenga, lombarda ou genovesa, a suspeita de mistificação em informes desta natureza prejudica e perturba a disposição de qualquer amador mesmo bem humorado que peregrine por esses locais de curiosidades arqueológicas.

E há ainda o risco de se deixar passar para além fronteiras um mérito nacional de autêntico valor porque na desconfiança a lei do menor esforço arrima-se ao que lhe faculta prontamente a memória e o que ocorre são as celebridades para autenticarem autores de obras desconhecidas.

Eu próprio, que de há muito me couracei contra as dúvidas, achando-me na Madeira na primavera de 1925, pouco afeito a olhar quadros nacionais e menos identificado então do que hoje com as escolas de pintura nacionais, tomei várias táboas dos princípios do século XVI que existem nas igrejas do Funchal e das Velas por quadros dessas escolas híbridas onde a influência de processos de uns e outros é incontestável.

A crítica que delas fiz num livro que publiquei com o título «A ilha da Madeira» não deixa de servir à apreciação da pintura dessa época de mestres nacionais e estes não ficaram desmerecidos pela desnacionalização que lhes dei, no entanto não só reconheço o dever de os naturalizar como de apontar o exemplo do que pode influir a dúvida e a desconfiança no ânimo do mais con-

victo quando a desorientação veio substituir a inclinação natural e confiante do amador para apreciar a obra de arte.

Lisboa, 4 de Novembro.

Marquês de Jacome Correia»

E já agora, não ficará também sem adequado registo a estranha identificação conferida ao célebre quadro do Museu de Aveiro pelo distinto romancista e académico, Senhor Dr. SOUSA COSTA, na obra de grande tiragem que em 1943 publicou sob o título de *Imortais do Amor na História e na Lenda*; de pág. 221 por diante decorre o capítulo *Camões e a Infanta D. Maria*, sendo toda a página 226 ocupada por uma esplêndida reprodução a *offset*, em grande formato — 229^{mm} por 152 — do retrato do Museu aveirense; simplesmente, a legenda que o apresenta declara, sem hesitação nem justificação também, de espécie alguma:

«*Retrato duma Princesa — Época da Infanta D. Maria.*
Por Sanchez Coelho
Museu Nacional de Arte Antiga»

Não diz o consagrado escritor em que fundamenta as suas atribuições de autoria e de época; conquanto SOUSA COSTA se não tenha evidenciado, propriamente, como historiador ou crítico de Arte, a invulgar expansão que a sua obra alcançou através da editorial de *O Primeiro de Janeiro* e o seu nome respeitabilíssimo de escritor, obrigam-nos a arquivá-las nestas páginas de imparcial comentário (1).

Iniciámos esta primeira parte do nosso estudo com a declaração formal, de 1890, de que não existia retrato algum autêntico da Infanta Santa Joana. Encerramo-la agora com a interpretação do quadro do Museu, em 1943, como representando uma princesa, inominada, da época da Infanta D. Maria, de significado manifestamente equivalente àquela inicial declaração (2).

(1) A localização do quadro no Museu Nacional de Arte Antiga pode explicar-se pela circunstância de na Exposição de 1940 ele se encontrar ali, transitóriamente, e SOUSA COSTA tê-lo conhecido nessa ocasião. Quanto ao resto...

(2) Posteriores a 1943 são as publicações *Arte Portuguesa — Pintura*, dirigida pelo Dr. JOÃO BARREIRA, e a *História da Arte em Portugal*, do Dr. TAVARES CHICÓ; nada, porém, adiantam a respeito do retrato da Infanta, limitando-se, em breves palavras, a considerá-lo cópia dum original perdido. É a tese de JOSÉ DE FIGUEIREDO, como acima vimos.

Haverá, de facto, razões para se dever regressar ao ponto de vista de 1890?

De nada terá valido então quanto até hoje se escreveu acerca do retrato?

Adiante veremos como a pintura do Museu de Aveiro é publicamente considerada, há mais de três séculos, como o retrato autêntico de Santa Joana.

Deixámos nas páginas acima elementos suficientes para se acompanhar a história do retrato do Museu de Aveiro de há um século a esta parte.

Pouco mais haverá pertencente a esse período, certamente, e cremos, até, que de importante nada ali faltará. Resalvamos, contudo, por involuntária, alguma omissão sempre possível.

Mas o retrato da Princesa tem, ligado a si, razoável quantidade de problemas; e como o leitor pôde já observar pelas estampas que apresentámos e que pela primeira vez se agrupam em gravação que permita confrontá-las, a de 1621, da qual todas as restantes derivam, identifica-se em absoluto com o retrato encontrado por JOAQUIM DE VASCONCELOS em 1895 no coro alto do mosteiro de Jesus de Aveiro.

Importa portanto, antes de entrarmos na apreciação dos problemas adstritos àquela pintura, seguir também na bibliografia anterior ao século XIX o rasto que porventura dela por lá tenha ficado, além da sua reprodução gráfica no *Anacephalaeoses* do P.^o ANTONIO DE VASCONCELOS, o que é, como bem se compreende, de capital importância.

Até 1755 a bibliografia principal acerca da Infanta encontra-se coligida na obra a que já de passagem nos referimos, «*Épitome da vida de S.^{ta} Joanna, Princesa de Portugal, Religiosa da Ordem de S. Domingos, chamada vulgarmente a Santa Princesa. Traduzido do italiano em Portuguez, e accrescentado por hum seu devoto.* Lisboa, Na Officina de Manoel Soares, Anno de MDCCLV» (1).

O original italiano é a «*Breve narratione Della Vita della Beata Giovanna Principessa di Portogallo Dell'Ordine di San Domenico. Appellata communemente la Santa Principessa. Raccolta da vn Religioso dell'istess' Ordine di Lei Deuoto.* In Roma, Nella Stamp. della R. C. A. MDCXIII» (2), que também termina por uma lista bibliográfica.

Destinavam-se ambas, embora em épocas diferentes, a criar ambiente para a desejada canonização da Infanta.

(1) 20 págs. inums. — 1 est. a buril fora do texto — 208.

(2) 20 págs. inums. — 1 est. a buril fora do texto — 206 — 8 inums. — r de errata.

Para metodização de trabalho e, ao mesmo tempo, para fornecer elementos de utilidade ao estudioso, visto que o *Epitome* se não encontra já facilmente, a seguir transcrevemos a relação bibliográfica exarada no final da obra (pág. 203), a que juntamos em nota algumas observações de carácter bibliográfico também, que se nos afiguraram convenientes.

«Breve noticia dos Escretores da vida da Santa Princesa

— A Madre Soror MARGARIDA PINHEIRA foi a primeira que escreveu a vida da Santa Princesa em língua portuguesa: e sendo coetânea e indivisa companheira da Serva de Deus no Mosteiro de Jesus de Aveiro, pela observar continuamente em tudo que dizia ou obrava, não se pode duvidar que pusesse todo o possível cuidado para compor a sua vida completamente verdadeira, como ela muitas vezes afirma também com juramento.

Esta vida foi já produzida e compulsada no processo que se formou no ano de 1626 sobre a fama da santidade e sobre os milagres da serva de Deus, pelo Bispo de Coimbra, como Juiz ordinário; no qual processo se vê a sentença proferida pelo dito Bispo, que ao livro da sobredita vida convém dar, em Juízo e fora dele, plena e indubitável fé.

Da vida escrita por esta Venerável Religiosa dimanaram, como de claríssima fonte, os copiosos rios de outras vidas, que saíram à luz por sujeitos célebres, assim em doutrina como em virtude (1).

— Escreveu a vida da Santa Princesa, GARCIA DE RESENDE na *crónica de El Rei D. João II* em língua portuguesa, a qual foi impressa em Évora no ano de 1554.

— Escreveu-a depois o Padre Mestre Fr. ANTÓNIO DE SENA, da Ordem dos Pregadores, inserta nas *crónicas* da mesma Ordem por ele compostas na língua portuguesa e dadas à luz no ano do Senhor de 1585 (2).

(1) Foi integralmente impressa, em leitura cuidadosa e sem interpo-
lações de qualquer espécie, em 1939, como acima e em lugar competente
ficou dito.

(2) Aliás, e segundo DIOGO BARBOSA MACHADO (*Bibl. Lus.*), em lin-
gua latina; intitula-se a obra: *Chronicon Fratrum Ordinis Prædicatorum,*
in quo tum res notabiles, tum personæ doctrina, religione, et Sanctitate
conspiciuntur ab exordio Ordinis adhuc usque nostra tempora complectuntur.
Parisiis, apud Nicolaum Nivellium, 1585.

Este mesmo autor deixou inédita uma *Vita B. Joannæ Alphonsi V.*
et Elisabethæ Portugallie Regum filie Sanctimonialium Ord. Præd. in
Monasterio JESU dicto Civitatis Aveiro habita induta.

Fr. ANTÓNIO DE SENA tinha professado no Convento de Nossa Senhora
da Misericórdia, de Aveiro.

INOCÊNCIO (*Dic. Bibl.*), I, 267, nota da mesma forma o erro do *Epi-*
tome e declara que todas as obras do autor foram publicadas em latim.

— Escreveu-a da mesma sorte em língua portuguesa o Padre Mestre Fr. NICOLAU DIAS, que a estampou no ano de 1594.

— Escreveu-a o Padre Fr. JERÓNIMO ROMÃO, da Ordem de Santo Agostinho, historiador régio, e a deu à luz em língua espanhola no ano de 1595 (1).

— Escreveu-a o Padre Mestre Fr. JOÃO LOPES, da Ordem dos Pregadores, que depois foi Bispo de Monopoli, e a deu à estampa em língua espanhola no ano de 1613.

— Escreveu-a S. PIO V, da Ordem dos Pregadores, no terceiro tomo das *vidas dos Santos, e Beatos* da mesma Ordem, em língua italiana, impresso no ano de 1620.

— Escreveu-a em língua portuguesa o Padre Fr. LUÍS CÁCEGAS, da Ordem dos Pregadores, no livro das *Histórias de S. Domingos*, impresso no ano do Senhor de 1623 (2).

— Escreveu-a em língua latina o Padre ANTÓNIO DE VASCONCELOS, da Companhia de Jesus, no livro que compôs, intitulado: *Anacephalaeosis Regum Lusitaniae*, que foi dado à luz no ano de 1621.

— Escreveu-a em língua latina o Padre Mestre Fr. ABRÃO BZOVIO, da Ordem dos Pregadores, Analista Pontificio, na continuação dos *Anais do Cardeal Barónio* no tomo 18 impresso no ano do Senhor de 1627.

— Escreveu-a Monsenhor CARAMUEL (3) no livro intitulado: *Philippus prudens*, impresso em Anvers no ano de 1639.

— Escreveu-a em língua portuguesa o Padre Fr. LUÍS DE SOUSA, da Ordem dos Pregadores, na segunda parte da *História da Provincia de Portugal*, impresso em Lisboa no ano de 1662 (4).

— Escreveu-a em língua italiana o Padre PEDRO FRANCISCO TRESILEO, da Companhia de Jesus, no seu livro impresso no ano de 1664.

— Escreveu-a JORGE CARDOSO em língua latina no seu *Agiolôgio Lusitano*, no ano de 1666 (5).

(1) O titulo da obra de Fr. JERÓNIMO ROMAN é *Historia de los dos Religiosos Infantes de Portugal*, e a vida de Santa Joana decorre desde a fl. 115 v. até à 205 v.

Foi impressa em Medina.

(2) Ficaram manuscritas as obras de Fr. LUÍS CÁCEGAS; a Fr. LUÍS DE SOUSA se deve a sua recomposição, tendo sido impressas, mais tarde, com o nome dos dois escritores.

(3) Da obra de CARAMUEL demos já acima o titulo exacto; o nome do autor é Fr. JOÃO CARAMUEL LOBKOWITZ.

(4) A obra aqui attribuida a Fr. LUÍS DE SOUSA é a mesma acima citada sob o nome de Fr. LUÍS CÁCEGAS; v. nota 2.

(5) Novo lapso do *Epitome*, pois o *Agiolôgio Lusitano* foi publicado em lingua portuguesa.

— Escreveu-a em língua italiana o Padre Mestre MARCHEZI, da Ordem dos Pregadores, que foi depois Bispo de Pozzuolo no terceiro tomo do seu *Diário Sacro Dominicano*, dado à luz no ano do Senhor de 1670.

— Escreveu-a em língua portuguesa D. FERNANDO CORREA DE LACERDA, Bispo do Porto, impressa em Lisboa no ano de 1674.

— Escreveu-a MANUEL DE FARIA E SOUSA, em língua espanhola, no segundo tomo da *Europa Portuguesa*, impresso em Lisboa no ano de 1679.

— Escreveu-a em língua francesa o Padre Fr. TOMÁS SOVEGIO, da Ordem dos Pregadores, no terceiro tomo do *Ano Dominicano*, dado à luz em Amiens no ano de 1686.

— O Padre DANIEL PAPEBROCCHIO, da Companhia de Jesus, em um livro separado dos outros volumes deu à luz em língua latina, traduzida com as suas eruditas anotações, a vida da Santa Princesa, escrita na língua portuguesa pela Madre Soror MARGARIDA PINHEIRO, no ano do Senhor de 1688.

— Escreveu-a o Padre Fr. LUCAS DE SANTA CATARINA, cronista da Ordem dos Pregadores, nas suas *Estrelas Dominicanas* impressas em Lisboa no ano de 1709.

— Escreveu-a o Padre Fr. MANUEL DE LIMA, da Ordem dos Pregadores, no segundo tomo do *Agiológio Dominicano* impresso em Lisboa no ano de 1710.

— Escreveu-a finalmente o Padre Fr. DIOGO DO ROSÁRIO, da Ordem dos Pregadores, no primeiro tomo do seu *Flos Sanctorum* impresso em Lisboa no ano de 1741.»

Posteriormente à publicação do *Epitome* (que podia ter sido actualizada com mais bibliografia, visto datar de 1755) obras importantes se ocuparam da Infanta; deixando de parte, pelo seu carácter de mera compilação, as notícias dos Dicionários, das Enciclopédias, e das Histórias gerais de Portugal, bem como os simples artigos de Revistas ilustradas, de vulgarização, que nada adiantam, merecem-nos ainda atenção, pelo menos, a *Oracion Panegyrica de la Beatificacion de Santa Joana Princesa*, de Fr. GABRIEL PALAZUELOS (1695), o *Céu aberto na terra*, do P.^o FRANCISCO DE SANTA MARIA (1697), a *História Genealógica da Casa Real*, de D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA (1737), *Dissertações cronológicas e críticas*, de JOÃO PEDRO RIBEIRO (1810), *Quadro elementar*, do VISCONDE DE SANTARÉM (1853), os *Estudos biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa*, por JOSÉ BARBOSA CANAES DE FIGUEIREDO CASTELLO-BRANCO (1854), e as mais obras que deixámos citadas em 1939 no *prefácio* à nossa edição da *crónica*, de MARGARIDA PINHEIRO.

Toda essa bibliografia percorremos novamente, salvo quatro ou cinco espécies que as bibliotecas ao nosso alcance actual não possuíam, com o particular objectivo de extratar o que por lá se encontrasse registado a respeito de iconografia de Santa Joana, *objectivo único do presente estudo.*

Comecemos pelo tipo fisico da Infanta, de capital importância, que MARGARIDA PINHEIRO nos transmite ao mesmo tempo que deixa exaradas algumas observações pessoais valiosas, como vamos ver:

Passados hos ânos da Minynice da dita Senhora Iffante E princessa dona Johãna Creciia ã tanta alteza de fremosura. etender. E saber. que assy Como era cõtra natureza e Cousa desacustumada segundo a ordẽ do stylo e ãgenho natural. Assy cõvertiia todos os que a viã ã admiracã e spanto dando louvores a deus. ¶ Assy ã aquella tenrra Idade governava seu stado e Regiia seu paacõ. Como que fosse de perfeyta hydade. ¶ Nẽ lhe faziia mingua algũa. nõ tẽer vista e pratica de semelhãtes Cousas por Causa da acelerada morte da Rainha sua madre. ¶ Emtrando a dita Senhora Ifante Na hydade de nove e dez ânos. Comecou a sse demonstrar ã ella hũu maravilhoso Resplãndor de amor de deus. E leixãdo outros desefadãmẽtos que a dita Idade Requere. Comecou cõ grãde atento aprẽder leteras e querer entẽder Laty. (*Crõnica*, págs. 77 e 78)

Voava per todas as partes da Crystindade a ffama da grãde excellẽcia da fremosura e yndustria do entẽder E saber desta Ifãte princessa. E a todos Reys e principes de diverssos Reynos poynha ã grãde Cobiica e desejo de a veer e ouvir. ¶ E porque lhe era ypossivel por a distancia E alonguamẽto dos Regnos e terras. mãdavã pỹtores muỹ perfeytos que a vissẽ e tirassẽ per ho natural. pera poderẽ assy pyntada gozar de tanta fremosura. ¶ Antre os quaes foy ho muỹ serenissimo luys Rey de tranca primo de ell rrey dõ affonso padre da dita Senhora. E ho ãperador dalta lemanha cunhado seu. Casado cõ hũa Irmãa do dito Rey dom affonso. ¶ Certificavã e Juravã os pintores. nõ podiã nõ tiinhã sciẽcia pera poder penetrar & pyntar tanta graca e fremosura. ¶ Porem cõtudo trabalhavã por a afemẽcar e pỹtar. ¶ Del rrey de frãca seu tyo se afirmou que vẽdo a pỹtura a qual se diz era muito natural. que postos os giolhos ã terra deu gracias e louvores ao Senhor deus. ¶ Comecarõ algũus Reys e princepes de a demandar a el rrey seu padre pera Casamento. aos quaes por entõ nõ dava conssetimẽto por sua tenrra Idade. o qual aỹda entom nõ penetrava ho

Conselho divinal. que nõ de Rey terreal. Mas do celes-
trial e eternal avia de seer sposa. (*Crónica*, págs. 78 e 79)

Era de Idade de. quinze. anos. e Cantos a viiã Jul-
gavã seer de vynte cynco. tã grãde ã statura e fremo-
sura era. (*Crónica*, pág. 80)

E aynda que de tã nova Idade fosse. quãtos a viiã
e ouviã. Julgavã seer de vinte cynco. ou trinta. años.
per sua grãde prudẽcia e saber. ¶ Era no Rostro e corpo.
muỹ aposta. a frõte muito graciosa. os olhos verdes mui
fremosos. ho naryz meão e de boa ffeycã. a boca grossa
e Revolta. Rostro Redondo. ho Caram alvo cõ algũa
canta quer coor bẽ posta. muito fremosa gargãta e maõs
maes do que se podesse achar e veer a ninhũa outra
mulher. alta e grãde de Corpo dereyto. muỹ aposto e
ayroso. aa vista e Reprẽsentacã de grãde Senhora e estado.
(*Crónica*, pág. 89)

Recolhida já no Convento de Jesus de Aveiro, continua
a *Crónica*,

Nom mudou por entõ vestidos nẽ toucados que
ayda que muỹ honestos e baixos erã nõ sãdo mays que
hũ avito preto e outro brãco e faldrilha vys. E cabeca
cõ seus muito fremosos Cabellos ã nãstros e coiffa de
pernas. e beatilha lãcada. ¶ Isto nõ mudou por algũs
tẽpos. atee que tomou ho avito. ¶ Depois que entrou
neste moesteiro nõca maes Calcou luvas. nẽ pos anel ã
dedo salvo hũ soo desmeralda. e outro dano que trazia
sẽpre por Respeyto da Senhora sua tya presente que lhos
dera. E estes lancou no acafate quãdo lhe vestirõ ho
havyto. (*Crónica*, pág. 111)

Para a cerimõnia da investidura do hãbito, em Aveiro,

A muỹ devota Senhora se pos de giolhos ante a
santa madre. E ajudando a as parceyras soltos seus fre-
mosos e cõpridos Cabellos. a madre prioressa britiz ley-
toa lhos cortou cõ muita Reverẽca e cortesya (*Crónica*,
pág. 114).

E hũ soo anel desmeralda que sãpre trouxera tyrou
e lancou no acafate. (*Crónica*, pág. 115)

Como souberã e forõ certificadas sua Senhora prin-
cessa e Iffante do Reyno cortados seus fremosos Cabel-
los era toucada e vestida cõ os vestidos da ordem. (*Crõ-
nica*, pág. 121)

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

Diz o testamento da Infanta, enumerando os legados:

...Item ho Roby grãde do anel. ao princepe meu Senhor Item a meu sobrinho ho pendête das tres pedras. E ho pendête da esmeralda. Item aa Senhora minha tya ho vulto. (*Crónica*, pág. 154)

Por fim, MARGARIDA PINHEIRO, contando o que foram os últimos dias de vida da Infanta, fornece ainda indicações valiosas, tanto para precisar o tipo físico da Infanta como até para a história da Arte daquela época:

Determinou esta Senhora como fosse manhãa logo se cõfessar. E ally lhe dizerẽ myssa. e Receber ho Senhor. ¶ Ho que tudo assy foy feito. Armou e cõcertou hũ devoto altar a Irmãa Sacristãa ja dita aly meesmo na Casa grãde onde a sancta Senhora tiinha a Cama e jaziiã. veedo ella e ordenãdo ho lugar onde fezessẽ o dito altar pera aquela missa e comunhom. E mãdando põor as Imagẽes e Retavollos que ẽ elle lhe posessem... (pág. 156) Mãdou a dita Senhora Ifante stevesse assy ally ho altar Como stava E muito amiude fycãdo hos olhos no vulto e Imagẽ de nossa Senhora. (*Crónica*, pág. 157)

Inpossyvel he poder dizer as pallavras e exclamações que a nosso Senhor diziã. e depois tornava sse a nossa Senhora cuja Imagẽ cõ ho Menyno que esta mãdãdo ante ssy tiinha no altar que mãdara fazer pera a myssa. no qual stavã outrossy ha Cruz grãde da sua Capella. E ho seu vulto muito fremoso da Ressurreycã que aa Senhora sua tya leixou dessẽ por ficar da Raynha sua madre Irmãa da dita Senhora sua tya. (*Crónica*, pág. 162)

Allevantou os olhos a Cruz e crucifixo que ante ella tiinhã. E porque de seu natural eram verdes muito fremosos ẽ aquele põto stavam tã Claros. E ho verde assy em tal maneyra era Claro e Resplãdecete. que verdadeiramẽte pareciã smeraldas muyto fynas. postas ante ho olho do soll. (*Crónica*, pág. 168)

NICOLAU DIAS, o mais compendioso e um dos mais antigos biógrafos impressos da Infanta (1594), unicamente transcreve a *Crónica* manuscrita de MARGARIDA PINHEIRO, nada acrescentando com utilidade para a iconografia de Santa Joana, razão pela qual nos dispensamos de o extratar, depois de quanto acima já fica transcrito da própria *Crónica*.

Da mesma forma Fr. JERÓNIMO ROMAN (1595); embora declare ter visto a obra de NICOLAU DIAS, a *Crónica* de Soror MARGARIDA, e papéis da Casa de Bragança e de Tomar, compondo, em seguida, a sua história de maneira diferente (1), nenhuns elementos novos fornece, e decalca, afinal, a *Crónica*, o que, aliás, era inevitável a qualquer historiador, atentas as especiais circunstâncias em que fora escrita. Registrando, por exemplo, o tipo físico da Infanta, diz, como Soror MARGARIDA (e como NICOLAU DIAS, que também a seguiu)

«Fue la sancta Princesa de gentil cuerpo y disposicion, la cabeça muy graciosa, por tener los cauellos naturalmête como madexas de oro, los ojos verdes, y muy hermosos: la nariz muy proporcionada, los labios gruessos, el rostro redondo, el color blâco, mesclado cõ ciertas sombras coloradas, que la haziã muy agraciada, y en todo parecia Reyna.»

Depois de recolhida a descrição do tipo físico da Infanta na *Crónica*, não interessa, portanto, o que a esse respeito os mais biógrafos escreveram, pois a origem de todos é Soror MARGARIDA.

Em 1662 imprimiu-se o segundo tomo da *História de São Domingos, particular do Reino e conquistas de Portugal*, de Fr. LUÍS CÁCEGAS, «reformada em estilo e ordem; e amplificada em successos, e particularidades» por Fr. LUÍS DE SOUSA; mas Fr. LUÍS DE SOUSA faleceu em 1632, e Fr. LUÍS CÁCEGAS em 1610; a este se devem os elementos para a obra que saiu em nome dos dois, mas da qual o próprio Fr. LUÍS DE SOUSA declara (*Parte II, Liv. 4.º, cap. VII*) pertencer, em substância, a Fr. LUÍS CÁCEGAS, «a cujo nome, e trabalho se deve a parte mais substancial da presente escritura»... «dandolhe o primeiro lugar nella, porque na verdade se lhe deve. Andou perto de vinte annos polla Provincia investigando antiguidades dos Conventos, pera esta Historia»... Foy este seu trabalho meyo pera nos deixar junta a mayor parte da informação do que vamos historiando; e serviraõme os seus caminhos, pera eu poder escrever assentado, quieto, e escondido no canto da Cella. Em outras partes temos apontado, que nos deu materia, pera bom edificio, naõ edificio feito».

...«se elle naõ fora primeiro no merecimento de trabalhar, não pudera eu ser segundo no de escrever: porque a

(1) ...«Y el curioso que leyere la que anda en Portugues, y la que yo escriuo (que es toda mia) facilmente entendera la diferencia que ay de la vna a la otra.»

idade crescida em que buscamos a Religião, se bem nos deixou entender com esta fabrica, de todo impossibilitava o desassossego dos caminhos, e o mendigar das informações.»

A 1610, pelo menos, se devem portanto retrotrair as informações da obra impressa em 1662; ora a pág. 225, 1.ª coluna, ficou registado, entre os sucessos memoráveis ocorridos por intercessão da Santa Princesa, que

«Sendo noviça Sor Anna da Presentação, padecia hũs accidentes, que a priuauão de todos os sentidos. Trouxerãolhe hum retrato da Sancta, encomendouse a ella: desta mesma hora nam sentio mais semelhante mal em toda a vida.»

Ao nome de «Soror anna da apresentação» averba a *Crónica* (pág. 253) um registo de óbito «No anno do Senhor de mil seiscentos e treze»; é de presumir que se trate da mesma pessoa, tanto mais que não aparece outra alguma com o nome de Soror Ana da Apresentação; quando tenha sido noviça é que já não será fácil apurar, pois a *Crónica* regista as profissões antigas com o nome que as noviças usavam no século; sabe-se que

em 1508 professou Ana Dias,
em 1531 Ana Pereira e Ana de Melo,
em 1565 Ana de Vilhana,
em 1566 Ana Freire,
em 1575 Ana Henriques,
em 1592 Ana da Coluna, e
em 1603 Ana Natália.

Depois desta data só aparece Ana Maria já em 1618, o que a coloca fora de causa.

A averiguação de qual das referenciadas acima foi Soror Ana da Apresentação interessava para determinarmos a mais antiga referência a um retrato da Infanta existente em Aveiro; nem tudo, porém, aparece, e forçoso se torna contentarmos com o que há.

Do Padre ANTÓNIO DE VASCONCELOS e do P.º CARAMUEL LOBKOWITZ apresentámos já o mais valioso depoimento de quantos nos poderiam ter sido conservados: os retratos gravados a buril para ilustração das suas obras, respectivamente de 1621 (*Anacephalaeoses*) e 1639 (*Philippus Prudens*); o texto biográfico de qualquer dos dois panegiristas não fornece elementos novos com interesse iconográfico; mas a história do retrato não dispensa o conhecimento do que no prólogo daquelas obras ficou registado.

Assim, principiando pelo registo de quanto na portada da 1.ª edição da obra do P.º VASCONCELOS se encontra, temos:

«Anacephalæoses id est, summa capita actorum regum Lusitaniæ. Auctore P. Antonio Vasconcellio Societatis IESV Sacerdote, Theologo Olysiipponensi.

Accesserunt Epigrammata in singulos Reges ab insigni Poeta EMMANVELE PIMENTA eiusdem Societatis.

Et illorum effigies ad viuum expressæ, curâ, & sumptibus Emmanuelis Sueyro Regiæ Catholicæ Maiestatis Aulici Familiaris, Equitis militiæ Saluatoris nostri IESV CHRISTI; & Domini de Voorde.

Antverpiæ Apud Petrum & Ioannem Belleros. Anno MDC.XXI. — Cum Gratia & Priuilegio.»

Volvida a folha, logo se nos depara uma carta daquele MANUEL SUEYRO a Filipe IV, que principia deste modo:

Regum Lusitaniæ effigies meâ curâ æri insculptas, Augusto tuo nomini, Magne Rex, visum est inscribere, & quæ prisca est votorum formula, Lubens, Merito, Dedico, Consecróque; Lubens quidem, vt hac occasione cullus meû studium aliquod Maiestati vestræ offerrem, donec Flandriæ historiam auspiciis Sanctissimi Parentis Vestri Philippi III. inchoatam ad vmbilicum perduxero.

Merito verò, quia maiores vestros, quos rerum gestarum gloria cælo consecravit, nemo Maiestate vestra lubentius excipiet; rapitur enim ad similitudinem suorum excellens quæque natura, & cælestium animorum simulachrum refert decerpta ab iis aura: iuuabit illorum ora, vultusque contemplari, quorum diuinas virtutes assiduo æmularis, & felicissimè orbi reddis.»...

Nas considerações que, a seguir, o P.º VASCONCELOS dirige ao leitor, importa notar estas palavras, de interesse para a crítica artística da obra:

Vt effigies suis essent lineamentis absolutæ, lectissimus conquisitus est in Belgio incisor, cui pro Dædalo & Polycleto adfuit Emmanuel Sueyro Antverpiæ incola, Lusitanis editus parentibus, equestris in Lusitanæ aulæ familia dignitatis assignato in menses singulos nobili congiario, & illustrissimæ inter nostros Christi militiæ insignibus exornatus, vir & multarum linguarum, & optimarum scientiarum laude clarus, & vbiq; summo loco habitus, tam propter eximias animi & corporis dotes, quàm ob luculentos libros, quos edidit, & alios, quos in lucem sætura proxima emittet. Qui cum in promptu haberet optimas Regum effigies ex tota Lusitania dili-

genter comparatas, & singularum notas ex historijs attentè collectas, curauit, ne quid in archetypis industriæ & elegantiæ desideraretur. Regibus omnibus coronas apposimus, quamuis ijs aliqui in antiquis exemplaribus carerent, ne quis nodum in scirpo inesse putet, ex discrimine aliquid à veritate absonum coniectans.

Nulli antiqua armorum insignia, quorum suo cuiusque tempore vsus erat, apponimus, quia nodosæ illæ clauæ, rubiginææ secures, informesque thoraces plus habent vastitatis, quàm maiestatis, nec ad viuida cuiusque lineamenta spectantibus offerenda quidquam conferunt. Ideò singulos recentibus, & ideò gratioribus insignibus exornamus.

A segunda obra que nos transmitiu o retrato da Infanta, foi, como vimos, o *PHILIPPVS PRVDENS CAROLI V. IMP. FILIVS LVSI-TANIÆ ALGARBIÆ, INDIÆ, BRASILIÆ LEGITIMVS REX DEMONSTRATVS. A D. Ioanne Caramuel Lobkowitz Religioso Dunensi Ord. Cister. S. T. Doctore Louaniensi et Melrosensi Abbate. Antverpiæ, Ex officina Plantiniana Balthasaris Moreti. M.DC.XXXIX.*

Diz CARAMUEL, no final das páginas preliminares, que intitidou «*ocasio scribendi*»:

«Regvm effigies.

Expresserunt varij auctores Imagines Portugallensium Regvm. Exstant in Avlâ Vlyssiponensi ad viuum, vnde diligentia Marizij eas excepit; in hoc infelix, quòd nactus fuerit sculptorem incurium. Vasconcellius apud Belleros editur anno 1621. Regvm omnium effigies continens, sed non ad viuum: etenim penicillus audax eò respexit, vt pulchras potiùs efficeret quàm veras: alij aliter delineauerunt. Mediâ viâ insistens, Marizias effigies donauit subtili perfectione, & Vasconcellias veritate, nactus Pictorem celeberrimum E. Quellinum, & C. Gallæum optimum sculptorem. Vterque in suâ arte perfectissimus solertiâ summâ satisfecit. His felices delineationes debes; Domino autem Balthasari Moreto, & mihi, eos impendisse, vt seruiremus tuæ curiositati.»

Mas a história do retrato continua; D. FERNANDO CORREA DE LACERDA «*Indigno Bispo do Porto*», refere o mesmo caso de Soror Ana da Apresentação na *Virtuosa vida e sancta morte da Princesa Dona Ioanna* que se imprimiu em 1674, dizendo:

«Estando no anno do noviciado a Madre Soror Anna da Apresentação, lhe derão hūs grandes accidentes, que

a privação de todos os sentidos, trouxeraõlhe o retrato da Sancta Princesa, encomendouse a elle, & ficou saã; desta sorte, começou a ser milagrosa aquella imagem, em signal que aquella alma era sancta.»

De 1688 é dedicada pelo P. DANIEL PAPEBROCHIUS, S. J., ao Arcebispo de Lisboa D. LUÍS DE SOUSA, a biografia da Infanta publicada na colecção dos *Acta Sanctorum*, onde este precioso depoimento ocorre:

«Celebratur solenniter ibidem ipsius Joannæ festum hoc die, assistente toto oppidi Senatu, cum paramentis perquam splendidis, Missa & Sermone de Omnibus Sanctis, coram ejusdem imagine exposita in altari majori; quæ quidem imago, ipsam ad vivum repræsentat in habitu seculari, qualem apud P. Antonium de Vasconcellis in Anacephaleosi Regum Lusitaniæ ære expressam videre est. Non desunt tamen per provinciam aliæ, tam picturæ, quam statuæ, repræsentantes ipsam in habitu Dominicano, cum spinea corona in capite, crucifixo in manu, radiisque seu diademate, æque ac si esset ab Apostolica Sede Beatificata; haud dubie ideo, quia usque hodie a devoto populo invocatur cum titulo Sanctæ Principis, ex tacito saltem Prælatorum consensu. Quapropter etiam prædicto die, supramemoratum sepulcrum ostenditur inquilinis, illuminatum cereis; & per decursum anni etiam extraneis, non absque lumine, nec citra difficultatem: distribuitur etiam ab antiquo tempore terra, quæ in vaso porcellano servatur, a die suæ translationis: nec hodiedum deficit medicina istæc contra febres, quotidianis & patentibus miraculis comprobata.»

O leitor que tenha acompanhado o encadeamento das referências ao retrato do Museu de Aveiro encontra acima a reprodução da gravura que ilustra a narrativa de PAPEBROCHIUS — fig. 11 — e bem assim a da obra do P.^o ANTÓNIO DE VASCONCELOS, *Anacephalæoses* — fig. 4 —; esta última decalca, sem controvérsia possível, o retrato de Aveiro actual — figs. 10 e 13 —; por sua vez, PAPEBROCHIUS afirma que a gravura do *Anacephalæoses* reproduzia expressamente o quadro então existente no Mosteiro de Jesus.

A seguir aos *Acta Sanctorum* temos o depoimento de Fr. LUCAS DE SANTA CATARINA, com a sua prolixa e ultragongórica *Estrella Dominica novamente descuberta no Ceo da Igreja. História Panegyrica ornada com todo o genero de erudição Divina e humana* (dois tomos, respectivamente de 1709 e de 1713, das oficinas de Valentim da

Costa Deslandes e Real Deslandesiana, de Lisboa; o 1.º, apresenta, contudo, licenças para impressão datadas de 1704).

Através daquelas infundáveis páginas e páginas de palavrasos comentários perfeitamente inúteis, que raríssimos leitores terão conseguido suportar, Fr. LUCAS escassamente alude à iconografia da Infanta; no entanto, é talvez nessas páginas esquecidas que pela primeira vez terá ficado registada a notícia muito explorada por JOAQUIM DE VASCONCELOS, e, depois, por outros comentadores, de que o Bispo de Coimbra, D. João de Melo, trouxera para o seu paço um retrato da Infanta, hoje desconhecido. Adiante analisaremos, por nossa vez, esta declaração de nossos dias, e possivelmente se esclarecerá o assunto, sem dificuldades de maior.

Começa Fr. LUCAS por anotar que no altar fronteiro à porta da igreja do Convento de Jesus, de Aveiro, se colocou uma imagem de Santa Joana «em obra de talha, & a mais primorosa», ...«avultada em estatura humana» (T. II, pág. 149); divaga, em seguida, e, na página imediata, dá conta dos prodígios obrados pela memória da Infanta, registando então:

«Outra imagem havia no Mosteyro, em Retrato, que se copiou da Santa ao espirar, que como se herdara vida do Original, assim escutava as supplicas affligidas, que só a tibieza da Fé as fazia baldadas. Não o forão as do Prior do Convento (do mesmo hábito, & na mesma Villa) Fr. Jacinto das Neves, que achando-se atormentado de huma erysipella, que lhe tomava toda huma parte do corpo, & crescendo assim o mal rebelde às medicinas, que o mandaraõ sacramentar os Medicos, começando a contar-lhe as horas da vida, como a quem só esperavaõ vizinha a da morte; elle accendendo a Fé nos desenganos, pedindo que lhe trouxessem o Retrato da Santa, assim foy subita a melhora, que ao seguinte dia, antes pareceo resuscitado, que convalescente. Religioso que assistio ao prodigio, mo referio, & o jurou.

Este Retrato (aconselhado da fama de suas maravilhas) levou o Bispo de Coimbra D. João de Mello; prenda escolhida, & avaliada sò nos piedosos acertos do seu Espirito. Nas suas mãos o depositaraõ as Religiosas, como equivalente desempenho das demonstraçoens singulares, que o Mosteyro deve a este grande Prelado, estendendo-as o seu animo a toda a Familia Dominicana, não menos agradecida que penhorada. Não deyxou a Santa sem premio a veneraçãõ, desempenhando-o em alguns casos, que só a inconsideraçãõ negaria de prodigios. O que nos chegou com mais clareza à noticia, foy o que succedeo ao Conego da Sè da mesma Cidade

Manoel Bello, que chegando de huma enfermidade às portas da morte, pedindo-o, & trazendo-selhe o Retrato, & fazendo-selhe huma viva supplica, & por seu respeyto hũa esmola às suas Religiosas da Casa de Aveyro, sarou repentina, & milagrosamente.

Assim he venerado este Retrato em Coimbra, como a terra daquella sepultura em Aveyro. Aquella terra como argumento para Joanna luzida, este Retrato como sombra de Joanna Estrella»...

Mais adiante, já na pág. 152, anota ainda:

...Era inda Noviça no mesmo Mosteyro a Madre Soror Anna da Apresentação: padecia crueis accidentes, que a privavaõ dos sentidos. Como era achaque, não havia que recorrer a Medicos. Derão lhe hum Retrato da Santa, & venerando-a naquella sombra, com protestos de verdadeyra, & eterna devota, desde aquella hora se despedio de sorte aquella molestia, que a não sentio mais em sua vida.

A título de mera curiosidade e como exemplo da torturada expressão literária de Fr. Lucas, reflexo natural da sua época, aqui se arquivia a descrição do tipo físico da Infanta, tal como por ele nos foi legada, e que o leitor poderá, querendo, comparar com as sóbrias e objectivas palavras de Soror MARGARIDA PINHEIRO, desprovidas de pretensões estilísticas:

«Era a Princeza de idade de trinta & oyto annos, & tres mezes, de estatura alta, & senhoril; rosto proporcionado; olhos verdes, & rasgados; nariz igual às mais feyçoens; boca grossa, & vermelha; a cor alva, & rosada; o cabello louro, & em grão taõ subido, que passando a verdades os idiomas do encarecimento, antes pareciaõ rayos, que cabellos; propriedade que inda não perderão, defunto o Sol de que foraõ rayos, como se quizeraõ mostrar que fora nelles a morte antes nuvem, que eclipse. Verdade he de que póde testemunhar a vista, & de que a ventura me fez tambem testemunha. Presença magestosa; ar, & graça nativa, nas aççoens, como nas palavras; de sorte que a via o respeito, & a escutava o agrado.» (págs. 100 e 101).

JOSEPH PEREYRA BAYAM no seu *Portugal glorioso, e illustrado com a vida, e virtudes das bemaventuradas Rainhas santas Sancha, Theresa, Mafalda, Isabel, e Joanna. Breve noticia dos seus milagres, de seus cultos, e Trasladações...*

«Lisboa occidental, Na Officina de Pedro Ferreyra. M.DCCXXVII.», regista, por sua vez, divergindo de Fr. LUCAS em pormenores da maior importância acerca do retrato:

«Alli «(no túmulo de ébano para onde se trasladou em 1577 o corpo da Infanta)» esteve depositado por muytos annos o thesouro do mayor valor daquellas prodigiosas Reliquias sem mais culto, que o de huma Missa cantada de todos os Santos com Sermaõ, em que conformando-se com as disposiçoens Pontificias, se lhe referiaõ suas virtudes, e milagres com protesto de naõ terem mais approvaçaõ da Igreja, que a que lhe dava o tacito consentimento, e a pia veneraçãõ dos Fieis, a qual Festa se celebrava em 12. de Mayo, dia de seu precioso tranzito; porèm com paramentos ricos, expondo no Altar môr hum quadro, em que ella està retratada ao natural trazida da maneyra que andava no seculo, e assistindo 'o Senado da Villa, mostrando-se tambem no mesmo dia o referido sepulchro a todos os Fieis, que alli concorriaõ, exornado de luzes, e pelo discurso do anno aos forasteyros com alguma difficuldade, o que já hoje se faz com muyto mayor hostentaçaõ.

Este Quadro, ou Retrato verdadeyro tem sido instrumento de raras maravilhas. Com a sua vista desapareceo huma grave erysipela, que atormentava gravemente ao Padre Frey Jacintho das Neves, Prior do Convento de Saõ Domingos de Aveyro, encomendando-se a ella. Presentáraõ-no as Freyras ao Bispo de Coimbra Dom Joaõ de Mello, quando alli foy no anno de 1689. formar os Processos para a sua Canonizaçaõ, como adiante se dirã, o qual namorado delle lho pedio, e trouxe para o seu Paço, onde tem continuado os mesmos favores. Pedio-o o Conego Manoel Bello, estando gravemente enfermo, e tanto que lho trouxeraõ, pondo os olhos nelle, e fazendo huma fervorosa supplica à Santa, recebeo a Saude desejada, e por este respeyto fez huma boa esmola às Freyras do dito Mosteyro de JESU.

Havia já com tudo pela Provincia outras muytas Imagens suas, assim de pintura, como de vulto no Habito de Saõ Domingos, com coroa de espinhos na cabeça, porque era a sua Real empreza, e Crucifixo na mão, resplandores, e diademas, como se estivera já Beatificada pela Sè Apostolica: porque a fama de sua Santidade foy sempre tão grande, que depois de sua morte continuamente foy invocada pelo pio, e devoto povo, com o titulo de *Princeza Santa*, com tacito consentimento dos Prelados.»

Para encerrarmos esta segunda parte da bibliografia do retrato da Infanta, constituída pelas referências colhidas em *obras de data anterior a 1890*, já que daí até à actualidade a passámos primeiramente em revista, em consequência de termos escolhido aquela data para ponto de partida do nosso estudo, convém mencionar ainda os já citados *Retratos, e elogios dos Varões, e Donas que illustraram a Nação Portuguesa*... datados, na capa, de 1817, mas iniciados cerca de dez anos antes.

Biografando a Infanta, remata o artigo respectivo por estas palavras, já nossas conhecidas também, pois JOAQUIM DE VASCONCELOS as transcreveu em nota à sua descrição do retrato na *Arte Religiosa em Portugal*, como acima vimos:

«No Altar mór da Igreja daquelle Convento estava collocado um quadro de pincel vera effigie sua, trajada á maneira que andava no seculo, que o Bispo D. João de Mello por occasião do processo da sua Beatificação, tresladou com licença das Religiosas ao seu Paço de Coimbra. Muitos consta que havia na Provincia, em que estava no habito Dominico. Offerecemo-la conforme ao primeiro quadro, segundo a traz o P. Vasconcellos na *Anacephaleosis*, e bem semelhante ao que vem no *Acta Sanct. Maio Tom. III. pag. 692.*» (1)

Nessa mesma colecção de *Retratos e Elogios dos Varões e Donas* se encontra igualmente a biografia do Bispo de Coimbra D. João de Mello; e lá vem, em duas breves linhas embora, a notícia de que «Fez conduzir do convento de Jesus de Aveiro o retrato original de Santa Joanna Princeza, para o seu paço».

Em reforço desta bibliografia *útil*, toda por nós lida e seleccionada com não pequeno trabalho, pois necessário se tornou recorrer a várias bibliotecas públicas e particulares — e nem tudo quanto buscávamos appareceu — alguma coisa de novo se pode ainda aduzir.

Foi a Infanta beatificada por Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos de 20 de Dezembro de 1692, confirmado *per vivæ vocis oraculum* pelo Papa Inocência XII a 30 desse mês

(1) É precisamente o contrário que se observa, afinal, como as nossas gravuras permitem concluir. O retrato publicado em *Varões e Donas* — fig. 2 — é «conforme» ao dos *Acta Sanctorum*, — fig. 11 — e «bem semelhante» ao do *Anacephalæoses* — fig. 4 — pois neste último respeitou-se o decote que o retrato original apresenta — fig. 10 — ao passo que no dos *Acta Sanctorum* se lhe velou o colo com uma camisa pregueada, que o dos *Varões e Donas* imitou.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

e, depois, pela Bula de 4 de Abril de 1693; levou, contudo, seu tempo até se atingir esse resultado; dois processos se organizaram: o primeiro no ano de 1626 e o outro em 1686, com *Autoridade Ordinária* respectivamente dos Bispos de Coimbra D. João Manuel, que governou a diocese até 1633, e D. João de Melo, que não ultrapassou o ano de 1704⁽¹⁾.

A meticulosidade dos referidos processos foi grande; depuseram peritos acerca dos restos mortais da Infanta, acerca dos prodígios observados por intercessão dela, acerca da Crónica de MARGARIDA PINHEIRO, e — acerca do retrato pintado, original, inquirindo-se não só da sua antiguidade, como da autenticidade e do culto que no Convento se lhe prestava.

No Arquivo Secreto do Vaticano, segundo observação pessoal a que recentemente procedeu o Rev. Raúl de Almeida Rolo O. P.⁽²⁾, encontram-se seis processos organizados para a causa da beatificação da Infanta, assim sumariados:

- 1 — Processo ordinário, corrido em Coimbra, e iniciado a 13 de Janeiro de 1686, no qual aparece compulsado outro, organizado em 1626.
- 2 — Processo ordinário, corrido em Coimbra, iniciado a 11 de Março de 1687, sobre o culto, veneração, prodígios e maravilhas da Infanta.
- 3 — Processo apostólico, corrido em Lisboa, iniciado a 4 de Abril de 1689 em virtude de letras da Sagrada Congregação dos Ritos, em que se dava faculdade de reconhecer as imagens da Infanta expostas à veneração pública desde tempos antigos.
- 4 — Processo apostólico, corrido em Évora, iniciado a 2 de Maio de 1689 em virtude de letras da Sagrada Congregação dos Ritos, em que se dava faculdade para visitar, reconhecer e descrever a imagem da Infanta.
- 5 — Processo apostólico, corrido em Coimbra, iniciado a 2 de Janeiro de 1689 em virtude de letras da Sagrada Congregação dos Ritos, tendo por objecto o culto da Infanta.

(1) Entre os dois referidos Prelados mediarão ainda mais quatro, a saber: D. Jorge de Melo (1635-1638), D. Joane Mendes de Távora (1638-1646), D. Manuel de Noronha (1668-1671), e D. Fr. Álvaro de São Boaventura (1672-1683).

(2) A solicitação directa do Rev. Avelino de Jesus da Costa, distinto Prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de quem a história da Infanta recentemente recebeu importante subsídio com o seu valioso estudo: *Relações de D. Afonso V com Castela e Aragão em 1460* (Braga, 1952).

Aos dois eruditos historiadores aqui deixamos consignado o nosso muito reconhecimento pelo magnífico serviço que se dignaram prestar a este esboço de estudo.

6 — Processo apostólico «super virtutibus et miraculis in specie», corrido em Coimbra de 1749 a 1752.

Os processos encontram-se traduzidos para italiano, mas conservam-se igualmente os textos portuguezes; do processo de 1749 a 1752 existe, mesmo, o original.

Sob a cota n.º 490 (que abrange os textos portuguezes e a tradução para italiano dos processos corridos em 1689 em Évora, Lisboa e Coimbra) fornece o Arquivo importantes elementos para a história das pinturas alusivas à Infanta e existentes, naquela data, em Évora e em Lisboa.

Pelo que respeita a Évora, verifica-se terem sido peritos na autenticação e exame das pinturas Francisco Nunes Varela e Diogo Rodrigues Pinto, e o acto teve lugar em 9 de Maio de 1689; as pinturas analisadas foram:

«imagem que está pintada em a parede de huma meia laranja que está sobre a escada que vai para o dormitório do Convento de S. Domingos» e

«quadros que estão na sacristia do ditto Mosteiro e tem pintada a ditta serva de Deos.»

Fez-se igualmente o reconhecimento duma pintura do coro do referido Convento, bem como a autenticação dum quadro pertencente ao Convento de S. Domingos, de Montemor o Novo, que para esse efeito se apresentou aos peritos, em Évora, naquela mesma data.

Procederam, ainda, ao reconhecimento doutro quadro pertencente ao Convento de Santa Catarina de Sena, de Évora também.

Em Lisboa, foram peritos em idêntica autenticação, Bento Coelho da Silveira e António Freitas Franco.

Pinturas ali examinadas em 28 de Novembro de 1689:

Quadro do coro do Noviciado do Convento do Salvador.

Quadro de um arco do dormitório do Convento da Anunciada, contraposto a outro de Santa Catarina de Sena, tendo, no meio, uma pintura que representava Nossa Senhora do Rosário.

Oportunamente desenvolveremos estes elementos, sumariamente apontados, se obtivermos, como desejamos, uma cópia integral da parte dos processos que diz respeito à iconografia da Infanta (1).

(1) Também no Arquivo Geral da Ordem dos Pregadores, em Roma, se conserva uma cópia autêntica do processo de 1749-1752, e vários documentos, quer manuscritos quer impressos, relacionados com os anteriores.

Parece, pelo que nos é comunicado, que neles se não contém elementos aproveitáveis à iconografia da Infanta.

Em Coimbra, onde os originaes dos processos aqui organizados parece que deviam ter ficado (vimos já, em todo o caso, que o de 1749 a 1752 se encontra no Arquivo Secreto do Vaticano), alguma coisa se pode recolher também, embora muito se haja extraviado pelas conhecidas vicissitudes dos tempos.

Quando em 1933, por delegação expressa do Director do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra — o Prof. Doutor Ferrand de Almeida — procedi à incorporação de doze camionetas de documentos que se encontravam, nas mais precárias circunstâncias de conservação e de instalação, na Câmara Eclesiástica da Diocese, vieram milhares e milhares de papéis que só muito mais tarde, por falta absoluta de pessoal (visto que de 1932 a 1948 fomos o único funcionário técnico da Casa), puderam ser vistos e agrupados; justamente nos últimos tempos que antecederam a transferência do Arquivo para as novas instalações da Cidade-Universitária, apareceram, entre os papéis avulsos recolhidos em 1933, uns cadernos desirmanados que depois de lidos verifiquei pertencerem a dois processos, truncados, de canonização: um, das Infantas Sancha e Teresa, do Mosteiro de Lorvão; o outro, da Infanta Joana, do Convento de Jesus, de Aveiro.

Sempre à espera de que o acaso fizesse aparecer o restante, necessário à reconstituição integral dos processos, não copiei por completo os cadernos que então li, e dos quais fui tomando alguns apontamentos; entretanto o Arquivo transferiu-se para as novas instalações e presentemente desconheço o paradeiro daqueles papéis, preciosos para agora.

Anotei então, no entanto, que os peritos chamados a pronunciar-se acerca dum retrato o acharam autêntico e declararam que tinha mais de duzentos anos de pintado.

Pormenorizando, tanto quanto neste momento nos é possível, desses cadernos incompletos consta, referido a 1689, que em 22 de Julho se realizou nas casas de residência do Prelado D. João de Melo, em Aveiro, a 27.^a sessão para «nomear officiais, como escrivães, pintores, carpinteiros e pedreiros peritos para haver de assistir à visita do Sepulcro da Venerável Serva de Deus a Princesa Dona Joana», tendo sido escolhidos os seguintes:

- Manuel João Madahil e Roque de Matos, escrivães do Judicial de Aveiro (1).

(1) Fala-se ainda nos escrivães Ventura Pacheco e Francisco Soares Rebelo, mas declara-se que «os mais peritos entre eles que são Manuel João Madahil e Roque de Matos» dizendo um depoente «que tem visto muitas vezes suas letras e entende que são capazes de julgarem a antiguidade de

- António da Mota, Francisco Alberto e Francisco da Mota, pintores.
- Manuel André Camarada e António Rodrigues Pardal, carpinteiros.
- João Dias, João Rodrigues e Manuel Caldeira, pedreiros. Todos de Aveiro.

Iniciadas as vistorias a 28 de Julho, aberto o túmulo antigo, de pau preto com applicações de bronze e supedâneo de pedra de Outil, lavrada, que os peritos declararam dever ser obra com mais de 180 anos, medido tudo, examinados os ossos, passaram ao coro de cima; uma vez aí, foram presentes várias relíquias da Infanta consistindo em peças de vestuário e «huma trança ou madeixa de cabelos metidos em hum listam encarnado», dos quais se assentou «serem tam louros como o fio douro» e não apresentarem sinais de corrução (deles foram retirados alguns fios com destino ao Rei e à Rainha).

Passando-se ao exame das pinturas, ainda no coro de cima, registou-se em primeiro lugar que existia um retrato da venerável serva de Deus, pintada *em trajes de secular*, como se diz nos autos, «na forma em que veio para aquelle Convento, a qual pintura e imagem he a que se expoem publicamente em hum altar juncto a seu sepulchro em o dia que as Relligiosas celebram solememente seu obito que he a doze de mayo».

A seguir, continuam os autos, uma imagem que está pintada em um quadro grande, de corpo inteiro, no mesmo coro, da parte esquerda, entre outros da Ordem, no qual

letras e escrituras por serem os mais peritos entre todos e que são capazes de assim julgar em que se lhe pode dar crédito a todo o juizo que fizeram».

A propósito de Manuel João Madahil, sabemos que tinha sido nomeado pelo Marquês de Alegrete «feitor do Consulado da alff.^a da V.^a de Aveiro» em 1696 (Livro dos registos dos contratos da Alfândega de Aveiro, ano de 1696, pág. 22).

Do mesmo apelido regista a *História de São Domingos* um professo, dizendo: «Frey Affonso de Madayl, por habilidade rara, foi admittido entre os primeiros Collegiais do novo Collegio, que el Rey Dom Manoel instituhio no Convento de S. Domingos de Lisboa, e nelle veyo depois a ser Prior (*Hist. cit.*, II, 228 da 2.^a ed.).

E MARGARIDA PINHEIRO arquivou memória de que, para alargar o primitivo edificio do Convento de Jesus, «Comprou logo a devota madre e Senhora britiz leytoa daquele dinheyro hñas Casas novas cõ seu orto poco latas e chãos darredor, as quaes Casas de novo tinha feytas jũto com as suas. hũ Joam de madail cryado de diogo de tayde. ¶ Forom cõpradas no anno do Senhor. de Myl quatroçcetos E sesenta» (*Crónica*, pág. 20).

O leitor perdoará esta mera curiosidade onomástica, aliás compreensível, e que não pretende, de forma alguma, estabelecer ligações de parentesco com quem isto escreve e, por singular coincidência, toda a *Crónica* de Santa Joana copiou e de algum modo comentou.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

se vê a Santa Princesa com uma palma na mão e também uma coroa de espinhos; tem resplendor, e três coroas aos pés; uma legenda diz: *Sancta Princeza*; era obra de Manuel da Costa, pintor da cidade do Porto, e teria 12 ou 14 anos.

Ainda no coro de cima, outra pintura colocada num altar colateral, do lado esquerdo, consagrado a S. Domingos, apresentava a Infanta com hábito de dominicana sustentando nas mãos uma coroa de espinhos. Media palmo e meio de altura e atribuiu-se-lhe a antiguidade de 180 anos. Sobre a cadeira dos Prelados, no coro de cima, volta a referir-se que estava a pintura em meio corpo, em traje secular, conforme veio para aquele convento; e sendo mostrada aos pintores António da Mota e Francisco Alberto, que muito minuciosamente a examinaram, «declararam ser a dita pintura o proprio original da Veneravel Serva de Deos, e nam copia delle»; atendendo à forma da pintura e ao traje, como officiais antigos que eram, declaravam que a dita pintura seria feita «ha mais passante de duzentos e vinte annos pouco mais ou menos», registando-se novamente que as Religiosas a expunham num altar no coro de baixo.

Na capela da enfermaria, que era toda apainelada, por cima, adornada com muitas pinturas de Santos da Ordem, via-se, sobranceira ao retábulo do altar, a Infanta com hábito de Dominicana, três coroas aos pés, uma açucena em uma das mãos e um livro na outra; tinha também resplendor e era obra de António André, pintor da cidade do Porto. Atribuíram-lhe 70 anos de antiguidade.

Passaram em seguida à igreja do Convento e anotaram uma pintura do teto, do lado esquerdo, entre outros Santos da Ordem; a Infanta envergava o hábito dominicano, tinha três coroas aos pés, e, ao lado, as armas de Portugal.

Mais depoimentos existiram, evidentemente, e mais até podíamos ter extratado dos cadernos por nós colleccionados; não o fizemos, porém, e agora só a cópia pedida para Roma poderá acrescentar o que deixamos acima.

Mas nem tudo se perdeu, e o que em apontamento me ficou pode cá receber confirmação e sem dificuldade. Existe no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças um tomo de propriedades do antigo Convento de Santa Joana, de Lisboa, que minuciosamente compulsei por mais de uma vez; nele se encontram quatro pequenos impressos sem data respeitantes à Infanta Santa Joana, e muito úteis para a fixação da iconografia, pois sumariam, de certo modo, o processo organizado em 1626, do qual seriam cópia truncada os cadernos recolhidos da Câmara Eclesiástica de Coimbra ao Arquivo da Universidade em 1933.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Intitulam-se os rarísimos impressos:

SACRA RITVVM // CONGREGATIONE // *Eminentissimo & Reuerendissimo Domino* // CARD. DE ABDVA // COIMBRIEN. // Canonizationis // B. IOANNÆ, FILIÆ // ALPHONSI V. // Regis Lusitaniæ, & Religiosæ Ord. S. Do- // minici, Sanctæ Principis nuncupatæ. // MEMORIALE // CVM RESVMATVR // Pro confirmatione Sententiæ Iudicis Delegati, // super Cultu immemorabili, & casu // excepto prolatae.

s. d. (posterior a 1689, data do processo da canonização mais recente, aí citado); 6 págs., continuadas adiante, de 7 a 11, pelo impresso seguinte:

COIMBRIEN. // Beatificationis, & Canonizationis // SERVÆ DEI // IOANNÆ // Filiæ Alphonsi v. Regis Lusitaniæ, & // Religiosæ Ordinis S. Dominici. // ANIMADVERSIONES // Reuerendissimi Domini Fidei // Promotoris. //

s. d. (referências ao ano de 1689).

COIMBRIEN // CANONIZATIONIS // B. IOANNÆ // Filiæ Alphonsi v. Regis Lusitaniæ, & // Religiosæ Ordinis S. Dominici, San- // ctæ Principis nuncupatæ. // SVMMARIVM. // *Ex Processu Coimbriensi fabricato anno 1626 // super Fama Sanctitatis Beatæ.*

s. d. (apresenta referências ao ano 1689).

COIMBRIEN. // Canonizationis // B. IOANNÆ, FILIÆ // ALPHONSI V // Regis Lusitaniæ, & Religiosæ Ord. S. Do- // minici, Sanctæ Principis nuncupatæ. // RESPONSIO // AD ANIMADVERSIONES // Reuerendissimi D. Promotoris Fidei.

s. d. (referências ao ano de 1689).

Do primeiro destes impressos, estabelecendo a antiguidade do culto prestado à Infanta, consta:

...Sed euentius demonstratur hæc antiquissima Sanctæ denominatio ex vetusto pergameno anni 1496. *Summario Positionis Num. 19. pag. 31. ante medium*, quo dicitur: *Sentenza dell'Hauere dell'Infanta Santa*. Et ex Codice Vitæ, exarato paulò post obitum Beatæ, vbi centies Sancta appellatur dicto Num. 19. pag. 130. & 131. & latius in Responsione pag. 18 §. *Rursus*. Ex quibus binis antiquissimis documentis augetur fides Testium dictorum trium Processuum, asseuerantium hanc vetustissimam, & immemorabilem nuncupationem *Beatæ, & Sanctæ*.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

Ex Processu verò dicti anni 1689. clariores species publici Cultus habentur ex Imaginibus Beatæ, quas tantum hic adducemus, quæ certius demonstrant antiquitatem centenariam Cultus, completam ante dictum annum 1634.

Refere depois a existência de dez imagens de Santa Joana: a 1.^a, que todos os anos era exposta *junto do sepulcro da Princesa — em Aveiro, portanto* — no dia da festa, era considerada centenária já pelas testemunhas do processo de 1626. Não a descreve, e passa à imagem n.º 3.

Estava a 3.^a imagem sobre o altar de S. Domingos, em Aveiro, ao que é de presumir, entre as imagens das 11.000 virgens e dos 40 mártires. Também a não descreve, passando a referir a n.º 7. Essa era «sita in fornice Collegij Sanctæ Thomæ» e tinha a inscrição SANCTA IOANNA, afirmando os peritos ter sido pintada por ocasião da fundação daquele Colégio, no tempo de D. João III, que principiou a reinar em 1521; trata-se, evidentemente, do *Colégio de S. Tomás em Coimbra*. Passa à n.º 10, colocada no altar da igreja do convento de *S. Domingos da cidade de Lisboa*, com o título de SANCTA IOANNA; no meio estava a imagem de S. Domingos, do lado do Evangelho a de S.^{ma} Catarina de Sena, e do lado da Epístola a da Princesa; os peritos consideravam-na, em 1689, pintada «à biscentum annis»...

Diz ainda, a seguir:

Cultus itaque centenarius completus ante dictum annum 1634. resultat ex annua, et solemni Festiuitate cum Cereis, et Candelis accensis ad Sepulchrum ex vniuersa, et antonomastica denominatione *Beatæ et Sanctæ*, cum veneratione Sepulchri, et Reliquiarum, ac ex *quatuor* Imaginibus præmemoratis, et aliquæ ex his speciebus Cultus habent Centenariam completam ante annum 1625. vti ostendimus.....

Remata, na continuação que apresentamos em segundo lugar, respondendo as «animadversiones» do Promotor da Fé,

«abundè liquet, ex dicta publica denominatione, & quatuor Imaginibus vetustioribus probari centenarium Cultum completum, nedum ante annum 1634. sed etiam ante annum 1625.» assinado: Paulus Petrus Lamparinus E Colleg. Patr. Caus. S. Pal. Apost. Revisto por Andreas Pierius Subpromotor Fidei.

O impresso que enumerámos em terceiro lugar sumaria depoimentos de testemunhas, freiras e outras, dizendo que a Princesa era tida por Santa e fazia milagres, venerando o povo as suas relíquias (1).

Esgotada, deste modo, a *bibliografia útil*, antiga e moderna, do retrato do Museu de Aveiro que foi possível compulsar — e pela primeira vez um trabalho desta natureza, sempre fundamental, foi tentado — é tempo de equacionarmos com os elementos recolhidos os problemas adstritos ao quadro.

Desde a fundação do Museu — há quarenta anos — que a preciosa pintura nos é familiar, e de então para cá repetidas vezes perante ela nos temos detido, procurando penetrar os segredos que a sua vida multiseccular ciosamente esconde; são de 5 de Novembro do corrente ano as últimas horas que junto dela passámos, completando apontamentos e esclarecendo dúvidas, pois grandes divergências a seu respeito se apresentam entre os historiadores, como certamente o leitor terá notado ao acompanhar os extratos que acima fomos deixando.

Na verdade, e principiando... *pelo principio*, nós encontramos, por exemplo, que, para JOAQUIM DE VASCONCELOS, o retrato é pintado em tábua de *castanho*; para JOSÉ DE FIGUEIREDO, o suporte da pintura é *nogueira*; e finalmente, na opinião do Prof. REINALDO DOS SANTOS, não é uma coisa nem outra, pois identifica por sua vez a tábua como sendo *carvalho*.

Uma espessa camada de tinta arroxeadada, aplicada por ocasião do último restauro a todo o reverso do retrato, dificulta hoje, lamentavelmente, a identificação definitiva do suporte; alguém, todavia, raspou um pouco em dois pequenos pontos o referido revestimento, deixando a descoberto uns centímetros de madeira, que parece, efectivamente, *carvalho*; mas só o levantamento completo da extemporânea camada de tinta roxa permitirá uma opinião definitiva, tanto

(1) O que na Biblioteca Nacional de Lisboa se encontra, de pág. 100 a 184 v.º da miscelânea de processos de beatificação e canonização (*Fundo geral de mss., n.º 5943*) com a epigrafe de «*Pro-rite ac Valide Compilando Processu Apostolico Super Virtutibus, et Miraculis in Specie in Causa Canonisationis Beatæ Joannæ Filie Alphonsi Quinti Portugaliæ Regis Religiosæ Ordinis Sancti Dominici cognomento Sanctæ Principis*», de 1749, são apenas as instruções e os formulários para o juramento dos peritos e para a organização do processo. Não contém qualquer elemento aproveitável à iconografia da Infanta.

mais que é assunto controvertido e três eminentes críticos de arte divergem nas conclusões.

Procurando no arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga o processo relativo aos restauros ali efectuados, com o fim de conhecermos a versão oficial de tão desconcertante caso, muito obsequiosa e prontamente ele foi posto à nossa disposição, nada, no entanto, esclarecendo, pois a ficha dactilografada, portadora de um questionário minuciosamente elaborado, encontra-se completamente por preencher e diz apenas ter o quadro saído da oficina de restauro em 1936 (sem indicação de dia nem de mês) e voltado (para segundo tratamento) em 7 de Maio de 1941.

O processo, que tem o n.º 413, regista na capa, unicamente, a atribuição do quadro à «escola portuguesa», e não diz como é constituído o suporte nem que tratamento lhe foi ministrado ou quem o restaurou; dentro, encontramos apenas recortes dos n.ºs de 5 e de 19 de Abril de 1936 do semanário *Povo de Aveiro*.

Como a data de 1936 se nos afigurasse estranha para a saída do quadro da oficina, porquanto são justamente de 29 e de 30 de Janeiro desse mesmo ano, como vimos, as referências publicamente feitas ao restauro pelo distinto crítico de Arte Senhor Reis Santos, procurámos esclarecer no Museu de Aveiro as datas exactas das saídas do quadro para Lisboa, mas também isso nos não foi possível alcançar.

Passando agora à pintura propriamente dita:

Coeva e intacta a considerava JOAQUIM DE VASCONCELOS em 1895; mas já em 1914, continuando embora a considerar o retrato autêntico e obra *da escola portuguesa de pintura da 2.ª metade do século xv*, acha que o primitivo encanto dos cabelos loiros foi destruído *pelo restaurador*, que as faces estão inchadas, com indiscretos retoques na carnação, e que é visível a técnica esfumada *do retocador*.

MARQUES GOMES regista a tradição de ter o retrato sido pintado do original, mas declara não haver documentos disso.

Para MELO FREITAS o retrato é *quase coeva*. Para JOSÉ DE FIGUEIREDO a pintura é *coeva mas não original*; em vez de ser tirado do natural, o retrato é *cópia feita no estrangeiro* dum outro pintado cá por Nuno Gonçalves e enviado para qualquer corte lá de fora.

Predominam na sua técnica as velaturas sobre cola e cré, diz ainda FIGUEIREDO, ao passo que para JOAQUIM DE VASCONCELOS não há velaturas, mas unicamente tinta delgada e com pouca transparência, aplicada sobre o *intonaco*.

Para o Prof. EGAS MONIZ o retrato revela a mesma maneira de pintar de Nuno Gonçalves; JOSÉ DE FIGUEIREDO, porém, considera que ele não é daquele artista e nem sequer português é; aliás, JOAQUIM DE VASCONCELOS rejeitava também

o nome de Nuno Gonçalves para solução do problema da autoria.

Para REIS SANTOS o inchaço da face é *acréscimo tardio*, e no restauro de 1935/36 «foram deixadas na pintura coisas que lhe não pertencem e lhe modificam muito a expressão».

Para o Senhor Dr. ALBERTO SOUTO o retrato do Museu será «mera cópia» do original que o Bispo D. João de Melo levou para Coimbra e que se torna necessário procurar, pois tal «achado teria, sem dúvida, uma altíssima importância».

O Marquês de JÁCOME CORREIA declara que a pintura não é contemporânea da Infanta, não é a óleo mas a *gouache* ou a *cré* e cola, e parece-lhe mesmo feita no século XVII sobre outra pintura (o que, aliás, a radiografia não confirma).

Para SOUSA COSTA, finalmente, o retrato representa uma princesa da época da Infanta D. Maria, e foi pintado por Sanchez Coelho (*que viveu, como é sabido, de 1515 a 1590...*).

Problemas, portanto, de *autenticidade*, de *técnica*, de *autoria*, de *data* e de *restauro*.

Que ele represente a Infanta D. Joana e não uma *princesa da época da Infanta D. Maria*, não nos parece que possa ainda constituir motivo de controvérsia depois de se ponderarem os relatos bibliográficos e as gravuras que acima compilámos: pouco tempo decorrido após o falecimento da Infanta se deu início, como vimos, ao seu culto no Mosteiro de Jesus, colocando-se junto ao sepulcro, no dia da festa, o retrato em que ela era representada trajando à moda da corte; e em 1621 publicava-se esse mesmo retrato, finamente gravado a buril, e *condizendo em tudo com a tábua do Museu de Aveiro*; rotulou-se a gravura, solenemente integrada, demais a mais, na série dos Reis de Portugal, de IOANNA PORTVGALLIÆ PRINCEPS e sem hesitação de espécie alguma.

Está pois, identificado gráfica e literariamente o retrato de Aveiro há mais de três séculos, e poucos retratos antigos disfrutarão, até, de tão sólida documentação como ele.

O facto de 1689 o retrato ter sido levado para Coimbra pelo Bispo-Conde D. João de Melo, que tão grandes preocupações modernamente trouxe à crítica local, chegando a considerar-se que dois retratos idênticos terão coexistido, não sendo o actual, de Aveiro, senão uma cópia do que o Prelado terá levado para Coimbra, não se nos afigura motivo de inquietações a respeito da autenticidade da tábua nossa conhecida, nem há necessidade de complicar hipóteses: o retrato terá muito simplesmente voltado a Aveiro após a morte do Prelado que tanto empenho fazia nele, ou, então, em 1711, quando a 21 de Outubro, segundo o acrescento da *Crónica*, os restos mortais da Infanta foram solenemente trasladados para o novo mausoleu, de belos mármore embutidos,

sob a significativa presidência do novo Bispo-Conde, D. António de Vasconcelos e Sousa, assistido do seu próprio Cabido.

Não esqueçamos que Fr. LUCAS DE SANTA CATARINA, possivelmente o historiador que pela 1.^a vez terá referido a saída do retrato para Coimbra (*op. cit.*, T. II, pág. 150), diz que ele «se copiou da Santa ao expirar», e nesse caso já se não tratava do retrato em traje de corte nem havia necessidade de procurar explicação para o regresso do quadro a Aveiro. A esse cómodo argumento preferimos contudo qualquer das hipóteses que apresentamos; Fr. LUCAS era mais literato do que historiador; compunha a frase e não investigava; não deve ter tido conhecimento directo do retrato, que outros escritores, como JOSEPH PEREIRA BAYAM, *poucos anos depois dizem ser o de traje secular*, bem como os depoimentos dos processos da beatificação.

Outra data se pode ainda propor para o regresso do retrato ao Mosteiro de Jesus, e com idêntica verosimilhança: a de 1749-1752, quando o processo de canonização se organizou, em Aveiro, com repetidas sessões no Mosteiro de Jesus, e exame de relíquias e pinturas. O original desse processo apostólico, encontra-se, como acima notámos, no Arquivo Secreto do Vaticano.

Numa ocasião ou noutra, o retrato voltou para Aveiro, e a sua autenticidade, atestada pela gravura de 1621 e pelas referências impressas e manuscritas, é, quanto a nós, manifesta.

Após 1834, com a extinção das Ordens religiosas, o culto afrouxou; o quadro, que no regresso de Coimbra voltou, possivelmente, a ocupar o seu antigo lugar no coro alto, onde as monjas se reuniam e podiam gozar da presença figurada da sua padroeira, foi esquecendo, até pela razão simples de se haver extinguido o serviço do coro. E em 1882, MARQUES GOMES, embora muito chegado sempre ao Convento, já o não reconheceu nem ninguém lho apontou.

Só JOAQUIM DE VASCONCELOS, que conhecia a gravura dos *Bolandistas*, única por ele citada, o pôde identificar.

Os problemas da *técnica pictural* e da *autoria*, intimamente ligados entre si, encontram-se condicionados pela repintura que em data impossível de precisar (mas talvez contemporânea do seu regresso ao Mosteiro) foi infligida ao retrato.

Todo ele foi repintado, e sem se proceder ao levantamento dessa camada de tinta que o desfigura, nem a técnica original se pode determinar convenientemente nem importa formular hipóteses de autoria.

Não só a radiografia que apresentamos permite localizar um acréscimo substancial na face esquerda, como o simples

exame directo, com o auxílio duma boa lupa, mostra a quem quer que observe demoradamente a pintura transformações fundamentais em toda ela.

A modelação do rosto quase desapareceu, sensivelmente planificado agora, outro tanto acontecendo ao busto e ao corpete branco bordado a preto.

Os famosos *olhos verdes mui fremosos*, que *verdadeiramente parecião smeraldas muyto fynas*, no dizer de Soror MARGARIDA PINHEIRO, e que numa tela que em Novembro deste ano encontrámos nas arrecadações do Museu apresentam essa precisa tonalidade, bem como numa miniatura em cobre, pertença do Senhor Dr. Serafim Gabriel Soares da Graça, são na tábua quatrocentista francamente castanhos, por efeito de repintura, que se estendeu às pálpebras e aos cílios.

A boca foi igualmente repintada, e a linha das comisuras deixa a impressão de primitivamente não descer tanto; o lábio superior, do lado esquerdo, foi nitidamente mexido; face e boca ficaram assimétricas.

O pescoço, em cuja configuração presentemente se pretendem encontrar exteriorizações de bócio, tem a sua modelação transformada; e os cabelos, a que Soror MARGARIDA tanto exaltava a formosura, aparecem agora ruivos, vergonhosamente repintados, com toques de sombra que vão inexplicavelmente até ao preto retinto.

O que se passa com o corpete branco, bordado a preto, em graciosos arabescos, excede quanto possa imaginar-se e reclama, por sua vez, intervenção imediata do nosso magnífico Instituto Nacional de Restauro; sobre essa peça de vestuário, agora igualmente planificada, foi estendida uma camada de alvaide em cima da qual se repintou o bordado preto; mas *é visível ainda, através do branco, o traçado a que a decoração primitiva obedecia* e que nem sempre coincide com a actual (1). *Houve manifestamente o piedoso propósito de planificar o busto da Infanta*, que, apesar da sua tenra idade, apresentava originariamente volume de seios, como facilmente se deduz das curvaturas do colete exterior, dum lado e doutro, só explicáveis pela pressão interior duma razoável massa glandular, que, aliás, na gravura de 1621 perfeitamente se exhibe e compreende.

Da repintura deve ser, ainda, aquela espécie de nó, ou laçada, do cordão de ouro que a Infanta tem ao pescoço e que lhe vela o sulco inter-mamário: não só não existe na

(1) Da observação que desses desenhos a preto, na camada subjacente, fizemos, não nos resultou a convicção de que se trate do esboço inicial, lançado a tinta preta, como de costume, sobre o *intonaco* ou sobre o preparo da tábua, e que por vezes reaparece através da pintura.

gravura de 1621, como do seu exame directo parece deduzir-se que não faria parte da pintura primitiva.

O laço, formosíssimo, que enfeita o pulso visível da Infanta, foi realçado a toques de branco, nitidamente posteriores, outro tanto acontecendo ao aro do anel de rubi, cuja arquitectura, digamos assim, foi modificada a pinceladas claras.

A mão ainda é das melhores coisas que o retrato conserva, e sem grande repintura; em todo o caso, a fita por baixo da qual ela passa, foi marginada a *terra de Sena*, e mal.

Torna-se urgente o exame detido de todo o quadro, não só radiografando-o de novo, com moderna técnica, mas submetendo todos os seus pormenores fundamentais à prova da *macrofotografia*, que revelará muito mais de quanto a simples observação à lupa, por nós empregada, nos apresentou; a própria chapa de vidro que presentemente protege a pintura e que não foi retirada, nos impediu, devido aos reflexos que provocava, de levar mais longe a nossa observação.

Inútil, portanto, discutir técnica e autoria do retrato enquanto ele não for libertado de todos os acrescentos que o conspurcam e desfiguram.

Registe-se, apenas, que no estado actual dos conhecimentos de pintura antiga portuguesa não é possível entregar a um pintor nacional a autoria do retrato, porquanto nenhum, que se saiba, pintou no século XV sobre *intonaco*; e como a *Crónica*, de Soror MARGARIDA, regista que de várias Cortes da Europa vieram a Portugal artistas encarregados de retratar a Infanta, o que determinava pedidos de casamento que D. Afonso V rejeitava alegando a tenra idade da filha, temos, para nós, que a pintura do Museu de Aveiro é, muito simplesmente, obra de um desses pintores estrangeiros, impossível, por enquanto, de identificar.

Vários retratos se terão feito, ao que é lícito concluir; de admirar seria que na Corte não ficasse um deles, pelo menos; e, ou D. Filipa, tia da Infanta, o levou consigo para Aveiro quando ali se instalou, ou, após o falecimento da Santa, as freiras de Jesus pediram à Corte, muito naturalmente, essa lembrança viva da que fora sua companheira dilecta e ao depois padroeira.

Tinha quinze anos e parecia de vinte e cinco, «tã grãde ã statura e fremosura era», diz a Crónica.

Não consideramos de mais de 15 anos a retratada, atenta a declaração supra; isso levará para 1467 a data da pintura, com grande verosimilhança; 1470 a 1472 propunha JOAQUIM DE VASCONCELOS, ou sejam 18 a 20 anos de idade; mas aos 19 entrou a Infanta para Odivelas, e não era, positivamente, depois dessa ocorrência, de especial significado na sua vida,

que ela se retrataria em traje de corte, para ser mostrada a possíveis pretendentes.

Considerarei sempre o retrato anterior ao regresso de D. Afonso V de Arzila em 1471, data em que públicamente se concertou o ingresso da Infanta em convento; esta pintura tem de ser coeva da vida activa da Princesa na Corte, datando de quando a hipótese dum casamento não se afastara ainda definitivamente do seu espírito, e a sua firme vontade se não sobrepusera à *razão de Estado*.

Aguardando o resultado da limpeza da preciosa tábua, que desejamos se não faça demorar, para então se enquadrar na pintura da época, estudando-se, definitivamente, os problemas com ela articulados, afigura-se-nos preferível não ir além de quanto acima fica e aceitar o prudente laconismo da etiqueta do Museu que desta forma a apresenta ao visitante:

RETRATO DA PRINCESA S.^{TA} JOANA

Pintura da segunda metade do séc. XV

Propondo-nos, com o presente estudo, esboçar a iconografia da Infanta, aproveitaremos, como não podia deixar de ser, os elementos carregados pelos investigadores que nos precederam, e aos quais prestamos a nossa homenagem respeitosa e compreensiva.

Tendo, porém, oportunidade de acrescentar a quanto está apontado numeroso material inédito, entendemos dever agrupar tudo em séries com afinidade formal, para sua melhor apreciação e estudo; e assim, referir-nos-emos sucessivamente aos exemplares que conhecemos em

- a) *Pintura*
- b) *Escultura*
- c) *Gravura*

a) *Pintura*

1 — Dito, como acima está, quanto até ao presente se pode apresentar acerca da peça capital da iconografia infanta, que é o retrato do Museu de Aveiro, — figs. 10 e 13 — de balde se terão procurado, quer no País quer fora dele, outras espécies coevas; se existem, como é natural, encontrar-se-ão por identificar em galerias do Estrangeiro à espera

dum acaso que sobre elas faça pousar o olhar esclarecido de alguém para quem a iconografia régia de Portugal, ou, sequer, da dinastia de Avis, não seja de todo estranha.

2 — Um problema que nos parece merecer ainda a atenção da crítica, muito embora o seu principal propugnador o haja abandonado já, é o da figura que ajoelha à direita de São Vicente, no painel do Infante, do Museu Nacional de Arte Antiga — *fig. 12* —.

Apresentada em 1927 pelo Senhor Dr. ALBERTO SOUTO, como vimos, bem como pelo Senhor Dr. ARMANDO SOUSA GOMES, ela seria então o retrato da filha de D. Afonso V, indispensável, na verdade, num agrupamento em que, por hipótese plausível, se encontram o pai e o irmão.

Se a figura que ajoelha em frente de São Vicente é D. Afonso V, como parece dever ser, a outra ajoelhada, *em lugar de igual categoria*, não pode ser senão a Infanta.

Para o ilustre Director do Museu de Aveiro, porém, postas em confronto as duas figuras — a de Aveiro e a de Lisboa — as diferenças verificadas *nos lábios e no nariz* são agora de molde a afastarem-no da sua primitiva hipótese, apesar das afinidades de «mãos, corpete, rendas, colo, pescoço, olhar e sobrancelhas, ombros decaídos, expressão fisionómica», que lhe reconhece ainda.

Também nós, tal como o distinto Director do Museu de Aveiro, algumas horas passámos perante qualquer dos originais, colocando a par, respectivamente, uma boa reprodução da pintura a comparar, e a nossa conclusão não só não afasta a sua primitiva opinião, como singularmente a reforça.

O nariz, visivelmente aquilino na figura dos painéis, porque se apresenta a $\frac{3}{4}$, é, se bem observarmos, aquilino também no retrato de Aveiro, e mais notoriamente ainda, por singular curiosidade, na radiografia; faça-se a experiência de observar bem de frente, como na tábua aveirense, um nariz aquilino, e a modelação dos seus *ossos próprios* apresentar-se-á como no retrato da Infanta; quanto aos lábios, mais carnudos no quadro do Museu de Aveiro, como acima dizemos, foram mexidos na pintura do painel, afigurando-se-nos também que a linha das comissuras no retrato era outra e não descia tanto; tal como a boca, também o olho direito desta figura dos *Painéis* foi refeito, e bem defeituoso ficou.

Experimente-se, como nós fizemos, colocar uma coifa que desça até às sobrancelhas, na figura de Lisboa, em substituição do toucado alto que ela apresenta, e a semelhança das duas personagens sairá singularmente reforçada desta prova.

De resto, à paridade de vestuário e de adornos, já em 1927 e 1936 acentuada (1), acrescentaremos nós um pormenor que não nos recorda ter sido ainda evidenciado em função do problema que presentemente nos ocupa: à figura ajoelhada pende das mãos um rosário de ouro e não será certamente exagerada a hipótese de tal acessório, numa época de tão vincado simbolismo, como era o século xv, ter a especial intenção de querer aludir às místicas tendências da futura Santa Joana, desde muito cedo manifestadas. Supomos que isto não foi ainda dito, e também nos não parece indiferente para as conclusões a tirar.

Se, como acima referimos, consideramos o retrato do Museu de Aveiro datando muito aproximadamente de 1467, isto é, dos 15 anos de idade da Infanta, ocasião em que o Rei seu pai lhe estabeleceu casa própria, a figura de Lisboa, pela sua diminuta estatura e pequeno volume de rosto em relação às restantes do quadro (e para mais está colocada em primeiro plano), acusará menos idade; se lhe dermos, portanto, menos dois anos, por exemplo, corresponderá aos 13 anos da Infanta (não esqueçamos que aos 15 parecia ter 25), isto é, a 1465.

Ora em 1465 tinha o irmão 10 anos, pois nascera em 1455; dez anos, para o jovem, parecidíssimo com a Infanta, que figura entre o Infante D. Henrique e D. Afonso v, também são de aceitar.

Não podemos, evidentemente, ir até 1460, último ano em que se verificava a coexistência do Infante D. Henrique com D. Afonso v, a Infanta D. Joana e o príncipe D. João; a essa época, data do falecimento de D. Henrique, contaria D. Afonso v 28 anos de idade, a Infanta D. Joana apenas 8, e o príncipe 5. Uma conclusão, portanto, a nossa hipótese impõe: a de que a figuração do Infante D. Henrique, nos painéis do Museu Nacional de Arte Antiga, é póstuma, e isso nada tem de extraordinário; outras igualmente assim têm sido consideradas, como é sabido, até desde o início das tentativas de identificação; o agrupamento é meramente simbólico, e nem todos os retratados viveriam à data da composição do quadro: o Infante D. Henrique seria um desses.

(1) Para aproximação dos bordados a retroz preto existentes nos corpetes brancos das duas figuras — a do retrato do Museu de Aveiro e a dos *Painéis de S. Vicente* — desejamos lembrar ainda a decoração idêntica, deveras impressionante, que ocorre no colete do bellissimo retrato de Beatriz de Este, de LEONARDO DE VINCI. Era a moda do tempo, evidentemente; mas exactamente por isso, esses pequenos elementos assumem extraordinário valor quando se trata de fixar uma época cuja exactidão não é conhecida.

E não nos parece que sejam indiferentes as aproximações sugeridas, quer para a data dos *painéis* de S. Vicente, quer para a do retrato do Museu de Aveiro.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

O estudo dos famosos painéis de São Vicente está longe do ter atingido o seu termo; retomando as sugestões de 1927, acima relatadas, reivindicamos para a figura feminina que ajoelha ao lado do Santo a identificação com a Infanta D. Joana, e por isso a incluímos também nesta resenha iconográfica.

Várias são as referências bibliográficas a pinturas não contemporâneas e a imagens de vulto que por toda a província representavam a Infanta, documentando o culto público que mesmo antes da beatificação de 1692-1693 lhe era prestado, como acima tivemos ensejo de ver, logo nos *Acta Sanctorum*, e nos excertos dos processos de beatificação, de 1626 e 1686, agora pela primeira vez trazidos a público.

Há, porém, grupos inteiros de iconografia, como o de Évora, que desapareceram por completo e de que não foi possível encontrar vestígios, sequer. O de Aveiro, como é natural, avulta entre todos, embora grande número de pinturas se encontre no mais deplorável estado de conservação.

Principiando pelas de aspecto mais antigo, pois datada só uma se nos deparou, encontrámos, atribuíveis AO SÉCULO XVII, as seguintes:

3 — Tela medindo (de vista) 0^m,73 de alto por 0,94 de largo. S. a. n. d.

Chegada da Infanta a Aveiro, entre o pai e o irmão; grande acompanhamento de fidalgos, vários coches, vestuários ricos, dignos de nota; bandeiras e galhardetes (1); chão juncado de rosas até à porta do convento, onde as monjas, de cruz alçada, a vêm receber.

Mau estado de conservação, mas susceptível ainda de restauro.

Museu Regional.

(1) A representação do edifício é um valioso documento cidadão, merecedor de demorado estudo, que não teve ainda; oportunamente se poderá fazer, visto não ser esta a ocasião mais apropriada para isso; limitamo-nos, aqui, a chamar a atenção dos estudiosos para um pormenor que se nos afigura do maior interesse local; das grades que revestem exteriormente as janelas do mosteiro saem duas grandes bandeiras; uma delas, encarnada, orlada de branco, com as armas reais, não oferece dúvida alguma de interpretação; mas a outra, colocada por igual em posição de significativo destaque, é de campo branco, cortado, no sentido do comprimento e junto às duas orlas, por um conjunto de três faixas constituído por uma vermelha no meio de duas verdes.

Entre os dois agrupamentos das três faixas, como dizemos, campo branco e sem figuração alguma.

Estaremos em presença, como parece lógico supor, da bandeira de Aveiro do século dezasete, posta a par do estandarte real no acto da recepção de D. Afonso v e de seus filhos? Dizemos, muito propositada-

4 — Tela medindo 0^m,67 de alto por 0,89 de largo. S. a. n. d.

Claustros (superior e inferior) do Mosteiro, com graciosa fonte ao centro, sobrepujada pelo escudo do Reino assente em cruz de Cristo com coroa fechada. Vasos e estatuetas em volta.

Em dez dos doze arcos do andar de baixo, grupos de freiras, padres e seculares; no 1.º arco, à direita, o Rei, coroado e sentado, sob docel, conversa com a Infanta.

No andar de cima, freiras e figuras seculares espreitam para baixo.

Gaiolas de pássaros, duas araras, e vasos de flores.

Carece de ligeiro restauro, no céu.

Museu Regional.

Na cela onde faleceu a Infanta, segundo é tradição (1), nove telas revestiam as paredes; presentemente encontra-se uma delas na arrecadação, sendo para desejar que regresse, quanto antes, ao seu primitivo lugar, a completar o conjunto. São ainda atribuíveis ao século xvii. Descrevemo-las principiando pela primeira do lado da Epístola e seguindo em volta da cela, pela direita, tal como estão, embora não haja sequência lógica nessa disposição (2).

Todas as telas s. a. n. d.

Museu Regional.

5 — O Rei de França ajoelha perante o retrato da Infanta — *fig. 16* —.

6 — Entrada da Infanta para o Convento de Jesus — *fig. 17* —.

mente, século dezasete, e não século quinze, porque o pintor também comeu igual anacronismo com o vestuário das figuras, apresentando-as à moda da época em que ele viveu.

A ser como sugerimos, teríamos neste quadro a mais antiga figuração conhecida da bandeira de Aveiro.

Duma forma ou doutra, o problema merece atenção e desenvolvido estudo.

(1) No teto da cela, duas cartelas comemoram :

— AQVI . EM . ESTA . CAZA . FA/LEÇEO . S.TA IOANA . PRINÇEZA / A 12 . DE MAIO DE 1490 ANNOS

— CORTOV . OS CABELOS . E TO/MOV . O HABITO . DIA . DA CON/VERSAÕ . D S. PAVLO =

(2) Na ocasião em que tomámos os nossos apontamentos não foi possível obter as dimensões das telas, como desejávamos. Que essa falta nos seja benévola e relevada.

7—O Arcebispo de Évora, numa varanda do claustro, tenta dissuadir a Infanta de professar, enquanto no andar de baixo o Príncipe D. João fala com a Madre Superiora — *fig. 18* —.

8—Saída da Infanta do Convento, por ocasião de peste — *fig. 19* —.



Fig. 16

O Rei de França ajoelha perante o retrato da Infanta



Fig. 17

Entrada da Infanta para o Convento de Jesus

9—A Infanta fala com o Príncipe e tem uma visão — *fig. 20* —.

10—Préstito fúnebre da Infanta — *fig. 21* —.

11—Corte dos cabelos da Infanta (presentemente na arrecadação).

12—Encontro da Infanta com D. Afonso v, no regresso de Arzila — *fig. 22* —.

13—Morte da Infanta — *fig. 23* —.

14— Das colecções do Museu faz parte um pequeno quadro de cobre (0^m,223 X 0,170) em que a Infanta nos aparece de pé, envergando o hábito, tendo aos pés, à sua direita,



Fig. 18

O Arcebispo de Évora, numa varanda do claustro, tenta dissuadir a Infanta de professar, enquanto no andar de baixo o Príncipe D. João fala com a Madre Superiora

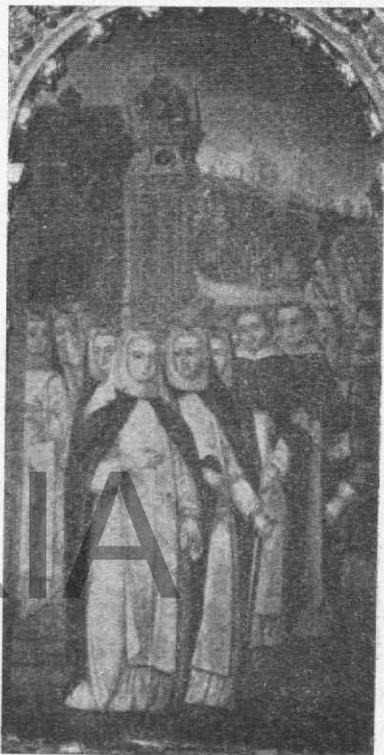


Fig. 19

Saída da Infanta do Convento, por ocasião de peste

um escudo partido de três leões e três lizes, e à sua esquerda outro com as armas de Portugal — *fig. 24* —.

Reposteiro encarnado, ao alto. S. a. n. d.

15— Em Coimbra, tem o Museu Machado de Castro uma lâmina de cobre dourado, medindo 150^{mm} de alto por 118 de largo — *fig. 25* — s. a. n. d., atribuída igualmente ao séc. xvii,

e representando a Rainha Santa Isabel, São Lourenço, e a Infanta Santa Joana. Ao alto, entre nuvens, o Padre Eterno (1).

16 — Da igreja de S. Domingos, de Elvas, é a tela que a nossa — *fig. 26* — pela 1.^a vez reproduz; s. a. n. d., ela deve ser consecutiva à Bula de 4 de Abril de 1693 que beatificou a Infanta, pois numa cartela, de tipo do séc. XVII ainda, o artista rotulou o quadro da seguinte forma:

B.¹a Ioanna Prinsesa Lucitanæa.



Fig. 20

Fala da Infanta com o irmão e visão que tem



Fig. 21

Préstimo fúnebre da Infanta

Aos pés da Infanta, dum lado, o escudo de Portugal; e do outro, as três coroas correspondentes aos príncipes estrangeiros que a tradição diz terem sido recusados por ela.

(1) Inédita. Adquirida em 1951 pelo Museu. Pertencera anteriormente à colecção Campos e Sousa, de Lisboa, e foi restaurada em 1913 pelo pintor António Manuel dos Santos Leonardo.

À generosa compreensão e à boa camaradagem do distinto Director do Museu, o ilustre historiador de Arte, Senhor Luis Reis Santos, se deve a inserção desta inédita espécie no presente esboço iconográfico, facto esse que singularmente valoriza o nosso estudo e que muito reconhecidamente aproveitamos o ensejo para publicamente agradecer.

17 — Por último, e para encerrarmos a relação das pinturas atribuíveis ao século xvii que nos foi possível conhecer, apresentaremos ainda a delicada pintura em tela, do Museu Nacional de Arte Antiga, que a nossa — fig. 27 — reproduz (1).

S. a. n. d., mas nitidamente daquele século, figurou na Exposição de retratos seiscentistas, em Março de 1942, no Palácio da Independência, em Lisboa, e foi por aquela ocasião oferecida ao Museu pelo ilustrado coleccionador lisboense, Senhor Afonso de Sommer.

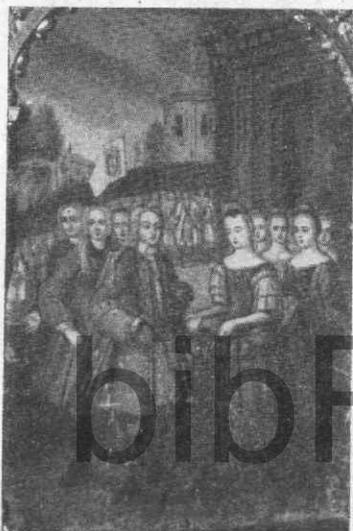


Fig. 22

Encontro da Infanta com seu Pai,
no regresso de Arzila

Considerada primitivamente como representando a entrada de D. Maria Francisca Isabel de Sabóia para o Convento das Francesinhas, veio depois a ser identificada, segundo esclarece a ficha respectiva, como sendo a *Profissão de Santa Joana*.

Representa, como se vê, o corte do cabelo à Infanta, e é valiosíssima pelos pormenores seiscentistas que fornece, conquanto anacrónicos pelo que respeita à filha de D. Afonso v. o^m, 72 × 0,76.

18 — Passando à pintura do SÉCULO XVIII, catalogamos em 1.º lugar a única tela que conhecemos datada e assinada: do lado do Evangelho, faz parte da série de seis quadros que revestem as paredes da capela-mor da Igreja de Jesus, em Aveiro, e representa a Infanta recusando uma coroa real que de joelhos um dignitário lhe oferece; no chão vêem-se duas outras coroas, repetindo o conhecido simbolismo que interpreta a tradição.

(1) Tal como acontece com o grupo inédito, pintado em cobre, do Museu Machado de Castro, também públicos agradecimentos aqui se consignam ao distinto Director do Museu Nacional de Arte Antiga e seu ilustre reorganizador, Senhor Dr. João Couto, cuja inteligente compreensão e generosa amizade tornaram possível esta reprodução, que supomos vir a público pela 1.ª vez.

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

A Infanta ajoelha numa almofada, perante um altar, e um anjo interpõe-se entre ela e o crucifixo dizendo:

não entristecas, Joanna porque teu espoço ouviu os teus rogos.

subs.: EMMANVEL FRR.^A E SOVZA FECIT ANNO 1729.^o

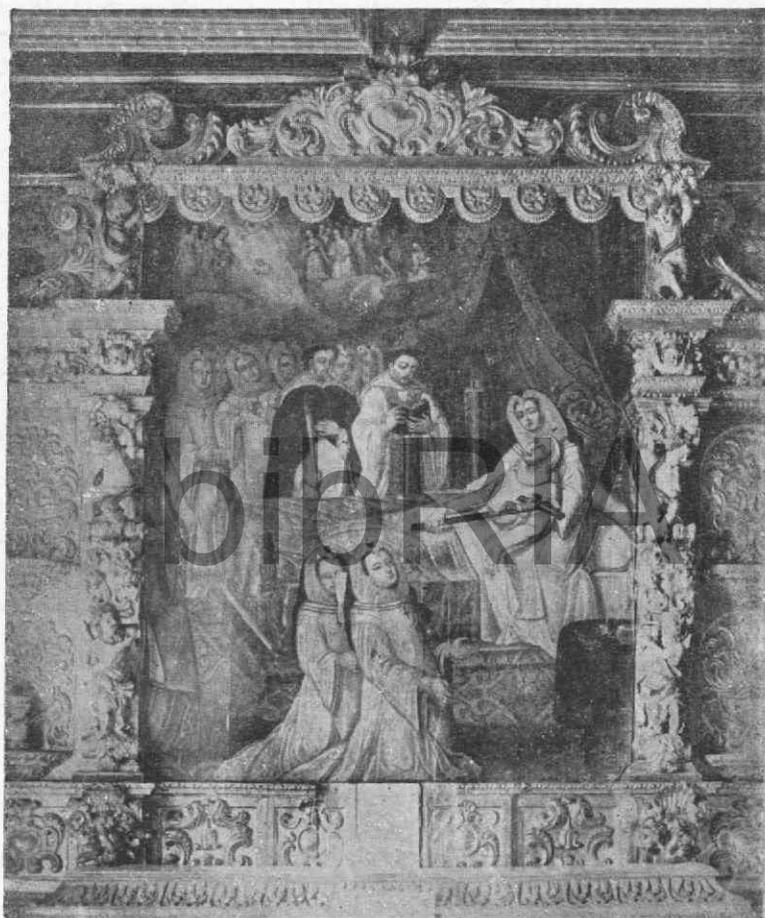


Fig. 23

Morte da Infanta
(colocada sobre o altar da cela)

19 — A Infanta saindo a receber D. Afonso v no regresso de Arzila (?) — *fig. 28* —.

20 — A Infanta recebe o irmão.

21 — A Infanta prediz à Superiora o seu breve falecimento: «*irman daqui a poucos dias descansarei por toda a eternidade*»; fundo de jardim.

22 — Morte da Infanta.

23 — Aparição da Infanta, ao alto, após o falecimento, a uma freira que ajoelha perante um altar.



Fig. 24

A Infanta com o hábito de Dominicana
— Pintura em cobre —
Museu Regional de Aveiro

24 — Sobre a grade do coro alto, ainda na igreja, uma tela representa a cena do corte do cabelo à Infanta; a sua colocação dificulta, porém, o exame do quadro, outro tanto acontecendo com as pinturas do teto da igreja, dificilmente visíveis, mas que poderão aludir à vida da Infanta, segundo tradição que recolhemos.

Nas arrecadações e sótão do Museu, que percorremos em 5 de Novembro na companhia do guarda, por obsequiosa

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

concessão do ilustre Director, Senhor Dr. Alberto Souto, que muito agradecemos, pudemos identificar as quatro telas que se seguem, nenhuma das quais figurou na Exposição do 5.º centenário do nascimento da Infanta, deste ano.

25 — A Infanta, de frente, meio corpo, vestida de Dominicana, cabeça inclinada para a sua direita, contempla um



Fig. 25

Rainha Santa Isabel, S. Lourenço e Infanta Santa Joana
— Pintura em cobre —
Museu Machado de Castro, Coimbra

crucifixo que segura com a mão esquerda juntamente com um ramo de açucenas.

À esq. alta, o escudo de Portugal, com coroa aberta.

S. a. n. d. 0^m,935 de alto por 0,710 de largo.

Em mau estado de conservação, mas susceptível ainda de restauro.

26 — A Infanta, sentada em cadeira de espaldar e pre-
garia, a face apoiada na mão direita e o braço numa almofada



Fig. 26

B.ª Ioanna Prinsesa Lucitanæa

— Tela da Igreja de São Domingos,
de Elvas —

de açucena e segura com a esq. um livro fechado que se
apoia, em posição vertical, sobre a coxa.

Cabeça de frente, corpo voltado à sua esquerda.

verde escuro; vestido
bordado, branco e azul,
largo decote, de ombro
a ombro; cabelos ondea-
dos. No chão, à esquerda,
três coroas reais.

À esq. alta, um anjo
diz, num filactério: «NÃO
TEMAS IOANNA Q IA O ES-
POZO OVVIO TEVS ROGOS HE
MORTO O NOVO PERT^o».

Insusceptível de resta-
tauro; merecia, contudo,
ser copiado. S. a. n. d.
0^m,98 de alto por 0,875.

27 — A Infanta, ajoel-
lhada, de frente e com
três coroas aos pés, veste
de Dominicana, e olha à
direita para um crucifixo
que segura; mão esquerda
aberta e braço afastado do
corpo. Mesa à esq. com
livro, caveira e disci-
plinas.

S. a. n. d. 1^m,16 de
alto por 0,95. Susceptí-
vel de restauro. Este
quadro assemelha-se
grandemente a um re-
gisto gravado a buril
por Joaquim Carneiro
da Silva.

28 — Tela em losango
emoldurada, mostrando
ter pertencido a um teto.

A Infanta, sentada
em nuvens, com três
coroas aos pés, tem na
mão direita uma haste

ICONOGRAFIA DA INFANTA SANTA JOANA

Veste de Dominicana.

Em baixo, fundo de paisagem.

Concepção invulgar, mas estado de ruína muito acentuado.

S. a. n. d. $0^m,82$ nos lados oblíquos; $0,29$ no de cima, e $0,85$ no de baixo (medidas de vista).

29 — Ao século XVIII pertencerá ainda, a avaliar pelo recorte da cartela que em baixo apresenta a inscrição «B. IOANNA PORTVGALLÆ PRINCEPS VIRGO.», a tela s. a. n. d.



Fig. 27

Profissão da Infanta no Convento de Jesus, de Aveiro
— Tela do Museu Nacional de Arte Antiga —

cujo desenho correctíssimo a nossa — *fig. 29* — reproduz e que se encontra em Aveiro, sobre o cadeiral da Igreja de São Domingos, presentemente Sé episcopal. Nunca foi reproduzida nem lhe conhecemos referências.

A Infanta, de pé e de frente, vestida de Dominicana, olha para um crucifixo que segura na mão esquerda.

Em baixo, à sua direita, as armas de Portugal e uma coroa fechada. À esq., duas coroas abertas.

$1^m,08$ de alto por $0,47$ de largo.

O painel onde encontrámos Santa Joana apresenta duas figuras; à esq., s. ROSA LIMANA VIRGO; à dir., a Infanta.

Os quadros parecem ter sido pintados todos pelo mesmo



Fig. 28

A Infanta saindo a receber seu Pai no regresso de Arzila

artista; contam-se onze figuras, de santos e de santas, de cada lado.

Desenho correcto e boa pintura.

30 — Entramos agora numa curiosa série de pseudo-retratos da Infanta, trajando à moda do século XVIII, com uma criança nos braços, s. a. n. d., mas acusando todos a proveniência duma oficina comum.

Localizámos cinco, com ligeiras variantes, e a todos reproduzimos aqui.

Apareceu o primeiro em 1882, na Exposição Distrital, como acima deixámos dito — *fig. 5* — e foi exposto por Joaquim Rodrigues da Graça, de Águeda. Pertence hoje a seu filho, Ex.^{mo} Senhor António Rodrigues da Graça, daquela mesma localidade.

A Infanta traja vestido vermelho claro, levemente decotado, debruado a renda no pescoço e com bordadura de pedraria no remate da gola.

Cinto de cabedal com fivela, ornado de pedraria; nos punhos, renda branca, doirada. Manto azul debruado a galão amarelo.

Cabelo loiro, olhos azuis.

Brincos de duas pérolas pendentes, uma das quais oblonga. Colar de pérolas em volta do pescoço.

No penteado concentrou o pintor o melhor da sua arte e todo o requinte do século galante por excelência: caracois, riços, plumas de cores, pregaria floreada, pedras preciosas, formando conjunto formosíssimo de harmonia e riqueza.

Na criança de cabelos loiros também e de olhos azuis, que repousa nos braços da Infanta e para ela estende as



Fig. 29

B. IOANNA PORTUGALLIE PRINCEPS VIRGO
— Igreja de S. Domingos, em Aveiro —

mãozitas rosadas, só é lícito encontrar alusão ao sobrinheiro cuja criação lhe foi confiada pelo sombrio irmão.

O conjunto é, contudo, desconcertante para a história da Infanta, e ninguém identificaria a galante pintura setecentista com o retrato da torturada filha de D. Afonso V se o artista, previdente e, muito naturalmente, consciente tam-

bém, não inscrevesse, a cerca de 20^{cm} de altura, a legenda reveladora «S. IOANA P.^a DE P.^a».

S. a. n. d. 415^{mm} de alto por 34 de largo; pintura em chapa de cobre.

Com pequenas variantes de pormenor, mas fiel certamente a um padrão de oficina, outros exemplares se encontram; assim, que nós conheçamos,



Fig. 30

Exemplar do Museu Regional de Aveiro

como refere a estampa LXVI do *Inventário Artístico de Santarém*.

33 — Em Santarém, na Quinta do Pombal, segundo a estampa LXIX do mesmo *Inventário*; — fig. 32 —.

(Continua)

A. G. DA ROCHA MADAHIL

UA	SD
N.º	957
Data	23. NOV. 1979
Cola	

A ELEITA DO SENHOR!...

Na clausura sagrada
Do seu humilde Mosteiro,
Faleceu, santificada,
A Padroeira de Aveiro!...

— A sacrosanta Princesa
Filha do Rei Afonsino,
(Trocando o Paço, a Nobresa,
P'lo virtuoso destino
De freira dominicana,)
Foi exemplo fidedigno
Do que vale o amor em Deus!

Tão virtuosa quão bela,
Seus olhos volve para os céus
Onde brilhava a Estrela
Que lhe marcava o Caminho...

Alheia a sonhos de amor,
Seu corpo martirizando
No rude leito de pinho,
— Dia e noite e a toda a hora
A linda e nobre Senhora,
Vai sofrendo e vai rezando
Pela Fé no Salvador!...

No ermo da sua cela
Tantas graças irradiia
De Pureza e de Virtude,
Que as irmãzinhas, ao vê-la
No seu místico esplendor,
Vão murmurando à porfia:
— A nobre filha do Rei,
É *Eleita do Senhor!*...

Memória dos seus milagres,
Humildades de atitudes,
... Quem nas pudera trovar?
E a Fé que transparece
Da Graça que não lhe finda,
— Quem na pode comungar?

— Como se um lírio divino
Em sua alma nascesse
A alumiar-lhe o Destino,
... Cinco séculos!... e ainda
Este lírio floresce
Como luz de eterna Graça!

— Oh! quem pudesse trovar,
Neste momento que passa,
Uma oração, qualquer reza,
Na virtude que promana
Da Vida desta Princesa,

— *Princesa Santa Joana?!!!...*

Ílhavo, 1952.

bibRIA

VAZ CRAVEIRO

VIDA DE DOÑA JUANA PRINCESA DE PORTUGAL

MANUSCRITO DE LA BIBLIOTECA
NACIONAL, DE MADRID

ENTRE las muchas obras manuscritas, que a su muerte dejó el ilustre Obispo de Leiria, D. Jerónimo de Mascareñas, se conserva una «Vida de Doña Juana Princesa de Portugal, hija del Rey Don Alonso el Quinto, Religiosa de la Orden de Santo Domingo en el Convento de Aveiro».

Este manuscrito forma tomo con otros varios, de diferentes autores, que fueron reunidos para el archivo del Duque de Medina Sidonia, a cuya Casa perteneció hasta su adquisición por la Biblioteca Nacional, de Madrid, conservándose en la Sección de Manuscritos.

La Vida de la Infanta va precedida de una breve Historia de Portugal, que comprende los folios 193 a 223, ambos inclusive.

A partir del folio 224 comienza la Vida de D^a Juana y en el que debiera ser 226 se inicia de nuevo la numeración que continua hasta el folio 62 en donde se interrumpe la historia, quedando incompleta.

El manuscrito está compuesto en papel de hilo observándose en sus hojas unas dobleces longitudinales que, en número de ocho, sirven para marginar y encajar lo escrito dejando en blanco una de las partes, la correspondiente al lomo, y tres en el lado opuesto, con lo cual el texto ocupa cuatro partes, o sea la mitad de la superficie del papel.

La letra es cursiva, muy clara y el escrito abunda en correcciones hechas con posteridad sin que exista una sola página que no haya sido corregida y en algunos folios, como el 19, hay un párrafo entero, de quince líneas, tachadas una a una.

Al hacer la transcripción hemos copiado solamente lo no tachado respectando la última redacción del autor, que ha seguido con gran fidelidad la Historia de Doña Juana según se encontra compuesta en portugués en el códice quinientista de Aveiro, publicado en 1939 por el historiador portugués ANTONIO GOMES DA ROCHA MADALIL.

Unicamente a titulo de comprobación de ambos textos he puesto unas cuantas notas, que bastarán para darse cuenta de que Mascareñas se valió del Códice de Aveiro para realizar su trabajo. En ellas trato de aclarar también las noticias referentes a los príncipes que aspiraron a casarse con D^a Juana, cuyos nombres no se dan en el Códice de Aveiro y que Mascareñas tuvo intención de poner pero, por desconocidas razones, quedaron en blanco en el manuscrito.

El estilo es suelto y elegante abundando el escrito en comentarios y digresiones de tipo religioso, muy en consonancia con la vida ejemplar de la bienaventurada Infanta.

JOSE RAMÓN Y FERNÁNDEZ OXEA

bibRIA

VIDA
DE DOÑA JUANA PRINCESA DE PORTUGAL HIJA
DEL REY DON ALONSO EL QUINTO
RELIGIOSA DE LA ORDEN DE STO
DOMINGO EN EL CONVENTO
DE JESUS DE AVEIRO

A DON ALFONSO DE ALENCASTRO DUQUE, Y SEÑOR DE
ABRANTES; MARQUEZ DE VALDEFUENTES, Y DE PUERTO
SEGURO; CONDE DE LA MEJORADA; GRANDE DE
CASTILLA; GENTILHOMBRE DE LA CAMARA DE
SU Magestad; DE SUS CONSEJOS DESTA-
DO Y GUERRA: COMENDADOR MA-
YOR DE LA ORDEN DE SANTIAGO EN
PORTUGAL Y CAPITAN GENE-
RAL DE LAS GALERAS DEL
MISMO REYNO &&

POR DON JERONYMO MASCAREÑAS, CABALLERO DE LA ORDEN
DE CALATRAVA: DEL CONSEJO DE SU Magestad EN EL SU-
PREMO DE LAS ORDENES MILITARES DE CASTILLA: GRAN
PRIOR DE GUIMARAES EN PORTUGAL, Y OBISPO
ELECTO DE LEYRIA &&

A DON ALFONSO DE ALENCASTRO, DUQUE Y SEÑOR DE ABRAN-
TES: MARQUEZ DE VALDEFUENTES Y DE PUERTO SEGURO:
CONDE DE LA MEJORADA: GRANDE DE CASTILLA: GENTI-
LHOMBRE DE LA CAMARA DE SU Magestad: DE SUS CON-
SEJOS DESTADO Y GUERRA: COMENDADOR MAYOR DE LA
ORDEN DE SANTIAGO EN PORTUGAL, Y CAPITAN GENERAL
DE LAS GALERAS DEL MISMO REYNO. &

Pongo en manos de V.Exc^a este breve epilogo de la Vida
y virtudes de la Serenissima Doña Juana Princeza de Portu-
gal, hija del Rey Don Alonso el Quinto, y de la Reyna
Doña Isabel. Ordenome V.Exc^a le escribiesse, y fué tan
facil, como devida mi obediencia. Recurri al aparato de los
Anales de Portugal (que estoy escriviendo) i allé bastante

materia para formar un crecido volumen, que reduce a este epitome. Leyóle V.Exc^a, y obligóme con segundo precepto (tales son para mi los empleos de su gusto) a que le imprimiese. Obedesco de voluntad, como lo hiziera en mandatos de mayor trabajo, dexando a V.Exc^a la proteccion deste escrito, pues es justo, que quien movió la pluma, la ampare. Y Quando esta razon no bastara para no dexarme libre la elección de Protector; este escrito se devia a V.Exc^a de justicia, por ser el pariente más cercano, que la Princesa de que escrivo tiene oy en el mundo. Fué hermana del Señor Rey Don Juan el Segundo de Portugal, tercero abuelo de V.Exc^a, cuya memoria y descendencia quedó propagada solamente en la Real casa de Aveyro, de que V.Exc^a es dignissimo hijo. Este deudo aunque tan grande, le allamos en V.Exc^a duplicado por la linea materna, por ser tercera nieta (por varonia) del mismo Rey su madre de V.Exc^a la Señora Duquesa Doña Juliana. Allose unica heredera de su casa, i no pudo elegir otro mejor empleo, que el del Señor Duque Don Alvaro su tio, y Padre de V.Exc^a. Motivos indispensables son estos en mi para haver de recurrir a diferente proteccion mas no faltan otros, que necessitan a V.Exc^a a asistir con su amparo a este papel. Contiene el la vida de una Princesa, en cuyos braços podemos dezir nació la Real casa de Aveyro. De edad de tres meses le entregó el Rey Don Juan su hermano, para que le criasse, al Señor Don Jorge, su hijo, Maestre despues de las Ordenes Militares de Santiago y de Avis, Duque de Coimbra: Señor de Aveyro y Montemayor el viejo, tronco y progenitor dessa casa, y ascendiente de V.Exc^a por ambas lineas en grados tan propinquos. Del amor, con que le crió, y del favor que siempre le hizo (no obstante aquel heroyco despego de todo lo que era mortal) dan clarissimo testimonio nuestras historias, y en esta allará V.Exc^a no pequeña parte. Es corta, en volumen, mas grande en enseñanza por las heroycas virtudes, de que fué adornada la Princesa. Reciba V.Exc^a la materia de su vida a todas luces grande, y disculpe los desaciertos de la pluma, pues pudiendo ocupar otras más aventajadas, hizo eleccion de la mía, poco acostumbrada a surcar lo profundo, de semejantes golfos. Con esto quedará V.Exc^a servido, y yo animado a fiar mayores volumenes de su proteccion. Guarde Dios a V.Exc^a muchos y felices años con los aumentos, que sus servidores, y yo el mayor y más obligado deseamos. Madrid de Noviembre de 1648.

DON HIERONYMO MASCAREÑAS
OBISPO ELECTO DE LEYRIA.

Tenía el ceptro de Portugal Don Alonso quinto de este nombre, Príncipe dotado de singulares virtudes, quando en el año de 1452, a seis de Febrero hubo de la Reyna Doña Isabel hija del Infante Don Pedro y nieta del Rey Don Juan el primero a la Infanta Doña Juana, cuya vida y acciones escribo. Nació en Lisboa, Metrópoli de aquel Reyno, pátria siempre de sujetos ilustres. Pudo bien llamarse hija de las oraciones de su madre, que habiendo pasado algunos años sin hijos, las hacía continuadas por tenerlos. Oyó Dios su justa petición, y habiendo concebido, en los meses del preñado, sintió tan poco los dolores comunes dél, que bien se echava de ver el fruto que ocupaba sus entrañas⁽¹⁾. Llegado el tiempo del parto, alumbrada de Dios, parió una hija la más hermosa que vió aquel siglo. Fuele puesto en el Bautismo el nombre de Juana por la singular devoción, y afecto, que la Reyna madre tenía con el sagrado Apóstol y Évangalista San Juan. Decía que si cien hijos tuviese, a todos avia de poner este nombre por su amor⁽²⁾. Executo lo en tres, que le prestó el cielo, y fué el último Don Juan el segundo entre nuestros Reyes. Celebróse el Bautismo a los ocho días del nacimiento concurriendo a este acto las personas más principales Eclesiásticas y seglares del Reyno. Los Reyes no tenían otro hijo entonces i por eso habiéndose juntado los pueblos fué jurada Princesa heredera con las ceremonias de semejantes actos. Tres años después (el de 1455) parió la Reyna al Príncipe Don Juan en 3 de Mayo, día en que la Iglesia celebra la Invención de la Santa Cruz, presagio felicíssimo de las victorias, que este divino árbol havia de alcanzar por el zelo deste Príncipe en las quatro partes del Orbe. Murió la Reyna siete meses después a 2 de Diciembre de 1456. Con general sentimiento de sus vasallos por sus excelentes virtudes, con que mereció el común aplauso del Reyno.

Mandó el Rey Don Alonso que la casa de la Reyna difunta quedase sirviendo enteramente a la Princesa⁽³⁾. Con este título la trataremos siempre, porque assi la trató su padre, y el Reyno todo a vista de un Príncipe heredero.

(1) «E é todos hos nove meses que andou prenhe. sēpre foi cō tanto prazer E sem ninhũa graveza nē pejo e door. Como que nō trouvesse ē seu vētre Carrega algũa que bē dava a demostrar qual avia de seer a que dela avia de nascer.» *Mem. da Infanta Santa Joana*, pág. 76.

(2) «por a singular devacã E affeycã que a devota Raynha sua madre avia ao apostolo e evãgelista Sam Joham. por Cujo amor dizia que sse Cem filhos ouvesse. a todos avia de mãdar pōor este nome.» *Ibid.*, págs. 76-77.

(3) «Mandou logo el Rey que toda sua Casa da Rainha... ficassem ē toda ordenãca de Corte e paaco cō a Senhora Ifante princesa filha sua. Na maneyra e modo tã enteyramente e sem ē Cousa se mudar. Como era ē vida da Rainha.» *Ibid.*, pág. 77.

Fué servida en sus tiernos años, asta que tomó resolución de dejar el siglo, con la misma authoridad y veneración que su madre. Fió el Rey su educación de Doña Beatriz de Meneses una de las principales matronas de Portugal en virtud, valor entendimiento y calidad. Fué hija y heredera de aquel ilustre héroe Don Pedro de Meneses primer Capitán General de Ceuta. Era viuda entonces de Don Fernando de Noroña Conde de Villareal, hijo de Don Alonso, Conde de Gijón, y nieto del Rey Don Henrique el segundo de Castilla, como lo era por su madre del Rey Don Fernando de Portugal. Y si es verdad que hace número de méritos la aprobación del Príncipe, bastantemente quedan acreditados los de Doña Beatriz por ella. Alcanzó la gracia del Rey Don Alonso, Príncipe no solamente glorioso por su persona y hechos, más por haver acrecentado la gloria de su Imperio con el lustre de aquellos de quién se servía. Admitía a su privança personas, que con sus obras davan abono de su elección; y tenían la llave de su gracia la virtud y méritos de cada uno, no ruegos, ni pretensiones. Buscó el Rey como discreto hortelano este buen arrimo a la tierna planta de la niñez de su hija para que subiese derecha a la cima de las virtudes sin declinar a los vicios. Los affectos naturales apenas se la atrevían en aquella edad, aunque sin elección, ni discurso. Tanto puede la fiel educación, y las costumbres Sanctas, que se pegan, y entran desde la leche! Con esto iría creciendo en años y virtudes a la sombra de su padre, avisada con su doctrina y animada con sus exemplos.

Passados los años de la niñez crecía ⁽¹⁾ tanto la Princesa en hermosura, que a todos los que la miravan, causava amor, admiración y espanto ⁽²⁾. No sin causa dixeron varones doctos que la Naturaleza como tan acertada en sus obras, a grandes almas, labra grandes y hermosos aposentos, donde vivan como merecen. No siempre andan hermanadas estas cosas, más verdaderamente la hermosura del cuerpo es retrato de la del alma y representación de su bondad. Al mismo paso crecía en entendimiento y discreción, pues en tan tierna edad gobernaba su estado y casa con tal prudencia, que si fuesse de edad perfecta ⁽³⁾. No la hacia falta la plática, que no tenía por la acelerada muerte de la Reyna su madre, en

(1) «Passados hos ãnos da Minynice da dita Senhora Iffante E princesa dona Johãna Creciia ã tanta alteza de fremosura.» *Ibid.*, pág. 77.

(2) «Assy cõvertiia todos hos que a viã ã admiracã e spanto.» *Ibid.*, pág. 77.

(3) «Assy ã aquella tenra Idade governava seu stado e Regiia seu paco. Como que fosse de perfeyta hydade. Nã lhe faziã mingua algũa nõ tãer vista e pratica de semelhãtes Cousas por Causa da acelerada morte da Rainha sua madre.» *Ibid.*, pág. 77.

cuya escuela pudiera aprender semejantes aciertos. Pudo decirse della lo que de otra niña dixo con dulçura S. Ambrosio; que su infancia solamente se havia inferido del semblante de sus pocos años, porque en el juyzio havia parecido a todos de ancianidad inmensa.

Entrada en la edad de diez años empeçó a mostrarse en ella un maravilloso resplandor del amor de Dios (1); porque no solo sus ocupaciones, sino sus juegos, los mesclava con modesta santidad. No se mirava ni se oya cosa en ella, que fuesse indigna de oyr, y menos honesta de ver; antes dexando muy a los prinçipios los entretenimientos de aquella edad, se parecía a las mas cuerdas en los años de discreçion. Todo era en la Princesa ansianidad modesta i venerables canas, no hechas a manos de largos días, sino de gravedad y seso comunicado del cielo. Desde entonçes levantó Ara en su coraçon al verdadero Dios y allí le offreçia sacrificios de buenos deseos y sanctas obras. Aprendidas ya las primeras letras, empeçó con gran atençion a estudiar la lengua latina (2). Oya Missa con recogimiento y oraba con demostraciones de affecto, no permitiendo que la ablasse persona alguna, asta cumplir con las devociones, que tenía señaladas. Tan gran fervor y amor de Dios, no parecía effeto de tan tiernos años sino de otra edad mas experimentada. En oyr leer y referir la doctrina de Christo, de sus Apóstoles, y Sanctos (particularmente de las Virgenes, que por su Fee, y amor padecieron tormentos, y muerte) (3) sentia tal consuelo, que en esto gastava la mayor parte del tiempo. Su platica ordinaria eran los Martyres, la gloria de sus prisiones y penas, y quanto mayores eran los rigores, y crueldades que la contavan tanto era mayor el fuego de su coraçon, y el deseo de verse en ellas. Con ser muy recatada en dar a entender sus espirituales affectos, en esto era imposible encubrirlos, porque como çentellas vivas salian del fuego que en el coraçon estava. Con esto entretenía el tiempo, evitando los juegos y vanidades, propias de aquella (4) edad creçia en ella, mostrando ser querida de Dios, y mansion

(1) «Entrando a dita Senhora Ifante Na hydade de nove a dez anos. Começou a sse demostrar ã ella hũu maravilhoso Resplandor de amor de deus.» *Ibid.*, págs. 77-78.

(2) «Começou cõ grãde atento aprēder letras e querer entēder Latỹ. E saber gramatyca. Ja des esta tenra Idade. ouvia missa cõ Recolhimento e synaes de devaçõ.» *Ibid.*, pág. 78.

(3) «E mayormente das sanctas virgēes que por a ffe e amor de deus padecerã tormētos e morte.» *Ibid.*, pág. 78.

(4) «E ã esto passava mais horas e tēpos evitãdo outros Jogos e vaydades. ã que costumã exercitar sse pessoas de semelhante stado e Idade.» *Ibid.*, pág. 78.

escogida de un su amor y gracia para ser su verdadera Esposa. Puesta entre tantas vanidades del mundo, poco a poco fué creciendo en su coraçon el desprecio y aborrecimiento de todo lo que no era Dios. Era su patria la celestial Hierusalen, Cyudad Sancta, morada de los Angeles, y tambien de los hombres, que aun viviendo en la tierra estan escritos por cortesanos del cielo. En ella y con ellos vivía con el affecto, y empleo de toda su alma, sin admittir en su coraçon pensamientos de tierra. Tan lexos estaba de todo aquello que podia manchar la puresa de espiritu, que parecia serlo. Con ardiente deseo codiciava exercitarse en obras espirituales dentro de su palacio. En él tenia un devoto oratorio, en que muy de ordinario se recogía apartando de sus criadas (eran muchas, y dellas principales señoras del Reyno) y en dulce conversacion con Dios gastava muchas horas; empleandose en lo que mucho deseava, que era recogerse dentro de si para vacar a Dios, y darse del todo a los exercicios de las virtudes, con que agradarle a todo tiempo. En aquella quietud, assegurava mas la de su vida, sin alexar della los pensamientos ni los cuydados, mas de aquella a que podian obligarla las neçessidades precisas.

Era la Princesa imagen milagrosa donde todos ponian los ojos, y sujeto, en quien el Cielo juntó admirables bienes de naturaleza, y fortuna. Estos acompañados con los de gracia, que le grangeavan sus virtudes, le adquirian un agrado general, que llevaba tras si los animos y deseos de todos. Lo esclarecido de tan alta sangre, la hermosura del rostro, la ventaja del entendimiento, la prudencia aun en los pocos años, la honestidad, y recogimiento, la gravedad suave y apacible, el fervor y espíritu totalmente dedicado a Dios, afficionava y rendía los coraçones mas duros y mas libres. No se estrechó la fama de sus virtudes y hermosura a los cortos límites de Portugal; mas allá passó de sus lindes, llegó a los más remotos de Europa, poniendo a diferentes príncipes en deseos de verla; mas lo que dificultava la distancia suplia en algo la industria. Enviaron a Portugal los mas célebres pintores de aquel tiempo para que sacassen su retrato, entre otros Luys Rey de Francia y el Emperador de Alemania Federico. Este cuñado y aquel primo de Don Alonso, Padre de la Princesa. Asseguravan los pintores, que no llegava la arte a igualar su gracia y hermosura. Al Rey de Francia venció tanto la admiracion de su retrato (parece fué este más parecido) que viendole puestas las rodillas en tierra y alçadas las manos al cielo dió gracias a Dios por haver criado tan singular belleza. Empeçaron con esto algunos Reyes y Principes a pedirla por esposa a su padre y otros para nuera, mas el se escusava entonçes con su tierna edad. No penetrando los consejos divinos, que

havian dispuesto no fuesse esposa de Rey alguno de la tierra, mas del de la gloria, que la havia escogido para dignidad tan alta.

En ella contemplava la Princesa continuamente acompañando los affectos con verdaderos y profundos suspiros del corazón. Sabía que toda la grandeza del mundo, y los duenos della, son juguetes del tiempo y de la fortuna, pues no habiendo sido naçen, y en naçiendo dexan de ser. Era milagroso prodigio ver en tan pocos años tanta eminencia de virtudes, tanta piedad para con Dios; tanta reverencia para con sus ministros, tanta obediencia para con su padre y hermano el Principe, tanta misericordia para con los pobres; tanta dulçura y apacibilidad para con todos; ver conservada la devoçion entre las obligaciones reales; la humildad entre las riquezas; la honestidad y modestia entre delicias de la juventud; y aquella flaqueza natural por la edad, por el sexo, y por las ocasiones, inculpable y entera entre las confusiones del siglo. Era por todos estos respetos grandemente amada del Rey su padre. Allá era servido y con propósito de no passar a segundas bodas, y no teniendo otro hijo que a la Princesa, y al Principe su hermano (y habiendo quedado en Palacio con la casa y estado de su madre representándola) su mayor alivio era assistir con ella; llevaba los saraos y entretenimientos de la Corte a su quarto, como se haria con la Reyna. Su agrado llevaba tras si el affecto de los grandes del Reyno, y assi era dellos generalmente amada y venerada y servida. Lo mismo se allava en los menores porque esperavan ver por ella al Reyno próspero y en pas con los extraños. Mas Dios inclinó su corazón, para que a solo su amor aspirasse aborreçiendo todas las cosas mundanas. Enterrólas en vida, porque murió a todas; hasta los pensamientos, que como más vivos, mueren mas tarde, luego en los principios de su vida hizieron fin en la Princesa; y dieron lugar a los del cielo. Dió muerte a las affiçiones del siglo, que quitando la vida del alma, hazen intolerable la muerte del cuerpo, solo terrible a aquellos, con cuyo fin se acababan todas las cosas; no a los que acabaron primero con ellas y assi no les pudo ser pesado el dexarlas. De tantas virtudes llegó a ser adornada quando aun no tenía quince años. En tal edad al mismo paso que la estatura y la belleza, crecía en ella la sabiduría y prudencia de tal suerte, que de todos era juzgada por de muchos más años. No fueron menores entre sus dones el de Consejo con que encaminava y el de la eloquencia con que persuadía.

Empeçó desde este tiempo el Rey Don Alonso su padre a tratarla de diferentes casamientos, porque se allava importunado de algunos Principes, que la pedían. Aborreçia la Princesa con todo extremo semejantes pláticas, y como el

amor de Dios no está ocioso, y havia penetrado su corazón, empezó a cuydar como se entregaría del todo a aquel Señor y esposo, que unicamente amava. Diose a muy fervorosas y devotas oraciones, a frequentes disciplinas, y aprendió a rezar el officio Romano. Resó algún tiempo con la Princesa las horas canónicas un capellán suyo que havia sido capellán mayor de la Reyna Madre, viejo, docto y gran siervo de Dios. Este le explicaba sus divinos misterios (que ella percibió fácilmente con la agudesa de su ingenio) con que fué mayor su gusto en aquella sancta ocupación. Quitava grandemente la ociosidad y assi jamás se ocupava en ver o oyr cosas vanas y superfluas, gastando la mayor parte del tiempo en su secreto oratorio, donde a nadie permitía que entrasse o la ablasse. Acompañava la oración con penitencias, que fueron creciendo al passo de la edad y del espíritu, no tanto para rendir su carne (que no consta le fuesse jamás rebelde, ni molesta a su pureza) quanto por imitar a Christo y a sus Sanctos. Desde edad tan tierna siguió tan áspero camino, sin esperar a la robustes del cuerpo y a las fuerças, intentando su devoción lo que por ventura defendiera la prudencia. Cosa es sin duda, que causa admiración, ver una Princesa dotada de tal hermosura y entendimiento tan servida y venerada de todos que en medio de todos estos favores de la fortuna los despreciasse no acordándose de otra cosa que del amor divino. No rindió su corazón a estimar cosas mundanas; a mayores grandezas aspirava. No a las que finge el amor ciego de si mismo, con vana codicia de lo mejor, y sigue con ansia la ambición humana. A más pura alteza endereçava el generoso vuelo de su corazón. Allí caminavan sus nobilissimos deseos donde en possession segura del eterno sossiego, esperavan allar satisfacción sin pesar, y vida sin muerte. Siempre se encendía más en ella el amor divino, y a este passo era mas áspera la vida que en Palacio hacia. Para executar lo con menor embaraço, tomó particular amistad con una criada suya (a quien la Reyna havia criado) devota, recogida y dada a todas las virtudes. Desta empeçó a fiar sus secretos espirituales y los deseos de su corazón y juntamente de otra criada antigua de la Reyna entendida, prudente y devota. Con ambas platicó sus secretos. Necessitava para el rigor de sus penitencias y para executar sus designios de persona que pudiesse salir de Palacio. Hizo pues la misma confiança de un criado antiguo, hombre prudente a quien el Rey havia elegido para thesorero de la hacienda de la Princesa. Ella le fió otro mayor thesoro, que fué el corazón y todas sus riquezas espirituales. A este mandó le comprasse secretamente áspera estameña y la entregasse a una de las criadas y a ella hiciesse luego túnicas interiores cortas de mangas y angostas para poder

sin ser vistas traerlas debaxo de las ricas y delgadas. No contenta con esta penitencia, ciñó sus delicadas carnes de áspero cilicio, con que continuamente las trahía apretadas. Trataba de quebrantar el brío del cuerpo, y sugetar la rebeldía de la carne, tanto con mayor resistencia, quanto via ser más poderoso el enemigo, y mas difícil el vencimiento. Estas son las mas fuertes armas, que el Demonio juega contra la juventud, mas deñosas, quanto menos aborrecidas. Salen de nuestra aljaba y hieren lisonjeando el sentido, haziendonos agradable nuestra propia muerte.

Como los pensamientos de la Princesa estavan continuamente en Dios, aborrecía sobremanera todos los entretenimientos humanos, no consintiendo que en su quarto se hiziesen saraos y juegos, sino los que su Padre (a quien era preciso obedecer) y el Principe su hermano le trahian. Cansábala todo lo que es alegre en la vida; las fiestas le eran pesadas, la recreación enojosa, el gozo penalidad. No allava substancia en los entretenimientos; buscava el gusto en ellos, mas no le allava, pareciéndole sombra lo que el mundo celebra como lucimiento. Salía a recibir en semejantes días a su padre y hermano con real pompa y ricos vestidos y tocados, por cumplir con la voluntad ajena; mas la propia caminava mortificada. Fuerça grande de espíritu inimitable de tan flaca fee como la nuestra, aunque hazederero y possible para quien la tenía tan viva, y para quien gusta una vez quan suave es el Señor, quan incomparable la corona que corresponde a este trabajo leve y momentaneo. Muchas veces por ruegos y obligada del Rey (por la gracia y primor con que lo hazía) dançava con él y con el Infante Don Fernando, su tio, mas era con harto trabajo y fatiga por tener el cuerpo faxado de siliicios y maltratado de penitencias. Acabado el sarao y despedida de los parientes se recogia a su oratorio. Allí con profundos gemidos (postrada en tierra, regando su estrado de lágrimas) se ofrecia a aquel Señor, que de coraçón amava, pidiéndole abriesse camino a sus deseos. Allávase rayada de aquella luz divina, que encamina las almas por las estrechas sendas de la virtud y deseava allar camino adonde poner el pié sin que la cegasse el polvo que levanta el tropel del mundo. Este nos tapa los ojos para que no atinemos a la heredad de todos deseada, y por dar en Jerusalem patria de paz y unión demos en Babilonia llena de confusión y desconcierto. Passadas muchas horas de la noche en este sancto exercicio salía del oratorio y con su Camarera mayor y criadas que la assistían, iva a su camara. Allí se destocava con el aparato devido a su persona y desnuda se acostava en la cama donde la dexavan. Como sentía a todas recogidas se levantava della (mas penosa por mas suave) y se volvia al oratorio, donde tenía luz, y allí estava en continua oración,

tomando muy ásperas disciplinas. Algunos dias era con mayor rigor como el de la Circuncisión en memoria de la primera sangre que Christo derramó por nuestro remedio. En esto gastava la noche; y sin algún reposo dava al cuerpo cansado con los trabajos de la penitencia y vigiliã, tomavalo en la tierra arrimada la cabeça a una almoadã. Causava admiración y consuelo verla (olvidada de quanto en el mundo tenía y pudiera goçar) tan rigurosa en el trato de su persona. No trataba de otra cosa, que de agradar al Señor por cuyo amor padecía, arrebatada en alta contemplación de los bienes eternos y suspirando solo por ellos.

Regalava empero el Señor a su sierva a los pechos de su dulçura, y no solo llenava su alma con la suavidad de su divina presencia, mas aun esforçava el cuerpo con extraordinarios favores. Como empeçava a romper el alva hecha primero oración se volvia a su cama porque no se entendiese en palacio la ocupación de la noche. Sabía bien que tanto mas segura está la santidad, quanto menos entendida de los otros, y que siendo la perfección thesouro escondido, el que en su camino le lleva descubierto, sin duda quiere ser despojado. Tan delicada y frágil es la vasija en que se trae el precioso licor de las virtudes que de una mano a otra corre tan conocido riesgo.

Acompañava la Princesa estas aspereças con tales abstinencias y ayunos, que ni al cuerpo le quedavan brios para levantarse, ni al alma tiempo para divertirse. Mas porque era fuerça comer en público a vista de sus criadas y officiales, fingía gustar los delicados manjares que la ponían y la mayor parte se quedava en la servilleta. Otras veces por no comer se hazia enferma. Quando la hambre despertava el apetito, la comida era facil y ordinaria, no para çebar el gusto, bastante solo a detener la muerte y a conservar la vida. Crecia en ella el desprecio del mundo y el amor del cielo, y con esto se esforçava mas en sus virtuosos exercicios sin que la cansassen ayunos, vigiliã, oraciones, disciplinas y silicios. No la embaraçó quanto con amor ciego adora unicamente la tierra. Tan superior a todo, holló sobre la ambición de las honrras, hecha verdadera señora y Reyna de si misma. Tuvo coraçón alto, generoso y verdaderamente christiano. Todo lo que era menos que Dios, fué poco para lo que cabía en su ánimo; y riquíssima dentro de sí, estimava por vil y indigno a todo lo que estava fuera del. Los del mundo bienes no la debieron un volver de ojos. Sabía que lo que se da en la mano del pobre, lo recibe Dios en la suya y se constituye deudor para pagarlo. Con esta consideración no tolerava su noble espíritu que quando arroja el poderoso lo supérfluo, llore lo necesario el mendigo. Desorden humana en la destribución de los bienes, que

Dios concedió comunes al hombre. Cumplia las obras de misericordia; mandando vestir los pobres, visitar las cárceles y Hospitales, socorrer enfermos y desamparados, acomodar peregrinos y extranjeros. Antes que se sentase a la mesa, o se levantase dela; y a la noche antes que se recogiese a su oratorio, llamava al criado la execusión de tales obras, y diligentemente inquiría a quantas, a quales personas, y qué limosnas havia dado aquel día. Este era su mayor entretenimiento y gusto, socorrer liberalmente a los necesitados, y acudir con todo lo que podía a los menesterosos.

En todas partes andava el lenguaje de las virtudes de la Princesa; tanta es la fuerça de la luz, que aunque bien se esconda, se esconda mal, y por mil partes se trasluce y reverbera. Llegarian los ecos de sus virtudes a los extraños. Ya no tenía lugar la disculpa del padre en no admitir plática de casamiento para su hija por la tierna edad, pues se allava ya en la más acomodada para contraher matrimonio. Con esto se despertaron algunos Principes a pedirla por esposa, y otros por nuera. Fué uno el Rey de Francia ⁽¹⁾ *(sic)* que embió sus embaxadores a Portugal pidiéndola para muger de su hijo único y heredero *(sic)* moço de quinze años. Concurrían en él todas las razones del bien común y particular para que en Portugal se deseara tal empleo. Oyó el Rey Don Alonso las Embaxadas y fuesse luego a casa de la Princesa, que tenía ya palacio aparte en Lisboa. Propúsole la Embaxada de Francia el gusto que tendría de verla tan bien empleada y las razones que havia para desear tal esposo. Desiale que las leyes de la verdadera noblesa, no eran contrarias a las del Christo; e bien podian juntarse humildad de corazón y alteza de linaje; authoridad y misericordia con los pobres, las obligaciones de casada con las de sancta. La Princesa ninguna cosa aborrecia tanto como el casamiento, e assi apretarla en esto era afflixirla en lo mas vivo de su quietud; aunque todos eran golpes ligeros para quien tenía resolution de atropellar con mayores contrariedades. Escuchó a su padre, y de sus razones infirió como estava inclinado al casamiento de Francia. Mas como havia entregado el corazón y deseos a otro Principe más alto, con palavras de mucha prudencia le respon-

(1) En el manuscrito están en blanco los nombres del Rey de Francia y de su heredero que, por la fecha, debían ser Luis XI y su hijo Carlos, si bien debe estar equivocado Mascareñas en cuanto a la edad de éste, pues si a la muerte de su padre, ocurrida en 1483, tenía 13 años (según R. STERNFELD en su *Historia de Francia*. Ed. Labor, pág. 83) mal podía tener 15 antes de este suceso.

En el Códice de Aveiro tampoco se dan los nombres del Rey de Francia ni de su hijo.

dió: que considerasse sus pocos años para iirse a tierras extrañas, y los del Principe de Francia; que convendría dexarle entrar en edad con que pudiesse gobernar bien sus estados. Alegava ser el Principe su hermano muy niño, y justo no desterrarla del Reyno sin que el casasse primero y tuviesse hijos que pudiesen sucederle. Otras razones alegó que a su padre causaron no solo reparo, mas admiración; y assi vino en que este casamiento se dilatasse. En esta conformidad pues respondió al Rey de Francia, como también a otros Principes que en esta ocasión se mostraron pretendientes. No se descuydava la Princesa de los medios divinos, mientras los humanos le eran favorables. Añadía ayunos, vigiliyas y continuadas oraciones y con muchas lágrimas pedía a Dios abriessse camino para que no tuviesse otro esposo, ni otro Señor sino solo El; que la diesse fuerças para que a El solo amasse y a El solo sirviesse. Hallávase sobremanera desengañada, y advertida de la inestabilidad de la voluntad humana, y de la falibilidad con que se trueca la que parece mas firme, y assi ponía su amor y confianza en solo aquel Señor que no puede mudarse. Las hojas todas deste libro son lenguas, sus letras todas, voces, que testifican su amor. Havíala enseñado la experiencia de encendidos affectos que cosa es estar el alma herida de amor, y envuelta en llamas de su ardiente fuego, y assi se havia deshecho de si mismo y vivía en ella Christo su Señor y Esposo.

Estava tan inflamada del amor divino, que desde su niñez no podía retener las lágrimas, quando leya, o meditava la Passion de Nuestro Redemptor. Continuamente se la representava llagado y padeciendo. Los gemidos y suspiros que esta consideración la sacava del pecho, por mas que pretendía encubrirlos en lo secreto de su oratorio, no podían ocultarse a los que de fuera la escuchaban. Por este camino labró Dios a sus mayores siervos, y de la profunda y continua meditacion destes mysterios se han levantado en la Iglesia los incendios de amor en los pechos de los justos. De aquí procedieron sus finezas y sus ansias por imitar al Christo crucificado. Ninguna cosa assi les aprisionó, ninguna más alentó su amor, como ver a su Creador hazer demostraciones tan grandes por criaturas tan viles. En toda la Semana Sancta guardaba profundo silencio ablando solamente lo preciso con brevedad, y desde el jueves no ablava poco ni mucho passando aquellos Sanctos días y noches en profunda oración, acompañada de copiosas lágrimas. Ayunaba toda la Semana y el jueves y viernes a pan y agua. No se desnudaba en todo aquel tiempo sino asistiendo a los officios divinos acompañaba a nuestro Redemptor asta la mañana de la Resurreccion. El Jueves de la Cena ordenava

al criado secretario de su pecho que en secreto traxesse a Palacio dose mugeres extrangeras y pobres. Metíalas en un oculto aposento y allí siguiendo el exemplo, y cumpliendo el mandato de Christo postrada a sus piés, se los lavava; besándoselos en memoria de aquel amor, que nos dexó por señal del mucho que nos tuvo, y desea que nos tengamos el que por amigos y enemigos iva a morir en la Cruz. Luego las dava de vestir, y limosna para sustento de muchos días. Volvian a salir por la misma parte que entraron que era tan oculta, que ninguna llegaba a entender donde estuvo, ni conozian a quien era deudora de aquel beneficio.

A esta eminente cumbre de perfección evangélica havia llegado la Princesa quando vinieron a su noticia las virtudes, y sancta vida de Doña Leonor de Meneses, hija de aquel valeroso héroe Don Duarte de Meneses, Conde de Viana, que tanta materia dió con su valor y muerte a nuestras historias y a las extrañas. Esta señora despreciando todas las felicidades mundanas, y muchos casamientos con los primeros del Reyno, vivia con la condesa Doña Isabel de Castro su madre vida sancta y espiritual. Desdeñó el mundo y sus vanidades, y solo deseosa de recogerse a la religión donde pudiesse más libremente seguir el camino de sus sanctos propósitos. No puede bien encarecerse la alegría que a la Princesa causaron estas noticias. Procuró luego comunicarse con Doña Leonor, y assi empezó el trato primero por recados, luego por billetes; estos llevavan personas de confianza, y por este camino consultavan sus deseos, viéndose no con los ojos del cuerpo, más con los del alma, encendidas ambas en amor divino. Asi tratavan de elegir el medio más conveniente a sus sanctos deseos y buenos propósitos, que cada hora se acrecentavan más como el fuego en materia conveniente. No sossiega el pecho de aquel en quien enciende el suyo Dios hasta que lo comunica a los que el mismo dispone, para que se emprenda tambien en ellos. De aquí nace aquella ansia general, que vemos en todos sus siervos y los trabajos en que se lançan, y por cuantas dificultades rompen, asta dexar emprendido en sus próximos el calor que los está abrasando. Las leyes de la celestial virtud de la charidad no buscan cosa suya, porque no son suyos los que la poseen sino de aquel que vive en ellos, pues aun la propia vida no quiere que sea propia.

Los hijos del siglo no pueden entender la fuerça de esta razon espiritual porque al fin son de carne. Procuravan la Princesa y Doña Leonor ajustar modo de vida, donde pudiesen servir a Dios con veras, inclinadas ya con fuerça superior a amar la huyda del siglo, y a despreciar todo lo terreno. Los affectos de este amor se ivan apoderando de sus almas, y se esforçavan con increíble vigor, creciendo el deseo de

açertar en cosa que importa tanto. Ofrecíanse diversos caminos al discurso de mas o menos perfección, y a ninguno se les iban los ojos tanto, como a aquel, donde perfectamente allavan las pisadas de Christo. Fué esto de manera que a poco tiempo, ya no devisavan los demás, y finalmente se desaparecieron. Alláronse sus almas forçadas de sus affectos a desear seguir sus passos lo mas semejantemente que les fuesse possible, y a tener solo por gusto el desearlo. Con esta consideración inquirían la sanctidad de los conventos de Portugal sin descubrir sus deseos. Passaron algún tiempo en estos secretos consejos las esposas de Christo. Florecían entonces en sanctidad y observancia religiosa los dos conventos de Sancta Clara, de Lisboa y Coimbra, y era grande el olor de sus heroicas virtudes. A cada qual se inclinavan, no dexando de informarse de los otros. Affligiase grandemente la Princesa de que se passase el tiempo sin conseguir lo que cada hora más deseava, recelando justamente no alcançar el beneplácito de su padre, cuyos intentos no se endereçavan a otra cosa que darla por mujer a un Principe grande.

Era grande por este tiempo la fama de las virtudes y sancta vida de la Madre Beatriz Leitam, Priora y fundadora del convento de Jesús de Aveiro de la Orden de Santo Domingo. Haviase divulgado tanto por el Reyno que los principales señores empeçavan ya a meter en el sus hijas y parientas. Llegaron estas noticias a la Princesa, que con un nuevo y no esperado plazer, dió cuenta dellas a Doña Leonor, rogándola inquiriesse con más particularidad la perfeccion religiosa deste convento. La devota doncella llamó para este effeto a fray Antón de Santa María, Vicário general de los Dominicos en Portugal y Castilla, que por ser confesor de la Madre Beatriz Leitam, y por su officio podría dar bastante razón de lo que se deseava saber. Ablaron los dos largamente de la Religión del convento y de sus monjas, y alló Doña Leonor en el informe lo que deseava tan cumplidamente, que desde luego tomó determinación de recogerse en aquel seminario de virtudes. Avisada de todo la Princesa sintió con estas nuevas extraordinaria alegría. Encargola que trabajasse por saver y alcançar la regla y constituciones y se la remitiesse secretamente. Tenía pocas noticias la Princesa de las religiones, porque las pláticas que oya en Palacio todas se encaminavan a lo que tocava a su estado. Solamente tenía algunas del Real Convento de Odivelas, de la Orden de San Bernardo fundación y entierro del bienaventurado Rey Don Dionis su (1) (sic). Deseava verle por ver si se

(1) MASCAREÑAS, preocupado por la genealogía, dejó en blanco el parentesco de la Infanta D^a Juana con el Rey Don Dionis, sexto abuelo suyo. El Códice de Aveiro nada dice de Don Dionis en este párrafo así

inclinava a su modo de vida, y fingiéndose un día malencolica, procuró divertirse con esta jornada. Fuese a Odivelas (acompañada de Doña Filipa su tia hermana de la Reyna su Madre) y abló largamente con la Abadesa y monjas preguntándolas con gran atención de las cosas de su Orden. Todas le parecieron bien porque todas eran sanctas, mas no acomodado el lugar para vacar a Dios como deseava por ser a poca distancia de la Corte, a vista de los parientes cuyas visitas era fuerça la perturbassen.

Continuava Doña Leonor de Meneses en sus virtuosos exercicios, y certificada de la gran perfección con que en el convento de Jesús de Aveyro se exercitavan todas las virtudes, tomó fixa resolución de entrarse en él. Para hazerlo pidió licencia a la Condessa su madre, y al conde Don Henrique de Meneses su hermano. No faltaron contradicciones a sus sanctos intentos, porque a este tiempo tenían concertado sus parientes su casamiento con el Duque de Bergança Don Fernando. Estava ya tan adelante la plática y los contratos del matrimonio, que no se aguardava para effectuarlo sino la llegada de Don García de Meneses, Obispo de Evora, y la del conde Don Juan de Meneses, Prior del Crato, sus hermanos. Sabia Doña Leonor que viniendo ellos se effectuaría el matrimonio y quedarían frustrados sus deseos, y assi dió gran prissa a este negocio. Hizo saber a la Princesa como su ultima determinación en esta materia era atropellar por todos los respetos humanos, y meterse monja en el convento de Jesús de Aveyro. Holgose ella con estas nuevas y rogola que la biesse antes de su partida, y mientras no se cumplían tambien sus deseos de verse monja, trató con todo cuydado desembaraçarse de sus criadas. Juzgava este el mayor estorvo a su resolución, y assi dispuso casar algunas y encaminar otras según la vocación de cada una, distribuyendo con todas liberalmente sus bienes. Lo que la restó de joyas y alajas repartió secretamente con las Religiones y cupo la mayor y mejor parte a la de Santo Domingo, que tratava ya como Madre.

Havia la Princesa llegado ya a los diez y ocho años quando el Rey su Padre (con el zelo que siempre tuvo de aumentar la fee catholica en las partes de Africa) determinó passar en persona a la continuacion de su gloriosa conquista

escrito: «De moesteiro de que tinha mays ouvido e sabido era ho de udivellas da ordẽ de sã bernardo. o qual desejado veer se era delle cõtente o seu benigno spiritu. fazẽdo yffinta hũu dia que stava muito efadada e seu paaco. mãdou aparelhar sua mulla E pessoas que a acõpanhavã como cõvinha a seu stado e foyse ao dito moesteiro. onde todo o dia fallado cõ a abadessa e manjas perguntãdo e vëedo cõ grãde diligẽcia por todas Cousas da sua ordẽ». *Ibid*, pag. 91.

y llevar en su compañía al Principe Don Juan, aunque muchacho de quince años y muy enfermo. Con esta ocasión eran más continuas las idas del Rey a casa de la Princesa, mientras se disponían las armas, bastimientos navios y gente. La Princesa con achaque de la ausencia de su Padre y hermano, se quitó los vestidos ricos, que trahía y se vistió de negro, alegre de que se ofreciese ocasion en que de alguna manera se desnudasse de cosa que el mundo tanto precia. Savia que las vestiduras profanas más sirven de tropieços para caer el alma, que de adornos para componer el cuerpo, y quel demasiado estudio en esto, viene a ser ostentación y locura que ponen en peligro la honestidad. Deseava trocar libremente las sedas por los sayales, la vana soberbia de los vestidos por la verdadera humildad, desnudar el cuerpo de las púrpuras para vestir el alma de la desnudez de Christo. Llegóse el tiempo de la jornada del Rey y disponiendo las cosas del Reyno dexó su Gobierno encargado a la Princesa. Despidiose con notable ternura, que ella pagó con abundantes lágrimas. Partió la armada y quedó la Princesa en oración continua rogando a Dios por el buen sucesso de jornada tan de su servicio. Tuvo buen logro su justa petición porque llegando el Rey a las marinas de Africa ganó con notable felicidad las dos fortísimas cyudades de Arzila y Tanjar, que le granjearon el esclarecido renombre de Africano con que es conocido en el Orbe. Fué el venturoso sucesso de ambas conquistas en el mes de Agosto del año 1471. La de Arzila dia del Apóstol San Bartolomé, y la de Tanjar el del glorioso Padre San Agustin. Estas victorias pusieron terror al Africa, y apartaron de las riberas a lo más áspero de sus montañas muchedumbre no corta de infieles. Llegaron por diferentes avisos a la Princesa las nuevas deste feliz sucesso, y alláronla en su oratorio, donde desde la partida del Padre repartidas sus criadas en diferentes velas estava en oración continua. Postrada en tierra con mucha humildad, abundantes lágrimas y increyble gozo dió infinitas gracias y alabanças a Nuestro Señor, por la merced que havia hecho al Reyno y a su Iglesia.

Dispúose luego la Princesa a recibir a su Padre, que ganadas las dos plazas referidas, dió sin detenerse la vuelta al Reyno. Mas como todos sus intentos eran de ser esposa de Christo, quiso aprovecharse de la ocasión para alcanzarlo, pidiendo al Rey por este sucesso licencia de dexar el siglo, y recogerse en algún convento. Para salir a recibirle con todas las demostraciones de alegría, como havia repartido todas sus galas, dispuso otras de nuevo. Vistiose de terciopelo verde en demostración de la esperanza que la acompañaba de salir de aquella vez con sus sanctos intentos de hazerse esposa de Christo. Fueron muchas las joyas y ador-

nos de que se atavió en lo exterior, y seguida de sus donzellas y criados en compañía de Doña Filipa, su tia, salió a esperar a su Padre, y al Príncipe, su hermano, que entravan en el puerto de Lisboa con las demostraciones de alegría propias de tan dichosa jornada. Llega a su Padre llena de gracia y hermosura y postrase a sus piés. Esperaban acaso los circunstantes que pudiesse alguna merced de las que precia el mundo pues cualquiera seria corta en tal ocasión. No la pide, antes bien alentada de la divina gracia dixo al Padre con admiración de los que la oyan; e bien sabía que los Emperadores y Reyes gentiles faltos de lumbre de fee quando bolvian a la patria despues de alcançar alguna señalada victoria offrecian a sus falsos dioses la prenda que más estimavan asta llegar a sacrificar sus propias hijas; que no menor sacrificio devia hazer un Príncipe christiano al verdadero Dios (que con tan señaladas victorias le havia hecho uno de los más gloriosos y esclarecidos Reys del mundo) antes le havia puesto en obligación precissa de offrecerle la única hija, que tenía, para Esposa; e conforme a esto le suplicava apartasse totalmente su pensamiento de casarla, antes la tratasse de allí adellante como prenda offrecida a Dios en sacrificio, dándola licencia para elegir convento en que pudiesse servir toda la vida a su querido Esposo. Ó siglo verdaderamente bienaventurado que tan ilustre espectáculo viste! Viste triunfar de la naturaleza la Gracia; y exercer una superior hermosura imperio sobre sus sentidos y antojos; rendir sus apetitos y alcançar en la primavera de sus años aquella sazón y madurez a que apenas llega el Otoño de la vejez.

Causó esta propuesta notable admiración al Rey Don Alonso, al Príncipe y a todos los que se allavan presentes mas no osó contradecir el Cathólico Rey tan justa petición, ni disgustar a una hija aquíen tanto amava. Echola los braços al cuello y con lágrimas (que bien mostravan la tristeza del corazón) respondió que la otorgava lo que tan justamente le pedia; que se hiziesse la voluntad de Dios a quien él no podía resistir; que en sus divinas manos ponía todas sus resoluciones, y esta particularmente que mas que todas le importava.

Oyda por los Grandes y Señores que estaban presentes la propuesta de la Princesa y la respuesta del Padre, reclamaron todos diciendo en altas voces que protestavan por parte del Reyno, cuya Princesa jurada era Doña Juana. Mostrose más áspero que todos, y más quexoso el Príncipe; mas no se oya otra respuesta en la Princesa, sino que a Dios placiera dar larga vida al Rey su padre y a él muchos hijos, con que no faltasse la sucession al Reyno. No quiso entonces dar a entender havia escogido el convento de Aveiro para su descanso; porque no la estorvasse la consideración

de estar lexos, y ser pobre y no conocido aun más que por su notable clausura y recogimiento. Vuelta a su palacio y recogida en su oratorio postrada en tierra y regando el suelo con lágrimas de devoción y alegría dava infinitas alabanças a Dios por el singular favor y merced que la havia hecho. Detovose después desto algunos meses sin hacer novedad en la resolución que havia tomado, por dexar lograr al Padre, al hermano y al Reyno el gusto de la victoria passada. Todos continuavan en su casa llevando a ella los regosijos de la Corte y juzgándola ya olvidada de sus buenos deseos.

Havia ya a este tiempo (vencidas no pequeñas dificultades) alcançado licencia Doña Leonor de Meneses de la Condessa su madre para entrarse en Religión. Con esto buscó oportunidad para verse con la Princesa, y saliendo de casa acompañada de algunas criadas se fué a su Palacio. Recibida de la Princesa con notable amor y apartadas en su oratorio ablaron largamente de las cosas del Cielo y de la execussión de sus sanctos propósitos. Mas como es imposible que la luz del sol no penetre por qualquier resquicio, assi el amor de Dios que estava apoderado de su sierva, no pudo facilmente encubrirse por los indicios de la sancta vida y continuadas abstinencias que hacia. Esto junto a la nueva conversación y amistad con Doña Leonor (cuya virtud era conocida, como tambien la resolución de ser religiosa) despertó al común enemigo de nuestro bien, para que levantasse una persecución contra esta y las criadas que llevavan sus recados y billetes a la Princesa. Procuró él por medio de personas que afectavan zelo no fuessen admitidas en Palacio y sobornaron ellas a los porteros para que no las dexassen entrar. Causó esto notable pena a la Princesa, mas no pudo derribar la robustez de su espíritu, antes crecia con estas pruebas el amor mas alentado y fuerte, sin que contradicciones, ni disgustos, pudiesen un punto moverla de lo empeçado.

Con las contradicciones hazia su propósito más firme assiento en la voluntad y los estorvos la bolvian más constante, porque creciendo la voluntad, a una crecia el ánimo. A esta firmeza se juntava un suave affecto de amor. Ya descubría tierra menos fragosa, y viendo en Christo las cosas que iva buscando para allarle, no ya como a medios, mas como a un dulce cielo las deseava abraçar. Estimava sobre todos los thesoros el que encierran en sí los oprobios y dolores de Christo, y como cosa tan suya se regalava con su memoria.

Allava en ellas tan al vivo el amor, que la mostró, que se aumentava por mil raçones el suyo. De aquí salian por momentos unos deseos valerosos de seguirle, y pisar con gusto las espinas que dexó el Señor atrás, teniendo por inestimable favor lastimarse donde el primero se lastimó.

Despidiose Doña Leonor de Meneses de la Princesa con gran ternura y encargada que avisasse de todos sus sucesos se partió para Aveiro acompañada de la Condessa su madre y de otras parientas. Llegaron a aquella villa y tomaron casa para disponerse en que se detuvieron algunos días. Señalado el de la entrada fué admitida por votos con general consuelo de las religiosas recibiendo el havito de mano de la Madre Beatriz Leytam en seis de deziembro de 1471. Perseveró Doña Leonor en aquella vida cumpliendo con gran fervor de espíritu las obligaciones de la Religión, y exercitándose en los officios más humildes de la Comunidad. Acabado el año de su aprobacion y añadiendo virtudes a virtudes dentro de siete fué eleta subpriora del Convento, y por muerte de la Madre Beatriz Leytam (que sucedió dos años después) Priora con gusto general de las Religiosas. Antes y después se dió de tal suerte a penitencias, ayunos, y a la observancia regular, que en breve tiempo perdida la salud, y postradas la fuerças corporales, acabó sanctamente llena de virtudes y perfección religiosa.

Como Doña Leonor recibió el havito en el Convento de Aveiro informó con gran particularidad a la Princesa de su observancia y regla. Refirióle las muchas virtudes de su venerable Prelada y de todas las religiosas. Alegrábase ella con estos avisos, entreteniendo con ellos la sed que la encendía como el sediento enfermo con el ruydo del agua. Continuava la correspondencia con puntualidad, esforçándose las siervas de Dios una a otra a no desistir de sus propósitos, unidas ambas con el estrecho vinculo del amor divino. Sucedió el año siguiente de 1472 un admirable prodigio con que Dios quiso anticipadamente dar a el mundo un clarísimo testimonio de la virtud de la Princesa y de los resplandecientes rayos que en aquel lugar de Aveiro havia de esparsir de santidad y exemplo. En el mes de março empeçó a verse sobre el Monasterio de Jesús un cometa semejante a una grande estrella ⁽¹⁾. A la hora de completas era siempre su principio, y el fin al amanecer, no faltando aunque el cielo

(1) «Ho ãno do Senhor de mil. quatrocentos. setenta e dous. No mes de Marco. Comecou de aparecer e se demostrar no Ceo sobre este moesteiro. hũu muy evidẽte e manifesto synal. Ho qual era que Como de todo se ponynha ho soll. aparecya bũa grade Cometa a maneyra de muy grande strella » *Ibid.*, pág. 100.

En efecto, en la «liste générale des comètes de l'origine a 1948», publicada en el *Annuaire du Bureau des Longitudes pour l'an 1950*, por M. F. BALDET, se registra la aparición de un cometa innominado, que fué visible en Europa durante el mes de Marzo de 1472, en la constelación de Aries, noticia recogida asimismo por P. PINGRÉ en su *Cometographie ou Traité historique et théorique des Comètes*, publicada en Paris en 1783, que confirma la afirmación de los manuscritos de Aveiro y de MASCAREÑAS.

estuviesse turbado y cubierto de nubes. Estava siempre fixo sin mudarse del lugar en que aparecia que era unas veces sobre el aposento en que después vivió la Princesa, y otras sobre la sacristía. Salía del un rayo mayor que los otros (que se iba estrechando asta hazer una aguda punta) y cubria unas veces el dormitorio y otras el claustro. Duró este prodigio sin faltar un solo día asta el de la entrada de la Princesa con gran espanto de todos los que miravan tan maravillosa y no acostumbrada señal. No menos temieron las religiosas no entendiendo la maravilla, sino al tiempo señalado.

No cessava la Princesa en los virtuosos exercicios de su vida, añadiendo deseos a deseos, y suspiros a suspiros por huyr del mundo y servir al Esposo, a quien tanto amava. No se podian encubrir ya sus fervores, por más que procurava dissimularlos. Era grande el rumor en Palacio y no menor la murmuración acerca de sus penitencias y de verla más dada cada dia a los exercicios espirituales. Proseguia la correspondencia con Doña Leonor de Meneses y con la devota Madre Beatriz Leytam de quien tenia particular conocimiento por haverse criado en Palacio con la Reyna su Madre, y servídola quando la Princesa era niña. Pediale que la encomendasse a Dios y que lo mismo encargase a sus subditas. No es facil de explicar el fervor y deseo con que esta señora procurava verse religiosa y debaxo del pesado yugo de la obediencia para seguir el exemplo de aquel Señor que se hizo obediente hasta la muerte, y muerte de Cruz. Juzgava muy ligera la áspera vida de la Religión comparada con la del siglo, donde tantas penalidades se padecen, admirando que se tuviesse horror a la penitencia y no a los percipicios mortales por donde nos arrastran los vicios. Ello es cierto, que los trabajos que nos llevan al daño, abrazamos, y los que nos apresuran al provecho, aborrecemos. Siniestro modo de entender los mortales que haviendo de padecer en ambos caminos, eligimos ir rebentando al castigo, por no caminar padeciendo al premio. Lo que más arrebatava su affecto era la consideración de los tormentos de Christo, su dolorosa pasión, era la que más ocupava su discurso, y todos sus amores y gustos eran con Jesús crucificado. Estavale mirando siempre y trayendo a la memoria aquella serpiente de metal colgada en el desierto para sanar las mordeduras de la antigua serpiente en nuestros primeros originales, de donde nació la llaga general, que con tanta razon se llama cuerpo del pecado. Comtemplava al Christo en su propio ser, vacio por una parte de toda culpa (como la serpiente hueca) y por otra con más llagas que un leproso (como varon herido de tan rigurosa mano) y como serpiente hecha con la labor del martillo. En memoria

de tan devotos mysterios ayunava los viernes a pan y agua guardando silencio, o ablando solamente lo preciso. Las noches de talés días no se desvelava y las más sin acostarse las passava en continua oración con muy rigurosas disciplinas. Era particularmente devota del mysterio de la Oración del Huerto, y de la agonía en que en él se vió nuestro Redemptor. Tuvo toda su vida por devoción tomar hora particular en que encerrada en su oratorio, puesto el hermoso rostro en la tierra, con abundancia de lágrimas y gemidos, orava largamente, repitiendo muchas veces las palabras que nuestro Redemptor dixo en aquella oración a su eterno Padre. Destas consideraciones salia la Princesa con vivas ansias de una verdadera imitación de sus trabajos. Brotava la naturaleza corrompida el pundonor y la estimación que se devía a su real sangre; mas bolviendo los ojos a los abatimientos de Christo, a sus dolores y a sus llagas, vencían los deseos de seguirle. Con tal medicina se cura tal dolencia.

Amava entrañablemente la paz y concordia entre los suyos, procurando con grandes veras concordar a los discordes y unir las voluntades disconformes. Cuando no lo conseguía con los consejos y amonestaciones, mandava a los oficiales de su casa no acudiessen con las raciones a los culpados. Tenía gracia particular para hacer amistades y assi se logravan ordinariamente sus buenos deseos. Tanto puede el amor quando le ven en el pecho del superior los súbditos, y tan poderosa es la palabra blanda para quebrantar la ira y deshazer las contiendas! Podrianse assi remediar muchas cosas, si los que mandan supiessen dar en la cuenta.

No quiso la Princesa dilatar más lo que tanto deseava. Visitándola un día el Rey su padre, se valió de la ocasión, y postrada a sus piés le pidió con muchas lágrimas le concediese la merced ofrecida, pues era tiempo ya de cumplir a Dios la promessa. Despues de muchas altercaciones y excusas, le dió el Rey por última respuesta, que pues tan firme estava en su deseo y propósito no queria contrariar la voluntad de Dios (en cuyas manos havia puesto todas sus cosas) y le ofrecia de buena gana en ella la prenda que mas estimava. Que determinasse quando y donde queria ser Religiosa para que él y el príncipe la acompañassen como era justo. Besó la Princesa la mano a su padre por tan deseado favor y le dixo que por entonces lo que havia determinado era entrarse en el convento de Odivelas para desde allí deliberar en lo que Dios la inspirasse. Encargole sus criados y criadas, que aun estava algunas por acomodar, y él para todo la ofreció su real amparo desembarazando a la hija del cuydado que la daba mayor molestia. Levantose el Rey muy triste y despidiendose de la princesa se fué a palacio.

No pudo encubrir el dolor, que en el piadoso corazón llevaba, y vinieron a atender la causa los palaciegos. Fué grande la murmuración que se levantó entre todos con tal resolución, y entre las criadas de la Princesa fué la turbación mayor. No havia entre ellas reposo ni descanso considerando el propio desamparo y la pérdida común del Reyno. Crecia en todos el dolor, y este no era menor en la Princesa considerando el desamparo de unas a quien havia criado, y de otras con quien se havia criado, que a todas tenía igual amor. Armada contra esta astucia diabólica de las armas de la fortaleza y amor divino, y guarnecida de la gracia de Dios (de que se allava alumbrada) quando menos lo pensavan todas rompió animosa por las dificultades. Salió de su palacio secretamente una noche y metiese en el convento de Odivelas donde de la Abbadeça y monjas fué gustosamente recibida.

Quando al otro día se divulgó la ausencia de la Princesa y se supo su entrada en el convento no es decible el dolor y sentimiento, que causó en todos. Cerraron las puertas y ventanas de su palacio y no se oya en él más que gemidos y lamentos entre sus criadas. Cada cual llorava su desamparo, y la alegría de que estaban llenos los aposentos con su presencia se havia trocado en lágrimas. Salió la voz a la ciudad y toda se llenó de tristeza, porque grandes y pequeños juzgavan esta la mayor pérdida que podía venir al Reyno. Tales esperanças fundavan en la Princesa.

Entró luego en el convento Doña Felipa su tía para acompañarla, quien assitia continuamente con ella, y platicavan muy de ordinario en cosas espirituales. Mandó la Princesa que ninguna de sus criadas fuesse porque la perturbavan, resolución que causó en todas nuevo dolor. Solas dos, ambas ancianas (y una dellas la ama que la havia criado) estaban dentro, y otras tres criadas de menor porte, que consentía la sirviessen mientras no era religiosa. El Rey y el principe la visitaron a menudo en el espacio de dos meses que estuvo en Odivelas. Persuadianla a que no tomasse vida religiosa. Representavan quan dificultoso era passar del siglo a la Religión, del mandar al servir, de la cama blanda al lecho duro, de la seda al sayal y de la libertad a la sujeción. El gran raudal de un rio crece a los mayores estorvos. Esto mismo passava en los affectos de la Princesa. Entendía que sus deseos eran de Dios (que tan encendidos brios en una mujer delicada no podían ser de otra fuerça que del Todo poderoso, que save valerse de débiles y flacos instrumentos para confundir lo fuerte) y resistia firme a todas las razones con que pretendían mudarla. Mas porque no creciesse el ímpetu de las persuasiones, procuró meter tierra en medio, y alexarse de la Corte por evitar semejantes plá-

ticas. Pidió al Rey su Padre tuviese por ben mudarla de aquel Monasterio para otro en que libre de los estruendos del siglo pudiesse servir a Dios con más quietud. Vino el Rey bien en ello despues que no pudo moverla con sus razones. Eligió el convento de Santa Clara de Coimbra, seminario de virtud y nobleza y acomodado para visitarla muchas veces. No quiso la Princesa replicar a esta resolución, viendo que con esta jornada se acercava mas a Aveiro (que era el paradero de sus deseos) y que por este camino sino se venían se facilitavan las dificultades. Escribió luego a la Madre Beatriz Leitam avisándola de su viage, de los intentos que llevaba y pidiéndola hiciesse encomendar mucho a Dios ayudasse sus intentos. Fué recibida esta nueva con increíble alegría assi de la venerable Madre como de todas las religiosas, que dieron infinitas gracias a Dios (no sin lágrimas) por aquella dicha. Encargó luego la devota Prelada a sus subditas muchas oraciones, vigiliass y penitencias, en que continuaron incessantemente asta que vieron cumplidos sus deseos.

Partió la princesa acompañada de su padre y hermano para Coimbra en el mes de Julio de 1472. Fué tambien en su compañía una monja del convento de Odivelas llamada Doña Mencia de Alvarenga, a quien la Princesa se havia aficionado por sus muchas virtudes. Su tia Doña Felipa (como la havia criado despues que murió la Reyna su hermana) jamas se apartava della, si bien ignorava aora sus intentos. Hacian las jornadas cortas por los calores, que eran excesivos; mas a la constancia de la princesa eran alivio semejantes penas. Una jornada antes de llegar a Coimbra (valiéndose primero de su acostumbrado refugio de la oración, y encomendándose al glorioso Padre San Agustin, de quien era devota, y a quien havia tomado por amparo en esta sancta empresa) se dispuso a pedir licencia a su Padre para ver el convento de Jesús de Aveiro. Díxole que de sus virtudes y observancia religiosa havia oydo tantas alabanças, que deseava verle, estar en él algunos días, y passar despues adonde ordenase. Vino el Rey en lo que la Princesa le pedía, no sin recelos de que intentava quedarse de asiento en aquel vergel ameno de virtudes. El principe, Doña Felipa y los principales señores que alli se allavan trabajaron lo possible por estorvarlo. Pareciales el lugar pequeño (eralo entonces y aora de los mas populosos de Hespaña) el convento humilde, pobre de edificios no solo para ser religiosa mas para detenerse en él un día. Su Religión y observancia granjeava el común aplauso, mas no les parecia con todo eso conveniente que la Princesa fuesse a un lugar que mejor podria llamarse destierro. La invencible esposa de Christo (siguiendo su exemplo pues siendo Rey eterno de la Gloria

escogió para su nacimiento el humilde lugar de Belem y en el un pobre pesebre entre brutos animales) no mudó de intento a vista de tantos estorvos. Alegravase de que todas las razones con que pretendían convencerla se conformaban con la humildad que buscava, y assi ordenó se hiciesse la jornada a Aveiro donde llegaron a treinta del mes de Julio.

Allavase ya en el Puerto seguro de su descanso, libre de las furiosas olas que procuravan derribar su deseado propósito. Quiso pues detenerse cinco dias en la villa (ya todos se allavan desengañados de sus intentos) para con menos molestia del convento ordenar sus cosas y disponer de su hacienda, y criadas, antes que emprendiesse el camino de la Religión. Entró finalmente la Princesa en el Monasterio de Jesús de Aveyro en 4 de Agosto del mismo año de 1472, acompañada de su padre, de su hermano, de su tía y de Doña Mencia de Alvarenga.

Esperavanla a la puerta la venerable Priora Beatriz Leitao, la Madre Maria de Atayde y otras ancianas, con muchas lágrimas de alegría espiritual mezclada con temor de Dios por ver una tan grande obra suya no vista, ni oyda en aquellos tiempos. Las demas religiosas estavan en el choro recogidas en oración repitiendo alabanzas a Dios por tan señalada merced. Entró una mañana despues de haver oydo Missa en la capilla da Jesús, víspera de Nuestra Señora de Nieves, y día del glorioso Patriarcha Santo Domingo. Desde este día no se vió más sobre el convento el cometa que desde el mes de Março no faltó día alguno. Con esto se manifestó ser de Dios esta obra e voluntad suya que sirviesse aquel instrumento de eterno testimonio de las virtudes y exemplo con que la Princesa havia de alumbrar el mundo.

Teniala dispuesto la Priora un aposento, si bien humilde, el mejor que tenía la casa. En él assistió algún tiempo asta que se la acomodó otro mejor, en que puso tambien su oratorio, y abrió una tribuna a la iglesia por oyr missa con más comodidad y menos embaraço. Desde aqui oya tambien las horas, quando no tenía disposición para assistir en el choro con la Religiosas. Ajustado todo lo que pareció conveniente, se despidieron de la Princesa los que la acompañaron con notable ternura. Excedió a todos en esta demostración el Rey Don Alonso su padre que sentia gravemente haver de apartarse de una hija a quien tanto queria y estimava. Mas como cathólico y temeroso de Dios, se conformava con su divina voluntad, encubriendo quanto le era possible el dolor. El Principe llevaba mas agriamente la resolución de su hermano, reclamando y haciendo protestas sobre su entrada en el convento. Asseguraba no consentiria nunca que ella siguiesse tal vida, ni estuviesse en tal lugar; mas la cons-

tante virgen procurava sossegarle con palabras blandas y discretas.

Despidiose de todos con muchas lágrimas, quedando quieta y pacífica en el espíritu y dando infinitas alabanças a Dios de ver que en esta parte havia cumplido sus fervorosos deseos. Quedó con la Princesa Doña Mencia de Alvarenga y assistió en este convento algunos años con licencia del Pontifice y permission de sus Prelados. Despues volvió a su convento de Odivelas donde despues de ser Abbadesa murió sanctamente.

En una casa junto al Monasterio quedó Doña Felipa por assistir más de cerca a su sobrina, a quien estimava sobre todas las cosas del mundo, y assi no sufrió apartarse della. Iva todos los días a Missa a la iglesia del convento; despues se entrava en él, llevando siempre en su compañía a la ama de la Princesa, y a la otra antigua secretaria de su pecho y sus virtudes, que ni una ni otra se apartó de la Princesa asta la muerte. Assistia con ella todo el día y a la noche bolvia a su casa, en que conservava el aparato devido a su Real Sangre.

Desocupada ya y suelta de los embaraçosos cuydados de Palacio, gozava en el sossiego del monasterio el verdadero fruto de la vida y de la virtud. Vivía en el cuerpo, como sin él, y ensayábalo con ásperas penitencias para la muerte. Aquí desterrada del mundo y hecha ya cortesana del cielo, domaria las pasiones del cuerpo, para que libre de sus prisiones el alma, volasse con encendidos affectos al sumo bien. Vivía solamente a Dios en temor sancto y amor de sus excelencias; en aborrecimiento del mundo y menosprecio de sus grandezas; en olvido de la tierra, memorias del cielo y exercicios de todas las virtudes.

Que admirable se nos muestra Dios en sus sanctos! De la fragilidad y miseria de nuestra naturaleza los escoge y levanta para regalos y favores del Cielo. Junta en cuerpos delicados la niñez con la prudencia; la nobleza con la humildad; el consuelo con la mortificación; la pobreza con el contento; la desnudez con las riquezas. De las asperezas saca suavidad; de las hieles dulçura; de los males, bienes, y de los extremos, que parecen contrarios, maravillosas consonancias para nuestro bien.

Puesta ya esta nueva planta en la corriented de las aguas del jardin de la Religión, comenzó su carrera con tal velocidad, que ponía espanto. Más se juzgava acabarla felizmente que dar principio a una vida recogida y sancta. Poco le parecia quanto hacia por Dios, tan poderoso era el amor, que la llevaba. Cobró gran amor a la Priora y religiosas, alegrándose cada vez más de verse en su compañía. Todas la servian con gusto en lo que podian y todas se consolavan

con su presencia. No mudó por entonces los vestidos y tocados, si bien eran muy conformes a su rara honestidad. Advertia en el modo de las religiosas, tomando plática de las cosas del convento sin descubrir el propósito de mudarse a su estado. Assistia con ellas en el choro, sentándose siempre en las sillas de las novicias, lugar que no mudó en toda su vida.

Iva muchas veces a Aveiro el Principe a visitarla y consolarle con ella porque la amava de corazón. Procurava divertirla del camino de la Religión, asegurándola que ni él ni el Reyno consentirian en semejante resolución. Respondia ella unas veces con sagacidad y prudencia; otras callava encomendándose a Dios y pidiéndole pusesse término a sus deseos. Passó assi algún tiempo continuando su sancta vida con gran recogimiento y gusto espiritual, y haciendo firme propósito de no salir más de aquel pobre y humilde monasterio. El mayor indicio de ser divino el espíritu, que vivia en su alma era aumentarse el deseo quando podía no executar la resolución, y estar más fervorosa la gracia quando devia allarse mas cobarde de la naturaleza. Que la Princesa desearse ser monja, quando no conocía monjas era sancto propósito (aunque sujeto a la variedad y mudança que trahen consigo los humanos acaecimientos) pero que habiendolas visto pobres, penitentes y austeras, perseverase aficionada el alma de lo que más podía recelar el cuerpo, es evidente señal de que aquella obra era de Dios. Con esta firme resolución ordeno con la venerable Priora que por no ocupar las oficinas (de que tanto necesitavan las religiosas) de sus propias rentas se comprasse una huerta que estava junto al dormitorio. Era necessaria asi para desaogo de las religiosas como para labrar un humilde cuarto para su persona. Tenia otra comodidad este sitio para la Princesa, que estava más cerca del choro porque antes para ir a él passava por los corredores descubiertos, que en el invierno con los vientos frios le causaba notable trabajo. Executose lo que deseava, compróse la huerta y labrose la casa brevemente. Acavada se mudó a ella con Doña Mencia de Alvarenga, que siempre la hizo compañía en su selda mientras se detuvo en aquel convento.

Pareció a la Princesa ser ya tiempo de poner en execución los sanctos deseos de ser religiosa, y assi determinó declararse con la Priora. Hizolo dandole cuenta de su última resolución, que era recibir su sancto havito y vivir a su obediencia como verdadera súbdita suya. Oyendo la devota Madre estas palabras de la Princesa, bañada en lágrimas y llena de incomparable alegría dió muchas gracias y alabanças a Dios por tan señalada merced. Pidióle luego que señalasse dia para la execución y fuesse servida de no recibir el havito

de sus indignas manos sino de las de fray Anton de Santa Maria su Prelado. No vino en esto aquella Real humildad, antes obligó a la Priora que se le diesse de su mano señalando el día 25 de enero del año 1475. Bien dexa considerarse el gusto con que todas las religiosas recibirían la nueva de tener tal hermana y compañera. Largos siglos les parecían las horas que esto se dilatava, más al fin llegó el día señalado. Vistiose para este acto ricamente y acavados los maytines del glorioso Apóstol San Paulo (de quien era especial devota) fué llevada al capitulo, donde la esperaba toda la Comunidad, por la Maestra de Novicias, Isabel Luis, acompañada de Doña Mencia de Alvarenga. Caminava la Princesa con tal júbilo que ya parecía iba a gozar de las eternas bodas con su dulce esposo. Entró en él y postrose humildemente a los piés de la Priora, a quien escassamente daban permisión para hablar las lágrimas; mas como pudo inclinándose dixo: Señora, que es lo que quereis? Respondió ella con humildad: La misericordia de Dios y la vuestra. La misericordia de Dios y su gracia, prosiguió la Priora, siempre estuvo y estará en vuestra alma. Aora baxó sobre nosotras su divina misericordia, pues nos hace dignas de favor tan grande como que seais contenta de recibir el havito de Religión en esta humilde casa, y estar en nuestra compañía por su amor. No es necesario, Señora, hazeros preguntas, ni declararos las asperesas de nuestra sancta regla, porque todas las sabeis ya y teneis experimentadas con obras. Por el amor de Dios despreciando todas las cosas del mundo os disponeis a recibir el havito de nuestra Orden, assi al mismo Señor suplico humildemente acabe lo que aora empeçais para que redunde en eternas alabanças suyas, y a vos os sirva de poseerle eternamente. Con esto se llegó la Princesa a la venerable Prelada de rodillas como estava y sueltos sus hermosos cabellos se los entregó liberalmente para que los cortasse. Hizolo con muchas lágrimas y con ellas prosiguieron tambien las religiosas las ceremonias de aquel acto. Desnudose y puso en el açafate por offerta las pocas alajas, que trahia. Eran una cruz de oro con el sancto leño, un Agnus Dei guarnecido del con muchas reliquias. Trailas desde su niñez siempre consigo por ser muy aprovadas con milagros y haverlas heredado de la Reyna su madre. Tambien offertó una sortija con una esmeralda que nunca havia quitado de si por haverse la dado Doña Felipa, su tia. Con esto recibió el havito con gran devoción, dando paz a las hermanas con mucha dulçura y gracia. Llevaronla en procesión al choro, y postrada delante de su divino esposo le ofreció digno servicio de alabança, y amor de si misma. Con esto se acabó el officio y la Princesa se quedó en el choro por muchas horas en oración, meditacion y lágrimas. Más antes que

escriba las perturbaciones que causò en el Reyno esta no esperada resolución, diré algo de la fortaleza y fervor con que dió principio a la començada empresa y la prosiguió.

Mejorada de estado, mejoró (si puede desirse) también de vida, al contrario de los que pretenden como esentos de las leyes comunes llevar el oficio sin la obligación. Puesta en lugar más alto (por tal juzgava el de la Religión, y juzgava bien) comenzó a vivir en él con más recelo, y mayor recato de la cayda. Puso grillos a sus piés de más estrecha observancia para dar con más acierto los passos en el angosto camino de la vida, donde quien con más libertad anda, más peligro corre. Hizo fundamento del nuevo edificio la virtud que tiene por su cuenta lo más hondo y firme que es la humildad. Prosiguió en ella asta el profundo abatimiento de sí misma, porque la fábrica despues no hiciesse vicio por falta desta firmeza: que en los cimientos la más pequeña quiebra, es ocasión de ruina a lo más alto. Seguía todos los actos de la Comunidad como las demás religiosas asistiendo a las horas del choro de dia y de noche sentada en una silla de las novicias según su ancianidad. Las túnicas que vestia; las savanas en que se acostava eran de estameña y de lana sus vestidos, y en esto y en las demás cosas de su uso se tratava como la más penitente del convento. Jamás quiso comer sino en el refitorio, tomando solamente lo que bastava para sustentar la vida. Mandó la Priora que junto a la Princesa estuviesse para ministrarle la comida una religiosa llamada Clara de Sylva. Las que servian las mesas, la servian tambien sin ceremonia, ni diferencia. En la tabla de los officios la ponian como las demas novicias, y con todos los que la encargavan cumplia con humildad y con gusto. Ninguna en aquella sancta compañía la igualaba en alçarse con lo mas baxo. Quien la viera no juzgara, que jamás se havia visto en otra cosa. Ensayaseles muy bien a los sanctos esto de humillarse, por su propio conocimiento, que los inclina a su desengaño. Era sumamente obediente a la Prelada y a su Maestra; y igualmente humilde con las otras religiosas. Trahia siempre en la boca (despues le mandó escribir en la correa de su rueca) aquel consejo de Christo que todos deviamos traer delante de los ojos *Discite a me, quia mihi sum* (1). Hilava y hacia labor con sus hermanas (assistiendo a esto las horas señaladas con profundo silencio). Salieron de sus manos corporales, palias y otras cosas necessarias al culto divino hechas con notable perfección. Aprendió a hazer silicios y disciplinas, que presentava a las religiosas.

(1) «e ã a correa da Roca a mãdou screver, a saber, discite a me, quia mihi sũ. etc.» *Ibid.*, pág. 116.

Desde que tomó el hábito no quiso firmarse *Princesa*, como antes hacia, asta que la Prelada la ordenó lo hiciesse, diciendo que lo que Dios la havia dado por hija de sus Padres, no lo havia perdido por esposa suya; antes se confirmava con mejor titulo.

Era increyble el gozo con que assistia a los más humildes trabaxos de la Comunidad, ayudando a barrer el claustro y dormitorio y a traer el pan y leña para el convento. Entonces por no haverse introducido aun la impropiedad de tener criadas las religiosas, estaban sujetas a todos los trabajos corporales. En las recreaciones era apacible con todas y assi como en los exercicios espirituales y en la oración era sobremanera recogida, quando se juntava con las religiosas en los entretenimientos se mostraba sumamente humana. No consentia se le hiciessen ceremonias de cortesia en obras y palabras, y en el hábito guardó sin dispensación las constituciones de la Orden. En el cabello lo que entonces se usava, que era por delante asta llegar a las cejas, y por los lados asta cubrir las orejas. En todas las otras cosas se portava sin diferencia de sus hermanas sirviendo de exemplo y edificación a todas.

Despues que entró en el convento no salió del (y era permitido) asta el tiempo de la peste, que después diré. No abló más a persona alguna que no fuesse eclesiástica y assi no dava audiencia más que a los cardenales, Arzobispos, Obispos, Prelados y algunos religiosos de conocida virtud. Su conversación en tales ocasiones, toda era de Dios, y de cosas espirituales. Ocupávase mucho en visitar y acompañar las religiosas enfermas, curándolas y dándoles de comer por su mano. No podía ver alguna triste, antes procurava saber la causa, y remediarla con sus sanctos consejos. En conociendo que alguna no andava en paz con su conciencia con ayunos, penitencias y lágrimas, procurava alcançar de Dios su quietud (y lo conseguia) haziendo sacrificio de su propio cuerpo, por la salud agena. Si tenia noticia que algún seglar estava en pecado mortal, o embaraçado con tentaciones, procurava remediarle, applicando las mismas medicinas que applicara por su alma si la viera en semejante peligro. Es cierto que por este medio salieron muchos de pecado, dexaron sus vicios y las ocasiones de sus caydas, y abraçando la virtud, se reconciliaron con Dios. A muchos esclavos moros, que su padre le havia dado de los que cautivó en Africa (1), reduxo por sus oraciones y ardientes consejos

(1) «Algũs scravos e scravas mouros que lhe dera e mãdara el rrey seu padre que trouxe da tomada dos lugares de afryca... e breve tẽpo hos trouxe e ffez cõverter aa sancta ffe Catholyca e baptismo.» *Ibid.*, pág. 119.

a nuestra Sancta fee catholica, haziendo que recibiesen el Sancto Bautismo. Si conocia ser su conversion verdadera, les dava libertad y casava, assistiendoles siempre con su favor y largos socorros. Parece la dava Dios Fuerças sobrenaturales, porque los infieles mismos nunca se cansavan de oyrla, quedando espantados de la viveza y claridad de sus razones, y del espíritu con que las decia. Confessaban algunos no allar en las palabras de otros la fuerça y la virtud que en las suyas, que penetrando asta lo intimo del corazón, le rendian con un imperio, y como violencia estraña a las Leyes de la Iglesia. Era grandemente áspera y rigurosa con las rebeldes y desobedientes a la Prelada; y igualmente blanda y apacible con las que cumplian enteramente con las obligaciones de la regla. Decia muchas veces que havia de pedir a Dios que las penas que la huviesse de dar en el Purgatorio por sus muchos pecados se las diesse en este mundo para padecerlas entre sus hermanas. Procurava juntar buenos libros espirituales para entretener el tiempo y caminar con tales maestros en los exercicios de las virtudes. En los del rezo era tan curiosa que sabiendo que en el convento de Bemfica, en el contorno de Lisboa, havia un breviario y un diurno manuscritos de excelente letra hizo los pagassen muy bien al convento y se los remitiessen.

Jamás comia carne cumpliendo con los ayunos de la Iglesia y de su Orden, con tal puntualidad, que no admitia dispensacion alguna en esta parte. Confusión verdaderamente grande para los que por levissimos achaques (de ordinario imaginados o temidos) quebrantan el precepto de la Iglesia por el amor desordenado de la vida, que muchas veces se pierde tempranamente, en pena de lo poco que de Dios se fia. Esta es una memoria breve de las virtudes de la Princesa y de la sancta vida que empeçó viendose en el nuevo estado de la Religión. Proseguiré despues con las otras, que aora me llaman las turbaciones que a sus parientes y vassallos causó esta determinación.

Al otro dia de la recepcion del havito, se supo la nueva en la villa y llegó a su tia y criadas, que con resolucion tan poco esperada, perdieron casi el sentido de dolor⁽¹⁾. Cubrieronse de luto y de lagrimas, y no se oya en aquella casa, como en toda la villa, sino suspiros y lamentos. Esparciose luego por todo el Reyno, y causó general descontento en los vassallos ver que su Princesa jurada (en quien fun-

(1) «No outro dia depois de tēer Recebido ho avito esta Senhora Como se soube per esta vylla e veyo aas orelhas da Senhora dona ffilipa tia sua que ainda stava na vylla e suas pousadas e a vinha ameude visitar.» *Ibid.*, pág. 121.

davan sus esperanças a falta de la sucession del Principe que no la tenía) tomasse una resolucíon tan contraria al bien commun. Juntaronse las cyudades, villas y pueblos principales y eligiendo sus procuradores, los remittieron a Aveiro a procurar impedir la resolucíon de la Princesa (1). Ablaron todos descompuestamente a la Priora afeando la osadia con que se dispuso a darle el havito y cortarle los cabellos sin consentimiento del Rey y de sus vassallos. Decían que pondrian fuego al convento sino se la entregavan, y otras palabras que producía el justo dolor en sus fieles pechos. La venerable Madre respondía con otras llenas de dulçura y humildad, mas resistiendo siempre la entrega de la nueva religiosa. Su respeto obligó a los procuradores a contentarse con sacar instrumentos públicos, protestando; que a qualquier tiempo que la Princesa fuesse necessaria al Reyno, para darle heredero, o gobernarle la sacaría libremente del monasterio. Ella si bien se allava firme en medio de la tempestad, no dexava de recelar alguna turbación en lo adelante por las ocasiones en que podia verse el Reyno. Doña Felipa, su tia, estuvo encerrada algunos dias sin visitarla y passados algunos meses, sin despedirse della, se fué a Lisboa, y se entró en el convento de Odivelas de donde havia salido. Passó su enojo a vengança pues por contrariar en todo el gusto de la Princesa hizo que la Prelada de Odivelas mandasse recoger a su obediencia a Doña Mencia de Alvarenga. Assi se executó, quedando la esposa de Christo, aunque en gran soledad por falta de su compañía, siempre mas firme y segura en sus sanctos propósitos.

Fueron mayores en el Principe las demostraciones de sentimiento y dolor con esta nueva. Cubierto de luto se arrojó a los piés de su Padre protestándole que no dexase lograr la resolucíon de la Princesa; que sino tuviesse entendido que él por su propia authoridad iria a quitar el havito a su hermana. Que el intento con que la havian permitido irse a aquel convento havia sido no para que fuesse religiosa; mas porque estuviesse recogida, mientras no se disponia casarla. Sin esperar otra resolucíon partió a Aveiro acompañado de algunos señores y en particular de Don Garcia de Meneses, Obispo de Evora, que era el que mas contradecia que la Princesa fuesse religiosa. Entró en el convento

(1) «Ajútan sse logo sê mays. tardar de todas as Cidades e villas principaes do Regno certos Cidadãos e pessoas principaes cõ seus tabaliaães de Cada lugar e vierõ sse a esta villa aa Roda deste moesteiro. E mandado chamar a Santa madre britiz leytoa prioressa. disserõ lhe cõ grãde Ira e sanha ho grãde disprazer do que era feyto tinhan cõ muitas pallavras desordenadas desta tã desarrazoada Cousa que avia feyto seer ousada cortar os Cabellos.» *Ibid.*, pág. 121.

tan colérico (1), que saliendo a recibirle la Priora oyó una reprehension tan áspera y unas palabras tan descompuestas, que pudieran justamente turbar el animo de quien le tuviera menos empleado en las cosas divinas. Respondió postrada a los pies del Principe con pocas y humildes palabras. Disculpó la accion con haber obedecido a la Princesa y añadió que estava pronta la voluntad a padecer por Dios y por su gloria. Que trabajos envueltos en viva memoria del Christo, y llevados por su amor le eran dulcissimos, y podian esforçar mayor flaqueza. No decia como Isac: aqui está el fuego y la leña; ¿onde la victima del holocausto? antes repetia en lo intimo del coraçon: aqui está la victima del holocausto, ¿onde la leña y el fuego?

Quando el Principe estava mas empeñado en descomponer con palabras a la humilde Prelada sale en su busca la Princesa, y con rostro alegre se puso en su presencia. Mirola él y viendola despojada de sus galas y vestida en havito religioso, demudada el rostro por las penitencias mudó en un instante el furor en ternura. Atonito y como fuera de si, sin poder enfrenar la corriente de sus ojos, la abrasó, y con palabras amorosas, la propuso el descontento con que dexava a su padre y el con que se allava el Reyno todo habiendo sabido su determinacion. Persuadiala a no dexarlos tan solos, particularmente a él, que no tenia otra cosa en el mundo que mas estimasse; que se allava sin hermanos y sin hijos, y que todas sus esperanças tenia puestas en ella. A estas palabras añadia otras con que la assegurava de que el Rey y él no consentirian que passasse adelante su determinacion, porque assi lo pedia todo el Reyno, a cuyo bien comun era necessario attender primero, que al suyo particular.

Escuchó attenta la Princesa las persuasiones del hermano, y despues de haverle oydo, con gran humildad y confiança le respondió; que su coraçon estava puesto en Dios, a cuyas inspiraciones era fuerça obedecer sin atención a otros respetos humanos; que lo que con su gracia y ayuda havia comenzado procuraria llevarlo adellante; que pues su padre y él la havian dado licencia para recogerse en aquel monasterio, tuviessen por bien que fuesse religiosa en él; que esta era su última voluntad, y de que no la havian de apartar otras consideraciones y respetos del Mundo. A estas añadió otras palabras de desengaño; de que el Principe se vio obli-

(1) «E entrado dentro neste moesteiro. e cõ elle algũs poucos. e assy o dito bispo ẽ sua cõpanhya. ho principe furybũdo e muy descõtente se demonstrou aa madre prioressa britys leytoa do que presumira assy fazer aa lffante sua Irmãa.» *Ibid.*, pág. 123.

gado a dar cuenta al Obispo de Evora, que tambien havia entrado con él. Este le persuadio a que hiciesse nuevas instancias con la Princesa para que dexasse el havito. Executolo assi, y tomandola por la mano la llevo a una varanda en presencia de la Piora y de otras quatro religiosas; y alli con mas vivas razones la persuadio a que dexasse el havito y cediesse de su opinion.

De palabra en palabra se enojó tanto el Principe, que llegó a decirle que con sus propias manos la rompería el havito sino desistia luego de su tema (1). Mas la verdadera esposa del Rey de la gloria (cuya voluntad estava fundada en la firme piedra de Christo) oyendo las amenazas con paciencia no hizo mudança en su propósito. Respondio que estava con firme resolución de seguir el camino comenzado, y servir a su esposo en la Religión, de cuyo intento no la havia de apartar consideracion alguna. Finalmente despues de varios trances, que no enflaquecian, antes aumentavan su constancia, el Principe se dió por vencido, y mal contento se volvió a Lisboa. Dexó a su hermana no poco affixida pareciendole se levantarían nuevos embaraços que estorbassen la obra comenzada. Aunque su corazón y voluntad estavan fixos en Dios con encendidos deseos de perseverar en servirle, con todo como prudente rezelava los inconvenientes que podían recreser con el tiempo; mayormente no habiendo en el Reyno mas que un solo sucessor y esse sin hijos. Desta suerte lleva el Señor a los suyos por el desierto de la vida interior, ya animándolos con los consuelos, ya excitandolos con las fatigas. Con estas los humilla; con aquellos les socorre: con las penas obliga a que le busquen, e con los consuelos alienta a que le sigan.

No fueron pocas las tribulaciones con que Dios visitó a su querida esposa porque además de las referidas, repartio con ella liberalmente enfermedades, que la llegaron a lo último de la vida. Son estas quiebras de la naturaleza, estos forçosos tributos de la vida el caudal de los sanctos, con que han hecho empleos de grandes logros. Porque si las enfermedades y dolores se reciben con resignacion, y con paciencia, grangea una alma en poco tiempo mucho, y se aventaja en perfeccion y merito. Gozavase la Princesa en las enfermedades, como el labrador en la cosecha, porque cogia frutos para el Cielo. Tenialas por ganancia para la vida eterna, y por arras de su desposorio con Jesu Christo; y de

(1) «Tornou outra vez ho princepe de novo aa Senhora Ifante que leixasse ho avyto e se tyrase de aquella openyam. dizêdo elle e o dito bispo por parte del rrey pallavras muÿ asperas. e a tanto pro Ronperom que vierô a dizer cõ ÿpeto e sanha que determinadamête lhe Rôperyã hos avytos que vestidos tinha.» *Ibid.*, pág. 124.

aqui procedio que assi padecia como si gozara, y assi gozava como sino padeciera. Todo su bien tenia puesto en el cumplimiento de la divina voluntad y por eso nunca le parecia estar en mayor bonança, que en la mayor tempestad de sus tribulaciones. Suffria los dolores con singular paciencia, y con igual alegria de espiritu dava muchas gracias a Dios por aquellos trabajos. Juntaronse los mejores medicos del Reyno porque los achaques y las enfermedades crecian, no obedeciendo los males a los remedios (1). Todos conformaron en que la Princesa tenia los higados y riñones dañados, y casi podridos (2); que la sangre estava corrompida; y que si continuasse más en vestir camisas y dormir en savanas destameña, en comer pescado, y proseguir en los ayunos y penitencias, perdería sin remedio la vida. Juzgavan bien porque el desconcierto de la sangre, y los muchos apostemas que le salian eran bastante indicio de que la armonia interior andava desconcertada. Mas permitió Dios que (mediante muchas oraciones de grandes siervos suyos y los muchos remedios que se applicaron) mejorasse la Princesa de sus achaques, aunque nunca cobró salud entera. Quedó sumamente debilitada de las fuerças corporales mas del espiritu más fuerte y vigorosa, porque despues de tan grandes males deseava trabajar y hazer más en el servicio de Dios. Decia con el Apostol: quando estoy enferma, entonces me siento más fuerte.

Passado el año de la approbacion (en que Dios la visito con tales enfermedades, que nunca pudo recobrar la salud antigua) concordaron los médicos en que no convenia hiciesse profession. Del mismo parecer fueron sus Prelados, que siguieron de buena gana el Rey y el Principe. Amonestaronla todos no ser servicio de Dios proseguir en el camino de la Religion sujeta al rigor de la regla pudiendo estar en el mismo convento, sirviendo a Dios como deseava, sin obligarse a los rigores de la Religion. No pretendia la virtuosa Princesa desviarse en algo de la voluntad divina, antes como deseava acertar en esto, le pareció tomar consejo (como lo hizo) de muchas personas doctas, prudentes y de gran virtud. Principalmente le tomó de fray Anton de Sancta Maria, su Prelado, que por sus muchos años, virtudes y letras era venerado de todos. Llamole y confirió con él algunos dias esta materia; oyó las dificultades, y respondió a ellas; mas finalmente resolvió este religioso, y concordaron con él

(1) «Forõ Juntos algũs bõos e certos fysicos. Como cõviinha pera tal Senhora porque suas doẽcas Recrecciã e nõ melhorava.» *Ibid.*, pág. 124.

(2) «Determinarõ todos os fysycos que a viiã e curavã. E aos que sua ãformacã ouviã, tinha ho figado e Riĩs muito danados quasy podres.» *Ibid.*, pág. 125.

todos que no professasse por allarse falta de fuerças para seguir el rigor de la Orden, y ser infalible que perdería la vida si quiesse continuar la de la Religión. Recurrió a la venerable Madre Beatriz Leitam, por cuyo consejo encaminava todas sus acciones, y allola del mismo sentir, con que vió atajados todos los caminos de sus deseos. Mas considerando que por el de no professar, evitava otros mayores desconuelos (quales serian que la obligassen a quebrantar lo que prometiesse en la profession) y que en el monasterio podia servir a Dios como deseava huvo de rendir la voluntad a los consejos.

Con esta resolucion se entró un dia en su oratorio, y despues de larga oracion y fervorosas lágrimas embio a llamar a la Priora. En su presencia dixo muchas palabras de dolor, protestando que dexava de seguir el camino de la Religion por muchos impedimentos que tenia para llevarle adelante, y por orden y consejo de sus prelados, y de muchas otras personas sanctas y de letras. Desnudose el sancto havito con mucha ternura y lagrimas; assegurando que en quanto pudiesse no saldria más del monasterio, ni dexaría la virtuosa compañía de sus hermanas, pues en ella despues de Dios tenia cifrado todo su consuelo. Desnudado el havito besandole con suma reverencia, le puso la Princesa sobre el altar de su oratorio y cubriendose con una mantilla salio al dormitorio y anduvo algunas horas por todo el convento sin él para mostrar que havia dexado el estado religioso (1). Bolvió luego a entrar en el oratorio tomó el havito y le vistio otra vez con intento de no dexarle jamas, y de mostrar que si havia salido de la obligacion de ser religiosa, no queria dexar de parecerlo. De alli adellante, aunque no quedó obligada a las disposiciones de la regla, se mostró siempre tan sujeta a los prelados de la Orden (y particularmente a la de aquella casa) como si fuera verdadera religiosa y huviesse hecho los votos solenes de la profession. No hizo mudança alguna de vida, antes el mismo camino que havia empeçado prosiguió con varonil espiritu asta el fin de la carrera; perseverando en todas las virtudes con gran zelo del servicio de Dios, y de la salvación de las almas.

La virtud de la perseverancia corona la perfeccion y es el reparo de nuestra inestabilidad. Quien considerare cuan leves son las inclinaciones naturales con que vivimos, y los mas fuertes propositos que hacemos, hará la estimacion que

(1) «Tomou a dita Senhora ho avyto que tinha vestido. E cõ muita Reverēca ho beyjando pose o sobre ho altar do seu oratorio onde ouvia myssa. E cobrindo sua mantilha. ēvurylhou se toda ē ella Como pessoa que se achava desnuda e desacõpanhada de hũ vestydo e cobertura muy prezada loucã e Ryca». *Ibid.*, pág. 127.

deve desta virtud. Que importa llegar a la cumbre de la perfección christiana (siendo cada instante un despeñadero para el hombre) si la perseverancia no le da constancia en los medios y corona en el fin? Bien mostró la Princesa su generosa perseverancia, pues no estando sujeta a las obligaciones de la regla, las observava como verdadera religiosa. Continuava en el choro a todas las horas dia y noche (quando su debil disposicion y otros embaraços la davan lugar) acompañando a las monjas con mucha humildad y siendoles espejo y exemplo de todas virtudes. Entre todas al que más respaldencia en ella era la charidad y humildad, que estaban en su alma tan arraigadas, que nunca se apartaron della asta el fin de la vida. Visitava con gran cuydado a las enfermas tomando tiempo cierto todos los dias para assistir con ellas. No solo las daba consuelo y animo, más las servia con la dulçura en el trato, y con el alivio que havian menester sus affliciones. Procuravales la salud para el cuerpo y para el alma, que con la enfermedad viene a perficionarse la virtud. Fueron grandes sus ansias de verse por Dios hecha desprecio y oprobio de la tierra. Estas la desvelavan en buscar invenciones para su mayor humiliacion. No assi el ambicioso anhela por sus acrescentamientos, como esta sierva de Dios procurava sus abatimientos, mortificacion y desestima, y olvidada totalmente de quien era, parece se perdia de vista a si misma.

En estas y otras virtudes, de que discurriré adelante perseverava el spiritu constante de la Princesa. Quando queriendo Dios poner termino a los trabajos infortunios del Rey Don Alonso, su padre, le llevó desta mortal a mejor vida (1). Principe fué sin duda adornado de virtudes heroycas, y en quien solo pudieron desear sus vassallos fortuna más constante. Murió catholicamente en la villa de Cintra (donde havia nacido) en 28 de Agosto dia del glorioso Padre S. Agustin del año de 1481. Dexó su bendicion a dos nietos hijos del Principe. Uno legitimo de la Princesa Doña Isabel, que se llamó Don Alonso y fué Principe de Portugal que despues murió desastradamente en Santaren de la cayda de un cavallo, casado ya con Doña Isabel hija de los Reyes Catholicos, despues Reyna de Portugal. El outro Don Jorge fundador y tronco de la Real casa de Aveiro, que nació en los dias de la enfermedad de su abuelo. Llevaronle a su presencia rezien nacido, y no pudiendo quando le vió dezir

(1) «Querêdo ho Senhor deus ppor termo e fim aas grâdes fortunas trabalhos e fadigas cõ mestura de Infermidades do Crystianissimo servo seu El rrey dom alfonso quinto padre desta Senhora princesa a Ifante dona Johana nossa senhora. aprouve lhe de o tyrar desta miseravel vida. E levar pera a sua gloria...». *Ibid.*, pág. 134.

palabra alguna por la flaqueza con que estava, levantó la mano mano derecha y le echó la bendicion acompañada de lágrimas.

La parte de sentimiento que cupo a la Princesa de la muerte de su Padre, bien dexa colegirse del amor reciproco que se tuvieron; si bien las demostraciones no fueron de las que el mundo gasta en tales sucessos. Todas las suyas fueron cuerdas, ajenas de las vanidades del siglo y fundadas solamente en encomendar muy de veras a Dios su alma.

Sucedio en el Reyno el Principe Don Juan segundo deste nombre entre nuestros reyes, aclamado con voz general el Principe perfecto, y merecedor de tal renombre por las virtudes, de que fué adornado. Luego que tomó possession de la corona pareciendole preciso por muchas causas que su hijo Don Jorge no se criasse en Palacio ni en la Corte; determinó enviarle a su hermana para que le tuviesse consigo en el convento. Encargó este cuydado a un religioso antiguo de la Orden de Sacto Domingo, Provincial entonces de Portugal, que havia sido confessor del Rey Don Alonso y aora lo era suyo. A este entregó al hijo y dio carta para la Princesa su hermana, pidiendola quisiessé tomar a su cargo su criança, teniendole consigo en el monasterio, para lo qual haria traer luego bula del Pontífice, y licencia del Maestro general de la Orden. Acetó la comission la Princesa con grande gusto, y le crio con amor de madre. Como se ha dicho el año de 1481, sabbado vispera de Sancta Clara y era de edad de tres meses quando entró en el convento. No entró otra persona con él más que la ama que le criava⁽¹⁾, natural de la misma villa y escogida por la Princesa para este effeto. Fuera tenia su mayordomo y otros criados que le assistian sirviendole con authoridad como a hijo de Rey que assi lo ordenava. Para que la Princesa pudiesse vivir con más comodidad y mas sosiego, como en tierra propia le envió su hermano una donación, en que le hizo merced de la villa de Aveiro con toda su jurisdicción y rentas. Acetó esta merced la Princesa, no con deseo de tener cosa propia, mas por causa del niño, que criava, y porque sus criados estuviessen en paz, que no se consigue facilmente en señorío ageno.

Fué causa la ida de Don Jorge a Aveiro de que considerasse la Princesa que este niño era enviado por Dios para su consuelo; porque siendo en algún tiempo solicitada por el Reyne para darle heredero, podria dar a éste a quin tenia

(1) «Naceo no ãno do Senhor de Mil quatrocētos. oytenta e hũu. Sabado vespera de Santa Clara. E entroo neste mosteiro de Jhesu nosso Senhor pera se ã elle e ã Casa da Senhora Ifante sua tya se criiar. No entrou mais cõ elle nẽ steve salvo hũa soo ama. que lhe dava ho leyte. molher desta vylla». *Ibid.*, pág. 135.

por hijo, para que la dexassen. Con esta consideración se resolvió en hacer voto *solemne* de castidad. Dia de Santa Catalina virgen y mártir (con quien tenía singular devocion) despues de haver comulgado se fué sola al choro (1). Allí despues de profunda oración, delante del altar con muchas lágrimas, ofreció a Dios el sacrificio más aceto y gracioso de limpieza del alma y cuerpo. En presencia del Sanctissimo Sacramento y de los choros angélicos hizo voto *solemne* a Dios de guardar castidad toda la vida. Hecho lo que desde su niñez mas havia deseado se quedó orando por largo espacio, pidiendo a Dios fuerças para cumplir lo que havia prometido.

Despues deste voto fueron mas rezios los combates contra la castidad de la Princesa, porque viendose su hermano en el trono real trató con mas veras de casarla. Ayudava mucho a esto el ser continuamente importunado de otros Principes, que la pedian por esposa, proponiendo por sus embaxadores promessas y ruegos, y mesclando amenazas de quebrantar la amistad y hazer guerra al Reyno. Era uno de los que mas insistia en esta pretension (*sic*) Rey de Romanos, primo hermano de la Princesa, hijo del emperador Federico, y de la Emperatriz (*sic*) hermana de su padre (2). Pediala con no menores veras el Rey de Francia, y fueron tan recios los combates del hermano para effetuarlo, que llegaron a palabras descompuestas, y amenazas.

No quiso Dios que careciesse la Princesa del merito que viene junto con las persecuciones, fructa ordinaria de los sanctos, o flores (por mejor desir) de que sale tanto fructo. Este es el crisol donde se apura la fineza del oro, donde se apartan las escorias que se pagan del trato y compañía de la tierra, consumiendo el fuego todo lo que no es el metal mas fino. Fué mucho lo que padeció por su constante resistencia. Desiala su hermano: que la sacaria del convento, y no consentiria ablasse más con alguna monja del, que era traydora a su corona, pues no queria ayudar a conservar su estado, y la paz del Reyno.

(1) «ē dia de Santa Cateryna virgem e martir ē que tinha muỹ singular devacō, dia ē o qual a dita Senhora comũgara cō todas as Irmãas Como sēpre faziia, depois da Missa do convento ella se foy soo ao Coro». *Ibid.*, pág. 137.

(2) «antre os quaaes ffoy ho Rey dos Romaños. E o filho do emperador. que muỹ afycadamēte a mãdou Requeryr pera Casamento. no que muito Insystia cō affycados Rogos e promessas». *Ibid.*, pág. 128.

Tampoco aqui da el Códice de Aveiro los nombres del Rey de Romanos, que aspiraba a la mano de Doña Juana, y de la Emperatriz su madre, que MASCAREÑAS dejó en blanco.

Este Rey de Romanos, primo hermano de D^a Juana, tiene que ser Maximiliano I, hijo del emperador Federico III y de su mujer D^a Eleanor, hija del rey Eduardo, de Portugal, y, por lo tanto, hermana de Afonso v.

Recurria en todas sus tribulaciones a su ordinario refugio de la oración. Salió un día de ella con grande confianza en Dios, como a quien havia sido revelada la respuesta que su hermano pedia por última resolución: Dixole que si el Rey de Francia estuviese vivo en aquel día se ajustava de buena gana al casamiento rindiendose a su voluntad (1). Quedó el Rey notablemente satisfecho de acabar una empresa tan difícil y dió por ello muchas gracias a la Princesa. Mas Dios habia tomado diferente camino y comunicándolo con su Esposa. De aquel en ocho días llegó nueva a Portugal de la muerte del Rey de Francia con que se desvanecieron los intentos humanos, y prevaleció la determinación divina.

Otra dificultad mayor le restava por vencer, porque quieta la plática del casamiento de Francia por muerte de aquel Rey, se levantó otra nueva tempestad por parte de Inglaterra. En esta procuró el Rey Don Juan meter mayor caudal como plática mas conbeniente a la quietud del Reyno. Huvo los años antecedentes crueles guerras entre Portugal y Inglaterra, que duraron mientras duró la vida a (sic) Sucedió despues en aquella corona (sic) (que tanta sangre tenia de Portugal) (2) y llegando a su noticia la virtud, y hermosura de la Princesa embió por sus Embaxadores a pedirla por esposa al Rey Don Juan. Ofreciale paz perpetua y ser compañero en las armas, y otras promessas de grandes conveniencias a la corona Portuguesa. Pareció (como he dicho) al Rey meter mayor caudal en esta pretensión con la Princesa. Embiolo orden de que se fuesse a ver con él a Alcobaça donde la aguardava con Doña Felipa su tia para tratar un negocio de mucha importancia al Reyno (3). Allavase ella entonces en la cyudad del Porto donde havia ido huyendo de la peste que cundia con gran vehemencia por el

(1) «da qual sayndo hũu dia cõ grande cõfyanca e certa Sperãca ẽ deus como pessoa a que divinalmente per deus fora Revellada a Reposta.... que se servico de deus fosse. E o dito Rey de franca aaquele tẽpo. e naquelle dia vivo era. a ella lhe prazia Consetir no tal casamẽto». *Ibid.*, pág. 128.

(2) «Outro tanto e per esta meesma maneyra conteceo a ell rrey de yngraterra o qual Rey nõ avêdo muitos tempos que tinha guerra de fogo e sangue muỹ crua per mar e terra a este Regno de portugal. socedendo ao Rey que esta guerra fazia outro Rey que viinha da lynha e Casa Real dos Reys de portugal. *Ibid.*, pág. 128.

También aquí omite el Códice de Aveiro los nombres de los monarcas ingleses que *Mascareñas* dejó en blanco, al igual de los anteriores, los cuales deben ser Eduardo v, hijo de Eduardo iv y de Isabel Vydville, que fué asesinado en unión de su hermano Ricardo, Duque de York, en 1483, poco después de haber muerto su padre en el mismo año, lo que explica lo inesperado de este sucesso para el monarca portugués D. Juan 11.

(3) «Foy sse a dita Senhora a alcobaca. Como ja disse per mandado dell rrey seu Irmaão que Como a Senhor seu temiia e obedeciia. onde ja estava sperãdo cõ a Senhora dona ffelypa sua tya». *Ibid.*, pág. 130.

Reyno, y particularmente en la villa de Aveiro; andavan en su compañía dos religiosas antiguas de aquel convento de las primeras en virtud y nobleza, y tenia para esto breve del Pontifice y licencia del Maestro General de la Orden. Llamavanse Doña Catalina, y Clara de Sylva, acompañadas de otras dos criadas, cuyos nombres eran Paula y Agustina, y de una negra que la havia pera hacer de comer. No permitia otro fausto, ni otra compañía su rara humildad. Tuvo allí el orden del Rey y partió sin dilación a obedecerle. Caminava en una litera cerrada y cubierta y cada una de las monjas en otra litera de la misma suerte. En las posadas salian y entravan en las literas sin ser vistas de nadie. Acompañada (por orden del Rey) del Obispo del Porto y de otras personas de cuenta, llegó a Alcobaça, y fué recibida del hermano y de la tia con grandes caricias⁽¹⁾. Luego le propuso el Rey lo para que la havia llamado, pidiendola con mucha eficacia no se escusasse de un negocio de tantas conveniencias para su corona y declaróselas todas para inclinar su animo a lo que deseava. Quedó admirada la Princesa de tal novedad, porque era la cosa que menos pensava podria sobrevenirle, y por essa causa la havia tratado el Rey con mayor secreto. No quiso entonces oyr su respuesta, antes se fué y la dexó con Doña Felipa para que la persuadiesse con mas espacio. Mostróla con muchas razones que no devia escusarse de un casamiento de tantas conveniencias, y combatió reziamente su constante animo. Pero el fuego de amor que Dios encendió en su alma no cedia punto a las olas de tan ordinarios combates. Quanto mas represado, tanto con mas fuerça se descubrian las llamas por la boca de la Sancta Donzella. Escusose constante a las persuasiones no admitiendo la plática del casamiento. Fuesse la tia y quedó la Princesa si bien firme en su determinación, no sin grandes temores de la fuerça con que el Rey se empeñava en esta materia. Escribió luego a la Priora de su convento de Aveyro (eralo entonces Maria de Atayde hija de la venerable Madre Beatriz Leitam) y a todas las monjas dél pidiendolas encarecidamente la socorriessen en sus oraciones en el lance mas apretado, que havia tenido en su vida⁽²⁾. Volvió el Rey al dia siguiente a persuadirla con mas instancia, alegando otras nuevas razones para que con-

(1) «Como chegou ao dito lugar dalcobaca, veeo logo aa sua pousada, onde nom eñrou senom ell rrey, e a Senhora sua tyã. Prepos logo ell rrey aa Senhora Ifante sua Irmãã ho negocio a que viiera E mãdara a ella viir a aquelle lugar». *Ibid.*, pág. 130.

(2) «Screveo logo suas Cartas muỹ humyldes e piedosas aa madre prioressa Ja dita Maria datayde. E a todas madres e irmããs supplicãdo e pidindo lhes affycadamẽte lhe socorrã e ajudem cõ suas santas oracões em que muyto cofyava». *Ibid.*, pág. 131.

decendiese con su gusto. Proponíala: que no tenia hermanos, que se allava con un solo hijo, de muy pequeña edad, sin esperanças de tener otros por las continuas enfermédades dela Reyna: que su propria vida andava en tan manifesto peligro, como lo mostravan las trayciones que cada hora descubria contra su persona Real; que por todas estas razones necesitava de mas fiadores para la seguridad del Reyno. Añadió a estas otra persuasiones de mucha fuerça; mas entendiendo de la respuesta que el animo de la Princesa estava cada hora más constante, trocó la blandura en amenazas. Con gran furia (no como hermano mas ya como enemigo) la amenazó con prisiones. A las religiosas que la acompañavan mandó que se fuessen luego a su monasterio, pues eran las que persuadian a su hermana no le obedeciesse. Prohibioles la entrada en aquella casa, ni ablar con ella, que fué la mayor affliccion y sentimiento que tuvo entre tantas penas.

No hay arbol fixo, sino a quien baten muchas veces los vientos; con sus golpes más se endurece y mejor se arraygan. Tal se allava el animo de la Princesa, más constante a los mayores combates. Recurrió a Dios con oraciones, ayunos, y disciplinas pidiendole constancia y victoria en tan cruel batalla; y privada de todo el consuelo humano, toda la esperança de su remedio ponía en él. Quanto más crecian las oposiciones, tanto más crecia su firmeza, y la seguridad de que suplician las fuerças divinas, donde de todo punto faltavan las humanas. Cuando se via más sola y sin amparo, más segura y confiada estava en la divina providencia. No faltó esta a su querida sierva porque cuando más furiosas andavan las olas desta tempestad, recibió un señalado consuelo de la mano del Altissimo.

Estaba un dia en fervorosa oración derramando muchas lágrimas, y pidiendo a Dios constancia quando subitamente fué arrebatada de un leve sueño. En él se le representó un hermoso mancebo que con clara voz y semblante alegre la dixo: *No temas, no te entristezcas: save de cierto que muerto es* (1).

Despertó la Princesa con un nuevo espíritu y alegría entendiendo que algun Angel enviado de Dios le havia dicho aquellas palabras. Dió infinitas alabanças a su divino esposo confortada con su gracia, y passada la noche en devotas oraciones, luego que amaneció se fué al Rey su hermano. Dixole con gran confiança: que estava prompta a obedecerle, mas que el Rey de Inglaterra no vivia ya, con que no podia

(1) «E vyo hüu fremoso e splandecente mancebo, o qual cõ clara e Resplandecẽte face e ledo gesto lhe disse Nom temas nẽ sejas triste. Sabe certo que morto he». *Ibid.*, pág. 132.

effetuarse su voluntad. Que le suplicaba (si en esto la allase verdadera) entendiese que no se servia Dios de que siguiese otro camino que el empeçado.

Atónito el Rey de tales palabras y tal confiança, no respondió cosa alguna a ellas, antes sin apretar de nuevo a la Princesa esperó el fin de tal maravilla. Dentro de seis dias le llegó un correo del Embaxador de Inglaterra residente en Lisboa. Avisavale haver llegado a aquel puerto un navio salido quinze dias antes de Inglaterra con nuevas de ser muerto el Rey dos dias antes de su partida. Quedó el Rey triste con la nueva, como pariente y amigo, mas sumamente maravillado de ver cumplida la profecía de su hermana; y sintiendo subitamente mudada la voluntad por virtud de Dios, reparava como Rey tan justo en tan admirable mysterio. Estuvo tres dias encerrado por la muerte del Rey de Inglaterra (1). Passados estos se fué luego a ver con la Princesa, que dissimulando las persecuciones, que havia padecido, le salió a recibir con semblante apacible. Alló con el mismo al Rey, y despues de passadas algunas pláticas de admiración sobre el caso referido, la Princesa se hechó a sus pies. Pidió la hiziesse merced de no tratarla mas de casamientos pues tan experimentado tenía no servirse Dios de que ella mudasse estado. Dixole: que tenia viva fee en Dios quitaria la vida a todos los Reyes que la pretendiesen para esposa o se la quitaria a ella primero, que ninguna otra cosa deseava que ser esposa de aquel Rey que ha de vivir y reynar eternamente. El Rey advertido por los sucessos passados no solo dió palabra de que assi lo haria, mas licencia para que bolviesse luego a su convento. Despidieronse con esso los dos hermanos: el Rey se partió para Lisboa, y la Princesa con sus dos compañeras se fué al Monasterio de Jesús su verdadero reposo y descanso (2). Fué en el recivida de la Priora y monjas con el gusto que se dexa entender de lo mucho que estimavam su persona y compañía.

Perseveró la Princesa en su sancta vida adornada de todas las virtudes, resplandeciendo singularmente en el amor de Dios y del proximo. Como era de tan pura y limpia conciencia, las culpas muy ligeras tenia por muy graves. En materia de vicios no hay pequeñeces que puedan menospreciarse. Brotan de una raiz muchos ramos en poco tiempo,

(1) «depois de estar tres dias êCarrado por a morte do sobredito Rey de ygraterra. ssayo e ffoy vysitar a Senhora Ifante sua Irmãa». *Ibid.*, pág. 134.

(2) «A Senhora Ifante nossa Senhora partyo logo pera esta vylla daveyro e moesteyro seu de Jhesu onde era todo seu Repouso e descãso». *Ibid.*, pág. 134.

y una guija arrojada al agua, turba su sosiego, y a una pequeña señal que primero hizo, suceden muchas una mayor que otra. Sus confesiones eran continuas; y muchas y grandes las mercedes que alcanzó de Dios con la devoción del sacrosanto mysterio de la Eucharistia. Muchos más gustos, y mas regalos allava en ella que el pueblo de Dios en el Maná sabores. En las tribulaciones este era su refrigerio, y en las flaquezas este su esfuerço. Para tales actos era continua la preparación que hacia. Trahia siempre consigo una bolsa de paño negro, y dentro un estilo de plomo y papel, donde escrivia todas las acciones que le parecian culpables. A la noche quando se recogia le copiava en otro que iba ordenando para la confession. Procurava por todos caminos evitar pecados publicos y escandalosos, particularmente de personas eclesiasticas y religiosas. Encaminavalos primero con blandura y secreto y si no aprovechava con rigor y publicidad. Deste zelo (fué entonces juycio comun) procedio la muerte, porque affirmaron muchos que una persona que publicamente vivia mal le dió veneno. Muchas veces fué amonestada por la Princesa que se enmendasse, y despues amenazada con que por justicia la haria apartar de su pecado (1). Procuró pues librarse de la persecussión hechando veneno en un barro de agua que se le dió. Luego sintió rebueltos los humores, que arrojó en gran copia por vómitos y desde aquel dia quedó con las fuerzas muy postradas, y el coraçón sujeto a profundas tristezas. Fuesele hinchando poco a poco el estomago, y deste accidente nació la enfermedad que le ocasionó la muerte. No le sucedió esto en Aveiro, sino quando salió de aquella villa por la peste que havia entonces en muchas partes del reyno, y particularmente en ella. Por esto creo que se le dió el veneno en Coimbra (adonde se retiró con su sobrino Don Jorge en aquella ocasion) asistiendo en el palacio del convento de Santa Clara.

Haviendo cessado la peste bolvió a su convento de Jesús con su sobrino y casa, y las dos religiosas que la acompañavan siempre. En esta entrada profetizó su muerte. Sentándose un dia con la Priora y demás religiosas en la casa de la labor dixo (mirando a la Madre Clara da Sylva una de las que venian con ella) estas palabras. *Haec requies mea in saeculum saeculi* (2). Cumpliose la profecia no solo en no

(1) «A dita Senhora mãdou ameaçar as ditas pessoas cõ Rigor de Justyca. e bebendo hñu pucaro dauga donde sse nõ temia nõ ho sabêdo entõ nê a dita Senhora. E pouco e pouco fchando do stamago e vêtre». *Ibid.*, pág. 139.

(2) «oolhando pera a madre Clara da Sylva que cõ a dita Senhora viera. disse lhe cõ hñu muy profũdo suspiro do Coraçã. Clara. hec Requies mea ¶ seculum seculi». *Ibid.*, pág. 139.

salir mas de aquel convento sino en morir dentro de poco tiempo. ¡En tal estado la traian el fervor de sus penitencias y la fuerza del veneno!

Continuó la Princesa despues de vuelta a su convento con santa devoción, oracion, meditación y espirituales exercicios, como si verdaderamente la fuera revelado el dia de su muerte, que tanto se acercava. Y aunque enferma en el cuerpo, cobrava cada dia nuevo vigor el espiritu, añadiendo nuevos exercicios de penitencias, ayunos, vigiliias y lágrimas. Continuava en el Coro con las religiosas y ayudabalas en los divinos officios, mostrandose la mas obligada en la asistencia y la mas humilde en las ceremonias. Compró muchos libros para el convento de singular doctrina para que se leyessen en refitorio y era su mayor gusto preguntar despues a las monjas las circunstancias de lo que havian cydo y lo que mas las havia agradado, y la misma diligencia hazia despues de oyr los sermones. La efficacia de sus oraciones fué grande como lo mostraron los effetos; por ellas y por sus sanctas palabras llenas de doctrina y espiritu convirtió muchos moros de los que la trahian de Africa no poco obstinados en los errores de su secta. Convertidos los acomodava y honrava y dava estado no como a esclavos, mas como a libres y hijos de la Iglesia. De tal sverte se dolia de las miserias y pecados agenos, como si fuessen propios; atroméntavase con rigurosas disciplinas y largas vigiliias, y procurava que otras hizessen lo mismo pidiendo a Dios librasse a algunas personas del mal estado en que se allavan. Seria repetir todo lo ya referido hazer memoria de los sanctos exercicios de la princesa despues que bolvió a su convento asta cumplir los 39 años de su edad. Tuvieron solamente de diferencia de los passados el parecer que los hazia con mayor rigor y mas alentado espiritu.

Llegado el tiempo en que Dios quiso poner remate a los trabajos y vida corporal de su esposa, reveló las cercanias de su muerte a diferentes personas; de tres solas haré memoria aquí. . . En el mes de Noviembre del año de 1489. Estando la Priora Maria de Atayde en su cama ni bien dormida, ni de todo despierta le pareció ver a la princesa en el Coro con el rostro y vestidos llenos de resplandor y hermosura, adornada de muchas piedras preciosas y que con voz clara y excelente cantava la calenda de aquel dia refriendo las muertes de los sanctos, y que otra voz entonava juntamente la palabra *Mors*, y que subitamente era arrebatada la Infanta (1).

(1) «No ãno do Senhor de Mil, quatrocentos, e oytenta e nove. No mes de novẽbro, a muito virtuosa madre maria datayde prioressa deste

Refiriola despues el successo, a que ella como tan cierta de la cercania de su fin, no turbada mas con rostro alegre y risueño respondió: Soltarse ha Madre o vosso sonho porque eu morrerei cedo, e esta voz diz que me aparelhe para andar aquelle caminho. No se pierdan sus palabras pues quedaron escritas de quien se las oyó. Una religiosa antigua y adornada de grandes virtudes llamada Violante Rodriguez de las primeras que entraron en aquella casa en el mes de deziembre del mismo año (1).

(El manuscrito termina aqui a media página del folio 62 y faltando aun otros dos folios con sus vueltas que están en blanco).

bibRIA

moesteiro de Jhesu nosso Senhor. hũa nocte Jazêdo ẽ seu leyto. nã bem esperta nẽ de todo dormido..... E em a dizêdo viinha e ouvia hũa muito alta e grãde voz da Igreja e altar moor, que dizia mors. E como esto se disse, sã ver nẽ saber per quẽ..... a Senhora Iffante muỹ toste e supytamẽte desaparecia e era levada». *Ibid.*, pág. 143.

(1) «vyolante Rořz. das primeiras Religiosas desta Casa. No mes de desẽbro do ãno sobredito ẽ que esta Senhora nossa adoecce, de. quatrocentos. oytenta e nove. estando hũa noyte depois das matynas ẽ devota oracõ segundo costumava. supitamẽte a tomou hũu leve sõpno. no qual de todo nã dormydo. nẽ de todo esperta. viia na Casa ẽ que dita Senhora ffoy lancada e falleceo». *Ibid.*, pág. 143.

BIBLIOGRAFIA

O *ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

Colecção de Clássicos Sá da Costa, da Livraria Sá da Costa, L.^{da}, de Lisboa.

Desde 1950 até esta altura, prosseguindo no seu patriótico e benemerente programa cultural, lançou a público, aquela prestigiosa livraria lisbonense mais os seguintes volumes:

Obras Escolhidas do P.^r ANTÓNIO VIEIRA:

Cartas, vol. I — 1951 (CVIII — 256 págs.) e vol. II — 1951 (290 págs.).

Esta selecção de *Cartas* de VIEIRA, 32 no vol. I e 53 no vol. II, foi entregue ao ilustre escritor e crítico ANTÓNIO SÉRGIO, a quem pertence o substancioso *Prefácio* que se estende da pág. XI a CVIII do vol. I e no qual penetrantemente são estudadas a personalidade e a acção do genial epistológrafo. A selecção — di-lo o eminente organizador — funda-se sobre «a preciosa edição das *Cartas*, feita na Imprensa da Universidade de Coimbra e organizada por JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO».

O vol. II termina com um utilíssimo «Elucidário de nomes próprios», que nele ocupa treze páginas (275-287).

Obras Várias, vol. I (*Política*) — 1951 (xxxv — 284 págs.);
vol. II (*Os Judeus e a Inquisição*) — 1951 (LXIII — 250 págs.);
vol. III (*Em defesa dos Índios*) — 1951 (XXIII — 363 págs.);
vol. IV (*Vieira perante a Inquisição*) — 1952 (LXV — 256 págs.).

A organização destes volumes é do distinto professor da Faculdade de Letras de Lisboa, Dr. HENANI CIDADE, que, não só teve o escrúpulo de dar ao leitor fidedignas lições do verbo vieiriano, confrontando beneditinamente factos já publicados com manuscritos inéditos, como também encara, com a costumada argúcia, os diferentes assuntos que constituem cada volume, em outros tantos *Prefácios*.

O vol. IV (VI das *Obras Escolhidas*) contém, em *Apêndice*, três peças, em geral desconhecidas, referentes a VIEIRA perante a Inquisição: a Sentença

BIBLIOGRAFIA

do Tribunal do Santo Ofício contra o famoso jesuíta; «Defeitos do juízo, processo e sentença na causa do P.^o ANTÔNIO VIEIRA» e o «Breve de isenção das Inquisições de Portugal e mais Reinos» do Papa CLEMENTE X.

Verdadeiro Método de Estudar, de LUIS ANTÔNIO VERNEY — vol. IV (*Estudos Médicos, Jurídicos e Teológicos*) — 1952 (LX — 298 págs.).

Contém este número da monumental edição organizada pelo ilustre professor Dr. ANTÔNIO SALGADO JÚNIOR as cartas XII, XIII e XIV do *Verdadeiro Método*, a primeira sobre o ensino da Medicina, a segunda e terceira respectivamente acerca da cultura jurídica e da cultura teológica.

No *Prefácio*, que ocupa as págs. VII a LX, nota-se o senso crítico, penetração e probidade do organizador, já sobejamente provados nos três primeiros volumes da obra de VERNEY.

J. T.

bibRIA

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES

	Págs.
BAPTISTA (Augusto Soares de Sousa)	
— <i>Os Lemos da Trofa e o padroado da Igreja de Salvador de Covelas</i>	73
CERQUEIRA (Eduardo)	
— <i>O centenário do «Campeão do Vouga» — Notas de recordação do primeiro jornal aveirense</i>	25
FERREIRA NEVES (Francisco)	
— <i>Testamento de Diogo Soares, Secretário de Estado em Espanha no ano de 1640 e fundador do Mosteiro de Serém</i>	3
— <i>Uma referência aos mexilhões de Aveiro no século XVII</i>	45
LIMA VIDAL (D. João Evangelista de)	
— <i>Em louvor de Santa Joana</i>	87
MASCAREÑAS (D. Hieronymo)	
— <i>Vida de Doña Juana Princesa de Portugal hija del Rey Don Alonso el Quinto religiosa de la Orden de S.^{to} Domingo en el convento de Jesus de Aveiro</i>	281
MELO (Laudelino de Miranda)	
— <i>Aquarela</i>	48
MOURA (Frederico de)	
— <i>Alguns subsidios para uma nosografia da Infanta Santa Joana — Ligeiras notas biográficas</i>	159
OLIVEIRA (Miguel de)	
— <i>Santa Joana — A Princesa coroada de espinhos</i>	97
OXEÁ (D. José Ramón y Fernández)	
— <i>Vida de Doña Juana Princesa de Portugal — Manuscrito de la Biblioteca Nacional, de Madrid</i>	279
ROCHA MADAHIL (A. G. da)	
— <i>Iconografia da Infanta Santa Joana</i>	186
SOARES DA GRAÇA (Serafim Gabriel)	
— <i>Auto da Infanta Dona Joana, filha do Rei «Africano»</i>	107
— <i>Memórias de Águeda — Capelas públicas e particulares da freguesia</i>	58
SOUTO (Alberto)	
— <i>No 5.^o centenário do nascimento da Princesa-Infanta-Santa Joana</i>	88

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES

	Págs.
VAZ CRAVEIRO	
— <i>A eleita do Senhor!</i>	277
VAZ FERRERA	
— <i>Motins na Feira</i>	51

NOTAS, ARTIGOS DA REDACÇÃO, E OUTROS NÃO ASSINADOS

— <i>Bibliografia</i>	326
— <i>O quinto centenário do nascimento da Infanta Santa Joana, filha del Rei D. Afonso quinto, e o «Arquivo do Distrito de Aveiro»</i>	81

FIM DO VOLUME XVIII

bibRIA



ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADALIL

CONSERVADOR DO ARQUIVO E MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

FRANCISCO FERREIRA NEVES, *Testamento de Diogo Soares, secretário de Estado em Espanha no ano de 1640 e fundador do mosteiro de Serém.*
EDUARDO CERQUINHA, *O centenário do «Campeão do Vouga». — Notas de recordação do primeiro jogral aveirense.*
FRANCISCO FERREIRA NEVES, *Uma referência aos mexilhões de Aveiro no século XVII.*

LAUDELINO DE MIRADA MELO, *Aguarela.*
VAZ FERREIRA, *Molins na Feira.*
SOARES DA GRAÇA, *Memórias de Agueda. — Capelas públicas e particulares da freguesia.*
AUGUSTO SOARES DE SOUSA BAPTISTA, *Os Lemos da Trofa e o padroado da igreja de Salvador de Covelas.*

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 40\$00
NÚMERO AVULSO 15\$00

Cada número tem normalmente 64 páginas
A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores

M Á R M O R E S

: : : : : D E : : : : : :

Sousa Baptista, L.^{da}

29, PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30

: : : : : E : : : : : :

13, LARGO DE S. JULIÃO, 13

— L I S B O A —

Sòmente nos depósitos e oficinas desta grande organização industrial e comercial, com possibilidade de uma boa e bela escolha, se encontram cantarias para majestosas, medianas e modestas construções, mármore polidos para ornamento de entradas, escadarias, casas de banho, cosinhas, etc., de luxo e simples.

Também nos mesmos estabelecimentos podem ser adquiridas as melhores louças sanitárias, sempre em exposição, e bem assim banheiras esmaltadas com todos os seus acessórios, como sejam: cabides, esponjeiras, saboneteiras, torneiras, esquentadores, etc., etc.

Tudo a preços sem competência

**NAS SUAS OFICINAS DE CANTEIRO EXECUTAM-SE
TODOS OS TRABALHOS, DESDE OS MAIS SINGELOS AOS DE ARTE ELEVADA**

Dão-se orçamentos quando solicitados

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS,
LOUÇAS
SANITÁRIAS,
DECORATIVAS
E DOMÉSTICAS

FÁBRICA ALELUIA -- RUA DO CANAL DA FONTE NOVA
FÁBRICA GERCAR -- RUA DAS OLARIAS

AVEIRO

TELEF. 22

DR. MANUEL SOARES

MÉDICO

CONSULTAS
das 14 às 18 horas

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO

AVEIRO

*Testa &
Amadores*

*Comissões, consignações. Cereais,
ferragens e mercearia. Vidraça.*

Deposítários de petróleo
e gasolina SHELL.

RUA DE EÇA DE QUEIROZ
AVEIRO

Banco Regional de Aveiro

S. A. R. L.

Capital autorizado: Esc. 4.000.000\$00 ♦ Capital emitido: Esc. 2.000.000\$000

Transferências e cobranças — Saques
sobre o país. — Cobrança e pagamen-
tos. — C/ corrente em moeda portu-
guesa. — Depósitos à ordem e a prazo.

Telegramas: REGIONAL

Telefone 31

.....

Rua de Coimbra

Praça de Luís Cipriano

AVEIRO

OFICINAS GAMELAS

(Estabelecimento recomendado pelo Automóvel Club de Portugal)

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

SECÇÕES: Reparações mecânicas, electricidade,
carrosserias

Oficina de pintura, estação de serviço,
peças e acessórios

Serviço permanente de Pronto Socorro

.....

AGÊNCIA DISTRITAL DOS AUTOMÓVEIS «AUSTIN»

MANUEL DOS SANTOS GAMELAS

Rua da Fonte Nova, 18

Telefone 99 PPC

AVEIRO

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

◆
*Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz*

◆
Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

◆
Telefone 41

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

CAFÉ RESTAURANTE

Trianon

SERVIÇO DE MESA REDONDA E À LISTA
SERVE BANQUETES, COPOS DE ÁGUA, ETC., FORA
OU NA SUA TÍPICA SALA DE JANTAR

À tarde, salão de chá



TELEFONE 405

25 Avenida Dr. Lourenço Peixinho-27

AVEIRO

bibRIA

Empresa Cerâmica Vouga, L.^{da}

A V E I R O

Telefone 19

Cerâmica — Telhas da melhor qualidade. Tipos: *Marselha*, *Progresso* e *Vouga*.

Todos os acessórios para telhados. A telha *Vouga* imita a antiga portuguesa e tem encaixes como a de Marselha

Fábrica de telhas e tejos.
Fundição e serralharia mecânica, civil e forjas



Máquinas agrícolas
- - e industriais - -

EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS
COM A MAIOR PERFEIÇÃO E POR PREÇOS MÓDICOS

Pedir informes ao Director-Gerente da Empresa

Pascoal & Filhos, L.^{da}

PESCA DO BACALHAU E SARDINHA

TRINEIRAS { *Pascoal Velho*
Pascoal Novo
Mira

LUGRES { *Rainha Santa Isabel*
D. Dinis

AVEIRO

TRANSPORTES MARÍTIMOS

Telef. { *Seca — 245*
Escritório — 52
Filial em Matozinhos — 519

Filial em MATOZINHOS

Seca na GAFANHA

LUZOSTELA FÁBRICA DE LIXAS E OUTROS PRODUTOS

Premiada com a medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-1923 — Grande Prémio de honra e Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1932

LIXAS de todas as qualidades para todas as indústrias, em papel e vidro — *Papel e esmeril — Pano branco e esmeril — Pano branco e vidro — Pano azul trançado extra e carborundum — Pano azul trançado e electrokorundum — Papel e garnet — Lixa impermeável «Hermes», para polissagem de carroseries de autos para pintura a Duco.*

FORMATOS DE FOLHAS NORMAIS, DISCOS E OUTROS
FORMATOS ESPECIAIS PARA MÁQUINAS LIXADORAS

LIMAS PARA MANUCURE — *Prefiram a nossa excelente qualidade «Luzostela».*

PÓ LUZOSTELA — *Produto de 1.ª qualidade em latas de 500 e 250 grs. para limpeza de talheres.*

COLAS de alta resistência para as indústrias de carpintaria e marcenaria. *Especial «Transparente», para pintura e decorações.*

ESMERIL em todos os grãos e para todas as indústrias — *Granulações especiais para a construção de pedras para descasque de arroz. Fornecemos o verdadeiro e puro esmeril de NAXOS.*

Ferreira & Irmão, Sucrs. — AVEIRO — Telefone 37

L I V R O S

nacionais e estrangeiros para todas as escolas do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa.

Mobiliário e material escolar

o melhor e o mais económico; peçam o catálogo ilustrado.

Literatura antiga e moderna

nacional e estrangeira; peçam os catálogos respectivos.

Livros científicos e técnicos

nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos respectivos.

A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única que reúne todas as secções de livraria.

Encomendas para o estrangeiro

mantemos um serviço diário de encomendas, para todos os países, da maior rapidez e economia.

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 - 2 2016 - Teleg. «Livrosacosta»

LISBOA

*Visitai a linda cidade
de Aveiro*

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISAGEM
SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATINAGEM —
ENCANTO E DISTRAÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TÚMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima de mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

57)

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO

bibRIA

N.^{os} 70 e 71

Abril a Setembro

AVEIRO

1952

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL

CONSERVADOR DO ARQUIVO E MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEREIRO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

- | | |
|--|---|
| A DIRECÇÃO, <i>O quinto centenário do nascimento da Infanta Santa Joana, filha del Rei Dom Afonso Quinto, e o «Arquivo do Distrito de Aveiro».</i> | P.º MIGUEL DE OLIVEIRA, <i>Santa Joana — A Princesa coroada de espinhos.</i> |
| D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL, <i>Em louvor de Santa Joana.</i> | SOARES DA GRAÇA, <i>Auto da Infanta Dona Joana, filha do Rei «Africano».</i> |
| ALBERTO SOUTO, <i>No 5.º centenário do nascimento da Princesa-Infanta-Santa Joana.</i> | FREDERICO DE MOURA, <i>Alguns subsidios para uma nosografia da Infanta Santa Joana. — Ligeiras notas biográficas.</i> |
| | A. G. DA ROCHA MADAHIL, <i>Iconografia da Infanta Santa Joana.</i> |

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL . . . 40\$00
NÚMERO AVULSO . . . 15\$00

Cada número tem normalmente 64 páginas
A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores

Banco Regional de Aveiro

S. A. R. L.

Capital autorizado: Esc. 4.000.000\$00 ♦ Capital emitido: Esc. 2.000.000\$000

Transferências e cobranças — Saques
sobre o país. — Cobrança e pagamen-
tos. — C/ corrente em moeda portu-
guesa. — Depósitos à ordem e a prazo.

Telegramas: REGIONAL

Telefone 31

.....

Rua de Coimbra

Praça de Luis Cipriano

AVEIRO

OFICINAS GAMELAS

(Estabelecimento recomendado pelo Automóvel Club de Portugal)

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

SECÇÕES: Reparações mecânicas, electricidade,
carrosserias

Oficina de pintura, estação de serviço,
peças e acessórios

Serviço permanente de Pronto Socorro

.....

AGÊNCIA DISTRITAL DOS AUTOMÓVEIS «AUSTIN»

MANUEL DOS SANTOS GAMELAS

Rua da Fonte Nova, 18 Telefone 99 PPC

AVEIRO

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

◆
*Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz*

◆
Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

◆
Telefone 41

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

CAFÉ RESTAURANTE

Trianon

SERVIÇO DE MESA REDONDA E À LISTA
SERVE BANQUETES, COPOS DE ÁGUA, ETC., FORA
OU NA SUA TÍPICA SALA DE JANTAR

À tarde, salão de chá



TELEFONE 405

25 - Avenida Dr. Lourenço Peixinho - 27

AVEIRO

bibRIA

Empresa Cerâmica Vouga, L.^{da}

A V E I R O

Telefone 19

Cerâmica — Telhas da melhor qualidade. Tipos: *Marselha*, *Progresso* e *Vouga*. Todos os acessórios para telhados. A telha *Vouga* imita a antiga portuguesa e tem encaixes como a de Marselha

Fábrica de telhas e tejos.
Fundição e serralharia
mecânica, civil e forjas



Máquinas agrícolas
- - e industriais - -

EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS
COM A MAIOR PERFEIÇÃO E POR PREÇOS MÓDICOS

Pedir informes ao Director-Gerente da Empresa

Pascoal & Filhos, L.^{da}

PESCA DO BACALHAU E SARDINHA

TRINEIRAS { *Pascoal Velho*
Pascoal Novo
Mira

LUGRES { *Rainha Santa Isabel*
D. Dinis

AVEIRO

TRANSPORTES MARÍTIMOS

Telef. { *Seca — 243*
Escritório — 52
Filial em Matosinhos — 519

Filial em MATOZINHOS

Seca na GAFANHA

LUZOSTELA FÁBRICA DE LIXAS E OUTROS PRODUTOS

Premiada com a medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-1923 — Grande Prémio de honra e Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1932

LIXAS de todas as qualidades para todas as indústrias, em papel e vidro — Papel e esmeril — Pano branco e esmeril — Pano branco e vidro — Pano azul trançado extra e carborundum — Pano azul trançado e electrokorundum — Papel e garnet — Lixa impermeável «Hermes», para polissagem de carroseries de autos para pintura a Duco.

FORMATOS DE FOLHAS NORMAIS, DISCOS E OUTROS FORMATOS ESPECIAIS PARA MÁQUINAS LIXADORAS

LIMAS PARA MANUCURE — Prefiram a nossa excelente qualidade «Luzostela».

PÓ LUZOSTELA — Produto de 1.^a qualidade em latas de 500 e 250 grs. para limpeza de talheres.

COLAS de alta resistência para as indústrias de carpintaria e marcenaria. Especial «Transparente», para pintura e decorações.

ESMERIL em todos os grãos e para todas as indústrias — Granulações especiais para a construção de pedras para descasque de arroz. Fornecemos o verdadeiro e puro esmeril de NAXOS.

Ferreira & Irmão, Sucrs.—AVEIRO—Telefone 37



Fig. 14

Gravura reunindo as duas radiografias feitas ao retrato do Museu de Arte de Aveiro
— redução das provas existentes no arquivo do Ex.^{mo} Senhor Luis Reis Santos —

M Á R M O R E S

: : : : : : : : D E : : : : : : : :

Sousa Baptista, L.^{da}

29, PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30

: : : : : : : : E : : : : : : : :

13, LARGO DE S. JÚLIÃO, 13

— L I S B O A —

Sòmente nos depósitos e oficinas desta grande organização industrial e comercial, com possibilidade de uma boa e bela escolha, se encontram cantarias para majestosas, medianas e modestas construções, mármore polidos para ornamento de entradas, escadarias, casas de banho, cosinhas, etc., de luxo e simples.

Também nos mesmos estabelecimentos podem ser adquiridas as melhores louças sanitárias, sempre em exposição, e bem assim banheiras esmaltadas com todos os seus acessórios, como sejam: cabides, esponjeiras, saboneteiras, torneiras, esquentadores, etc., etc.

Tudo a preços sem competência

NAS SUAS OFICINAS DE CANTEIRO EXECUTAM-SE
TODOS OS TRABALHOS, DESDE OS MAIS SINGELOS AOS DE ARTE ELEVADA

Dão-se orçamentos quando solicitados

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS,
LOUCAS
SANITÁRIAS,
DECORATIVAS
E DOMÉSTICAS

FÁBRICA ALELUIA -- RUA DO CANAL DA FONTE NOVA
FÁBRICA GERCAR -- RUA DAS OLARIAS

AVEIRO

TELEF. 22

DR. MANUEL SOARES

MÉDICO

CONSULTAS
das 14 às 18 horas

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO

AVEIRO

Testa & Amadores

*Comissões, consignações. Cereais,
ferragens e mercearia. Vidraça.*

Depositários de petróleo
e gasolina SHELL.

RUA DE EÇA DE QUEIROZ

AVEIRO

L I V R O S

*nacionais e estrangeiros para todas as escolas
do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa.*

Mobiliário e material escolar

*o melhor e o mais económico; peçam o catálogo
ilustrado.*

Literatura antiga e moderna

*nacional e estrangeira; peçam os catálogos
respectivos.*

Livros científicos e técnicos

*nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos
respectivos.*

*A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única
que reúne todas as secções de livraria.*

Encomendas para o estrangeiro

*mantemos um serviço diário de encomendas, para
todos os países, da maior rapidez e economia.*

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 — 2 2016 — Teleg. «Livrosacostia»

LISBOA

Visitai a linda cidade
de Aveiro

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISAGEM
SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATINAGEM —
ENCANTO E DISTRAÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TÚMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima de mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO

bibRIA

N.º 72

Outubro, Novembro e Dezembro

AVEIRO

1952

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAILL

CONSERVADOR DO ARQUIVO E MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

VAZ CRAVEIRO, *A cecilia do Senhor!*...
José RAMÓN Y FERNÁNDEZ OXEA, *Vida de
Doña Juana Princesa de Portugal. —
Manuscrito de la Biblioteca Nacional,
de Madrid.*

D. HIERONIMO MARCAREÑAS, *Vida de Doña*

*Juana Princesa de Portugal hija del
Rey Don Alonso el Quinto religiosa de
la Orden de S.to Domingo en el Con-
vento de Jesus de Aveiro*

Bibliografía.

Índice alfabético dos autores do vol XVIII.

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 40\$00
NÚMERO AVULSO 15\$00

Cada número tem normalmente 64 páginas
A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores

M Á R M O R E S

: : : : : D E : : : : : :

Sousa Baptista, L.^{da}

29, PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30

: : : : : E : : : : : :

13, LARGO DE S. JULIÃO, 13

— L I S B O A —

Sòmente nos depósitos e oficinas desta grande organização industrial e comercial, com possibilidade de uma boa e bela escolha, se encontram cantarias para majestosas, medianas e modestas construções, mármore polidos para ornamento de entradas, escadarias, casas de banho, cozinhas, etc., de luxo e simples.

Também nos mesmos estabelecimentos podem ser adquiridas as melhores louças sanitárias, sempre em exposição, e bem assim banheiras esmaltadas com todos os seus acessórios, como sejam: cabides, esponjeiras, saboneteiras, torneiras, esquentadores, etc., etc.

Tudo a preços sem competência

NAS SUAS OFICINAS DE CANTEIRO EXECUTAM-SE
TODOS OS TRABALHOS, DESDE OS MAIS SIN-
GELOS AOS DE ARTE ELEVADA

Dão-se orçamentos quando solicitados

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS,
LOUÇAS
SANITÁRIAS,
DECORATIVAS
E DOMÉSTICAS

FÁBRICA ALELUIA -- RUA DO CANAL DA FONTE NOVA
FÁBRICA GERCAR -- RUA DAS OLARIAS

AVEIRO

TELEF. 22

DR. MANUEL SOARES

MÉDICO

CONSULTAS
das 14 às 18 horas

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO

AVEIRO

*Testa &
Amadores*

*Comissões, consignações. Cereais,
ferragens e mercearia. Vidraça.*

Depositários de petróleo
e gasolina SHELL.

RUA DE EÇA DE QUEIROZ

AVEIRO